

HISTÓRIAS DE PESCADOR

A person is seen from behind, sitting in a small wooden boat on a calm body of water. The scene is set during sunset or sunrise, with a warm, golden light reflecting on the water's surface. In the background, a dark, forested hill rises against the sky. The overall mood is peaceful and contemplative.

AS CULTURAS POPULARES NAS REDES DAS NARRATIVAS
(Papary, Nísia Floresta-RN)

Ana Cláudia Mafra

IFRN
Editora

**HISTÓRIAS DE PESCADOR:
AS CULTURAS POPULARES NAS
REDES DAS NARRATIVAS
(Papary, Nísia Floresta-RN)**

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretaria de Educação Profissional Tecnológica

Eliezer Moreira Pacheco

**Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)**

Reitor

Belchior de Oliveira Rocha

Diretor Geral da Unidade Sede

Enilson Araújo Pereira

Pro-Reitor de Pesquisa e Inovação

José Yvan Pereira Leite

Coordenador da Editora do IFRN

Samir Cristino de Souza

Conselho Editorial

Samir Cristino de Souza (Presidente)

André Luiz Calado de Araújo

Antônio Luiz de Siqueira Campos

Dante Henrique Moura

Jerônimo Pereira dos Santos

José Yvan Pereira Leite

Valdenildo Pedro da Silva

ANA CLAUDIA MAFRA DA FONSECA

**HISTÓRIAS DE PESCADOR:
AS CULTURAS POPULARES NAS REDES DAS
NARRATIVAS
(Papary, Nísia Floresta-RN)**

IFRN
Editora ■■■■

2008

Histórias de Pescador: as culturas populares nas redes das narrativas (Papary, Nísia Floresta-RN)

© Copyright 2008 da Editora do IFRN

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora do IFRN.

Divisão de Serviços Técnicos.
Catalogação da publicação na fonte.
IFRN/Biblioteca Sebastião Fernandes

F676h Fonseca, Ana Cláudia Mafra da.
Histórias de pescador : as culturas populares nas redes das narrativas : Papary, Nísia Floresta - RN / Ana Cláudia Mafra da Fonseca. – Natal : IFRN Editora, 2009.
335 p.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-89571-57-9

1. Cultura popular. 2. Históricas de pescador. 3. Contador de história. I. Título.

CDU 316.72

EDITORAÇÃO

Samir Cristino de Souza

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Karoline Rachel Teodosio de Melo

CONTATOS

Editora do IFRN

Av. Senador Salgado Filho, 1559, CEP: 59015-000

Natal-RN. Fone: (84)4005-2668/ 3215-2733

Email: dpeq@cefetrn.br

agradecimentos mais do que especiais:

a **Andrea Ciacchi**, pelo carinho e confiança que sempre me inundam de coragem para seguir em frente;

a **Ilane Cavalcante**, pela boa vontade e paciência para ler e revisar meus originais esparsos;

a **Patrícia Morais**, amiga para além dos espaços acadêmicos, com quem dividi minhas buscas, dúvidas e descobertas;

ao **IFRN**, por oportunizar a publicação do livro, materializando saberes e promovendo aprendizados em diversos campos do conhecimento;

aos **contadores destas histórias**, cujas lembranças, vontades, anseios e identidades culturais aqui se fazem presentes;

a **todos** que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

aos **pescadores** e sua gente;
aos **brincantes** dos bois e bambelôs,
dramas e pastoris de Nísia Floresta,
atores principais deste intervento;

a Ipojuca e Socorro,
a José e Verônica,
a Sandoval, Danilo e Marina,

dedico.

Sumário

PREFÁCIO	10
INTRODUÇÃO	13
ESTAS (E OUTRAS) HISTÓRIAS: diálogos sobre as culturas populares	23
Diálogos I: as ciências humanas: antropologia, literatura e afins	25
Diálogos II: a etnobioidiversidade	36
Unindo os conceitos nas redes dos discursos	45
CAMINHOS ETNOGRÁFICOS	47
Construindo uma pesquisa	49
A identidade dos pescadores	53
Os “muitos olhares” e torno das culturas	57
A natureza das fones	60
A paisagem transformação.....	62
Notas sobre as construções dos textos orai	72
INVENTÁRIO DA PESCA: NARRATIVA	77
ENSAIO	227
Memórias da paisagem desolada	227
O destino das brincadeiras	263
As redes das narrativa	285
As histórias nas redes das narrativa	316
REFERÊNCIAS	323

PREFÁCIO

Fruto de um destino misto, pensado e realizado em múltiplos espaços, este livro possui a mesma natureza dupla e ambivalente dos lugares que propõe compreender.

As dunas, os mangues, as matas ciliares, os riachos, os córregos e as lagoas de Nísia Floresta (mais uma dupla natureza: num nome, numa obra, numa trajetória humana) perfazem um território habitado por homens e mulheres que nele trabalham, pensam, brincam, lembram, sofrem – e que Ana Claudia nos restitui com exatidão e paixão, ao mesmo tempo. Mas o que conta, aqui, por enquanto, é apreender como a terra e as águas, o seco e o úmido, as casas e as lagoas, representam o chão da dialética deste livro. Uma dialética que, como estou tentando mostrar, constitui o lado melhor do trabalho da autora.

Do *trabalho*, sim – pois este livro resulta de um trabalho que, além de ter servido para redigir uma tese de doutorado, foi um empreendimento etnográfico consistente e prolongado, o registro cuidadoso do trabalho dos pescadores que Ana Claudia conheceu e reconheceu e o registro das suas expectativas, percepções, alegrias, decepções. Pesquisadora de mão e gravador cheios, ela concede ao leitor o privilégio de penetrar não apenas nos discursos dos pescadores e das suas famílias, mas nas suas práticas cotidianas. Nem eu nem ela sabíamos, à época da tese, que ao optar por um registro integral da experiência etnográfica ela seguiria os caminhos da “virada” contemporânea da antropologia mundial, cada vez mais interessada na “fala” dos “nativos” do que nas grandes sínteses totalizadoras.

Mas o problema é que a autora deste livro também tem muito a dizer. Nos “Ensaio” que seguem as “Narrativas”, sobretudo, surge essa dialética que me fascina. O texto é, ao mesmo tempo, concreto e imaginário, buscando o que é imaginário e o que é concreto na vida dessas pessoas. Uma dialética que pouquíssimos antropólogos souberam

compreender e praticar e que, nos estudos literários que se voltam para as culturas populares é também artigo raríssimo. Daí, o segundo “problema”... Ana Claudia Mafra da Fonseca *não* é antropóloga. Mas parece ser. E deveria ser, já sendo. Pois este livro – que vem da tese, mas já não é mais a tese – ultrapassa e deixa para trás as más distinções acadêmicas e disciplinares, que tão frequentemente cheiram a guardado, para, simples e ricamente, oferecer aos leitores o emaranhado de vozes que a autora registrou nas margens das lagoas de Nísia Floresta e por entre as memórias dos seus moradores. E a sua própria voz, que tece os fios da dialética.

O livro que você tem nas mãos, portanto, já não pertence mais à universidade. Pertence, sim, ao mundo social e cultural que (inclusive nas universidades, em muitas delas) tão penosamente buscamos compreender, interpretar. Ana Claudia faz outra coisa, porém. Ela também homenageia esse mundo – essa parte do mundo que ela observou – sem que isso derive para o deslumbramento ou o devaneio. A homenagem dela tem tudo a ver com a dureza do mundo observado, registrado e restituído nas páginas deste livro e que, por isso mesmo, é necessário que seja compreendido e conhecido. Esta publicação, aliás, livra-me de uma preocupação. O meu exemplar da tese de Ana Claudia não parava em casa. Sempre sugeria a sua leitura a um aluno ou a outro pesquisador interessado em questões relativas à pesca, à memória, às culturas populares. Sempre achei um texto exemplar, uma construção modelar para quem se inicia nesse tipo de investigação e também para pesquisadores mais experientes.

Agora, finalmente, posso salvaguardar a tese e posso indicar a compra do livro. Ele será mais fácil de manusear, de anotar, de ser autografado pela autora...

Andrea Ciacchi

São Paulo, outubro de 2008.

INTRODUÇÃO

As narrativas dos pescadores artesanais podem ir muito além dos mitos que povoam as águas de mares, rios e lagoas. Inevitavelmente, qualquer trabalho que venha a ter como tema o universo dos seres humanos que vivem da pesca se alimenta de expectativas literárias, dada a proximidade com o caráter mítico e fantástico que o ambiente, até mesmo por tradição literária, suscita em expectadores distantes. Tem sido sempre assim: o fascínio precede e invoca a fantasia. Das epopéias aos romances contemporâneos, dos contos infantis às histórias de assombração, tantos são os lendários personagens que habitam, sucumbem, emergem, se perdem e se encontram no espaço aquático do mito e do sobrenatural. No campo da oralidade, então, mais fecundo ainda se imagina ser o mundo das águas, principalmente para aqueles que, de fato, encontram-se ligados a ele. Afinal, quem nunca ouviu falar das histórias dos pescadores? Quantos causos, quantas histórias teriam esses personagens (reais, mas não menos lendários) para contar? O que temem, o que enfrentam, em que águas navegam e mergulham para transformar em palavras suas realidades? Diante destas questões, em princípio elementares, surgiu a ideia de elaborar uma proposta de investigação pautada na busca pelas narrativas populares de comunidades ligadas à pesca artesanal.

O projeto inicial, então denominado “Histórias de pescador: narrativas populares das comunidades de pesca artesanal”, foi apresentado curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba no ano de 2001 e, tendo sido aprovado, foram iniciadas as atividades de pesquisa. A delimitação do campo (a lagoa de Papary, localizada no município de Nísia Floresta, litoral sul do Rio Grande do Norte) se deu, sobretudo, pela suposição de ser aquele ambiente um espaço das representações mentais das comunidades, dada a

importância real e simbólica em suas vidas. A existência de lendas em torno de algumas lagoas da região, divulgados pela mídia local como patrimônio cultural e já anunciadas pelos moradores desde minhas primeiras visitas, reforçava tais expectativas.

Neste livro, portanto, apresento uma síntese da tese de doutorado intitulada *Histórias de pescador: as culturas populares nas redes das narrativas*, defendida em 2005 pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. A mesma resulta da pesquisa etnográfica realizada entre 2001 e 2003 no município de Nísia Floresta, com pescadores e moradores de comunidades existentes no entorno da lagoa de Papary.

As comunidades que aqui passo a designar por “tradicionais”, adotando o termo usado por Diegues e Arruda (2003), são formadas por pescadores, artesãos e pequenos agricultores, enfim, pessoas cujas atividades de trabalho não apenas se encontram atreladas ao manejo do ambiente, mas, sobretudo, mediadas por relações históricas, sociais e, conseqüentemente, culturais. Em torno da lagoa de Papary é possível encontrar algumas dessas comunidades que ainda praticam a pesca e pequena agricultura como principais atividades de subsistência.

O contato com a realidade das condições de trabalho dos pescadores colocou-me, no entanto, diante de camadas sociais que, em face das práticas tradicionais sobre as quais são edificadas, sofrem as transformações advindas de mudanças nos modos de produção e de novas relações sociais que se estabelecem em decorrência dessas mudanças. Inevitavelmente e até com certa surpresa pude perceber, já nas minhas primeiras visitas ao local de pesquisa, que as condições adversas de sobrevivência em um espaço cada vez mais abalado pelas transformações sociais são fatores imediatos de desconstrução da aura mítica e romantizada da natureza “selvagem” e “intocada” das águas. Na prática, constatei logo o quanto seria difícil a busca pelo discurso literário quando, ao perguntar pelas histórias da

lagoa, as narrativas que esperava serem míticas e fantásticas eram encobertas por um discurso sintomaticamente fragmentado, truncado, mas revelador da situação vivida pelas comunidades que dependem da pesca artesanal e que hoje lutam por um espaço ora disputado pela aquicultura industrial, ora vendido como produto pela indústria turística. Dentro de um contexto de apropriação de bens culturais pelas entidades locais, de degradação ambiental em decorrência da exploração intensiva do território, de transformações sociais advindas das mudanças nos modos de produção, toda uma “nova” realidade passa a nortear as histórias vividas e contadas pelos membros dessas comunidades, sobrando pouco espaço para as narrativas míticas, as histórias sobre a lagoa, aquelas onde o fantástico e o imaginário se misturam aos fatos e episódios da vida de seus personagens. Sobrepondo-se às narrativas e mesclando-se a elas, um discurso sobre a realidade se impunha a cada contato, a cada conversa com os moradores, fato determinante para uma mudança de foco em relação à pesquisa. Diante desses fatos, passei então a privilegiar em minha busca os elementos discursivos não só imaginários, mas também reais – que norteavam as falas desses narradores, e a observar com maior atenção a relação entre esses elementos e o contexto social vivido pelas comunidades.

Sob o título de “Histórias de pescador: as culturas populares nas redes das narrativas”, este trabalho tenta compreender as questões acerca da cultura popular perceptíveis através das narrativas, no seio das comunidades que, a exemplo do município de Nísia Floresta, mantêm alguma relação com atividades econômicas artesanais, com prioridade para a pesca. Privilegiando a noção de “comunidade tradicional”, aos pescadores, então, juntam-se suas famílias, vizinhos, pessoas unidas por laços de convivência, algumas delas participantes de práticas populares como o Drama, o Babelô e o Boi-de-Reis: atores de comunidades que, mantendo-se ainda imersas na tradição

através de suas práticas econômicas, sociais e culturais, sofrem e refletem as consequências das transformações sociais advindas de novas diretrizes econômicas.

Neste sentido, um aspecto diferenciador dos textos orais refere-se aos elementos culturais que permitem entender as narrativas enquanto “sistemas literários populares específicos”, privilegiando que existe de literário nos textos orais, ou seja, elementos ligados à natureza própria das narrativas, capazes de explicá-las, dimensioná-las, particularizá-las enquanto componentes plurissignificativos das culturas populares. Estes elementos encontram-se presentes e disseminados nos substratos sociais, podendo se materializar por meio de práticas, manifestações, costumes e modos de vida, mas também, e de modo menos concreto (porém não menos significativo) por meio de palavras, através dos discursos.

A noção de “sistemas literários populares”, atribuída pela professora Maria Ignez Ayala (1989) ao universo da literatura popular, é um ponto de partida que, de antemão, me coloca diante de uma reveladora pluralidade. Assim contextualizadas, as narrativas configuram um conjunto de relatos, de denúncias, de histórias sobre o passado, trajetórias de vida e trabalho que significativamente contêm em seu interior fragmentos de um arcabouço literário popular, tais como as histórias de assombração e encantamento, além de reminiscências saudosas das manifestações culturais transformadas, fragmentadas ou mesmo reprimidas por mudanças de ordem cultural, social e econômica.

Pressupondo que a análise das narrativas populares toma como elementos internos os elementos discursivos “reais” e “imaginários” presentes nas falas dos personagens, tornou-se possível, a partir dos discursos contidos nos textos narrativos, pontuar as práticas culturais e os modos de vida das comunidades populares, assim como identificar as diferentes dimensões do texto oral e as principais forças produtivas que penetram nas camadas populares e atuam direta ou indiretamente como modificadores culturais. As

narrativas, da mesma forma, permitem compreender como essas forças provocam mudanças socioculturais nas comunidades, que tipos de mudanças e quais as suas possíveis consequências. Foi necessário, então, investigar os textos narrativos populares em sua totalidade, observando os elementos que os constituem e os articulam como expressão discursiva dessas camadas sociais que, historicamente, têm sido postas às margens do processo de desenvolvimento social para, assim, demonstrar que lugares ocupam as narrativas míticas e fantásticas, as manifestações culturais, os bens simbólicos, as práticas e modos de vida próprios das comunidades tradicionais no panorama de uma sociedade que caminha para um estado hegemônico de produção capitalista.

Tendo como embasamento teórico os estudos voltados para a análise das culturas populares, esta proposta põe em foco alguns de seus elementos diante da contextualização histórica e social dos fatos, priorizando a coleta e análise dos vários discursos presentes nas comunidades a partir dos relatos orais de seus representantes, e observando, além disso, as relações entre os elementos presentes nas narrativas com os modos de vida de seus portadores. Destaco como elementos de natureza cultural as encenações populares, os rituais e manifestações de caráter festivo e religioso, as histórias míticas sobre a lagoa e seus habitantes, lembrando que entre eles o próprio texto narrativo figura como um expressivo e plurissignificativo elemento cultural, tendo em vista um contexto social determinado pela situação de pesquisa. Sabendo que forças produtivas externas atuam como divisoras de águas na dinâmica das comunidades, a exemplo da indústria do turismo e da carcinicultura, este trabalho se propõe ainda a dar conta de tais influências como elementos significativos nas alterações da vida das comunidades.

Assim constituído, o presente trabalho apresenta claramente uma visão distinta da tradição de estudos folclóricos, já que seus objetivos transcendem os limites da

simples coleta, indo além e buscando fios para tecer o complexo universo narrativo das comunidades populares, colocando em questão aspectos relevantes frequentemente relacionados aos estudos culturais em uma perspectiva sociológica, como identidade, globalização, conflitos culturais, entre outros conceitos. As análises das culturas subalternas já apontam para esse fato, e não raras vezes terminam por contribuir para uma melhor visualização dos problemas advindos dos contatos culturais como, por exemplo, a desestruturação da identidade (cultural e social) das comunidades que vivem às margens da sociedade hegemônica.

Mais do que antever problemas, trabalhos nesta linha podem ainda suscitar propostas, visualizar caminhos, buscar alternativas. Sabendo que a atividade turística e a carcinicultura vêm sendo apontadas como principais impulsionadoras do crescimento do município, assim como de grande parte do litoral nordestino, torna-se importante uma análise crítica sobre o desenvolvimento dessas estruturas e suas influências. No papel de pesquisadores, cumpre-nos, sempre que possível, visualizar, através dos caminhos da pesquisa, soluções alternativas para os problemas enfrentados pelas comunidades face à desestruturação de seus modos de vida. Isso, particularmente, acontece porque a prática de estudos sobre as culturas que, sobretudo, visam transcender coletas ou mapeamento, termina por promover, em si, um contato mais profundo entre “estranhos” e “distintos” (pesquisador e comunidade), unindo contraditoriamente o que a academia faz questão de separar: distância entre teoria e prática na aquisição do conhecimento, pois não raro contribui para a interação das populações com o conhecimento buscado pelo pesquisador, já sendo, somente por isso, um princípio motivador social.

Vale lembrar, ainda, a escassez de trabalhos contemplando essa perspectiva, já ressaltada por outros estudiosos, como Néstor García Canclini, no sentido de que mais pesquisas empíricas deveriam ser estimuladas para,

dessa forma, fortalecer no âmbito acadêmico uma maior consciência em prol da transformação social em favor das camadas subalternas. Nesse sentido, este estudo ajuda a suprir, numa linha de continuidade, a demanda pela multiplicação dos conhecimentos já solidificados pelos trabalhos dos autores que o embasam, como Antonio Gramsci, além do próprio Néstor García Canclini.

Por fim, são igualmente inegáveis as contribuições de pesquisas deste mérito para a linha de estudos sobre culturas populares, pois além de uma tentativa de aprimoramento de técnicas de pesquisa, o contato com comunidades tradicionais termina trazendo à tona – por caminhos alternativos e de forma significativa e reveladora – a voz do oprimido, cujos discursos que revelam sua condição de exclusão social mesclam-se ao universo dos mitos locais que povoam as terras, as águas e o imaginário de seus habitantes.

Desta forma configurado, o presente trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Estas (e outras) histórias: diálogos com as culturas populares*, apresento o meu panorama teórico, usando como recurso a tessitura de uma rede de estudos que, tendo por temas elementos semelhantes, mas edificados em áreas distintas de conhecimento, somam-se e contribuem na preparação para uma leitura atenta e lúcida do contexto e, posteriormente, das narrativas populares.

No segundo capítulo, *Caminhos etnográficos*, traço estrategicamente o percurso da pesquisa de campo, atentando para a construção do objeto de análise, as narrativas.

O terceiro capítulo, denominado *Inventário da pesca: narrativas*, traz as transcrições integrais das entrevistas com os personagens deste estudo.

O quarto capítulo é constituído pelas análises em torno das narrativas. Sob o nome de *Ensaio*, estas análises contemplam alguns temas relevantes no que se refere às articulações dos textos orais com os contextos nos quais

emergem: o ensaio “Memórias da paisagem desolada” é um tópico de análise do caráter denunciante das narrativas sobre a lagoa. Nele tento demonstrar, através de fragmentos presentes em todas as transcrições, a existência de discursos contraditórios que revelam a situação crítica vivida pelas comunidades diante de uma dinâmica social que, transformando pescadores, artesãos e agricultores em trabalhadores assalariados, transforma de modo irreversível suas relações com meio ambiente, cultura, modos de produção e economia local; “As culturas populares e a lógica mercantilista” é uma abordagem sobre os contornos da cultura popular local e suas relações com o turismo e a indústria da carcicultura. Perfaço este caminho identificando nos textos orais dos pescadores os discursos que revelam as comunidades populares subjacentes a mecanismos sociais que, invariavelmente, contribuem para um contínuo processo de fragmentação cultural de seus núcleos sociais; em “O destino das brincadeiras” tomo como referência as relações entre memória, identidade e patrimônio e, neste ponto, pretendo refletir sobre a trajetória das manifestações culturais populares a partir das brincadeiras existentes nas comunidades, tanto as que persistem quanto as que só sobreviveram nas memórias dos seus mestres e brincantes; e por fim, “As redes da narrativa” é um ensaio dedicado às reflexões sobre os textos orais a partir de seus componentes literários estrategicamente articulados dentro dos discursos dos pescadores. Procuo, aqui, ensaiar uma análise qualitativa das histórias, lendas, causos e acontecimentos narrados, procurando articulá-las a um contexto cultural que lhes mune de múltiplos significados.

Penso que esta pesquisa não deva figurar rigorosamente entre os trabalhos etnográficos, antes porque não me compete inseri-la arbitrariamente em uma área na qual ela se vincula apenas metodologicamente. Também devo frisar que os meus exercícios “literários” na tentativa de dar uma forma interpretativa ao meu estudo não são comuns dentro do campo da Literatura.

Mas a própria autocrítica me obriga a situar, ou pelo menos tentar situar essa pesquisa, no mínimo, entre as duas áreas do conhecimento, sobretudo na medida em que faço uso do método etnográfico, procurando usufruir desse recurso não apenas na construção do meu objeto de análise, mas também na própria estrutura do trabalho e nas minhas leituras “literárias” em torno dos textos coletados.

Finalizando, gostaria de lembrar que o trabalho aqui registrado em momento algum tem a pretensão de refletir uma totalidade, tampouco uma análise completa e inquestionável em torno de determinado segmento social. A minha busca e meus resultados refletem um período de mudanças que não se extinguem, que nunca se extinguiram e que contribuirão, como sempre contribuíram, para um contínuo processo de reelaboração social, tendo em vista os contatos e, neles, as forças internas e externas sempre interagentes. Neste breve espaço de tempo em que procurei identificar e situar algumas mudanças sociais aqui relatadas – dez ou quinze anos, a partir da inserção do turismo e da pesca industrial – meu olhar tentou captar apenas algumas estruturas que, sob meu ângulo de observação, se colocavam em particular articulação, contribuindo para as mudanças mais significativas que aqui foram registradas. A essas forças virão outras, certamente, o que não se pode impedir, mesmo porque às perdas se sucedem ganhos, e vice-versa. A sociedade que destrói é a mesma que também oferece uma profusão de transformações, inovações e alternativas que podem e devem ser usadas em nome de uma melhoria das condições de vida, independente das posições ocupadas pelos membros desta sociedade. Melhoria que, em nenhum momento, deveria se equacionar com opressão, exclusão ou violência, em amplos sentidos.

Cumpre-me, por fim, fazer uma ressalva ao texto final submetido à publicação. Diz respeito aos nomes dos pescadores entrevistados, que foram trocados por nomes fictícios com o único objetivo de resguardar-lhes a identidade mediante alguns discursos comprometedores de denúncia da realidade local,

cujas falas deflagram uma realidade de violência e perseguição aos trabalhadores da pesca artesanal. Entendendo que tais alterações – necessárias para a publicação do texto em sua versão atual – não comprometem o vigor de um trabalho que teve como principal objetivo por em evidência as culturas das comunidades tradicionais, apresento ao leitor a experiência que em seu desenrolar tentará reconstruir, através de redes narrativas, o microcosmo sócio-cultural destes e de muitos outros pescadores do nordeste brasileiro.

ESTAS (E OUTRAS) HISTÓRIAS: diálogos sobre as culturas populares

Se quer seguir-me, narro-lhe;
não uma aventura, mas
experiência, a que me
induziram, alternadamente,
séries de raciocínios e
intuições. Tomou-me tempo,
desânimos, esforços. Dela me
prezo, sem vangloriar-me.
Surpreendo-me, porém, um
tanto à-parte de todos,
penetrando conhecimento que
os outros ainda ignoram. O
senhor, por exemplo, que
sabe e estuda, suponho que
nem tenha ideia do que seja,
na verdade – um espelho?
Demais, decerto, das noções
de física, com que se
familiarizou, as leis da óptica.
Reporto-me ao transcendente.
Tudo, aliás, é a ponta de um
mistério. Inclusive os fatos.
Ou a ausência deles. Duvida?
Quando nada acontece, há
um milagre que não estamos
vendo.

Guimarães Rosa,
“Espelho”,
Primeiras
Estórias.

A procura por “estas” histórias, as histórias de pescadores, só pôde ganhar contornos nítidos quando o trajeto da pesquisa empírica colocou-me em contatos com “outras” histórias; e quando estas outras histórias induziram-me a caminhos por outras pontes, ao encontro com outras falas que, de forma complementar, tornaram possível observar de um ângulo privilegiado algumas questões pertinentes às culturas populares, em geral, e ao meu universo de pesquisa, em particular. “Estas” e “outras histórias” são as histórias contadas por homens e mulheres que vivem em comunidades simples, às margens de uma lagoa no nordeste brasileiro, pessoas que têm suas vidas marcadas por uma atividade artesanal de subsistência: a pesca.

Parto do princípio de que o registro das narrativas desses atores sociais poderia ser enriquecido por uma análise deste conjunto de textos a partir de referenciais internos e externos a eles. A estratégia de construção do meu campo de estudo se constituiu, então, pela articulação deste *corpus* com uma série de textos escritos, estudos acadêmicos, técnicos e literários, e, enfim, materiais de diversas naturezas, muitos deles reunidos até mesmo em função da necessidade de complementar os dados registrados durante o trabalho em campo, com a intenção de realizar uma múltipla leitura das culturas populares: a) privilegiando o relato oral; b) considerando as especificidades das fontes e suas devidas particularidades; c) tendo em vista os elementos culturais presentes em diferentes contextos. Assim, tomando como referência as comunidades ligadas à pesca artesanal, tornou-se possível realizar uma leitura mais abrangente de culturas populares nordestinas tendo em vista os semelhantes elementos que as circundam.

Inicialmente, cumpre-me contextualizar a pesquisa em termos teóricos. Em se tratando, no entanto, de um trabalho que tenta articular conhecimentos em campos distintos, tentarei fazer um apanhado dos estudos que o norteiam, destacando os pontos de referência sobre os quais construí

minhas análises. Não se trata de um capítulo de discussão ou revisão de conceitos ou teorias – até mesmo em virtude de estar, este trabalho, vinculado a uma linha de estudos antropológicos edificada em sólidas bases teóricas, a ela pretendendo dar continuidade – mas de articulação de referenciais teóricos que, embora em áreas distintas de conhecimento, convergem para uma proposta válida de análise das culturas populares.

Diálogos I: as ciências humanas: antropologia, literatura e afins

Ao abordar questões referentes às culturas populares em países marcados por processos de colonização, gostaria de iniciar minhas considerações como forma de continuidade aos estudos inseridos em uma perspectiva sociológica de observação e análise.

Muito já foi dito acerca das concepções de cultura popular, da confusão retórica originada até mesmo em função da própria etimologia dos termos “cultura” e “povo”, e das dificuldades em delimitar os objetos de estudo que, direta ou indiretamente, figuram entre o que poderia ser considerado como cultura, ou culturas populares. Disciplinas como a Sociologia, a História, a Antropologia, até mesmo a Psicologia possuem, cada qual à sua maneira, um referencial teórico que lhes permite contextualizar qualquer estudo sobre culturas populares. O próprio Folclore, pretensamente tomado como ciência, também elegeu para si tão cobiçado “objeto” de estudos. Seria, portanto, improdutivo, além de fugir dos objetivos do trabalho, promover mais uma revisão de conceitos, confrontar teorias, elencar todo o processo histórico que possibilitou o caminhar dos estudos sobre as culturas populares até os dias atuais. Muitos já o fizeram. Os caminhos trilhados, no entanto, servem de suporte, ao passo que permitem um olhar mais atento para as culturas populares

para, através delas, buscar as próprias respostas, abandonando um pouco os embates em torno do assunto.

O pressuposto fundamental desta abordagem teórica, referente à análise das culturas das camadas populares, é marcado pela continuidade à linha de estudos voltados para a contextualização social e análise antropológica cultural. Isso porque tem sido a antropologia cultural a área mais capacitada, inclusive metodologicamente, a dar conta dos aspectos concernentes à oralidade, a partir dos registros até as análises sobre seus objetos de estudo que, para serem devidamente compreendidos, devem estar atrelados e relacionados aos seus contextos históricos e sociais. Assim, inserem-se em um panorama teórico inicial, entre outros, os apontamentos gramscianos acerca das iniciais concepções de folclore e das relações entre as culturas populares e as classes hegemônicas, levando-se em consideração suas especificidades, valores e funções na dinâmica da vida social de uma determinada comunidade.

Antonio Gramsci (1978, 1982), escritor italiano do início do século XX, pode ser considerado o precursor dos estudos sobre culturas populares no seu país e também em muitos países latinoamericanos, posto que seus escritos deram início a uma fecunda série de trabalhos sobre as culturas das classes subalternas desses lugares. Interessado em elaborar as bases teóricas de uma sociologia marxista das atividades intelectuais, sua produção detém-se, sobretudo, na relação entre os intelectuais e a vida social. Após constatar o abismo que separa a intelectualidade do povo-nação, em prejuízo, a seu ver, de uma formação intelectual de bases transformadoras, Gramsci passa então demonstrar um interesse crescente pelos problemas da vida social e nacional do povo italiano. Assim constituída, sua produção abrange desde a tentativa metodológica de organização da cultura intelectual até a análise de elementos próprios da cultura popular, como o teatro, o folclore e a literatura folhetinesca. Ao

tecer “observações sobre o folclore”, Gramsci coloca a cultura popular (ou o folclore, como prefere) enquanto:

(...) concepção do mundo e da vida, em grande medida implícita, de determinados estratos (determinados no tempo e no espaço) da sociedade, em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções de mundo ‘oficiais’ (ou, em sentido mais amplo, das partes cultas da sociedade historicamente determinadas), que se sucederam no desenvolvimento histórico. (GRAMSCI, 1978, p. 184)

Dessa forma, o autor convida seu leitor a observar a cultura enquanto elemento vivo, dinâmico e intrinsecamente relacionado a uma sociedade heterogênea, estratificada e em permanente transformação. Esse diferente enfoque, oriundo de uma necessidade de observação prática da vida social em detrimento de uma postura puramente folclorista e romântica funda, portanto, toda uma concepção sociológica sobre a existência, função e permanência das culturas das camadas subalternas existentes em uma sociedade estratificada.

Historicamente contextualizada, a produção de Antonio Gramsci faz uma análise crítica de base marxista às profundas mudanças sociais vividas na Europa em face da ascensão de governos ditatoriais que elegiam a cultura das massas como o alicerce sob o qual pretendiam edificar suas bases políticas. Em virtude disso, sua produção intelectual dispersa em apontamentos escritos no cárcere durante o conturbado período político pelo qual passava o seu país, assim como grande parte da Europa, levou algumas décadas para ser devidamente assimilada pelos pesquisadores das ciências sociais. Somente depois da segunda guerra, portanto, é que a antropologia italiana vai olhar mais atentamente para sua própria diversidade cultural. A partir dos anos 50, verifica-se ali uma tentativa de ver a cultura popular dentro de uma

dinâmica social nacional, justificando a importância de estudos capazes de contextualizá-la. Nesse contexto, dois estudiosos italianos contemporâneos, Luigi Lombardi Satriani e Alberto Mario Cirese, estão entre os intelectuais que, apoiados nas teorias das relações culturais, desenvolveram alguns apontamentos gramscianos, cada qual em um campo distinto, multiplicando, assim, os estudos sobre as culturas populares.

Lombardi Satriani (1986), escrevendo sobre o caráter contestatário da cultura popular, discute os conceitos deixados por Gramsci em seus apontamentos, ressaltando o caráter provisório e inacabado próprio da natureza dos escritos, o que justificaria suas considerações iniciais e fragmentadas. Algumas definições apresentadas por L. Satriani ao longo do livro *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna* (1986) aparecem implícitas neste trabalho, dentre as quais se destacam: a) a antropologia cultural como “estudo do comportamento social e cultural do homem enquanto tal, sem delimitação e restrição de espaço ou de tempo” (1986, p. 39); b) o conceito de cultura a partir de algumas definições de autores italianos, com ênfase na defesa de que “cada cultura não é apenas uma rede de meios, mas também um complexo de fins” (Pietro Rossi, *apud* LOMBARDI SATRIANI, 1986, p. 41); c) a concepção de uma sociedade composta de classes, sendo as culturas os produtos dessas classes, com destaque para cultura hegemônica (classes dominantes) e a cultura subalterna (classes dominadas); e d) grupo cultural enquanto “conjunto de indivíduos (mesmo não geograficamente ou socialmente reunidos) que têm em comum a característica de serem enculturados ou aculturados numa mesma classe” (Manfredo Roncioni, *apud* LOMBARDI SATRIANI, 1986, p. 49).

Alberto Cirese (1997), em defesa de sua tese sobre os desníveis culturais, enfatiza a relação histórica e dialética entre as classes populares e as outras classes sociais. Segundo este autor, existe uma grande diferenciação cultural nas ditas sociedades “civilizadas”. Essas diferenças culturais

vão de simples a profundas, sendo estas últimas os objetos de estudo de Cirese. Reconhecer os “desníveis de cultura” e estudar os fatos culturais a partir de sua inserção no interior do sistema de cultura que os gera resulta, para o autor, na derrubada definitiva do exclusivismo e relativismo culturais. Em *Dislivelli di cultura ed altri discorsi inattuali* (1997), Cirese defende um conceito de cultura que reconhece essas diferenças, histórica e geograficamente. Diferenças que se revelam através de estudos folclóricos (diferenças internas) e etnográficos (diferenças externas) co-existem dentro de uma mesma camada cultural. Embora seu conceito de “desníveis culturais” careça ainda de uma adequação etimológica, uma melhor definição de sentido, são bastante lúcidas as contribuições deste escritor para os estudos sobre as culturas populares, sobretudo as culturas dos países que passaram por processos de colonização, como o Brasil, e é lamentável que seus textos ainda não tenham tradução para o português.

Outro que merece especial destaque neste elenco, dentre os autores da antropologia cultural contemporânea, é o pesquisador Néstor García Canclini (2000, 1983). Suas análises sobre as culturas populares e as relações com o capitalismo embasam categoricamente as propostas de análise presentes em seus escritos. *As culturas populares no capitalismo* (1983) aqui figura como obra duplamente referencial, tanto para as orientações teóricas quanto para a pesquisa empírica descrita no capítulo seguinte. G. Canclini apresenta uma investigação das relações entre algumas produções simbólicas pertencentes às culturas indígenas do México (pertencentes e, em segundo plano, delas representativas, como as práticas rituais e os objetos utilitários produzidos por aquelas comunidades) e a forma industrial e mercantil que estes bens culturais assumem quando tomados como capitais culturais pela ótica mercantilista da indústria do turismo. Ao tentar ver as culturas sob o ponto de vista das relações de produção atuantes nestas comunidades, Canclini convida o leitor de sua obra a um mergulho mais profundo na

análise destes elementos culturais, permitindo entender as “contradições” não como meros “fragmentos indigestos” de culturas múltiplas que se sobrepõem, mas como resultados, reflexos, causas ou consequências de todo um processo de apropriação de bens e transformação destes bens em produtos, com distintos usos, funções e significados, diversamente atribuídos por cada um dos diferentes estratos sociais que deles se utilizam.

Em um primeiro momento do livro citado, ao construir de modo claro e sintético um panorama histórico sobre os estudos culturais, García Canclini realiza uma profunda discussão acerca dos estudos sobre as culturas populares, confrontando linhas teóricas, desconstruindo passo a passo uma noção ideológica de cultura popular já fortemente estabelecida e assimilada pela sociedade, e demonstrando como esta noção pode ser utilizada por diferentes mecanismos hegemônicos de dominação. Vem deste autor, inclusive, a melhor definição de cultura popular (ou “culturas populares”) que encontrei e, conseqüentemente, adotei neste trabalho. Diante da tentativa de se construir um conceito a partir dos dados reais de observação, descartando, um a um, os conceitos pré-estabelecidos e até certo ponto cristalizados no senso comum, declara o autor:

As culturas populares (termo que achamos mais adequado do que a cultura popular) se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida (1983, p. 43).

Partindo dos pressupostos então estabelecidos, as indagações acerca da cultura indicaram novos rumos ao trabalho. Desta forma, não mais responder o que vem a ser a

cultura, mas sim tentar entender a quem serve a cultura, quem dela se serve e com quais objetivos, foram alguns questionamentos que se fizeram pertinentes durante a investigação. E neste propósito, as considerações de Canclini, mais uma vez, estavam ali presentes. Entender a cultura popular enquanto unidade, e mais que isso, enquanto “identidade” de uma determinada parcela da sociedade, implica entender principalmente “quem” vem a se utilizar destas distintas visões, destas diversas “posturas” que assumem as culturas em decorrência de seus usos. De uma postura romântica que parece ter dado origem às mais utilizadas noções de cultura popular, ao uso prático destas noções, Canclini demonstra, através de seus estudos, que a cultura popular vista como um conjunto de tradições ou essências constitui uma noção folclorista da qual hoje muito se serve a indústria do turismo, força de ordem econômica que, em seu processo de permanência, transforma os bens culturais, elementos das culturas dos povos, em “capitais culturais”, objetos mercantis e mercadorias simbólicas a serviço do capitalismo. Questionando, da mesma forma, a noção de cultura popular enquanto “essência” do povo, o autor observa que esta imagem, decorrente da postura folclórica, é uma visão imbuída de fins ideológicos e forte apelo panfletário, fácil de ser percebida nos discursos políticos e, sobretudo, no trato com as camadas subalternas.

Outra coisa interessante de se perceber através do estudo de García Canclini é que a cultura popular pode ser facilmente re-contextualizada pelos mecanismos que dela se servem. Todas estas concepções de cultura elegem seus “objetos”, deslocando-os de seu universo de produção ou de contextos que lhes garantem um significado interno. Fica subentendida, evidentemente, a ideia de cultura popular como algo passível de ser parcial ou totalmente desarticulado das camadas de onde se origina, e a ideia de cultura popular, também, como objeto do qual podem se servir a máquina política e a indústria do turismo; podem até mesmo se servir

as camadas populares, neste caso, como forma de uma pretensa troca com as classes dominantes, “vendendo” a elas os elementos que lhes parecem economicamente negociáveis em troca de bens, favores, prestígio ou até de uma nostálgica valorização.

No campo literário, pelo fato de lidar com um conteúdo narrativo por excelência, foram contemplados autores cujos estudos possibilitam ao pesquisador um olhar para os textos sem perder de vista as vozes que os produzem, além dos signos verbais e não-verbais que os motivam. Dois autores, neste aspecto, merecem destaque especial: Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin.

A teoria da enunciação elaborada pelo teórico da linguagem Mikhail Bakhtin (1988, 1993, 1997), ao longo de seus estudos situados entre a filosofia da linguagem e a análise literária, traz uma luz distinta à análise das culturas populares verbalmente expressas através da oralidade. Autor que circulou por vastos campos da linguagem, sua trajetória ainda é ambígua graças à incerteza da autoria individual de alguns escritos que levam seu nome, além de pontos conflitantes e contraditórios de seu pensamento ao longo dos anos de produção intelectual. Bakhtin estudou, entre outras coisas, a filosofia da linguagem, a cultura popular, a estética e a literatura. Esta última, sobretudo, termina sendo eleita como objeto privilegiado de suas análises, a exemplo da obra de Dostoievski (1997). Importantes conceitos como polifonia, dialogismo e as próprias teorias do discurso e do romance surgem no interior de suas análises literárias.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988), sua obra de mais nítida orientação marxista e aqui melhor referenciada, Bakhtin privilegia o caráter social e ideológico da linguagem, dando especial enfoque para o discurso do “outro” como forma discursiva que melhor exemplifica tais características. Partindo das redefinições conceituais de seus objetos de análise (palavra, signo, ideologia, consciência, enunciação, discurso, entre outros), sempre em função do lugar que ocupam em relação à dialética social e histórica que os determinam, o

autor elege o *signo*, do ponto de vista semiótico, como matéria ideológica por excelência, abrindo caminho para a análise das várias formas de linguagem, embora sempre privilegie o discurso verbal, a partir da dialética social à qual estas formas estão condicionadas. Bakhtin assim traça as relações entre a palavra e o contexto social:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova realidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (1988, p. 41).

Demonstra o autor, portanto, que a comunicação verbal (ou “enunciação”, como prefere chamar) é, de fato, determinada pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política. Interessa para ele entender *como* a realidade determina o signo e, por outro lado, *como* ela é refletida e refratada pelo mesmo. Tais questionamentos são referenciais para as reflexões acerca dos discursos que, em forma e conteúdo, são representações ideologizadas de uma determinada realidade em transformação.

A obra do escritor alemão Walter Benjamin (1985), a exemplo de Gramsci e Bakhtin, é profundamente marcada pelo momento de instabilidade política na Europa das primeiras décadas do século passado, fato que justifica a

orientação destes pensadores a uma postura crítica edificada em alicerces sociológicos. Benjamin realiza, ao longo de sua obra, uma crítica às vertentes historiográficas do pensamento burguês, promovendo a articulação entre a História e a experiência humana. Para ele, o crítico da História deve constituir com o passado uma relação de “experiência”. Das suas tentativas de compreender a experiência dentro de um contexto histórico resultam, dentre outros, dois fecundos ensaios: “Experiência e pobreza” (1985, p. 114-119) e “O narrador” (1985, p. 297-221).

É, sobretudo, através destes dois textos que se encontra em Walter Benjamin o olhar para o contador de histórias, para o homem do povo cuja experiência seria sua maior fonte de riqueza, e cuja voz (quase silenciada pela experiência traumática das guerras) pediria por ouvintes atentos, tão escassos depois das grandes revoluções sociais. Seu pensamento crítico traz à tona, nesses textos, fecundas reflexões acerca da experiência transmitida, seja ela vivida ou lembrada; da natureza oral das narrativas tradicionais e da inserção do narrador e do ouvinte em um fluxo narrativo comum e dinâmico; das atividades sociais pré-capitalistas capazes de propiciar a preservação da estrutura narrativa que conserva, em sua estrutura e através de sua construção, os germes da experiência capaz de ser partilhada entre os membros de uma comunidade. Esta experiência, sinônimo de conhecimento, se opõe à informação assim como a tradição oral se opõe à tradição escrita, assim como a estrutura da narrativa tradicional, levando-se em conta todo o contexto da comunidade que lhe permite a existência, se opõe ao romance moderno, que, ao contrário daquela, pede por um leitor (e não ouvinte) solitário e perdido em uma sociedade desagregada.

Enfim, as reflexões oriundas dos estudos destes dois críticos da linguagem e literatura, contemporâneos entre si, não apenas permeiam todas as análises do quarto capítulo deste trabalho, mas, principalmente, constituem o eixo referencial do ensaio intitulado “as redes das narrativas”, no

qual aparecem articuladas para dar conta de compreender a especificidade dos textos orais que constituem o *corpus* diante de suas múltiplas leituras em relação ao contexto social sobre o qual emergem. Por hora, é indispensável adiantar que os textos orais que serviram de matéria para uma leitura interpretativa das culturas populares em muitos pontos refletem as considerações de destes dois autores, no tocante à especificidade literária das narrativas e à estreita relação entre determinadas formas de discursos e o contexto que lhes permite existirem ou não enquanto tais.

Complementando o quadro de teorias dentro das ciências humanas, outros autores aparecem referenciados durante as análises que constituem os ensaios finais. Nomes como Antonio Candido (1980), Marilena Chauí (1986) e Oswaldo Elias Xidieh (1967, 1972, 1976, 1993) constam na bibliografia e permeiam várias análises. Alguns, contudo, também fazem parte do referencial metodológico adotado nesta proposta, a exemplo de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1987), Roberto Cardoso de Oliveira (2000) e José de Souza Martins (1993), que abordam teoricamente questões relativas à prática de pesquisa de campo e ao papel do antropólogo. Trabalhos referentes a análises de determinadas manifestações culturais, em regiões e comunidades específicas, não obstante, foram de grande valia na escolha dos caminhos metodológicos a serem seguidos, como é o caso dos estudos desenvolvidos pela profa. Maria Ignez Ayala (1989), sozinha ou em parceria com Marcos Ayala (1987, 2000); Antônio Torres Montenegro (1994), em trabalho que trata da história oral e memória; o estudo desenvolvido por Francisco Assis de Sousa Lima (1985), referente aos contos populares do cariri cearense; e o trabalho referencial de Ecléa Bosi (1987), em sua tese sobre memória e sociedade, obra que me conduziu, inclusive, à leitura de *La mémoire collective*, de Maurice Halbwachs (1967), texto cuja versão em português me chegou às mãos somente um ano depois da defesa da tese (2006).

Diálogos II: a etnobioidiversidade

A partir de estudos desenvolvidos pelo antropólogo Antônio Carlos Diegues (1983; 2000; 2001), professor da USP e coordenador, nesta instituição, do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (Nupaub), foi possível ter acesso a uma extensa bibliografia em torno de questões referentes às comunidades ligadas à pesca e aos impactos ambientais e sociais que as atingem na atualidade. O que este pesquisador designa como etnobioidiversidade corresponde em nível teórico e empírico às investigações realizadas em Nísia Floresta.

É de Antônio Carlos Diegues e Rinaldo Arruda um trabalho que, de forma didática, aborda o processo histórico das ciências em torno das questões ambientais e apresenta uma discussão teórica no sentido da definição de conceitos e elaboração de um plano de estudos sobre as populações tradicionais brasileiras, e particularmente aquelas cujas bases sociais e econômicas estão relacionadas às águas. Em *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil* (2001), Diegues e Arruda expõem suas bases de estudo. Dando ênfase a alguns conceitos defendidos pelos autores, passo a sintetizar suas observações acerca das populações tradicionais e suas relações com o ambiente, assim como alguns termos colocados em questão, cujas definições são utilizadas neste trabalho.

Segundo Diegues e Arruda, o modelo no qual se apóia a legislação brasileira no que se refere às definições, técnicas e manejos das áreas de proteção ambiental, vem de uma realidade americana que atualmente está sendo revista por diferentes organismos preocupados com os estudos ambientais e sociais. Isto porque neste modelo aparece implícita uma visão reducionista de relação entre sociedade e natureza, com consequências sociais e culturais que, em médio prazo, comprometeram não apenas o meio ambiente,

mas as populações tradicionais que dele se servem e que, como comprovam os estudos de etnoecologia, sendo parte da biodiversidade, terminam contribuindo, a seu modo, para a manutenção do meio no qual vivem.

Tal modelo pode ser entendido, no entanto, através do processo histórico do qual resulta. Somente no início do séc. XX, as áreas “protegidas” (assim denominados os primeiros espaços cuja biodiversidade era preservada, em princípio com fins de lazer, excluindo-se a atuação humana) passaram a ganhar importância científica, principalmente pelas ciências naturais que, no entanto, realizavam nestas áreas apenas estudos quantitativos, reducionistas e unidisciplinares. Nos fins dos anos 60, os preservacionistas entraram na defesa das áreas naturais, apoiados pela “ecologia profunda”, de visão biocêntrica, que defendia a preservação da natureza “independente da contribuição que possa trazer aos seres humanos” (2001, p. 16). Na década de 80, a “biologia da conservação”, também oriunda nos EUA, aliava a ciência à gestão e ao manejo das áreas naturais. O incentivo à criação de um maior número de parques, reservas e áreas de preservação partia desse conceito conservacionista e preservacionista, mas na prática começaram a ocorrer conflitos sociais e culturais com as populações locais, que logo passaram a se organizar e resistir à expulsão ou transferência de seus territórios.

A partir desses fatos, o modelo preservacionista começou a ser questionado por cientistas e estudiosos cada vez mais interessados na relação entre o meio ambiente e o homem. Esses estudiosos, tanto das ciências naturais quanto das sociais, deram origem ao que hoje pode ser chamado de “ecologia social” e cujos pontos de distinção em relação aos estudos anteriores são os argumentos de ordem ética, política, cultural e ecológica, assim especificados: a) do ponto de vista *ético*, considera-se injusto expulsar comunidades tradicionais que fazem do uso das áreas ecológicas o seu modo de vida e meio de sobrevivência; b) do ponto de vista *político*, sem o

apoio dessas comunidades, as ações conservacionistas e preservacionistas teriam efeito oposto à real conservação do meio ambiente; c) do ponto de vista *cultural*, o manejo e a gestão das áreas naturais podem estar profundamente influenciados pela visão de mundo e práticas culturais e simbólicas das comunidades tradicionais; d) do ponto de vista *científico*, a ecologia social está contribuindo para que a biologia moderna reveja as suas teorias, em especial aquelas relacionadas à “natureza intocada”, adotando novos conceitos como os de “coevolução”, que interrelaciona a evolução humana e natural como sistemas interdependentes; e a “ecologia da paisagem”, que afirma ser a paisagem o resultado de ações simbólicas e materiais das comunidades que agiram em um determinado espaço ao longo dos tempos. Além disso, o conceito de “biodiversidade” tem sido discutido, sobretudo pela ecologia social, não apenas como um conceito biológico, mas também como sendo “o resultado de práticas, muitas vezes milenares, das comunidades tradicionais” (2001, p. 19).

Essas últimas teorias revelam o processo de transformação da natureza e das sociedades como algo interativo, embora em ritmos distintos. Aderindo a esses conceitos, alguns países têm se apoiado na “etnociência”, justificando sua importância para a conservação do meio ambiente e do conhecimento acumulado das populações tradicionais; conhecimento que, mesmo não estando edificado em bases científicas, pode apontar alternativas viáveis para uma conciliação positiva entre conservação, manejo e gestão ambiental. Dessa forma, a “etnobiologia”, por exemplo, está se ocupando em estudar o modo como essas comunidades classificam os seres vivos, assim como seu ambiente físico e cultural, enquanto a “etnoconservação”, principalmente no Brasil, tem acompanhado o aparecimento e o fortalecimento dos movimentos sociais de diferentes comunidades tradicionais preocupados com a conservação e a melhoria de condições de vida das populações. Vale ressaltar que, ao

contrário das teorias anteriores, importadas de países como os EUA, a etnoconservação surge com evidente caráter interdisciplinar, unindo em prol de um mesmo objetivo estudiosos das ciências naturais e sociais e, além disso, abrindo as portas para o diálogo entre estes, as comunidades e as várias organizações interessadas nas questões sócio-ambientais.

Quando da implantação das primeiras áreas de preservação ambiental, os preservacionistas reivindicaram uma pretensa incompatibilidade entre a presença das comunidades tradicionais e a manutenção da biodiversidade. Tendo em vista que essas primeiras áreas eram destinadas unicamente a fins turísticos e científicos, somente a partir da década de 60, com a constatação do desaparecimento de algumas espécies e ecossistemas, surge a necessidade de se criar áreas de manutenção de biodiversidade. Apesar desse interesse, apenas recentemente tem-se dado maior ênfase à relação entre as comunidades tradicionais e o meio ambiente. Estudos atuais mostram o quanto, em diversos locais, é importante o papel dessas populações, sendo sua presença e permanência responsável pela manutenção, preservação e mesmo aumento da diversidade biológica. Outros estudos citados por Diegues e Arruda comprovam que atividades como a agricultura itinerante, a pesca artesanal, os modos de vida, o conhecimento acumulado em relação ao comportamento, funções e uso das florestas, hábitos alimentares, assim como os saberes e as práticas simbólicas locais, respeitam um equilíbrio existente entre estas ditas sociedades “primitivas” e a natureza, que passa a não ser mais vista como intocada, mas sim modificada de forma sustentável dentro deste equilíbrio. Os autores observam que tais elementos da dinâmica social, muitas vezes descritos como “primitivos”, “não-econômicos” e “subdesenvolvidos”, contribuem direta ou indiretamente para a conservação da biodiversidade existente, ao passo que a destruição maior é ocasionada por parte da exploração em larga escala, sobretudo por mecanismos

externos ao núcleo sócio-ambiental dos povos “primitivos”, mesmo quando acompanhada de medidas “conservacionistas”. A cultura local, portanto, aparece como elemento instaurador e mantenedor da biodiversidade, podendo ser as florestas também consideradas “artefatos culturais humanos” (2001, p. 23), resultados de distintos processos de interdependência entre o homem e o meio ambiente.

Diegues e Arruda definem, então, as “culturas tradicionais”, numa perspectiva marxista, como aquelas associadas a modos de produção pré-capitalistas, cuja pequena produção mercantil (tanto o produto como a força produtiva) é destinada à subsistência e não transformada em mercadoria. Constituindo-se em sistemas econômicos e sociais distintos, as culturas tradicionais possuem suas próprias concepções e representações de mundo, além de seus próprios sistemas de regras sociais, utilizados conscientemente na obtenção de determinado conjunto de objetivos.

Segundo os autores, o território tem uma importância diferenciada para as culturas tradicionais por garantir-lhes os meios de subsistência, os meios de trabalho e os meios para a produção dos aspectos materiais das relações sociais (que compõem a estrutura determinada da sociedade). O território dessas sociedades, ademais, é descontínuo, e esta descontinuidade tem causado inúmeros conflitos entre as sociedades camponesas e as autoridades conservacionistas.

As culturas tradicionais também possuem um sistema de manejo dos recursos naturais baseado no respeito à própria natureza, além de um conhecimento aprofundado acerca de seus ciclos e suas especificidades, herdado e transmitido oralmente. Neste sentido, o território é, além de tudo, o lugar das representações mentais e do imaginário mitológico destas populações que, transmitidos de geração a geração, agem sobre o equilíbrio ambiental.

Diegues e Arruda também expõem algumas contradições quanto ao uso dos termos que adotam, precisando suas delimitações e ambiguidades. É o caso do conceito de “tradição” que, remetendo a valores de autenticidade, tem um poder político negativo para as sociedades tradicionais, pois gera nelas uma dependência paternalista com o Estado, além de impedir sua transformação em detrimento da perda de seus direitos adquiridos enquanto populações diferenciadas. Contextualizando tais contradições conceituais, afirmam os autores que “a mudança cultural, a recriação da tradição só são aceitas em relação à corrente civilizatória ocidental. Quando ocorre com outras sociedades, aparece sob o signo de sua não legitimidade identitária” (2001, p. 27).

Além disso, as questões de identidade podem levar a uma tendência reducionista, na qual a identidade cultural, como critério de definição de culturas, passa a ser vista como conjunto de traços isolados postos em evidência apenas para marcar os contrastes entre as diferentes sociedades. Estes traços, no entanto, são apenas os indícios visíveis e contrastantes de todo um processo social marcado por relações desiguais de ordem política, econômica e cultural, no qual as culturas tradicionais estão inseridas. São, nesse sentido, conclusivas as palavras do autor:

A especificidade de uma cultura, porém, é dada pela particularidade de uma visão de mundo, por uma cosmogonia própria, pela existência de um território singularizado, configurado por uma lógica de ação e de emoção que, num contexto de dominação, vive muitas de suas facetas na clandestinidade, ao abrigo da apropriação ou da repressão (2001, p. 28).

Nas relações entre as sociedades tradicionais e o sistema de produção capitalista, Diegues e Arruda observam que aquelas, diante de mecanismos de controle, dependência

e repressão que lhes são exteriormente impostos, tendem a reinventar e reorganizar dialeticamente sua cultura e sua história, seja estabelecendo novos laços internos e externos, seja através da construção, ou reconstrução, de uma “outra” identidade, que resulta “em parte, de contatos cada vez mais conflituosos com a sociedade urbano-industrial e com as formulações político-ideológicas criadas por essa mesma sociedade” (2001, p. 29). No processo de construção de uma identidade cultural, contraditoriamente, tanto colaboram as ideologias conservacionistas (que tentam a afastar o homem do meio ambiente) quanto as organizações e movimentos sociais influenciados pela ecologia social, interessados nas questões mais amplas das relações do homem com a natureza.

Para Diegues e Arruda, o “conhecimento tradicional” pode ser entendido como um conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração a geração. Para as culturas populares não existe uma separação entre o natural e o social, mas uma relação de continuidade entre ambas. Isso explica a especificidade de sua lógica, substancialmente divergente da lógica científica, que tende para a divisão classificatória dos elementos por ela estudados, separados de toda a dinâmica na qual, naturalmente, estão imersos. Natureza e ecossistema, para as sociedades indígenas e para as que derivam de uma lógica semelhante, são entidades interligadas pela sociabilidade ao homem.

Outra distinção pertinente em Diegues e Arruda se refere ao pensamento científico e ao pensamento tradicional, correspondentes, respectivamente, às culturas marcadas pela escrita e pela oralidade. Entendem os autores que “nesse sentido, o conhecimento tradicional somente pode ser interpretado dentro do contexto da cultura em que é gerado” (2001, p. 32).

A biodiversidade para as populações tradicionais é, por sua vez, algo que pertence a sua cosmologia, um conjunto

de seres vivos detentores de um valor de uso e de um valor simbólico. Pertence tanto ao domínio natural quanto ao domínio cultural, mas é a cultura que vai permitir a reinterpretação mental de seus elementos. Esta concepção difere da visão científica que entende a biodiversidade como algo exterior e selvagem. Segundo os autores,

[...] o que os cientistas chamam de biodiversidade, traduzida em longas listas de espécies de plantas ou animais, descontextualizadas do domínio cultural, é muito diferente da biodiversidade em grande parte construída apropriada, material e simbolicamente, pelas populações tradicionais (2001, p. 34).

Antônio Carlos Diegues e Rinaldo Arruda concluem, por fim, que faz parte da “etnobiodiversidade” a riqueza da natureza da qual também participa o homem, nomeando-a, classificando-a e domesticando-a.

Em consonância com os estudos desenvolvidos por Diegues (1983, 2000, 2001), como já exposto anteriormente, admite-se inviável, dentro da dialética de relações a qual estão submetidas as diferentes camadas sociais, proceder com a análise de quaisquer práticas sociais de comunidades tradicionais sem atrelar a esta análise a relação entre as mesmas e o meio em que vivem e através do qual reforçam suas práticas. A importância em articular os estudos sociais em uma visão antropológica da natureza, tendo em vista sua importância para as comunidades que dela sobrevivem, justifica a importância dos trabalhos de Diegues em um contexto interdisciplinar que, de forma esclarecedora, tem unido as ciências sociais aos estudos sobre meio ambiente.

Dentro desse contexto, as comunidades que a partir de então passo a designar por “tradicionais”, adotando o termo cunhado pelo antropólogo paulista, são formadas por pescadores, artesãos e pequenos agricultores; enfim, pessoas cujas atividades de trabalho não apenas se encontram atreladas

ao manejo do ambiente, mas, sobretudo, mediadas por relações históricas, sociais e, conseqüentemente, culturais. Tais comunidades, a exemplo das sociedades tradicionais, possuem concepções e representações de mundo próprias, intrinsecamente relacionadas ao meio.

Diante do processo de transformações sociais que atinge diretamente as comunidades de pescadores artesanais, exteriorizado através de estratégias de controle, dependência e repressão impostas por um sistema capitalista aqui representado por duas de suas estruturas representativas (o turismo e a aquicultura industrial), as narrativas populares de membros destas comunidades são sintomaticamente reveladoras, desde que refletem a busca por soluções de reorganização cultural, impulsionadas por um processo dialético de transformações. As narrativas dos pescadores mostram o quanto o conhecimento tradicional destas comunidades fragmenta-se, até o ponto de perder o sentido, diante de uma situação deflagradora de perda do espaço que lhes garante, mais do que a sobrevivência material, a perpetuação desse conhecimento. Lembro ainda, concordando com Diegues e Arruda, que a estreita ligação entre as populações tradicionais e o meio ambiente se estabelece numa relação de *continuum* entre o “natural” e o “social”, visto que o homem, na qualidade de ser vivo, encontra-se inserido como parte integrante do ecossistema, contribuindo através de sua cultura para a manutenção do meio.

Os apontamentos acima sintetizados foram devidamente observados em minhas tentativas de compreensão do contexto sócio econômico do local pesquisado, já no decorrer das atividades em campo, e aparecem articulados às análises sobre os elementos das culturas populares presentes nas narrativas coletadas. Aos estudos de Antônio Carlos Diegues incorporo ainda as contribuições de outros autores que também realizam trabalhos nesta perspectiva. É o caso, por exemplo, de

Simone Maldonado (1986), cujo trabalho sobre pescadores artesanais no litoral paraibano traz elementos referenciais sobre a contextualização social das referidas comunidades. Ou a pesquisa realizada por Luiz Fernando Dias Duarte (1999) com pescadores artesanais do litoral carioca, na qual o autor realiza a construção da identidade destes trabalhadores em função de uma diferenciação social a partir do tipo específico de trabalho, e ainda atenta para as “mudanças” externas que permeiam ou mediatizam as representações de tradição e continuidade, permitindo, segundo o autor, o “realinhamento sutil e gradual das identidades e das práticas dos agentes que se vão opondo no bojo da diferenciação social” (1999, p. 18). Também outros estudos, como o de Beth Rondelli (1993) e Anamaria Beck (1979), serviram-me de orientação e referência bibliográfica inicial, depois complementada com informações técnicas e geográficas sobre o local de pesquisa, levantadas por mim através de diferentes fontes locais.

Unindo os conceitos nas redes dos discursos

Observando, via narrativas, as relações entre as produções simbólicas comunitárias e elementos direta ou indiretamente condicionantes de sua existência, como meio ambiente, cultura, turismo, indústria, política, em diferentes proporções e com distintos objetivos – influenciando, motivando ou mesmo induzindo a práticas, culturas e modos de vida –, é possível propor uma mudança em termos de um deslocamento do olhar referente ao objeto de investigação – as culturas populares – passando não apenas a contemplar os bens culturais, como também a entendê-los enquanto elementos de uma ampla e dinâmica teia de articulações.

Nesse contexto, as narrativas populares de membros das comunidades tradicionais, enquanto signos e discursos ideologizados, são sintomaticamente reveladoras porque, entre outros aspectos, refletem a busca por soluções de reorganização cultural, impulsionadas por um processo

dialético de transformações. Afinal, esses narradores são homens cujas falas, assim como os silêncios, sinalizam as mudanças sociais.

Para finalizar, é significativo destacar a importância de estar lidando com realidades em plena transformação, cujas tentativas de descrevê-las, mesmo através de múltiplos enfoques, utilizando contribuições de conhecimentos em várias áreas, como a antropologia cultural, os estudos de etnobioidiversidade, as leituras sócio-linguísticas, não pretendem encobrir as principais características das culturas populares: sua diversidade e sua mobilidade no interior das sociedades.

CAMINHOS ETNOGRÁFICOS

Este capítulo traz uma abordagem contextual da pesquisa de campo e trata da descrição do universo estudado a partir de referenciais etnográficos, contemplando seus aspectos físicos (ambientais), humanos (sociais, culturais) e econômicos (referentes aos modos de produção e às forças interagentes neste processo). Em seu percurso, procurarei apontar os meus passos metodológicos, as observações sobre a pesquisa e a natureza das fontes que fundam esta investigação.

A investigação dos fenômenos que circundam as culturas populares e que respondem pela sua contextualização, desde o início dos estudos antropológicos, tem requerido métodos e técnicas de pesquisa postos em prática antes mesmo do contato com os membros das comunidades pesquisadas e, não raro, de meios de coletas que, devido ao aprimoramento tecnológico e à fidelidade no registro dos dados, a cada dia tornam-se mais utilizados em campo. Diante do risco de que a diversidade de técnicas se sobreponha às especificidades de uma investigação antropológica, torna-se imperativa a necessidade de o pesquisador adaptar as técnicas e métodos de pesquisa aos seus objetivos e, muitas vezes, às suas próprias limitações financeiras. Este, inclusive, tem sido um ponto em comum entre os estudos recentes que abordam questões referentes às culturas populares. Chamo atenção para trabalhos empíricos que demonstram essa orientação, provavelmente a partir das missões de Mario de Andrade, passando por referências mais recentes, como Osvaldo Elias Xidieh (1967, 1972, 1976, 1993) e Maria Isaura Pereira de Queiroz (1987), além dos questionamentos em torno do assunto, já comuns em referências teóricas das ciências sociais. Neste terreno continuamente posto à prova pela própria natureza do trabalho

empírico, as conclusões parecem abrir espaço para as trilhas de caminhos individuais.

Oswaldo Elias Xidieh (1993) afirma que é durante a pesquisa de campo, tomando contato com o universo a ser estudado, que o pesquisador deve estabelecer seus caminhos metodológicos, e até mesmo, se necessário, criar ele próprio uma metodologia que se aplique aos fins da pesquisa, caso os métodos existentes se mostrem falhos aos objetivos da mesma. Seu trabalho sobre narrativas populares demonstra e justifica de forma esclarecedora esse posicionamento.

Maria Isaura Pereira de Queiroz, em texto sobre as entrevistas e histórias de vida (1987), alerta para a possibilidade de se ter que lidar, em campo, com situações impossíveis de serem transcritas. Ela considera imprescindível olhar atento do pesquisador para estas situações, não raro esclarecedoras durante o processo de análise das entrevistas. As pausas, o silêncio ou mesmo os gestos são, em suma, alguns elementos externos ao ato da fala cuja significação pode redimensionar o sentido do texto oral em uma situação real de entrevista, visto que tais elementos podem exprimir emoções e sentimentos por parte do entrevistado que dificilmente seriam captados pelo simples registro oral feito, por exemplo, através do gravador.

Recordo ainda Lombardi Satriani (1986, p. 62), que também dialoga com autores estrangeiros em busca de um consenso acerca dos passos metodológicos. Concordando com alguns deles, o escritor italiano chega à conclusão de que os discursos sobre a realidade devem mesmo surgir de uma análise rigorosa dos seus elementos, examinados sistematicamente e não apenas em destaque, mas em consonância com os aspectos globais que os circundam. Tal postura descarta, definitivamente, a aplicação de modelos pré-elaborados de pesquisa e de análise.

No tocante aos estudos da linguagem, Mikhail Bakhtin (1988) enfatiza ainda, na tentativa de estabelecer regras metodológicas a serem observadas, as relações entre o signo

(superestrutura), a ideologia e a realidade (infra-estrutura), relações estas que implicam em condicionar a análise dos discursos à realidade que os determina enquanto tais, do ponto de vista ideológico.

Por fim, em consonância com os autores que fundamentam as minhas reflexões teóricas e metodológicas, muitos dos quais acima citados, outros que surgirão ao longo das descrições e análises, cumpre-me abordar alguns aspectos referentes a esta pesquisa relacionados à sua constituição. Somente após estas considerações, passarei então à descrição da mesma.

Construindo uma pesquisa

Afirmo em primeira instância que este trabalho foi um processo de simultâneas e sucessivas construções que puderam, ademais, ser observadas em todos os níveis da pesquisa. Sendo assim, não seria possível descrever a pesquisa de campo sem explicitar a construção do meu “objeto de estudo” – neste caso, as narrativas – e, mais do que isso, sem fazer referência à construção do meu olhar sobre elas.

“Processo” e “construção” seriam os nomes mais adequados para definir este trabalho. Ao passo que os caminhos etnográficos conduziram a pesquisa empírica, esta possibilitou, no decorrer das atividades em campo, a construção das fontes orais (as narrativas) e das fontes escritas (constituídas pelo conjunto de textos adicionalmente coletados durante o percurso). Estas fontes, por sua vez, redirecionaram meus objetivos, possibilitaram a construção do olhar crítico. Em suma, a pesquisa de campo constituiu todo um processo que necessitou ser pensado e aprimorado continuamente, no decorrer de mais de dois anos de idas ao município e contatos com as comunidades.

Obedecendo a uma espécie de busca pelas narrativas populares, este trabalho foi se aprimorando na medida em que eu ia reconhecendo o universo de pesquisa. As visitas

realizadas desde o início de 2001 ao final de 2002, de modo informal, embora sistemático, tiveram como objetivo o reconhecimento do local e os primeiros contatos com as comunidades, a fim de proporcionar uma aproximação mútua e, desta forma, possibilitar maior êxito na coleta das narrativas. A partir desta data, passei a uma maior sistematização, registrando, em áudio, as minhas conversas com os pescadores e outros membros das comunidades. Convém lembrar que os nomes dos entrevistados a seguir foram trocados por nomes fictícios com o objetivo de resguardar-lhes a identidade.

Um aspecto diferencial em relação às entrevistas é que a partir da primeira pessoa contatada, os seguintes registros seguiram a ordem sucessiva estabelecida por cada contato, uma vez que eram os próprios entrevistados que me indicavam com quem eu deveria conversar para obter as histórias sobre a lagoa, as informações sobre a pesca, os relatos das manifestações culturais. Foi assim que, através da convivência com “dona Maria”, pude conhecer suas vizinhas e companheiras de lida mais próximas, uma das quais, “dona Lúcia”, participou da primeira entrevista registrada. Na sua casa também conheci “Josefa”, que participou do segundo registro, juntamente com “seu Amaro”, pescador que saía da lagoa no momento em conversávamos, eu e Josefa, na entrada da colônia de pescadores. Seu Amaro, que também já tinha sido mencionado por dona Maria, me apresentou seu irmão, “seu Santo”, também pescador. Com os dois realizei a terceira entrevista e foram eles, também, que me indicaram os próximos com quem deveria conversar: “seu Aderaldo” e “seu Joaquim”. Na casa do primeiro, conheci “Silvana”, mulher de “seu Pedro”, e o último me indicou “seu Carlos”, em Campo de Santana. Com seu Carlos e seu Pedro realizei, respectivamente, as duas últimas entrevistas. Desta forma quero demonstrar que, quanto ao modo de construção, as narrativas populares constituem também um conjunto de diálogos entre diversos atores sociais que, entre si, reiteram e

contribuem com informações a respeito das práticas culturais e da situação vivida por esta comunidade.

Levando-se em conta, obviamente, que as conversas eram motivadas pela presença e “curiosidade” de uma pessoa estranha e ávida por conhecer as histórias das comunidades, uma primeira leitura das transcrições logo deixará claro que, mais do que entrevistas abertas e sistemáticas, as conversas registradas em áudio são ricas em vários componentes de interatividade entre todos os seus interlocutores. Diálogos em dois níveis: entre os atores em uma mesma entrevista e entre atores em entrevistas distintas, dias distintos, em diferentes momentos da pesquisa, quer pelos temas tratados, quer pelas relações sociais de convívio entre eles. Essa característica estabeleceu-se casualmente no decorrer de toda a pesquisa, até porque em nenhum momento excluí, tampouco incentivei a participação de mais de um interlocutor, de forma que todos os presentes nos momentos da coleta das narrativas ficavam livres para participar ou não dos diálogos.

As coletas, por outro lado, aconteceram em horários e espaços bem casuais, às vezes até inusitados, como no meio da rua, às margens da lagoa, na praça da cidade, no quintal, cozinha ou na sala das casas visitadas. Os participantes, além dos contatos previamente “selecionados” entre pescadores e membros da comunidade reconhecidos por participarem de manifestações populares, eram pessoas que circulavam nos lugares em que aconteciam as coletas: filhos, netos, vizinhos, companheiros de trabalho.

Este é, enfim, um dos aspectos mais significativos desta pesquisa: o diálogo entre todas as vozes que participam das conversas. Os interlocutores dialogam muitas vezes comigo ou com o “outro”, presente ou ausente, mas às vezes também consigo, o que favorece, entre outras coisas, o processo de lembrar e relembrar, contar e recontar, reiterar, corrigir, ouvir e contribuir para a narrativa do outro. Sem minimizar a importância da investigação neste processo, que, aliás, só se deu graças à minha presença enquanto “estranha

cultural”, entendo que a construção das entrevistas em forma de “diálogos” só vem ainda mais a reforçar a noção de “comunidade”, já fortemente subtendida pelo próprio processo de construção dos textos orais através de uma sucessão, em rede, de vozes cujos laços se estabelecem pelo convívio, quer pelo trabalho, quer pela proximidade, além de geográfica, social.

É importante, nesse contexto de pesquisa, atentar para a natureza plurissignificativa das histórias dentro das comunidades tradicionais. O “contar” encerra mais que um ato cognitivo. Ele reúne, em um mesmo evento, a comunicação, a transmissão e o ensinamento, além do aprendizado, da rememoração e da perpetuação (HALBWACHS, 2006). Mas a modalidade da transmissão oral na qual se situa o contar faz tudo isso de modo seletivo e particular às culturas que o alicerçam. Ao contar, o contador articula informações, acontecimentos, fatos em torno de um universo movido pelo imaginário peculiar da sua gente, pela sua tradição, pelo seu modo aprendido de entender e ensinar o mundo à sua volta. Ao contar as histórias que são “suas” histórias e histórias da “sua” gente, esse homem traz à tona as lembranças locais, selecionando-as, organizando-as em torno de um argumento que pode mudar quando a sua memória ativa muda de rumos, trazendo à tona outras lembranças e, assim, outras histórias. Contar dá novo significado ao passado e ao presente porque opera uma releitura do presente à luz da experiência, e ao mesmo tempo, opera uma reinterpretação do passado quando o coloca em contraste com o presente.

Assim, o contar obedece a uma estrutura própria: a estrutura de apreensão, construção e transmissão do olhar do contador. Estrutura que olha também para o ouvinte e tenta captar nele a melhor forma de se transmitir os conhecimentos. No arcabouço de seu conteúdo é possível, também, apreender algumas funções que, em suma, resumem-se a ensinamentos de regras de moral e conduta destes homens diante do seu mundo. As histórias em si, aquelas que ocupam o lugar mais literário das narrativas, podem não acompanhar a mesma velocidade das mudanças e transformações do mundo, mas

sintomaticamente refletem essas mudanças na medida em que, ocupando um lugar de “passado”, são colocadas em contraste com o presente, permitindo aos narradores e ouvintes uma reinterpretação crítica desse presente.

A identidade dos pescadores

Nas comunidades às margens da lagoa de Papary difícil é saber quem não pesca, sobretudo porque a grande maioria dos moradores – homens e mulheres – se identifica como pescador. Mesmo aqueles que não exercem a pesca como atividade principal de trabalho afirmam ser pescadores, como se a pesca fosse um “ser”, independente de se “estar” ou não exercendo a atividade. A princípio a própria origem das comunidades, às margens da lagoa, historicamente atrelou a vida ao trabalho na pesca e, ainda hoje, é ela a única alternativa em momentos críticos, seja diante do desemprego ou da necessidade imediata de sobrevivência. E quando a necessidade de sobrevivência é suprida com atividades em outros setores, como a agricultura, o comércio, e até mesmo a carcinicultura, pesca-se mesmo por lazer, nos dias livres do trabalho. Existe, portanto, uma memória social que faz com que os moradores das comunidades se identifiquem e sejam identificados como pescadores, mesmo que trabalhem em outras atividades. É o que, de fato, ocorre com alguns dos entrevistados, a exemplo do seu Pedro, que para Silvana, sua mulher, é pescador, embora seja outro tipo de trabalho o lhe garante a subsistência. A identificação como pescador vem, em princípio, de um aprendizado em família e em comunidade: a transmissão do trabalho aos mais jovens, mesmo que eles, no futuro – e este é o maior desejo dos pescadores de hoje – não precisem viver da pesca.

Aliás, as designações “viver da pesca” e “trabalhar na pesca”, tão bem conceituadas por Luiz Fernando Dias Duarte (1999, p. 31-84) em capítulo específico que trata da construção da identidade de pescadores do litoral fluminense,

merecem, aqui, ser recontextualizadas diante de um fator que vai diferenciar substancialmente os dois trabalhos em questão: o espaço da pesca.

Na verdade, muitas são as obras referentes aos trabalhadores do mar. A quase totalidade dos estudos antropológicos encontrados na bibliografia ao final deste trabalho se refere a comunidades de trabalhadores do mar, e neste sentido existem já conceitos consolidados acerca das estruturas e formas de organização da vida e do trabalho dos pescadores marítimos. Mas, ao contrário destes, são poucos os que se debruçam sob o espaço limitado das águas lacustres. Existem ainda lacunas acerca da identidade dos pescadores das lagoas, por isso tentarei, aqui, tecer minhas observações comparativamente ao que pude apreender, através dos estudos consultados, sobre universo da pesca marítima.

Andando pelas comunidades e conversando sobre a pesca com homens, mulheres, velhos e até crianças, pude perceber, em primeiro lugar, que “pescar” é um aprendizado que se inicia antes mesmo da interferência direta dos mais velhos: aprende-se pela observação. Ao contrário do mar, em cujo trabalho os pescadores precisam se afastar muito da costa – e nisto há a ausência, o ritual da preparação (e aprendizado) para o trabalho, além, evidentemente, de todos os medos, perigos e imprevistos decorrentes da natureza do espaço e da profissão – o trabalho nas lagoas está perto dos olhos das crianças, e o espaço das águas, territorialmente limitado e sem o peso do perigo e dos imprevistos, é muitas vezes um dos primeiros espaços de convivência comunitária e aprendizado, já que as crianças podem acompanhar os pais nas atividades de pesca. Essas afirmações baseiam-se tanto nos depoimentos dos pescadores quanto na observação direta quando, em descidas à lagoa, à espera dos pescadores, pude ver e conversar com meninos e meninas que brincavam com instrumentos de pesca. Ou seja, as águas fazem parte da vida também das crianças e, através da observação, elas

aprendem. Suas brincadeiras nas águas são, muitas vezes, como cheguei a presenciar, uma imitação do trabalho realizado pelos mais velhos.

Os pescadores que não trabalham com a pesca, portanto, não deixam de “ser” pescadores. É como se a pesca se confundisse com a vida, fizesse parte do aprendizado da vida daqueles que nascem e crescem às margens das águas da lagoa.

As comemorações religiosas são as mais perceptíveis representações simbólicas da ligação entre o homem, o trabalho e o espaço. São elas a semana santa, as festas juninas, que coincidem com o interstício de inverno, e a festa da padroeira no mês de dezembro, coincidindo com o ciclo natalino. De todas, esta última comemoração é, sem dúvida, a mais significativa: antigamente, contam os pescadores, em homenagem à santa padroeira, fazia-se uma grande pescaria e, após ela, as redes eram suspensas e a pesca proibida durante três meses, de setembro a dezembro. Depois do período de suspensão, com uma grande festa popular as comunidades encerravam as homenagens e os pescadores retomavam, então, suas atividades. A tradição cultural, hoje parcialmente desaparecida – parcialmente porque embora não mais ocorra, está fortemente presente na memória dos pescadores que vivenciaram estes momentos e que os ilustram, em suas narrativas, com as histórias sobre o aparecimento da santa na lagoa e a construção da igreja matriz, no século XVII – demonstra mais uma vez que a forte identidade destes trabalhadores vem também de uma sucessão histórica que remonta às origens da cidade.

Quanto à estrutura da pesca, pude observar que não existe uma diferenciação social acentuada entre quem pesca com barcos, com covos ou com redes. A única diferença é em relação à posse dos instrumentos, já que quem possui barcos e redes tem mais recursos e, assim, maiores possibilidades de renda, inclusive porque pode alugar seus instrumentos para os que não os possuem. Os covos, geralmente, são

confeccionados pelos próprios pescadores. E quanto às redes, embora essa seja uma prática cada vez menos comum, há ainda hoje mulheres nas comunidades que exercem a função exclusiva de tecer e remendar redes de pesca, embora a confecção desses instrumentos seja um trabalho indiferenciado para homens e mulheres.

Com relação à organização de trabalho, a comunidade conta com uma colônia de pesca local, órgão externo pertencente ao Estado e introduzido na região com finalidades explícitas não apenas de organizar, mas também de realizar um controle da pesca. Estranho, porém revelador, é o fato de que esse controle é feito exatamente entre os trabalhadores artesanais e autônomos, não parecendo haver o mesmo controle, por parte da colônia, nas fazendas de carcinicultura. Mesmo os pescadores que possuem apenas um pequeno viveiro, geralmente construído perto de suas casas, passam por esse controle, além, claro, dos controles exercidos pelo Ibama e Idema, através do cadastramento dos pescadores e o pagamento de taxas anuais. Essas taxas garantem aos pescadores assistência médica (em posto de saúde do município) e aposentadoria por tempo de serviço. Recebem aposentadorias diferenciadas os pescadores (de peixe e camarão) e os catadores de caranguejo. Estes recebem uma aposentadoria menor e, aliás, as poucas mulheres cadastradas se enquadram nesta função.

Outra diferença entre a o mar e a lagoa é marcada pela presença da mulher na pesca. No mar, é notório ser rara a existência de mulheres que exercem trabalhos relacionados à pesca, a não ser, evidentemente, aquelas cujas atividades se restringem às águas rasas, mariscando ou puxando redes de arrasto. O trabalho de Simone Maldonado (1986) informa bem esta realidade que, na interpretação dos pescadores, está ligada a concepções e crenças fortemente arraigadas a uma tradição cultural própria do universo do pescador. Mas nas lagoas, ao contrário, muitas mulheres pescam, sozinhas ou ao lado dos maridos, manuseando covos, tarrafas e até

canoas, às vezes levando junto seus filhos por não ter com quem deixá-los para trabalhar. Assim me relataram algumas das mulheres que participaram das entrevistas. Nesse sentido, não há o mesmo misticismo que existe em relação ao mar, quanto à presença e cooperação feminina na pesca realizada nas lagoas.

As águas, de um modo geral, sempre estiveram envoltas de simbologias e significados que remetem a um contexto mais amplo, universal e atemporal. Gaston Bachelard (2002), estudando a imaginação a partir da matéria, afirma que as imagens poéticas sobre as águas são distintas a partir da natureza dos elementos. Assim, os mares e oceanos emanariam imagens distintas daquelas provenientes dos mananciais doces, como rios e lagoas. As águas salgadas, cujas referências literárias muitas vezes estão ligadas a forças masculinas, são distintas das águas doces, mais próximas da natureza feminina.

Na vida cotidiana, as relações sociais parecem corroborar com a imaginação poética. A lagoa entendida como “a mãe do pescador” não deixa de ser uma alusão àquela que protege, que alimenta e que disciplina, e é exatamente essa a relação entre o espaço e o ser que dele se nutre. Uma relação umbilical, quase simbiótica. “Viver da pesca” e “trabalhar na pesca” têm, obviamente, significados distintos. “Trabalham” na pesca aqueles que exercem a atividade de forma continuada, sendo ela a principal, quando não a única fonte de sustento das famílias. “Vivem da pesca” todos aqueles que dependem direta ou indiretamente da lagoa enquanto espaço de trabalho, mas também de vida, e neste sentido “todos” – homens, mulheres, velhos e crianças, pescadores ou não – são “filhos” deste lugar.

Os “muitos olhares” em torno das culturas

Caso fosse possível traduzir em termos de imagens um trabalho antropológico, diria que todas as investigações em torno de determinado campo de estudo poderiam ser

comparadas à vontade do pesquisador em “olhar” com os olhos do outro para então poder “ver” com os seus próprios olhos. É, pois, entre a atitude contemplativa do “olhar” e a atitude reflexiva do “ver”, que deveriam se situar as perspectivas do investigador das culturas, sobretudo se as culturas observadas não lhe pertencem. “Olhar” as culturas, constatá-las enquanto realidades e até contemplá-las é, em substância e perspectiva, diferente de “ver” as culturas, entender seus motivos, compreender o que as dimensiona e transforma.

“Olhar”, ao lado de “ouvir” e “escrever”, constituem, nas palavras de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), o trabalho primordial do antropólogo, em primeira linha, assim como daquele que se depara com a pesquisa empírica para a partir dela tecer suas análises. Mas aqui, quando o autor questiona essa faculdade, ou ainda ato cognitivo, nas suas palavras deixa explícita a postura diferenciada do pesquisador cuja primeira experiência em campo consiste na “domesticação teórica do olhar”. Domesticado e disciplinado pelas posturas reflexiva e analítica, o “olhar” torna-se, enfim, sofisticado. Difere do olhar contemplativo. Este é o “ver” ao qual me refiro.

Mas muitas analogias ainda poderiam ser feitas em torno do olhar e do ver. Por hora, no entanto, cumpre-me entendê-las como atitudes complementares, entender que o olhar permite o alcance espacial, a dimensão sincrônica dos elementos físicos e materiais que circundam as culturas; o ver, o alcance temporal, a dimensão social e histórica do processo.

Olhar, para o pesquisador, não deveria bastar-se, porque apenas “olhar” as culturas implica no risco de cristalizar suas expectativas em torno de uma paisagem, por mais bela que possa parecer aos olhos de quem se coloca de fora dela, esquecendo-se (ou se negando a “ver”) que as paisagens também são mutáveis, fazem parte de um processo. Da mesma forma, apenas “ver” também não basta, porque o processo só se revela em sua plenitude através da observação, da participação, do mergulho no universo das

culturas populares. Além do mais, isto só se torna possível quando o pesquisador se permite olhá-las despido de seus próprios preconceitos, de sua visão etnocêntrica em torno dos fatos que o circundam.

O olhar sobre a cidade, a lagoa, as comunidades, as manifestações culturais existentes, as culturas, os modos de vida, os hábitos. A constatação é a primeira leitura. O registro descritivo, embora de suma importância, não suprime a possibilidade – e até necessidade – de colocar esses elementos em movimento, fazendo-os girar em torno de um microuniverso para, enfim, poder entendê-los em seu contexto. Entender quais elementos motivam esse universo, quais o cercam, o que o move e o que também é capaz de suprimi-lo: as culturas populares, por fim, só podem ser plenamente entendidas dentro de seus contextos de produção, circulação e consumo, e quaisquer tentativas de leitura, mesmo intencionalmente descontextualizadas, devem levar em conta tais características.

Meu “olhar” sobre as comunidades de Nísia Floresta tenta, portanto, abarcar os dois sentidos implícitos na palavra, o olhar e o ver, o observar e o entender. Ao passo que o “olhar” foi algo, em princípio, imanente ao processo da descoberta, tentei desde cedo “entender” as relações que ali se estabeleciam. Foram, pois, etapas simultâneas, intensificadas na medida em que avançava a pesquisa de campo, a cada visita, a cada nova fonte encontrada, e que juntas me possibilitaram perceber que, além do meu, muitos outros “olhares” se voltavam para a lagoa, para a cidade, para o povo e para as culturas populares. Olhares motivados por diferentes intenções e propósitos, de forma que o “meu olhar” de pesquisadora passou a ser apenas mais um em meio aos olhares que se voltam para aquele universo.

E quais seriam, então, estes outros olhares? O que vêem, o que “não” vêem, como vêem, o que lhes atrai a atenção?

As investigações das relações entre as culturas populares e os mecanismos hegemônicos (políticos, econômicos e também culturais) que delas se utilizam, indicam que aquelas são vistas sob diferentes lógicas e, mais que isso, utilizadas segundo estas diferentes lógicas. Observando, via narrativas, as relações entre as produções simbólicas comunitárias e elementos direta ou indiretamente condicionantes de sua existência, como meio ambiente, cultura, turismo, indústria, política, em diferentes proporções e com distintos objetivos, influenciando, motivando ou mesmo induzindo práticas, culturas e modos de vida, proponho uma mudança em termos de um deslocamento do olhar referente ao objeto de investigação, as culturas populares, passando não apenas a contemplar os bens culturais, como também a entendê-los enquanto elementos de uma ampla e dinâmica teia de articulações. Estes são os pontos principais deste trabalho, nos quais se concentraram minhas investigações.

A natureza das fontes

As fontes orais são, por primazia, os objetos privilegiados neste trabalho. As fontes orais aqui presentes, as narrativas, foram coletadas durante a pesquisa de campo e constituem depoimentos sobre a lagoa, sobre a pesca, relatos, histórias de vida e trabalho, além de causos, histórias e acontecimentos relatados pelas pessoas entrevistadas, muitos deles vividos ou presenciados pelas mesmas.

Foram cerca de dois anos de visitas à cidade, prefeitura, casa de moradores de comunidades situadas às margens da lagoa de Papary, colônia de pescadores, grupo de idosos e casas dos pescadores. Através de dona Maria, minha primeira referência local, estabeleci com a comunidade do Porto e seus habitantes um vínculo social a ponto de firmar naturalmente a construção de minha “identidade” local, já que minha presença na comunidade passou a ser associada à amizade com dona Maria. Tal identidade, no decorrer das

sucessivas visitas, facilitou minha aproximação e possibilitou um quase natural fluir das entrevistas. Esta forma de contato se refletiu na demora dos registros em áudio, que aconteceram apenas a partir do final do ano de 2002, quase dois anos depois do início da pesquisa. Por outro lado, considere de fundamental importância a minha inserção lenta na comunidade, o que contribuiu para a qualidade dos textos orais registrados depois de tanto tempo de contatos. Em sete entrevistas registradas em áudio, participam quatorze pessoas, algumas habitantes de comunidades de Nísia Floresta (Porto, Morrinhos, Campo de Santana), outras moradoras do centro da cidade.

As entrevistas transcritas e apresentadas no capítulo seguinte, obedecem à ordem cronológica de sucessão:

transcrição 1: dona Maria e dona Lúcia;

transcrição 2: dona Josefa e seu Amaro;

transcrição 3: seu Amaro e seu Santo;

transcrição 4: seu Aderaldo, dona Marluce e dona Silvana;

transcrição 5: seu Joaquim e dona Marluce;

transcrição 6: seu Carlos e dona Verônica;

transcrição 7: seu Pedro e seu Manuel.

Complementando as informações acerca do local pesquisado, outras fontes de consulta juntaram-se às fontes orais das entrevistas. Através de consultas bibliográficas, visitas a órgãos públicos, busca por materiais de diversas naturezas, pude levantar uma bibliografia significativa sobre a região e elementos referenciais em torno dos quais circulam as narrativas. Evidentemente, trata-se de um trabalho que transita por diversas áreas de conhecimento, por isso a bibliografia reúne desde obras literárias, estudos antropológicos e etnográficos, até a legislação ambiental, além de anuários, catálogos e textos técnicos, estudos sobre folclore, material de divulgação turística, mapas, periódicos locais e materiais audiovisuais.

Também tentei, na medida do possível, articular esses dados de forma a estabelecer uma visão mais abrangente dos mecanismos de produção e reprodução social, ou dos componentes de infra-estrutura que, direta ou indiretamente, estão referenciados nos textos orais. Os dados técnicos sobre a lagoa foram, em sua maioria, extraídos de estudos desenvolvidos pela Secretaria de Recursos Hídricos do Rio Grande do Norte (1998), além de outras fontes que os complementam. Estes estudos técnicos apresentam um mapeamento dos vales úmidos localizados no Estado, contabilizando sua importância para a economia local. Consultei também a legislação ambiental durante a pesquisa de campo, confrontando os relatos dos pescadores com os aspectos legais concernentes à pesca, preservação ambiental e manejo dos mananciais hídricos. Ao final deste trabalho, consta a relação de bibliografia consultada, dividida em áreas. Junto a esses dados, os relatos dos pescadores – além de diversos textos sobre a cidade e sobre a pesca na região, reunidos durante a etapa de pesquisa bibliográfica – ajudaram-me a construir, do ponto de vista geográfico, social, cultural, político e econômico, um panorama etnográfico da região estudada.

A paisagem em transformação

Através da organização de todas as fontes de pesquisa foi possível traçar um panorama de contextualização do universo da pesquisa.

O município de Nísia Floresta fica localizado ao sul da capital norte-rio-grandense, distante desta 42 quilômetros. Seu território abrange uma faixa considerável do litoral sul do Estado, incluindo nove praias (Pirangi do Sul, Pirambúzios, Búzios, Rio Doce, Barra de Tabatinga, Mundo Novo, Camurupim, Barreta e Malembar) e uma porção de mata atlântica que abriga diversos ecossistemas (dunas, mangues, matas ciliares, riachos, córregos e lagoas). A esse respeito,

destaca-se no município, como força produtiva, a existência de comunidades próximas às praias e vinte e nove lagoas da região que vivem basicamente da pesca artesanal. Destas vinte e nove lagoas, apenas cinco são temporárias. Hoje, em algumas delas, a pesca artesanal foi ou está sendo gradativamente extinta devido ao movimento turístico. São as lagoas do Bonfim, Carcará e Arituba.

Nísia Floresta é reconhecida em âmbito estadual por produzir em suas águas o melhor camarão do Estado, fama que impulsionou, sobretudo nas duas últimas décadas, uma desenfreada exploração do seu espaço territorial através da implantação de uma complexa rede de empreendimentos voltados para o cultivo industrial do camarão, atividade conhecida como carcinicultura. Em segundo lugar, surge a agricultura como fonte de economia local e, embora em menor número, são também significativas as famílias que vivem da produção artesanal, tecendo rendas e fabricando artefatos de barro. Atualmente, uma grande mobilização por parte de órgãos públicos e empresas privadas ligadas ao turismo tem contribuído também para a formação de um pólo turístico cultural no município. Graças a este incentivo, além das “belezas naturais” a cidade começa a ser reconhecida como patrimônio histórico e cultural, quer pela arquitetura colonial preservada, pelo repertório folclórico que inclui, além de manifestações populares, todo um conjunto de lendas e narrativas populares atribuídas às origens da cidade e suas lagoas, quer pela gastronomia diferenciada.

Nas primeiras visitas de reconhecimento à cidade, tive a oportunidade de conhecer e conversar com diversas pessoas, dentre moradores antigos, professores, funcionários de instituições de educação e cultura ligados ao município, que me forneceram muitas informações e dados bibliográficos sobre o local. Pude, também, visitar alguns pontos turísticos, como a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Ó, construída em estilo barroco e fundada em 1727; um antigo engenho; a estação ferroviária transformada em restaurante; um

gigantesco Baobá localizado no centro da cidade, além de outros monumentos e lagoas. Os moradores de Nísia Floresta manifestam, pela herança cultural e pelo passado histórico, o orgulho de viver ali. Falaram-me, primeiramente, da origem do nome antigo da cidade (Papary), conhecimento partilhado pelos habitantes que faz brotar da memória algumas histórias sobre índios, indícios da remota presença de holandeses, encantamentos existentes na lagoa, lendas que explicam também a origem de alguns locais do município e histórias que, enfim, pertencem ao imaginário popular local. Um fato histórico também distingue a cidade: o nome atual do município é dado em homenagem à sua mais ilustre filha, a escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta, ali nascida no século XIX, conhecida internacionalmente como escritora e uma das primeiras mulheres brasileiras a lutar pela igualdade social em defesa da mulher, dos negros e dos índios. Entre os moradores, existe ironicamente uma divergência de opiniões a respeito da personagem ilustre, pois para muitos a mulher Nísia Floresta é vista como adúltera, revolucionária ou mesmo prostituta, em virtude dos acontecimentos que marcaram sua vida: um casamento de conveniências desfeito, fugas, relação com o segundo marido, as próprias atitudes e opiniões da escritora que chocaram a comunidade local (DUARTE, 1995).

A lagoa de Papary destaca-se no município como um potencial criadouro de camarão, principal meio de subsistência de comunidades situadas as suas margens. O nome Papary, segundo Câmara Cascudo (1968, p. 110), é tupi e indica o lugar (*upa*, lagoa) onde se pesca com armadilhas (*paris*). A Lagoa tem seus primeiros registros no início século XVII, em cartografias antigas da região (CASCUDO, 1976, p. 129). Localizada na região do Vale Úmido do Trairi, cuja bacia hidrográfica é formada por trechos do Rio Trairi e alguns afluentes, com grande número de lagoas alimentadas tanto por águas subterrâneas quanto por rios perenizados, Papary é a maior e principal das vinte e nove lagoas do município. Possui cerca de cinco quilômetros de extensão e atualmente

liga-se ao oceano através de comunicação com outra lagoa, Papeba, esta, por sua vez, ligando-se à lagoa de Guaraíra, que desagua no mar em forma de estuário. A extensão total deste percurso, que vai de Papary até o mar, ultrapassa dezenove quilômetros, perpassando quatro municípios (Nísia Floresta, Georgino Avelino, Arês e Tibau do Sul).

Pela sua importância na vida das comunidades locais, a lagoa deu nome a uma das mais antigas vilas do Estado, Vila Imperial de Papary, fundada em 1852. Elevada à categoria de município, a vila de Papary passou a se chamar Nísia Floresta apenas em 1948. Historicamente conhecida pela grande abundância de peixes, por muito tempo Papary permaneceu restrita apenas aos povoados próximos devido ao difícil acesso ao local. O intercâmbio social se limitava apenas à comercialização do pescado feita por atravessadores que possuíam veículos de carga e iam sempre às comunidades para comprar o peixe e o camarão a serem revendidos na capital, ou à venda do pescado feita pelos próprios pescadores em feiras itinerantes dos municípios vizinhos.

Na década de 70 o governo federal, através do Departamento Nacional de Obras Sociais – DNOS, financiou a construção de uma comporta no baixo Trairi com a finalidade de evitar o deslocamento da língua salina, ocasionado pelos movimentos das marés (RIO GRANDE DO NORTE, p. 177). Tal obra foi requisitada ao governo por proprietários de fazendas da região, com o objetivo de viabilizar o uso das terras às margens da lagoa, tornando-as propícias ao cultivo agrícola e criação de gado. Atendendo aos mesmos fins, também foram abertos e dragados trechos dos canais de comunicação entre as lagoas, e rios tiveram seus leitos desviados para facilitar a utilização produtiva do solo.

A barragem, no entanto, teve pouca vida útil: danificada pelas sucessivas cheias periódicas, foi definitivamente desativada em 1980. Mesmo assim sua construção, tal qual a manipulação das águas fluviais, provocou em curto prazo um desequilíbrio ambiental, tendo

como principais consequências a redução gradativa do volume de água da lagoa, a diminuição de área útil destinada à pesca, além da redução de peixes (em quantidade e qualidade) devido à interferência no ecossistema local, prejudicando, sobretudo, os milhares de pescadores artesanais que tinham a atividade como principal (e às vezes único) meio de vida.

Concomitantemente a este processo, um importante trecho de comunicação da lagoa com o mar situado em Camurupim foi obstruído, aparentemente por causas naturais, visto que não há estudos que comprovam, ao certo, se foi ou não em decorrência das intervenções humanas no espaço. Técnicos da prefeitura e até os próprios pescadores atribuem o fechamento do canal à ação dos ventos, mas não se descarta a possibilidade de que este processo tenha se iniciado ou se intensificado em decorrência da diminuição do volume de água na lagoa e a conseqüente perda das forças das marés. Hoje, o lugar do antigo desaguadouro do canal, na praia de Camurupim, encontra-se totalmente aterrado e urbanizado, de modo que a paisagem natural do riacho foi substituída pela paisagem urbana das casas de veraneio.

Paralelamente às interferências humanas no meio ambiente, a instalação de empresas ligadas à exploração comercial do camarão vem a ser mais um fator externo que interfere significativamente na paisagem e nos modos de vida das comunidades. Processo mais recente, segundo relatos dos pescadores, o surgimento das grandes fazendas de carcinicultura na região deu-se por volta do final dos anos 90. Nos últimos anos, o governo estadual tem investido na divulgação dos potenciais econômicos dos vales úmidos do Estado, ressaltando as áreas propícias à implantação da atividade para atrair novos investidores. Investimentos paralelos, vindos do setor privado, na área tecnológica e de pesquisa científica, complementam o panorama atrativo. Com relação ao vale úmido do Trairi, as áreas próximas às lagoas e canais hídricos são as mais visadas pelos investidores, devido à facilidade de implantação dos viveiros e abundância de água na região.

Sabe-se, entretanto, que desde muito antes da chegada da indústria da carcinicultura, a região já era conhecida pela pesca do camarão. Devido às suas características naturais, decorrentes da influência direta das marés, os primeiros registros sobre a lagoa já apontavam o destaque para a atividade da pesca de camarão, antes realizada de forma artesanal. A importância deste crustáceo é tanta que hoje o próprio camarão de Nísia Floresta tem status de patrimônio cultural. Eleito símbolo da cidade junto às praias e divulgado pela mídia como mercadoria cultural (principal elemento da culinária regional), o “produto” reforça a identidade do município e reafirma a sua “vocação natural” para o turismo.

Descobertas como potenciais criadouros de diferentes espécies de camarão e intensivamente exploradas pela indústria da carcinicultura há cerca de dez anos, as terras à margem da lagoa de Papary hoje são disputadas pelas empresas que praticam a carcinicultura, atraindo até investidores estrangeiros interessados na exporta o do crustáceo. Artigos jornalísticos e informativos publicitários publicados em periódicos de veicula o local e até nacional, como a Revista *Veja* (4 de fevereiro de 2004, p. 59-69), apontam o Rio Grande do Norte como um dos maiores produtores de camarão do Brasil na atualidade. Consta, no entanto, em estudo desenvolvido pela Secretaria de Recursos Hídricos do Estado (RIO GRANDE DO NORTE, 1998, p. 178), que o manejo incorreto dos recursos naturais, tanto pela aqüicultura quanto pela agricultura, vai desde o desmatamento dos mangues, dragagem e transposi o indiscriminada de cursos d’água, até a inser o de espécies exóticas que podem causar o desequilíbrio na fauna lacustre, ou o uso de produtos químicos necessários   manuten o destas atividades econômicas que, por sua vez, pode ocasionar acentuadas altera es no ecossistema original. Fatores contatados principalmente durante o início da implementa o da atividade no município.

Verifica-se, diante dos dados acima expostos, que a atividade lucrativa e geradora de divisas esconde, portanto, o mau trato no manejo ambiental. E as instâncias políticas escondem ainda mais ao passo que legitimam práticas ilegais, não apenas sob ponto de vista ético, mas, sobretudo, sob o ponto de vista jurídico.

Sobre aspectos referentes à legislação ambiental, constata-se que o modelo no qual se apóia a legislação brasileira, no que se refere a definições, técnicas e manejos das áreas de proteção ambiental, vem de uma realidade americana e, portanto, inadequada às especificidades do nosso território. Felizmente, muitas destas leis estão sendo revistas por diferentes organismos sociais que se ocupam de estudos ambientais e sociais. Embora as discussões a partir de estudos interdisciplinares (DIEGUES e ARRUDA, 2001) se encaminhem para uma significativa melhora nos aspectos legislativos, no modelo atual, ainda em vigor, aparece implícita uma visão de relação reducionista entre sociedade e natureza, com consequências sociais e culturais que, em médio prazo, comprometem não apenas o meio ambiente, mas também as populações tradicionais que dele se servem e que, como comprovam os estudos de etnoecologia, são parte da biodiversidade e contribuem direta ou indiretamente, a seu modo, para a manutenção do meio no qual vivem.

Em termos gerais, a legislação brasileira atribui a ecossistemas como mangues e mananciais hídricos a categoria de Áreas de Preservação Ambiental (APAs), territórios protegidos por lei, equivalentes, por exemplo, às áreas de Mata Atlântica, Cerrado e Pantanal. Acerca das definições ambientais e competências administrativas, a legislação ambiental funciona, no entanto, como uma espécie de Carta Régia ambiental de características gerais e abrangentes. Diante da quantidade e complexidade dos ecossistemas existentes no território e suas respectivas características (geográficas e econômicas); diante, conseqüentemente, da impossibilidade de delegar regimentos

diferenciados a cada um, a Carta concede aos Estados da Federação autonomia para criação e execução de leis sobre as especificidades ambientais locais. Por outro lado, as áreas ambientais só são reconhecidas como APAs mediante decreto de criação aprovado pelo Legislativo Estadual. Disto resulta que, apesar das muitas áreas ambientais existentes no Estado potencialmente caracterizadas como APAs, o Rio Grande do Norte possuía, até 2005, apenas três áreas reconhecidas e protegidas por lei, sendo a última delas, a APA Bonfim-Guaraira, localizada na região compreendida pelos municípios de Nísia Floresta, São José do Mipibu, Senador Georgino Avelino, Goianinha, Ares e Tibau do Sul.

Contraditoriamente a lei que protege é a mesma que, no caso de Nísia Floresta e das regiões do litoral onde se intensifica a carcinicultura, vem incentivando o Estado a legalizar o manejo dos mangues e mananciais hídricos, autorizando a implantação da aquicultura em áreas de mangue anteriormente devastadas por antigas áreas de salina. A situação agrava-se ainda mais porque até pouco tempo o Estado não possuía uma legislação ambiental específica, o que favoreceu a implantação indiscriminada de empreendimentos de aquicultura sem licença para exploração nem estudos prévios de impacto ambiental. Apenas a recente legislação ambiental estadual, de 1996, estabelece como documentos exigidos para a autorização e licenciamento da atividade as licenças ambientais, o estudo de impacto ambiental (EIA) e o relatório de impacto ambiental (RIMA). Como mostra estudo desenvolvido pela SERHID:

Nos trechos que sofrem a influência direta das marés, principalmente nos vales do Potengi, Trairi, Jacu e Curimatau, nos últimos anos estão sendo implantadas grandes fazendas de aquicultura. O Ibama só autoriza a instalação destes empreendimentos em áreas de antigas salinas, onde a vegetação natural dos

manguezais já havia sido removida ou altamente degradada (RIO GRANDE DO NORTE , 1998, p. 179).

O texto enfatiza que o órgão competente apenas deve autorizar a implantação de atividades de aquicultura quando comprovada a degradação ambiental decorrente de antiga atividade salineira. Fato que não se comenta nem na região, nem na mídia local, mesmo tendo-se em vista as campanhas publicitárias com o objetivo de divulgar os potenciais das áreas hídricas (o que vem fomentando recentes debates em torno do assunto), é que no vale úmido do Trairi, diferente dos demais citados no texto, não há registros de antigas salinas.

É importante ressaltar, diante dessa situação, que apesar do maciço investimento publicitário em favor da carcinicultura como grande impulsionadora da economia local e das intervenções políticas para legitimar e garantir a continuidade da atividade, uma pequena parcela da sociedade organizada – composta principalmente por organizações não governamentais ambientais e sindicatos trabalhistas – já começa a olhar com desconfiança a situação e a fazer pressão para que as leis ambientais sejam cumpridas e os casos de irregularidade sejam punidos conforme a legislação vigente.

Passo então à descrição do ambiente no qual desenvolvi as atividades de pesquisa. Tarefa difícil, tendo em vista que observada diante dos olhos, constato que aquilo o que me diziam ser a “lagoa” em nada se parece com a imagem construída, se não por mim, pelo próprio senso comum. A começar pela diminuição do volume d’água, primeiro grande modificador da paisagem. A comunidade do Porto, de onde vi a lagoa (ou o que me mostraram ser a lagoa) pela primeira vez, já foi outrora o próprio porto do lugar, ancoradouro dos barcos de pesca e antigo ponto de comercialização do pescado. Hoje, no mesmo local, o que resta das águas são apenas os córregos chamados pelos pescadores de “vargens” e “levadas”, onde ainda se pesca camarão com covos (armadilha artesanal própria para a pesca

do camarão, feita de uma espécie de bambu), e os “pauis”, terrenos alagadiços nos quais alguns moradores ainda plantam suas pequenas roças. No ponto onde, segundo os relatos dos pescadores, chegavam as águas durante as cheias, apenas algumas casas ainda de pé resistem ao abandono. Entre elas, o antigo mercado comunitário em ruínas. A poucos metros dele, funciona hoje a colônia de pesca, órgão responsável pelo cadastro dos pescadores e controle da pesca. É a colônia, nos dias de hoje, que garante aos pescadores seus únicos direitos trabalhistas: aposentadoria e salário-desemprego na época de defeso.

Apenas dos pontos mais altos é possível visualizar que existe um represamento natural das águas. Ao seu redor, uma sucessão de grandes tanques ocupa o lugar do mangue. No mais, o que fica perceptível é um espaço totalmente fragmentado por cercas, nichos e desvios artificiais que servem de escoadouro das águas que alimentam os viveiros. Em alguns trechos à margem da lagoa, clareiras no meio da mata indicam o desmatamento recente e contínuo, e o tráfego de tratores, caçambas e caminhões carregados de terra apenas confirmam os relatos dos pescadores. Vendo o óbvio e prevendo o inevitável, eles lutam como podem. No máximo garantem, mediante pagamento dos direitos, a minguada aposentadoria, ao passo que presenciam o espaço destinado à pesca artesanal “encolhendo” a cada dia, em proporção inversa ao aumento do espaço privado das fazendas de camarão. Na comunidade de Morrinhos há uma espécie de mirante natural, localizado às proximidades de um restaurante de pescadores, de onde é possível observar esta pequena parte da lagoa, aqui descrita, assim como os “morros encantados”, cenários das histórias de assombração presentes nas narrativas dos pescadores.

Notas sobre as construções dos textos orais

Os relatos dos pescadores, também em termos específicos de linguagem, podem ajudar a entender muito de suas culturas e modos de vidas. As entrevistas, além do conteúdo narrativo ao qual este estudo remete, apresentam formas de expressão significativas a tal ponto que, em aspectos linguísticos, revelam uma sutil distinção entre as comunidades pesquisadas e outros núcleos sociais, e não apenas por pertencerem a camadas sociais às quais são negligenciados os acessos à cultura oficial e à educação formal, mas por se tratar de núcleos cujas relações com o ambiente, quer pelos modos de produção, quer pela vivência, refletem-se no tipo de linguagem que utilizam para se expressarem.

O próximo capítulo, “Inventário da pesca: narrativas”, constitui não apenas uma tentativa de captar parte das peculiaridades, mas uma forma de explicitar as nuances da linguagem dos pescadores. Nele aparecem transcritas as entrevistas na íntegra, promovendo, na medida do possível, a recuperação dos diferentes contextos narrativos. Esta recuperação é, obviamente, uma tentativa de situar o leitor no espaço da oralidade.

É preciso deixar claro ainda, em relação às transcrições, algumas considerações relevantes acerca da natureza dos textos transcritos: a) acompanham os mesmos, além das informações sobre os interlocutores, algumas referências complementares sobre o momento da pesquisa, com a principal finalidade de contextualizar o trabalho em campo; b) os textos conservam a íntegra das conversas registradas em áudio, sem cortes, sem edições de falas, obedecendo à ordem dos relatos, assim como a ordem cronológica das entrevistas.

Em se tratando de entrevistas abertas, como é de se esperar, alguns momentos da pesquisa ficaram subentendidos

ou mesmo foram perdidos devido ao caráter sistemático e superficial da passagem de uma linguagem oral, e até não-verbal, para a escrita. Seria ingênuo supor total recuperação da oralidade pela escrita, e isso já é ponto pacífico nas discussões acerca de métodos e técnicas de pesquisa. Sobre este assunto, as considerações de Maria Isaura P. de Queiroz (1987, p. 272-286) pontuam minhas reflexões acerca das técnicas empregadas para captação, transformação e adaptação de linguagens, aqui concretizadas na forma de inventários. O processo da transcrição promove, inevitavelmente, a perda de parte do conteúdo linguístico oral, sobretudo porque as entrevistas formam uma construção textual composta por elementos verbais, mas também gestuais, temporais e espaciais que somente na sua totalidade constroem o conteúdo narrativo. As perdas, portanto, devem ser avaliadas, e o texto transcrito entendido também através de componentes de ausência, posto que aquilo que é “indizível”, do ponto de vista verbal, revela elementos que muitas vezes dialogam ou reiteram o conteúdo semântico das palavras, mas em algumas situações podem, pelo contrário, contradizê-las significativamente. Nesse sentido, uma das mais difíceis missões do pesquisador que se ocupa da matéria da oralidade, além de entender, é registrar as marcas não-verbais das entrevistas.

Dessa forma, e mesmo sem a menor pretensão de passar uma ideia de perfeita reprodução escrita quanto aos detalhes que marcaram os momentos de entrevistas – visto ser essa uma tarefa impossível –, optei por utilizar o espaço das notas ao longo das transcrições para o registro das marcas de performances não-verbais, ou não verbalizadas, com objetivo de contextualização do momento das entrevistas e com o intuito de ajudar o leitor a captar, dentro dos limites possíveis, o contexto das falas.

As marcas não-verbais, presentes, por exemplo, em mecanismos usados pelos pescadores para se comunicarem ou se fazerem entender, lembram ainda ao leitor, assim como lembram a mim, como são fragmentárias e insuficientes as

tentativas de cristalização, em linguagem escrita, das formas dinâmicas que tecem a oralidade. Mas se as transformações, quer do texto oral para o escrito, quer do não-verbal para o verbal, embora necessárias, são, de fato, deficientes, e por isso devam vir acompanhadas de toda a carga de relativização, as adaptações, as tentativas de utilizar-se de diferentes linguagens são, por outro lado, muito significativas, além de extremamente importantes dentro de um processo de comunicação entre dois distintos universos de conhecimento. Prefiro, por isto, considerar o *corpus* transcrito não como “entrevistas” (embora frequentemente recorra ao termo), mas como “diálogos” que denotam uma dupla interação. Trechos que revelam estas tentativas, da mesma forma, estando presentes no *corpus*, ajudam a passar uma noção mais aproximada de como ocorreu o contato entre o pesquisador e o universo pesquisado. Mais do que isso, partindo para um outro nível de discussão, lançam luz a outros possíveis caminhos metodológicos, contribuindo para um olhar diferenciado a este tipo de interação, antigamente criticado por correntes antropológicas que defendiam, em nome da objetividade e cientificidade da pesquisa, um total distanciamento entre estes dois universos.

São vários os momentos que podem ilustrar as “nossas” tentativas de utilizar as múltiplas linguagens de que dispúnhamos para nos fazer entender. Vistas dentro do *corpus* das transcrições, elas aparecem como códigos de mão dupla que realizam “pontes” entre dois mundos aparentemente distintos, o mundo letrado, o mundo do pesquisador, e o mundo da oralidade, o mundo das comunidades. A intenção de ressaltar estes momentos de diálogo não é minimizar as diferenças, mas acentuar os contrastes advindos dos contatos culturais. A presença dos mapas, por exemplo, foi significativa. Fez-me entender como a memória dos pescadores é uma memória espacial. Era comum durante as nossas conversas, quando tentavam me descrever a geografia local, traçarem na terra, com uma pedra ou mesmo com os pés, os “mapas” dos

locais de que falavam. Em uma das visitas de retorno, tentei então, junto com um dos pescadores, desenhar um mapa com os elementos geográficos mais citados durante as entrevistas, como lagoas, canais, morros e localização das comunidades. São, enfim, detalhes como estes que poderiam ficar perdidos no processo de transcrição, de verbalização da oralidade, que através das notas tento recuperar para o leitor em particular, e de uma forma mais abrangente para a pesquisa.

Por este motivo, os textos escritos que compõem o *corpus* são as versões integrais das gravações em áudio, com o registro, sempre que possível, de todos os componentes que, porventura, interferiram no processo de lembrar e contar, na continuidade das narrativas, nos diálogos ou mesmo no cessar das ideias. Sem cortes, sem edições, respeitando as formas verbais próprias da oralidade de todos os interlocutores participantes, as transcrições, salvo as considerações já feitas, constituem o momento mais rico do trabalho. Elas aglutinam não apenas pelo conteúdo, fonte de toda a discussão teórica acerca das culturas populares, mas também pela forma e pelo processo de construção, o eixo da pesquisa.

O ponto de partida de cada entrevista sempre variava de acordo com a pessoa entrevistada e com o momento e local em que nos encontrávamos. Geralmente, as conversas eram iniciadas por mim através de questionamentos diretamente ligados ao trabalho, aos modos de vida, ao espaço da pesca e à percepção das diferenças entre o presente e passado. A partir de então, os interlocutores iniciavam suas falas e, ao sabor das lembranças que afloravam, conduziam, eles próprios, os rumos das entrevistas. Resulta desta experiência um conjunto que denomino “narrativas populares” pela própria natureza dos textos, visto que o conteúdo propriamente narrativo flui com naturalidade a partir de relatos pessoais sobre trajetórias de vida, relatos de trabalho, descrições de técnicas de pesca, descrições de manifestações culturais existentes na região, como dramas, festas e brincadeiras, e, enfim, as narrativas populares

propriamente ditas, a exemplo das histórias fantásticas da lagoa, com seus habitantes e fenômenos sobrenaturais.

As entrevistas foram construídas de modo a formarem uma unidade discursiva, tendo por eixo o percurso seguido pelo narrador diante do tema inicialmente colocado. Como fio condutor da narrativa, a interação entre o narrador e o pesquisador instaura uma espécie de diálogo no qual o papel do pesquisador seria o de reiterar a fala do narrador, motivando, assim, sua continuidade. Estão presentes neste processo de construção das narrativas, merecendo devida consideração, elementos externos que interferem, condicionam ou interagem no discurso do narrador, como fatores ambientais, atividades realizadas durante as conversas, assim como a participação de outros interlocutores presentes no momento das entrevistas.

INVENTÁRIO DA PESCA: NARRATIVAS

Relato do primeiro registro

Dona Maria nasceu, casou, teve seus filhos e sempre viveu no Porto, comunidade próxima ao centro de Nísia Floresta que antes ficava às margens da lagoa de Papary, onde aportavam as canoas dos pescadores do local. Filha e viúva de pequenos agricultores que também pescavam para subsistência, contou-me que ela própria já chegou a pescar na lagoa nos tempos em que as águas e os peixes eram fartos. Tem filhos, netos e bisnetos na região, e mora com uma filha e três netos que foram criados pelos avós. Seus oitenta anos de idade não são denunciados pelo riso e pela alegria de viver que demonstra ao falar de si, do casamento, da sua família, das coisas que gosta de fazer e do lugar onde vive e criou seus descendentes.

Esta senhora é conhecida na comunidade por encenar, junto com uma amiga, o que ela mesma chama de dança: a dança do “Pirão-bem-mole”. Elas são convidadas para se apresentar sempre que há festejos populares, dentro e fora de Nísia Floresta. Dona Maria, em nossa primeira conversa, contou-me que aprendeu na escola esses versos dramatizados, e mais tarde os ensinou à amiga que se apresenta (vestida de homem) com ela. Disse-me também saber de outras danças e músicas, histórias, lendas, coisas da cultura do povo, como ela mesma fala.

No dia em que nos conhecemos, cheguei à sua casa orientada pelos moradores da rua. Bati em sua porta tendo nas mãos o exemplar de um jornal local que exibia na capa uma matéria sobre ela. Dona Maria me recebeu rindo muito, olhando para o jornal, fazendo caretas e se justificando por ter ficado muito feia no retrato. Na sala de sua casa ela me recebeu, acompanhada de uma moça que a chamava de mãe, e que somente mais tarde eu descobri ser sua neta. Neste

primeiro contato apenas conversamos, e deste diálogo a moça participou bastante, ajudando a avó a contar as coisas que fazia, falando-me ela própria da família, das atividades da avó no dia-a-dia e da vida na comunidade.

Depois de conversarmos por alguns minutos, a neta de dona Maria se ofereceu para me levar até a margem da lagoa para que eu a conhecesse, já que eu fizera tantas perguntas sobre a pesca. No caminho conversamos sobre a situação da comunidade que tinha na lagoa sua principal fonte de renda. Com o recuo das águas da lagoa, aparentemente causado pela construção de uma barragem e posteriormente de grandes viveiros de camarão, o volume de água diminuiu consideravelmente, contribuindo para considerável diminuição da pesca artesanal. O camarão, antes abundante, hoje está escasso e de qualidade inferior devido ao recuo d'água, nesta localidade (Porto) restrita atualmente aos córregos das nascentes que a alimentam. Resultado disto é que muitos pescadores se viram obrigados a mudar parcial ou totalmente de atividade, passando para a agricultura ou o trabalho assalariado nas grandes fazendas de camarão, e quando muito exercendo a pesca apenas nas horas vagas. Casos parecidos aos de um jovem pescador do local, que arrumou um emprego de vigia na prefeitura, e no horário livre deste trabalho que lhe garante a renda fixa, despesca o camarão. Ele me mostrou como se faz a “despesca” do camarão, em uma armadilha feita com taboca (espécie de bambu) e cipó, fabricada pelos próprios pescadores.

Esta armadilha, tendo em seu interior alguma isca, como pedaços de mandioca, é depositada em nichos ao longo dos córregos que alimentam a lagoa. Os camarões entram pela abertura superior da armadilha atraídos pela isca, não podendo sair mais. No fim da tarde ou no começo da manhã os pescadores vão aos locais e esvaziam os covos, retirando de dentro os camarões e outros animais que também são aproveitados na alimentação de suas famílias. Os camarões geralmente são vendidos, mas os pescadores também se alimentam deles, assim como de todos os pescados.

No caminho passamos ainda pelos paus, aos fundos das casas, terrenos de solo fértil onde são cultivados vegetais para a subsistência das famílias, como feijão, batata, macaxeira, banana, tomate, pimentão, abóbora, entre outros. O terreno aos fundos da casa de dona Maria, em declive, termina neste paul formado por córregos de água que vêm de várias nascentes e desembocam em córregos maiores, serpenteando os terrenos até chegar à lagoa. São nestes córregos onde hoje os pescadores do Porto pescam camarões e peixes. Mais acima, já próximo a casa, entre coqueiros e outras árvores frutíferas espalhadas pelo terreno, ficam criações de galinhas, um pequeno curral com três vacas e um chiqueiro com um porco. Há ainda dois “girais”, espécies de tabuleiros suspensos do chão onde dona Maria cultiva ervas e vegetais que utiliza como temperos. Servindo de sustentação aos girais, e também aos poleiros das galinhas, estão sucatas de fogão, geladeira e móveis, e sobre eles, pendurados, há latas, garrafas e depósitos de plástico, tudo reaproveitado como suporte para plantas e reservas de água. Também pude ver entre os girais algumas plantas medicinais. Há ainda varais esticados entre as árvores, tanques de roupa, pias e tanques de água, embora as casas possuam água encanada, assim como energia elétrica. Pareceu-me, à primeira vista, que o espaço da moradia se prolonga por todo o quintal até o paul, graças aos pequenos nichos de criação, cultivo e aproveitamento doméstico espalhados pelo terreno, e que este espaço parece ser comunitário devido a ausência de cercas ou delimitações nos quintais das casas. Curiosamente as criações de galinha de todos os vizinhos passeiam pelo terreno em comum, indo cada qual para seu respectivo poleiro ao cair da tarde, de forma que não se misturam.

Fiz esse passeio do quintal até o paul acompanhada também de um dos netos da dona Maria, um rapaz que cuida das plantações e que à noite cursa magistério. Voltando desse passeio, dona Maria me levou até a casa de sua vizinha, me apresentando a uma senhora que tece e conserta redes de

pesca e tarrafas. Ela confecciona as redes sob encomenda dos pescadores dessa e de outras comunidades próximas. Esta senhora, junto com dona Maria, me deu muitas informações sobre coisas que se fabricam em algumas comunidades, dizendo-me que havia povoados conhecidos pelo tipo de trabalho que seus habitantes exerciam – pesca, agricultura – ou pelos utensílios que fabricavam – cerâmica, renda, redes de pesca; sobre como são diversificados os tipos de pesca, em técnicas, materiais e objetivos; sobre as festas locais e as brincadeiras do povo; sobre nomes de distritos e comunidades em volta desta e de outras lagoas; sobre algumas lendas locais – serpente encantada na lagoa do Bonfim, rio que passa por baixo da igreja, santa que some e reaparece em outro local; sobre o modo “diferente” de se falar; e sobre outras pessoas que poderiam me dizer mais coisas “que eu queria saber” (pescadores aposentados, mestres de pastoril e bois, mulheres que ainda fazem renda e pescam).

À noite houve celebração na igreja católica e depois, na rua, algumas apresentações de danças e encenações feitas pelas crianças da comunidade. Nesta noite dormi na casa da dona Maria, que me pediu para ficar e ver a celebração e as apresentações na rua, depois da missa. Neste encontro, ainda tive a satisfação de poder observar um pouco do cotidiano desta senhora que só come escondido dos outros, com vergonha por não gostar de utilizar talheres, e que não se deita antes de fumar em seu cachimbo, escorada na janela, olhando a rua e contemplando a tranquilidade da noite.

No outro dia, antes de ir embora, ainda passei com a dona da casa pelo quintal. Na cidade, passei ainda pela prefeitura, em busca de mapas da região com a localização das lagoas. Um funcionário da prefeitura me forneceu a cópia de um mapa do município. Combinei com o neto de dona Maria que, juntos, iríamos marcar no mapa as comunidades que ele conhece e, em um momento posterior, visitarmos alguns locais.

Transcrição 1 – Dona Maria e dona Lúcia

Entrevista gravada com dona Maria na sala de sua casa, pela manhã, antes do almoço. Enquanto preparava a comida, algumas crianças, suas netas, brincavam no quintal da casa. Nos dias de reunião no clube de idosos, a casa da dona Maria se torna um ponto de encontro das senhoras que participam das atividades de recreação, pois lá elas esperam juntas o carro que as leva ao centro da cidade. Isso, talvez, explicasse tanta circulação de gente pela casa, entre vizinhas e conhecidas. Nesta época, além do baile, os idosos estavam ensaiando apresentações para a festa do Natal. Assim que cheguei, fui logo recebida pela dona da casa.

Acompanhou a entrevista uma outra senhora, dona Lúcia, que também participou da gravação, emitindo suas opiniões e dialogando com dona Maria. Alguns assuntos comentados pelas duas senhoras referiram-se às relações entre o passado e o presente, o trabalho e a vida das comunidades, as diferenças entre os tempos passados e o presente. Desta forma, fiquei ausente da conversa, aproveitando o diálogo entre as duas, pleno de informações e depoimentos. Estavam também presentes em momentos da entrevista dois netos de dona Maria.

Dona **Maria**, 80 anos de idade, é antiga moradora da comunidade, mas também é conhecida localmente como “símbolo” da cultura popular de Nísia Floresta por sua atuação em dramas e assídua participação nas atividades do clube de idosos. Ela encena com uma amiga um drama chamado “Pirão-bem-mole”, e por isso são muito conhecidas na cidade. Dona **Lúcia**, a outra senhora que participou da entrevista, tem 62 anos e é conhecida da comunidade.

À tarde, dona Maria, junto com esta amiga e outras vizinhas, foi ao clube de idosos da cidade onde, todas as

quartas-feiras, além dos ensaios previstos, acontece o baile dos idosos. Eu as acompanhei no carro que faz o trajeto de suas casas até o clube, e ali permaneci algum tempo, observando os ensaios das pastoras, e depois o baile dos idosos. No final das atividades, é servido um lanche aos presentes, e depois disso, já ao cair da tarde, eles retornam às suas casas.



Ana Claudia – A senhora falou de antigamente, a diferença de antigamente e hoje... O que foi que a senhora falou naquele dia...

Maria – Sim... Eu falei porque eu achava o antigamente era melhor por uma parte... Eu sei que era muita pobreza demais... Nós não tinha assim... quer dizer... de procurar assim, uma coisa melhor, era coisa mesmo de interior, não tinha umas coisas melhor... Mas era mais calmo... Era mais... Como eu quero dizer... assim... uma coisa mais... Não tinha malícia, era tudo amigo, colega, não tinha, não tinha maldade... E hoje é as coisa tudo cheia de maldade, se quando se sai... em Nísia... Antigamente ia duas, três mulher, mocinha, dez horas, onze horas, se fosse preciso ia pra Nísia. Hoje nem sete horas da noite pra oito horas, tem mais... Fica melhor de ir pra Nísia, que não tem mais aquelas coisas como antigamente... A gente ia e vinha... Essa casa aqui eu... Essa aqui não, era outra casa... de taipa... Eu lavava pro povo de fora, engomava, botava uma mesa... Era de ferro... Carvão, que eu não pego nesses ferro elétrico...

Ana Claudia – Ferro de carvão...

Maria – É, carvão... Porque eu não pego nesses ferro elétrico... Ainda ontem vi minha neta levar um choque, não pego... Aí botava a roupa numa banda, que eu lavava roupa pros outro... Botava a roupa numa banda, botava a mesa no meio, botava o carvão nos ferro... Aí engomava até as quatro horas da madrugada, se fosse possível com a porta aberta.

Quando os coveiro¹ passava pra... pra... pra os covo, às vezes eu cochilava um pouquinho... Assim²... Cochilava na mesa... aí (...) Via tudo apagada... “Maria, mulher! Já é quatro da madrugada, a porta tá aberta!” (...) E... assim, mesmo assim de roupa tudo engomada, e eu assim, ó³, na mesa cochilando... Já que não aguentava mais de sono...

Ana Claudia – A senhora engomava pra outras pessoas?

Maria – É, pra outras pessoas. Eu ajudei meu marido, ele trabalhava... Na agricultura, plantava, negociava pra Goianinha com Banana...⁴ [pausa] Agora é melhor, porque naquela época tinha muita pobreza demais, tinha... Mas do conforto... era melhor! Nós comia um comê fresquinho, peixe tratado na hora, vizinho... Hoje em dia é umas comida... A gente come, tá certo, mas não é como antigamente, né? É isso... Não sei... Ah, por isso que eu digo que eu acho essa... Achava antigamente os passadio é mais melhor nessa conformidade... Vizinho muito bom, criava um bocado de menino, nunca se via desavença. As mãe era tudo uma coisa, era, elas ia pro quintal, nós era mesmo que ser irmão. E hoje não é mais aquela época. Não é, hoje... Porque antigamente eu tinha meus filho, os vizinho... chegava: “Maria, briga mulher, não deixe não!” e eu era a mesma coisa. Hoje em dia se eu brigar com um menino, ou meu vizinho brigar com o meu aí... “Mas deu, e não sei o quê...” Já maldizendo o menino... Antigamente as mãe não tinha raiva. Dia desse morreu uma velha aqui, teve vinte e cinco filho, nessa casinha velha aqui, onde ainda é hoje. Nunca briguei com ela, com meus filho, nunca! Morreu, já tava na casa das filha, já velhinha, cento e poucos ano já. E eu nunca, ela nunca brigou comigo e eu nunca briguei com ela. Por isso que eu digo que naquela época era melhor do que hoje... É...

¹. Pescadores de camarão.

². Debruça-se sobre o corpo, imitando o gesto que fazia ao dormir.

³. Repete o gesto anterior.

⁴. Nesse momento, entra na casa uma vizinha pedindo uma chave e ela interrompe a fala para conversar com esta pessoa.

Ana Claudia – Esses coveiros que a senhora falou, que desciam... quem era... os pescadores?

Maria – Era os pescador, os pescador que botava covos pra tirar camarão.

Ana Claudia – Que horas eles faziam isso?

Maria – Saía... Eles saía de madrugada, saía de quatro hora da madrugada, às cinco horas mais ou menos passava pra botar os covos... Botar os covos na lagoa, e ia buscar... Bota de tarde, amanhã, vai buscar, amanhã de manhã vai buscar... De quatro hora da madrugada ia buscar os covos... Os covinhos que você viu⁵, de pegar camarão. E a lagoa era muito boa! A lagoa era muita água! Hoje em dia não tem mais lagoa como era antes... Tem lá alguns covos, um ou dois... Acabaram ali a lagoa de Papary... Hoje em dia tudo só é... é cheio de... cheio de curral, como você viu⁶... Não tem mais lagoa boa como nós tinha antigamente... Nas festa de setembro... [pausa] outubro... não! Outubro, novembro! Setembro, no primeiro de setembro era a maior festa, tinha tanta gente, muito! Era três meses que nem pescava nem botava a... Nem botava os covos pros peixes crescer... Ah, era uma festona aqui bonita... Não tem mais essas coisas boas... hoje... Hoje não tem, não existe mais essas coisas boas como era antigamente... Quando eu dançava, era antigamente, não era à luz elétrica! Era farol! Um farol grande assim⁷, você conhece?

Ana Claudia – Não.

Maria – Um farolão grande a gente botava gás, agora na casa era um, dois, três, quatro⁸. A sala tudo alumiada, trepado aqueles negócios... com gás... E aí a... a concertina... Hoje em dia não... não se chama mais concertina... Hoje é... [pausa] hoje... Sanfona! Hoje só é sanfona, antigamente era

⁵. Em visitas anteriores, acompanhada pelos pescadores, tive a oportunidade de ir às margens da lagoa para ver e fotografar como são colocados os covos.

⁶. Onde antigamente estava localizado o porto da lagoa, hoje existe uma grande extensão de terra que serve de pastagem para um pequeno rebanho bovino, pertencente a um morador das proximidades.

⁷. Mostra, com as mãos, o tamanho aproximado do farol.

⁸. Conta e aponta os lugares, na casa, onde eram pendurados os faróis.

concertina. Era o mesmo tipo da... Era o mesmo tipo! Puxava: *arrhhhhhh!* Abria: *aarrhhhhhh!!*⁹ [risos] Era o forró melhor do mundo! E dançava moça, dançava menino, dançava quem queria, no outro dia que não tinha... boate, não tinha nada! Passava a noite naquela festa brincando! Não tinha boate. Hoje em dia, né? E era uma coisa decente, a gente tudo normal, não tinha esse cabelo, e calcinha curtinha. Não tinha esses negócio, nem aquela dança como hoje em dia tem na televisão: sobe, desce, escancha, bota o rapaz aqui, lá vai a perna...¹⁰ Não existia, Ana Claudia! Era uma dança sadia! Uma dança bonita! Não existia essas porcaria como hoje... Tenho ódio daquela coisa feia na televisão. Aquilo é dança? Aquelas dança nojenta? Dá rodada, puxa ela, escancha ela na perna, até que acaba... [?]¹¹... Que isso não é dança de ninguém! Dançava agarrado também, ninguém dançava solta não, tudo normal, tudo dançava bem... Hoje em dia... É, por isso que eu digo, na minha época era já melhor, o passado, a convivência, melhor, nesse ponto. Agora era uma pobreza, viu? Não era como hoje, que nem hoje... A gente tinha naquela época... A mãe da gente ia pra feira comprar... umas cumбуquinha assim, de barro... uns pratinho de barro... É, aqueles pratinho de barro. Pra gente tomar café, pra gente comer, em panela de barro... Quando as mãe da gente, quando ia descansar, abria uma lata de gás, fazia duas bandas pra dar banho nos menino... Não tinha como hoje, bacia de plástico, aquelas banheira, isso não existia. A pobreza era horrível. Por isso que eu digo, né? E aquilo, panela de barro, botava um bocado de feijão verde, muito coentro, muita cebola, aquilo era um cheiro... Aquilo não tinha micróbio não! Aquele barro não tinha não! Hoje em dia você pega uma panela é tudo bonitinha acolá¹²... Você bota,

⁹. Imita o barulho do instrumento, com a entrada e saída de ar.

¹⁰. Faz uma mímica das danças atuais, em tom de brincadeira.

¹¹. Trecho inaudível, no qual ela murmura alguma coisa e fica rindo da cena que imaginou.

¹². Aponta para a bateria de panelas de alumínio, brilhando à nossa frente.

quando liga vem o fogo... Ou então onde você botar passe um bombрил pra ver se não tem aquela borra? Aí as doenças!!! Hoje em dia, se vê uma pessoa cozinhando em barro... “Venha cá ver... Fulano tá é pobre! Nem uma panela não tem, é de barro...” Mas não sabe que pra... pra... Quer dizer, assim, pra saúde da gente seria melhor! Isso aí¹³ é bem feito, é uma coisa só pra dizer, e tal... Essa aí tem micróbio, você pode passar o bombрил pra ver se não tá aquela borra?...

Ana Claudia – Essas panelas... de alumínio...

Maria – É! Alumínio! Não é? Barro não era assim, Ana Claudia! Você... tirava algum feijão, você comia um feijão verde em panela de barro, dava um... que era uma coisa boa... Pegava um pedaço de carne deste tamanho... em carvão... Pousa na grelha e assa... Era uma beleza! Hoje você pega um pedaço de carne deste tamanho¹⁴, dana óleo, cheira... É aquele cheiro bom, mas não era como um pedaço de carne assado na grelha, no carvão... Eu ainda tenho fogão de carvão... Eu tenho fogão de carvão¹⁵... Ainda quando as... Quando as meninas¹⁶ chega aqui pra fazer festa ou fazer um churrasco, é ali, eu tenho um fogão de carvão. Lá fora tenho um fogão de carvão. Tem uma carne cheirosa, tão boa...

Ana Claudia – Mas só cozinha quando tem festa?

Maria – É, só cozinha quando tem festa. O carvão tá mais caro do que o bujão de gás! Mas é só quando tem uma festa, quando tem festa lá fora... Fora de casa, bota um carvão... É um cheiro, da grelha... É... é bacana... [pausa]... Não é como... não é como... De jeito nenhum, é. O passadio era melhor! Era mais saúde... Não tinha negócio como hoje, não tinha, a mãe pegava... Criava muita galinha, quando ia descansar¹⁷, pegava os frango, matava, tirava uma banda, botava no fogo, e a outra

¹³. Aponta novamente para as panelas de alumínio.

¹⁴. Mostra gestualmente a diferença de tamanho da carne, maior no passado em comparação com o presente.

¹⁵. Repete baixinho.

¹⁶. As filhas.

¹⁷. Dar à luz.

banda, pegava uns espeto, umas ponteira e enfiava assim...¹⁸ Enfiava, como que fosse couro de boi... Espichava... e botava assim, na parede! Naquela época era parede de palha! Não era barro não! Parede de palha! Dois, três dias, assim, ó¹⁹... A galinha dependurada uns dois, três dias não ficava... não ficava estragado! Não! E nem se botava sal nem nada! E hoje em dia vá fazer isso hoje pra ver se presta? Só de remédio que, além da comida, quando as galinha vão comer aquelas comida já vêm com aqueles remédio dentro, próprio! Num instante cria um pinto, quando é com quinze dia, oito dia, já tá um pinto desse tamanho, mas veja! Ajudado dos remédio! Tudo hoje é assim! Hoje até as planta... Até as planta, assim... Como a macaxeira, a batata, quando vai plantar na terra, já num instante aumenta, é mode já o remédio que já vem... no estrumo... Pega um bocado de estrumo no quintal, bota no coentro... O coentro tão bonito que tava, mas deixa que é mode o remédio que o gado come... Aquela, né? Aquele farelo, aquela... Que ele come, aí pronto, já vem aquele produto já no estrumo... Aí esquenta o coentro, esquenta a cebola, dá um fungo... É essas coisa! Não é como antigamente que não tinha! Meu marido vinha do roçado lá, muito longe, o roçado... Plantava macaxeira, plantava inhame... plantava... Era a coisa mais linda do mundo! Criava à vontade! Criava à vontade, não tinha remédio, não tinha nada, mas hoje... Tudo hoje é à custa do remédio, na base do remédio. Por isso que eu ainda conto hoje, porque... Porque naquela época era outra coisa. Eu ia com uma barriga muito grande pro paul, entrava... Aí ia lá fora com um cesto... Você conhece o que é cesto?... Conhece não, né? Pois o cesto é assim um bicho grande assim²⁰. Eu não sei qual era maior, se era a minha barriga ou se era o cesto... Aí chegava lá, amarrava um pano aqui na cintura, fazia como um modelo

¹⁸. Faz um gesto mostrando como o frango era esticado e pregado na parede.

¹⁹. Mostra com um gesto a forma como a galinha ficava esticada.

²⁰. Mostra com os braços em arco o diâmetro do cesto.

duma calça, mode *chamichuga*²¹... Um bicho preto que, olhe! Quando eu entrava no paul, pescava um pedaço, quando eu saía, eu, olhe! Preto, preto, preto, preto, preto, aqui... pra cá²²! Preto das chamichuguinha. As bichinha desse tamanhinho, no couro... Eu pescava, quando eu saía, eu subia assim pra beira do Paul, aí um... olha! Olha! Os bolo!²³ Caía, aquele... eu fazia assim, o sangue *acompanhaaavaaa*... Mordendo... Agora se fizesse assim, abria uma ferida... Mas elas caíndo à vontade não abria²⁴... Mas que era bom que o povo dizia, o povo mais... O povo dizia que era bom porque chupava o sangue mau, o sangue mau... Diz o povo! Diz: “é bom, que o sangue mau as chamichuga chupa”...

Ana Claudia – E tem hoje na lagoa?

Maria – Ainda tem, mas muito pouco! Não tem como antigamente, não! Mas ainda tem. É umas bichinha grande assim²⁵... Aí elas... vai... e vem... Fica aquela bolinha. E quando vai andar, dá aquela passadinha e estira... E quando encolhe fica aquele bolinho... É! Tão importante as chamichuga!... [pausa]... Tudo hoje, as coisa era melhor... A convivência assim, a gente vê que era bom... Vê que era bom assim, mas ninguém tinha essas conversa... Não tinha entendimento de nada, era uma coisa bruta, era muito bruto, porque pouca gente não tinha, né?... Conversa com ninguém, ninguém compreendia aquelas coisas... Aí hoje em dia entende mais das coisa que passa na televisão, essas coisa, aí vê, né não? [pausa]... Da convivência eu achava melhor antigamente... Sosseeeegoooo... Tudo era melhor, agora hoje

²¹. Sanguessuga, animal que vive no leito do paul.

²². Mostra a extensão dos braços, onde os bichos grudavam na pele.

²³. Repete o gesto.

²⁴. Dona Maria explica a diferença, imitando o gesto de tirar as sanguessugas, entre tirá-las da pele arrancando-as com as unhas e apenas passar a mão pela pele, delicadamente, fazendo com que os animais escorreguem sem abrir feridas no corpo.

²⁵. Compara o tamanho do animal com a extensão do seu dedo indicador, logo depois descrevendo o movimento que este faz para se locomover, esticando e encolhendo.

a gente vê certas coisa... A gente tem as coisa melhor que não tinha... é... isso... [pausa]

Ana Claudia – A senhora pescava nessa lagoa?

Maria – Não, eu pescava na levada.

Ana Claudia – Levada?

Maria – Do rio, assim... Eu não ia pra lagoa. Na lagoa só é covo e rede. Eu ia e entrava no paul, você não viu o paul? Pois é! Eu ia por aqui e entrava, ia dentro da levada e pegava... Vai até *Niiiiísia*... Aquela água por dentro dos paul, vai... Termina aqui na lagoa.

Ana Claudia – O que a senhora pescava?

Maria – É, era cará, era traíra, era muçum, conhece muçum?

Ana Claudia – Conheço.

Maria – Pois é, muçum... E um peixe chamado sarapó desse tamanho, que é um peixe mole, com as barbatana muito bom, era... Tudo esses peixe... Pegava piaba... Era só essas coisa que pegava... Tudo aí na levada... Hoje em dia não tem mais. Muito pouco. Esses negócio da malária matou esses peixe tudinho...

Ana Claudia – O que foi que matou?

Maria – Negócio desse... dessa... A malária botava remédio pra matar micróbio, matar os mosquito... É... Tem muito pouco agora. Parece que ainda tem um, apanha aí, unzinho, ainda pesca... Mas não é como antigamente. Botava aqui num dia [?], a malária nos paul pra não dar mosquito, quando começou logo... Aí matou a maior parte, não tem mais peixe como antigamente... Era piaba, cada uma deste tamanho, tão bonitinha... Não existe mais... peixe... Acabou-se. Com esse negócio de malária, pra matar os mosquito, mode *quistossoma*²⁶, mode a dengue... Acabou com a maioria dos peixe.

Ana Claudia – Isso foi quando?

Maria – Isso já faz mais ou menos assim... Eu tinha bem um... bem uns trinta ano, quando foi no tempo que eu ainda tinha

²⁶. Esquistossomose.

filho... Que eu ainda ia pescar com a barriga grande... Com menino e com a barriga grande, não sei se era o cesto que era maior, ou era a minha barriga... Aquela *laaaamaaa*, aquela lama, minha filha, empurrando... o cesto levando... É um bicho assim, é um bicho assim, de cipó²⁷... Aí a gente, eu botava assim, aí ia eu e minha colega, minha colega iam embora pescar. Botava assim na lama, aí quando levantava o cesto fazia assim, aí o peixe dava dentro do cesto. O peixe estava dentro do cesto, fazia assim... Pronto! Era só pegar, botar na vasilha, e aí botava o cesto de novo... Até *looonge*...

Ana Claudia – E essa pesca era pra quê? Pra vocês...

Maria – Pra comer!!! Não vendia, não. Era só mesmo pra comer. Nós ia pescar pra comer, ninguém vendia não. Aí o pessoal ia pra comer só de tarde, que só saía os peixe de tarde, ia lá pra lagoa... Esperar as rede pra quando saía, ia com... Piaba, manjuba, tainha, camurim, aí o povo só jantava mais de tarde. Todo mundo, não era só eu não, era todo mundo... “Vamos pro Porto! Vamos pra... Ah, comer, não, vamos fazer só um lanche, só vai comer de tarde, quando a rede sair!” Ah, era todo mundo, isso aí, era todo mundo. Lá algumas pessoa que... não ia... Mas era a comunidade toda que ia, só deixava pra comer de tarde... o peixe...

Ana Claudia – O que era pescado na lagoa?

Maria – O que pescava? Pegava tainha, pegava manjuba, pegava camurim... na lagoa, daqui, né? Pegava camarão... Pegava essas coisa tudinho... Traíra... tudo pescava, tudo pegava, toda a qualidade de peixe pegava.

Ana Claudia – E o que era que se vendia, eles vendiam, os pescadores?

Maria – Vendia. Os pescadores vendia. Os pescadores saía, vendia a nós o quilo. Ainda tem balança lá embaixo no Porto. Vendia muito. Era o quilo, o que a gente queria comprar, “quero meio quilo”, ou dizia “eu quero um quilo”... Era, naquela época... não era real, era réis. “Eu quero um real de peixe, eu

²⁷. Volta a descrever o cesto.

quero...” Não era um real hoje não... Era mil réis, era... Era réis... não era o real... Um real ninguém nem chamava mais... Era réis de peixe... Um real de peixe... “Eu quero tanto de peixe...” Não era... como hoje tudo é real, né? Não era, antigamente não era real. Era réis. Eu alcancei vintém. Um vintém, dois vintém, três vintém, quatro vintém, cinco vintém... Seis vintém, meu pai dizia: “menina pegue... um cruzado”, cruzado, era um bichão assim... Um dia desse tinha um no quintal. Um bichão assim, sabe? “Leve um cruzado pra comprar farinha...” Era... no litro. Um litro era quatro pedacinho de pau assim e fazia aquele litrozinho²⁸. Chegava na bodega e “eu quero um litro de farinha...” Não era quilo. Um litro. Media aquela cuinha, aí a gente comprava. Um cruzado, dois cruzado. Era cruzado antigamente. Não era... Hoje, agora depois dos réis passou pra... real. Agora somos real. Mas era assim... E era difícil. Era mais, era mais difícil, era assim, mas era... Todo mundo tinha um real, dois tões²⁹... Dois tões. “Menina, pega... pega esses dois tões, vá ali comprar esses dois tões de açúcar...” Um bolo assim de açúcar... Dois tões. Era açúcar preto, muito bom, açúcar muito bom... “Vá comprar dois tões de açúcar, três tões de açúcar...” Três tões, era... Uma pataca e um vintém... Três tões... era uma pataca e um vintém... E às vezes não tinha! Às vezes era aquele... Todo mundo não tinha pra comprar... Às vezes dizia: “vá dizer a fulano de tal que mande dois vintém, quatro vintém de farinha, depois eu mando.” Repare só, viu?... Não tinha ainda pra comprar. Hoje em dia, não. Como eu sou aposentada, minha filha é aposentada, todo mundo é aposentado, se eu mandar lá na bodega buscar o que eu quiser, vem até mais do que eu não quero. Se eu não fosse aposentada, vinha? Vinha já!!! É, só mesmo porque sabe que eu sou aposentada, que eu pago! É. Às vezes se eu mandar buscar agora um quilo de açúcar, que graças a Deus não preciso, meu guarda-louça tá cheio de

²⁸. Gestualmente, mostra com as mãos a forma do litro.

²⁹. Redução de “tostões”.

tudo... Que eu e minha filha faz uma feirona, nós duas... Que ela recebe e eu recebo também, aí ela faz uma feira só. Naquela época, quando...³⁰ Chegou meu neto! Oh... Bom dia! Tem boca não? Ele tá no colégio, tá bem adiantadinho... Se eu mandar: “Menino! Vá ali em qualquer boteco, diga a el..., a fulano de tal que mande... um quilo de açúcar.” Aí ele diz assim: “Vó, ela mandou dois!” “Menino, eu não queria isso não!” “Ah, ela disse que depois a senhora paga!” Por quê? Porque sabe onde eu vou buscar todo mês. Se eu não fosse, não tivesse, não mandava não, mandava? Mandava nada!!! Por isso que eu digo, naquela época era assim. Por isso que eu digo, naquela época era melhor, era melhor por uma parte... Nós ia... que a gente... era mais tranquilo, mais... Não era tão bom assim. No passado a vida da gente não era tão bom assim... [pausa]

Ana Claudia – O que é melhor hoje... Do que antigamente?

Maria – O que é melhor hoje, que você acha?

Ana Claudia – O que a senhora acha que melhorou?

Maria – Melhorou? Melhorou porque... Tem mais diversão pra gente brincar. Já tem umas coisas pra gente ver que não via. Umas coisa... Antigamente não existia essas coisa assim, como a gente diz... “Vamos num forró... Tem hoje...” Tem um, um bocado de cantor que vem... Tem uma parte... Vem, vem uma banda hoje, de tal... Aí aquilo tudo é animação. Aquilo não tinha antigamente. Quando era de noite, a gente se sentava na porta pra matar só mosquito. Quem fumava botava o cachimbo de fumo e ia matar mosquito, e hoje não tem. Hoje tem uma missa... Tem lá, tem... tem um bocado de gente indo nas casa pra terço, chega minhas colega: “Maria, vamos pro terço hoje?” “Vamos, eu vou...” Tudo é mais adiantado... Antigamente não era. Era um bocado só de velha ali cochilando, não ouvia nada, não conhecia de nada... Era bonito, era a lua muito clara, não tinha luz, era uma lua muito clara... Fosse esperar pra olhar de madrugada pra gente ir

³⁰. Nesse instante entra na sala um dos netos, vindo da escola.

buscar água pra beber... Pois ia, cada uma ia, umas com umas lata, outras ia... Trazia galão... Uma lata na frente e outra atrás com um pau, e corria duas horas... Dez horas botando, com água a descer... pra beber. Hoje não precisa disso. Houve descanso... é... pra melhor... Antes era na levada, como antigamente... [pausa] Hoje em dia tá tudo fácil... Tudo é, é... é outra educação, que nós não tinha. Antigamente não tinha essa educação de hoje, né? Não tinha... Não tinha educação. Hoje tem mais educação, tem mais história melhor, boas conversa, que não tinha... O que eu acho melhor hoje é nessa parte. Hoje só tá, só tá ruim mais a violência, que é violência demais... A gente antigamente ia pra uma festa, ia sem medo... Hoje vai, mas vai assustada. Vai e já acha que ninguém vai voltar mais, por mode violência, e esses de beber, e só querem ser os tal... Mas antigamente não tinha isso. Nós ia numa pressa... Mas ia normal, tudo direitinho, e vinha, podia vir uma hora que vinha um bocado de moça, um bocado de rapaz, hoje em dia, tem gente matando até criança. De sair pra chegar dez, onze hora da noite se tem medo... Hoje tem, já tem banda de fora, antigamente não tinha aqui. Já vem de fora...

Ana Claudia – Mas antigamente como é que as pessoas se divertiam, se não tinha isso?

Maria – *Hummm...* não tinha divertimento... Se não fosse um joguinho ali... Tinha jogo... Tinha, antigamente tinha... Só tinha mais festa assim em ano em ano, que tinha *Maruuujooo...* É, Marujo de ano em ano, tinha Marujo... Tinha Pastora, as mocinha fazia as Pastora... essas coisas...

Ana Claudia – Quando é que era isso?

Maria – Era... Mais uns dez anos mais ou menos... Pra trás... Dez anos atrás. Aí depois já foi mudando mais as coisas, foi melhorando... Não tinha, nunca... Quando era antigamente, não tinha esse negócio de dizer assim: “tem a semana do folclore...”. Nunca tinha ouvido falar... E agora tem isso. Não existia esse negócio de folclore, essas coisas... Quem sabia? Ah, depois dos estudos maior aqui foi que inventaram, que

não tinha... Não tinha esse negócio de folclore, de semana disso aqui. Não tinha, não existia... [pausa]

Ana Claudia – Como é que eram essas festas, de antigamente? Tinha Marujo, tinha...

Maria – Marujo era na... era na festa de todos os santos, como teve agora essa semana, e terminou já, a festa de todos os santos... Tinha... Na festa de todos os santos, que terminou agora. E tinha, era nessa época, de ano em ano.

Ana Claudia – Mas era daqui o pessoal?

Maria – É! Era daqui! Já morreram a maior parte! Os mestres marujos já morreram. Olha!!!³¹ Venha cá, senta aqui também!

Ana Claudia – Oi! Como é que a senhora se chama?

Maria – Lúcia! Também é pra dizer alguma coisa, que não é só eu que tenho ideia de dizer, não! Como você criou seus filhos, como eu criei os meu, ela faz pesquisa... Por que é que eu digo a esse povo tudo da minha época? Só querem que eu diga! Pois você também pode contar, como antigamente era sua mocidade... Essas coisas que ela quer saber...

Ana Claudia – Eu tô perguntando pra ela como é que eram as festas de antigamente, que ela falou que tinha uns marujos... eu nunca vi!

Maria – É, nunca viu... De ano em ano, não era, Lúcia?

Lúcia – Era...

Maria – Aqui no Porto... Agora no mês passado fez uma no... Era a festa de todos os santos. É de ano em ano. É lindo! Se você visse os marujos! Aqui veio de fora, se apresentou aqui, mas quatro coisinha, só... Só pra dizer... Não chega nem o rastro!...

Ana Claudia – Quem se apresentou?

Maria – Luís Carlos trouxe lá de... Não sei da onde, Luís Carlos trouxe³² ...

³¹. Entram na sala duas mulheres. Uma delas, dona Lúcia, é cunhada da vizinha de dona Maria; a outra é a sua sobrinha. As duas passaram para cumprimentar a dona da casa e, convidadas pela mesma, sentam-se e acompanham nossa conversa. Dona Lúcia chega a dar seu depoimento quando questionada por dona Maria.

Lúcia – Ela é de Natal?

Maria – É! Ela faz pesquisa. Da universidade. Ela quer contar como é, se eu achava o tempo melhor... Eu disse a ela que por uma parte era melhor, antigamente era melhor. Porque não era como hoje... Hoje, hoje em dia a vida é mais fácil, você vê as coisas melhor, naquela época nós era muito pobre.

Lúcia – Mas... essa época agora tá melhor do que pra trás. Porque... Melhor, quer que eu diga por quê? Porque de primeiro ninguém tinha uma coisa dessa³³.

Maria – Então, foi como eu disse a ela!!!

Lúcia – Que nada, dentro de casa ninguém podia comprar que a pobreza era grande...

Maria – É... mas antes eu disse a ela que eu achava melhor antigamente era a convivência, o passadio, o que eu quero dizer é que a gente vivia mais tranquila, compreendeu? Você compreende como é. Nós vivia mais tranquila. Hoje eu e você... e ela... Nós não podemos mais ir pra missa de sete horas da noite... *Ééé!!!* Eu digo não é só a convivência, mas nossa vida, nós vivia mais tranquila, como eu disse a ela.

Lúcia – Atrás era...

Maria – Não é não, filha? Eu abria essa porta, com ferro de carvão eu engomava as roupa pros outros...

Lúcia – E eu dormia intê de porta aberta...

Maria – *Eee*, é! E cansei de Nelson, que já morreu: “Maria, já é de manhã... Mulher, suas porta aberta!” Eu, com a cabeça assim, olha... A ruma de trouxa engomada, o ferro a carvão...

Lúcia – Agora, do jeito que tá a violência...

Maria – Nós passa é o dia todinho mode essas besteira³⁴ que nós tem aí com medo, de trancar a porta. Fica aí, pra ficar

³². Luís Carlos é professor de uma escola em Nisia Floresta. Já foi secretário de cultura do município e é uma das pessoas, na cidade, responsáveis pelas organizações dos grupos culturais.

³³. Aponta para os aparelhos de televisão e rádio localizados à nossa frente.

³⁴. Refere-se aos equipamentos eletrônicos existentes na sala: televisão e rádio-gravador.

tranquila é tudo trancado... Porque se vir uma pessoa chegando...

Lúcia – E em Papeba³⁵, na semana passada, em Papeba chegou um, alguém pedindo esmola, e não foram roubar de noite? Aí agora, o povo agora... quando é na boca da noite tá tudo fechado...

Maria – É isso, Ana Claudia, porque é isso o que acontece. E aqui nós passa o dia, Ana Claudia, porque se passar um maldoso aí, vê essas coisinhas da gente, quando é de noite vem direitinho...

Lúcia – Ah, só é melhor por uma parte...

Maria – Ah, pois é isso que eu tô dizendo a ela.

Lúcia – Mode a violência é ruim, agora... Pois é, é melhor que pra trás...

Maria – Como eu disse a ela, como eu disse à menina. É melhor... Como eu vi, eu nunca na minha casa eu vi isso aí³⁶... Eu não tinha, era caco de barro, panela de barro... Como eu disse a ela. Não é não? Eu conto como foi...

Lúcia – Pra trás, uma pessoa quando estava gestante, que descansava, que chegava da maternidade, lavava o menino dentro de uma cuia, um alguidar de barro...

Maria – Dentro... Abria a lata de gás...

Lúcia – ... E fazia duas bandas, batia as beiras pra não cortar o menino. Agora não, agora é banheira... Quem não tiver uma banheira não é gente...

Maria – Quando eu nasci, minha m..., meu pai... Quando alguém te disser que lavou-se em água de cuia, é disso, é banho que tomou... [risos]... não é? Aí você já sabe: “Dona Maria me disse que os menino quando era novo tomava banho em água de cuia...”, que o povo dizendo: “esse menino tá é tão triste que eu acho que ele se lavou em água de cuia...” É nisso, Ana Claudia, é nessas coisas...

³⁵. Nome da comunidade localizada às margens da lagoa de Papeba.

³⁶. Aponta para as panelas de alumínio.

Lúcia – Agora, só tá ruim é pela uma parte porque é mode a carestia... Que é caro demais... Como é que pode, um bujão de gás... Meu Jesus!

Maria – ... É... E antigamente era mata, menina... Eu pegava um machado, ia acolá pro mangue e trazia lenha... Era lenha aí à vontade, queimava era lenha... Aí³⁷, era tanta lenha...

Lúcia – E eu ainda queimo...

Maria – Ainda queima lenha...

Lúcia – Pronto, eu vim pra cá, mas meu marido foi pra mata... Eu queimo lenha, eu não vou mentir, que o bujão hoje em dia é...

Maria – Agora mais lá... mas se [?] vindo pra cá, não tem mais tanta lenha assim...

Lúcia – Em Currais tem casa que é dezoito dia um bujão de gás... Aí a pessoa não tendo lenha, quem é que vai resistir?

Maria – Não, se eu tivesse aqui uma casinha, fizesse uma casinha ali como aquele lavrador, eu tinha de onde cozinhar...

Lúcia – Eu tenho uma casinha que eu mandei fazer...

Maria – Aí, bom, torrava café, no caco, tão bom, Claudia... No caco de barro... É bom demais...

Lúcia – Quando a gente quer comer ao menos um negocinho assado na brasa, é bom...

Maria – É como eu disse a ela, pisa no pilão, só o café, é uma beleza. Não é, Lúcia?

Lúcia – É...

Maria – É um café de saúde, não tem mistura, não é essas porcaria que a gente compra, não... Tem tanta mistura no café que vem... O povo diz que botam borra, botam... feijão branco... Por certo é pra fazer o café maior, e nós antes tomava era café puro, no pilão ali...

Lúcia – Agora onde eu vou tem um café bom, é um café misturado com milho. O povo torra logo o milho e depois mistura com o café...

Maria – É bom... é bom pro sangue... É muito bom, é sadio...

Ana Claudia – É gostoso?

³⁷. Aponta para o mangue, no quintal da sua casa.

Maria – *Ééééé!!!* É gostoso!... O café é bom... Hoje em dia tudo é... tudo é diferente...

Lúcia – E ela veio de ônibus, foi?

Maria – Hoje ela veio de ônibus... Aí ela vai mais eu pro clube, de lá ela vai embora.

Lúcia – *Ahhh*, ela já é acostumada a vir aqui...

Maria – *Jáááá!!!* Faz tempo, ela sempre vem aqui... [pausa]... Sim, aí como eu ia dizendo a você... Meu pai ia pro mangue, ali, pro mangue... Meu pai ia pro mangue... Quando eu nasci, ia pro mangue, tirava um bocado de vara, quando ia acabar, pegava e fazia uns taleirozinho de vara... Às vezes a pessoa olhava uma coisa tão velha, um espeto de cama... Aquilo era uma *beleeeza*, ficava tão contente, achava que era muita bonita a cama... Enfiava um pau lá, e aqui outra vara³⁸... Haja botar vara... Papai ia, fazia umas esteira, ele fazia umas esteira de tábua, já ouviu falar?

Ana Claudia – Não, não...

Maria – Eu vi no Rio... Vi tanto no Rio lá, quando eu fui no Rio³⁹... Lúcia, lá no Rio eu vi tanta coisa de tábua, numa exposição, mulher! [?]⁴⁰ Aí botavam aquelas esteiras... Aí pronto. As mãe da gente ia descansar, ia descansar naquela cama. Na cama de vara. Antigamente era cama de vara. Às vezes quem tinha um espelho velho, aí botava um espelho velho aqui, aquilo era uma beleza! Quando se chegava no quarto, parecia... [risos] Uma... uma cama boa, como eu tenho minha cama agora, é uma coisa linda! Dei porque quem me deu essa foi a minha filha. O que foi meu, eu saí dando tudo, aquelas coisa velha. Dei tudo, tudo. Zé de Neco levou... Dois guarda-roupa... Dei minha cama a Maria José... Dei meu guarda-roupa... Zé de Neco levou dois guarda-roupa... Levou uma cama pequena, tudo dei... O que era meu não cabia aqui?! Minha filha veio pra cá, aí as coisa dela era melhor que

³⁸. Mostra como eram armados os lastres das camas, com madeira do mangue.

³⁹. Rio de Janeiro, para onde dona Maria viajou no ano de 2000, depois da morte do marido.

⁴⁰. Trecho incompreensível, no qual dona Lúcia fala algo em relação às tábuas.

as minha, aí ficou, agora o meu, olha... Antigamente isso tudo, quase que eu chorava... Peguei quatro rede velha, tirei os punho, só rasgava no meio, lavei a rede velha botei pra... pra quê? Pra minha filha fazer pano de chão. Antigamente, aquela rede, eu me sentava aqui, minha mãe e eu, e até eu... “vamos botar um remendo!”... e remendava...

Lúcia – Remendava... Quando não era isso tirava os punho, comprava um pano, fazia uma rede.

Maria – Era... fazia uma rede...

Lúcia – ... De saco... Eu cansei de fazer rede de saco.

Maria – Hoje eu digo: “é isso mesmo...” Hoje em dia... Antigamente... Eu tinha um menino, aqui, aí eu armava aquela redinha, assim, aquela tipoiazinha, ali junto da minha cama... Quando acordava era o menino no chão... aí... “meu Deus, cadê o menino?” Era um horror de molambo no chão... [risos] Não fazia arte porque... saía pelos cantos da rede... Eu remendava de tarde, aí lascava o... Hoje, pega uma rede boa, joga é no mato. Tira os punhos da rede pra fazer cordão pra estender roupa... É... Por isso que aquela época... Hoje é melhor, viu? Mode essas coisa...

Lúcia – Cansei de comprar punho pra fazer rede pra meus meninos.

Maria – Saco de açúcar, pra fazer lençol. Fale com a moça!!!⁴¹

Ana Claudia – Oi!

João Maria – [rindo] Ela veio aqui e não falou comigo...

Ana Claudia – Você não tava aqui! [risos]

Maria – Aí, viu? Minha mãe comprava saco, era tão *alviiinho* aquele lençol. Ia pro rio... Um pedaço de sabão deste tamanho, preto... Passando naquela roupa... Ah pois, Ana Claudia, é isso. A vida assim é boa nesse ponto. O passado, a convivência tá melhor, nós tamo conhecendo mais as coisa que nós não via, né? Não via... Hoje eu só acho ruim é pela violência, que não tem mais ninguém... E a carestia, que tá de

⁴¹. Nesse momento entra na sala um dos netos de dona Maria. Ele chega brincando, reclamando que na minha última vinda não tinha me encontrado.

matar gente... Mas eu tenho fé que quando Lula melhorar, é outro... Lula não vai melhorar, será que Lula melhora?...

Lúcia – Se ele não piorar, ele tem que melhorar... Mas ele não pode melhorar, cê sabe por quê? Porque ele já acha tudo...

Maria – Já tão botando a culpa, que pra ele encontrar é tudo...

Lúcia – ... Como é que ele pode... ser bom? Ele não pode ser bom porque ele já acha tudo desgraçado...

Maria – Ééé!!! É mesmo Lúcia! Aí tá descompondo ele, né? “Taí o homem bom?” Mas ele não queria, e já tá tudo assinado! O que é que ele pode fazer?

Lúcia – Ele pode ser bom, ou não, como quiser, que eu não votei com ele! Eu nunca votei com presidente. Nunca. Eu vou fazer sessenta e três ano, nunca votei com presidente.

Maria – Eu só gosto de votar pra prefeito porque eu gosto de usar farda⁴², essas brincadeira, eu brinco é muito...

Lúcia – Nem pra prefeito, eu voto em branco como eu votei nessa eleição aí. Eu votei em branco. E vou votar se Deus quiser. Homem nenhum de Nísia Floresta eu vou votar mais não, sabe por quê? Por que eu não vejo um prefeito de Nísia Floresta que preste...

Maria – Não tem próxima, não, Lúcia... E tu queria o quê?

Lúcia – [?] Já ouvi falar que não vão dar nada esse ano, já ouvi falar...

João Maria – Vamos lá em baixo, Claudia⁴³?

Maria – Vão, vão lá enquanto o sol tá frio...

[fim]

⁴². Recebe a camisa da propaganda dos candidatos, em épocas de eleição.

⁴³. Na visita anterior, eu tinha pedido a ele para ir comigo à beira da lagoa.

Transcrição 2 – Dona Josefa e seu Amaro

Sabendo que os “coveiros” (que despescam camarão) entram cedo na lagoa para colocar os covos às margens da levada, dormi na casa da dona Maria para poder estar cedo na lagoa e tentar conversar com um deles. Acontece que logo ao amanhecer a chuva atrapalhou um pouco a minha ida ao local, mas como pescador trabalha com ou sem chuva, decidi estar lá assim mesmo.

A entrevista a seguir foi gravada, portanto, ao ar-livre, na lateral da colônia de pesca. Além da chuva esparsa, o barulho de carros de som, caminhões e veículos que transitavam no local, prejudicaram um pouco o andamento da entrevista, ocasionando várias pausas e interrupções nas falas dos participantes. Às margens das levadas que desembocam na lagoa, ao final da rua do Porto, fica localizada esta colônia de pescadores, e foi lá que parei e fiquei observando o movimento de gente. Depois, conversando com uma funcionária do local, descobri que neste dia estava havendo ali um cadastramento dos pescadores da região para a confecção de carteiras de associados. Segundo depoimento desta funcionária, com o pagamento de uma taxa anual o contribuinte adquire o direito de se aposentar como pescador, sem maiores burocracias. Além disso, os pescadores cadastrados têm direito de receber os benefícios da previdência social e salário-desemprego no período de defeso.

Encontrei dona **Josefa** sentada na entrada da colônia, que fica a poucos metros de sua casa. Estava observando o movimento dos pescadores e à espera do neto que estava na lagoa. Ela já me conhecia das minhas visitas à casa de dona Maria e ao baile de idosos às quartas-feiras. Dona Josefa tem 72 anos, é viúva, mãe e avó de pescadores. Contou-me, durante nossa conversa, que vende tapioca na comunidade para complementar a renda da aposentadoria.

Quando conversávamos, um pescador chamado **Amaro** voltava da pesca e, sendo chamado por dona Josefa, parou para falar conosco. Como ele se mostrava um pouco apressado, não me estendi na conversa, prometendo voltar mais vezes para saber outras coisas a respeito da lagoa. Só depois deste encontro, voltando à casa da dona Maria, descobri que ele era o “dono” do Boi-de-Reis que se apresenta nas festas da cidade. Seu Amaro tem 60 anos e é pescador.

Alguns assuntos abordados durante a conversa, através de depoimentos sobre a pesca referem-se à importância da lagoa na vida das comunidades; os tipos de pesca atualmente existentes e sua influência no meio-ambiente; além de questões políticas e administrativas relativas à pesca. Esta entrevista foi registrada em áudio, focalizando principalmente os interlocutores, local, os materiais e produtos da pesca.



Ana Claudia – o nome da senhora é Josefa...

Josefa – É.

Ana Claudia – E a senhora tem quantos anos?

Josefa – Eu tenho setenta e dois.

Ana Claudia – E é aposentada.

Josefa – Não...

Ana Claudia – Ah, você recebe a aposentadoria do seu marido...

Josefa – É. [pausa]

Ana Claudia – Quantos filhos a senhora tem, pescadores, aqui?

Josefa – Tenho só dois...

Ana Claudia – Que pescam... Mas a senhora já pescou aqui?

Josefa – Eu já pesquei muito mais ele! A pescadora dele era eu!

Ana Claudia – Ah, era! E como é que era isso?

Josefa – Era numa rede comum. Os pescador pesca...

Ana Claudia – Na lagoa aqui?

Josefa – Na lagoa.

Ana Claudia – É mesmo?

Josefa – Agora depois que ele morreu não pude mais pescar, que não tenho mais quem ir, tô velha... Mas quando ele era vivo eu era pescadora dele.

Ana Claudia – Tinha muita mulher que pescava nesse tempo?

Josefa – Só eu. Na lagoa mesmo, com a canoa, só eu. Na canoa... com uma vara... Aqui todo mundo sabe da minha vida como era. Trabalhei muito nesse *tapió*... Em *tapió* é trabalhoso, mas outra pescaria, de noite, de dia, nós ia todo dia pra lagoa... [trecho inaudível]...

Ana Claudia – O que é esse “*tapió*” ?

Josefa – *Tapió* é um terreno... É terra fria como essa aí...¹ O povo bota pra criar gado...

Ana Claudia – Dona Maria disse que antigamente essa lagoa vinha até aqui...²

Josefa – Era.

Ana Claudia – Como é que era isso?

Josefa – Porque não tinha a... A boca do rio da draga era... Não era cavado o rio, um rio grande. Aí depois mandaram cavar... Tiraram muita terra, foi aterrando... E fecharam a boca da barra na praia, que era por onde entrava água pra lagoa, e peixe... Aí fecharam... Quando é tempo de político, aí eles dizem que vão abrir a boca da barra, pra iludir os besta... Mas não abre mais nunca...

Ana Claudia – Como é que era a lagoa antes e depois? Antes de fecharem essa...

Josefa – A lagoa era boa, dava muito comer, muito peixe, muito camarão, tudo de criação vinha da lagoa...³ Esse aí é meu neto, ele vem da pesca...

Ana Claudia – E hoje, pesca de camarão, com esses viveiros...

Josefa – É, acabou a lagoa.

¹. Aponta para a terra às margens da lagoa.

². Refiro-me ao local onde estamos, em frente à colônia dos pescadores. Logo a nossa frente encontram-se as ruínas de uma antiga peixaria onde, em regime de cooperativa, eram pesados e comercializados os pescados da lagoa, tempos atrás.

³. Cumprimenta um rapaz que vai saindo da lagoa.

Ana Claudia – Acabou a lagoa...

Josefa – Acabou a lagoa, a lagoa é só uma coisinha, o mato ao redor, e mangue, não tem mais lagoa, não. Os viveiro acabou tudo...

Ana Claudia – Os pescadores que viviam antigamente, como seu marido e como a senhora, pescando, hoje o que eles fazem?

Josefa – É, uns não fazem porque Deus levou, mas os outros vivem, coitados, sofrendo, porque não têm mais do que viver... Quem ainda tem um terreninho, vai trabalhar, e quem não tem... Agora não dão mais terreno, não dão mais tapió pro povo plantar, é só pra criar gado... Aí tá ruim... Pobre sofre, minha filha. Nesse tempo como deu essas chuvas, aí tava todo pescador, todo povo vivendo animado, mas agora não se anima, porque não tem, não dá comer na lagoa. Dá pouco. As água os viveiro chupou tudo...

Ana Claudia – É muito triste, né?

Josefa – É...

Ana Claudia – Falaram que essa lagoa era tão bonita antigamente...

Josefa – É, era muito bonita, muito peixe, muito camarão, cada camarão que fazia gosto, cada curimã, dentão, peixão grande. Agora quando vão é aquela coisinha, aquele *corongozinho* desse tamanhinho...

Ana Claudia – Tinha muito pescador na sua época?

Josefa – Tinha, cada uma casa dessa era da família de um pescador. É, era muito pescador, mas acabou-se tudo, não tem dinheiro...

Ana Claudia – E eles ainda moram aqui, esses pescadores?

Josefa – Não, a maior parte morreu...

Ana Claudia – Morreu... E os filhos foram fazendo outras coisas...

Josefa – É, uns ganharam o mundo, outros... procuraram outro destino, não iam morrer de fome aqui... Eles saem, arranjam um emprego, aí ajuda a família em casa...

Ana Claudia – Mas tem uns que apesar de ainda estarem trabalhando num emprego ainda pescam, né?

Josefa – Gosta de pescar, é. Esse aí que passou aí e eu falei com ele, ele é empregado, mas ontem ele foi pescar. Quando não tem o que fazer... eu tenho vinte e três redes e três canoa, quer dizer que a canoa é minha... Eu aluguei a ele pra pescar. Aí quando ele está desocupado, ele vem. Sábado e domingo, de quinze em quinze dias ele tem folga. Aí ele vai pescar...

Ana Claudia – Pesca pra família mesmo.

Josefa – É.

Ana Claudia – Não pode mais vender?

Josefa – Não pode porque não dá pra vender, dá muito mal pra comer... E é só peixe miúdo, coisa...⁴ Bom dia! [pausa] Tá ruim a época agora, tá ruim demais. Não tem mais meio de vida, não tem mais nada. Aqui trabalhava as mulher, trabalhava os homem, quando tinha a lagoa era na lagoa, tinha muito... algodão... O povo plantava nos terreno, aí era serviço pras mulher. Quando tava abrindo o algodão, aí começava a trabalhar, e ganhava dinheiro. Agora não tem em quê trabalhar... [pausa] Desde que perdi minha aposentadoria⁵ eu vivo é no fogo, fazendo umas tapioca seca pra vender. Já ontem eu fiz, quando acabar, saí de porta em porta vendendo.

Ana Claudia – Vende aqui mesmo no Porto?

Josefa – É. Vou até Tororomba, Nísia.

Ana Claudia – A senhora que vende...

Josefa – É. Eu que faço e eu que vendo.

Ana Claudia – É uma vida dura, não é dona Josefa, porque trabalhar a vida toda e depois ainda passar necessidade...

Josefa – É, minha filha! É uma vida dura! Ainda tenho uma vida dessa, aí numa beira de fogo... doente...Vivo com uma dor nesse braço, que não aguento. Todo tempo ali em casa, lutando com a vida. Tem dia que eu vou vender tão cansada, só vou porque preciso. Se a gente ganha duzentos reais, vem a água, vem a luz, vem o bujão, e vem a feira, aí pronto. O

⁴. Passa um conhecido, cumprimentando-nos.

⁵. Com a morte do marido, ela perdeu sua aposentadoria correspondente a um salário mínimo para receber, como viúva, a pensão deixada por ele.

que sobra do bujão, da água e da luz só dá pra uma feirinha. Aí não dá pra comer um mês. Aí vou vender as tapioca, aí compro sabão, compro o pão... Aí me ajuda nisso.

Ana Claudia – Mas me diga uma coisa: antigamente, quando vocês pescavam viviam da pesca, o dinheiro dava mais...

Josefa – O dinheiro dava, porque tinha mistura pra dentro de casa, e a gente vendia peixe. Pegava uma canoa com a proa cheia de cacetão, de curimatã, de tudo, aí ia vender. Aí quando não era assim, os comprador vinha comprar. Aí fazia mais um tostãozinho e aquele rendia. A vida aqui não era mole não...

Ana Claudia – Faz quanto tempo que começaram a chegar essas pessoas pra fazerem viveiros de camarão?

Josefa – Tá com bem uns cinco anos.

Ana Claudia – Cinco anos?

Josefa – Eu quem digo, mas às vezes eu acho que é mais... Pra aqui tá bem uns cinco anos, agora no Oitizeiro, pra acolá... Oitizeiro, deve ser uns dez anos, aproximado...

Ana Claudia – Tudo ao redor da lagoa, aqui... E onde é que tem mais pesca? Onde é que ainda tem pesca hoje, dessas, assim, das que vocês faziam?

Josefa – Tem em [?] ainda. Pega uns caranguejinho desse tamanhinho, pega naqueles covos que meu menino arrumou um pra te mostrar.⁶ É, naqueles covos que eles pega...

Ana Claudia – Mas eles vão passar da lagoa pra lá?

Josefa – Vão, vão passar pra cá.

Ana Claudia – Eles estão lá, já. Vão voltar...⁷

Josefa – Tá, já vão voltar, se não já voltaram, faz pouco tempo que eu tô aqui. [pausa]

Ana Claudia – Tem pescador, ainda, em que lugar aqui?

⁶. Em uma das minhas primeiras visitas, a neta da dona Maria me levou à lagoa pra conhecer o local. Antes, passamos pela casa de um pescador que me mostrou o covo, instrumento de pesca do camarão. Esse pescador era o filho da dona Josefa.

⁷. Refiro-me aos pescadores que vêm chegando da colônia.

Josefa – Tem em Oitizeiro, Morrinho, um lugar que vai aqui por Tororomba... Tem a pesca d'acolá, dos viveiro, né...⁸ Vai fazer a carteira também?⁹

Ana Claudia – Essa carteira que fazem, é pra receber...

Josefa – É pra quando chegar o tempo de se aposentar, não dar mais trabalho. Mas tem que pagar um negócio a eles, de ano em ano. [pausa] Não é essas coisas toda não, mas dá pra ajudar. [pausa]

Ana Claudia – Explica pra mim, dona Josefa, como era a pesca que vocês faziam?

Josefa – A pesca? Na rede! Com rede. Rede como daqui lá em casa. Rede de dois dedos, miudinha, ou mais graúda, conforme for o peixe que a pessoa for atrás. Aí a gente era na canoa, e soltando a rede na lagoa, né... O marido botando a canoa e eu catando a rede. Até aonde der pra ir, ficava lá um pau amarrado na rede [?]. Aí a gente batia, tangia o peixe pra ele ir pra rede.

Ana Claudia – Ah, e depois puxava a rede.

Josefa – Aí depois botava dentro da canoa, um do lado outro de outro...

Ana Claudia – Essa é a pesca na canoa.

Josefa – É.

Ana Claudia – Mas tem outros meios de pesca?

Josefa – Só o outro tipo que tem é esses covos, os covos que bota a mandioca no covos, e bota numa vala, faz uma carreira, pra lá uma carreira, acolá outra carreira, assim. Agora não tem muita gente mais, não, acabou-se os pescador tudo. Ninguém quer viver mais de lagoa, não. Porque não tem meio de vida na lagoa. Cada qual procura um empregozinho... [pausa]

Ana Claudia – O povo contava muita história dessas lagoas?

Josefa – Lembro, contava...

Ana Claudia – A senhora sabe alguma?

⁸. Passa uma senhora por nós, com quem ela fala.

⁹. Pergunta a uma mulher que vem passando por ela, em direção à colônia. Ela responde que não, que ia pegar outra informação.

Josefa – O povo mais velho contava muita...¹⁰ Lá vem ele!

Ana Claudia – Esse é pescador.

Josefa – É. [pausa]

Ana Claudia – Eu tô procurando pessoas que saibam me contar essas histórias de pescador, das pescas das lagoas...

Josefa – Vai muito vexado, Amaro?¹¹ Vai muito vexado?

Amaro – Não.

Josefa – Então venha contar o começo da lagoa aqui a essa moça. Ela quer saber como era a lagoa, como é que se pesca, como é os pescador...

Amaro – A lagoa, eu vou te dizer uma coisa, a lagoa agora não tá mais lagoa. A lagoa...

Josefa – Agora acabou-se.

Amaro – Pegava daqui, daí, junto da estrada, aí ia pros Currais, tudo era uma lagoa. Aqui a gente chama légua, era duas léguas de lagoa. Daqui pra chegar lá no final do boqueirão. Duas léguas. Hoje tá dividido, eu quero que dê... uma e meia... Uma légua e meia... certo? E a pescaria, aqui pra nós antigamente a gente no correr do ano tirava trezentos mil quilos de camarão. Agora no correr do ano talvez tire na safra, que vai agora pro inverno, se for um inverno bom, volte a ser que tire trezentos quilos. Mas a gente tirava trezentos mil quilos de camarão no correr do ano.

Ana Claudia – Daquela pesca com covó?

Amaro – Com covó e a rede que a gente chama, aqui... Lá fora é três vara, como é?... Arrastão. E aqui era rede de arrasto. E tinha muita canoa, tinha muito proprietário, mas o peixe aqui, taí uma que é mais velha que eu, tem idade de ser minha mãe, o peixe aqui dava demais. E uma época que diziam que era de setembro, quem alevantara rede... Três meses, não era? Alevantara três meses no tempo da

¹⁰. Nesse instante vem chegando um pescador da lagoa, carregando um balaio. Ela comenta com um senhor que está ao nosso lado, ao que parece, esperando por este pescador que acaba de chegar.

¹¹. Seu Amaro é o pescador que chegou. Dona Josefa o chama para contar as histórias sobre a lagoa, e é com ele que passo a conversar a partir de então.

produção. Tinha, nesse tempo, o prefeito também olhava pra aqui e acolá. E quando ia botar a rede, que ia tocar a rede dentro d'água, ia todo mundo, era liberado. Aí era peixe demais. Aí foi enterrado muito peixe, muita ruma de peixe, né Josefa? Foi enterrada muita ruma de peixe. Por dia não faltava, não. Era peixe direto, e vinha muita gente, de Natal, de Monte Alegre, de todo canto dessa região vinha pra cá, pra comprar. Nessa rua aqui tinha mais de doze comércio, hoje se é três é muito. Porque saía daí¹² o dinheiro, a gente pegava o dinheiro daí. Meu pai e o pai dessa¹³, junto com muitos, com gosto ia pescar. Quando vinha da pescaria, a canoa era grande, chamava combatelão.

Josefa – E eu pescava de canoa e rede...

Amaro – Vinha cheia. É! Essa aí pescava mais o marido dela, que era amigo meu.

Josefa – Eu pescava mais meu marido, passava o dia todinho, e noite...

Amaro – Pescava... Quando era tempo da curimatã, essas casa aqui era... Não tinha, era difícil uma casa de telha... Era palha. Parecia que cobria a casa de curimatã escalada. Pra vender pra Nova Cruz, pra Ceará-Mirim, pra esse meio de mundo. O cento, como era Josefa, que ainda me lembro... Era... trinta... seis peixes escalados por trinta mi réis, né?

Josefa – Era.

Amaro – Mas eu digo uma coisa... Voltar o que era, não, mas a gente tem batalhado muito, já temos ido em distrito... Já fomos... Eu já fui em quase trezentas reunião [trecho inaudível]. O presidente atualmente, ainda é o presidente, agora é que... porque chegou o tempo de assinar uma ata, aí ele se esqueceu, aí o presidente dos pescador, o presidente que manda nas cinquenta e tantas colônias de pescador... Aí botou Gaspar por um mês. Aí Gaspar não assinou. Quando fez um mês, que Gaspar chegou lá, ele disse: “não, aqui tem noventa dias, mas

¹². Aponta para a lagoa.

¹³. Pai de dona Josefa.

eu não assinei!” Aí foram, a promotora disse: “se o senhor der um mês, é um mês...” Então, aí ficou nessa questão. Aí quando deu fé esse... esse homem, que é o presidente mesmo, aí colocou outro homem. E colocou, mas ainda tá dando certo. Tá vindo. Colocou esse homem, convocando que vai ter, vai ter agora, uma eleição, porque com mais de sessenta anos não pode fazer carteira aí. Pode não. Mais de cinquenta anos não tá podendo fazer. Por que vai pagar o quê, de INSS? Não pode. E aí tá fazendo de mulher, de homem, de todo mundo, ninguém pesca, não conhece nem a lagoa. Só conhece eu, que desde pequeno que criei minha família e ainda tô vivendo dela. Aí eu conheço. Se a pessoa perguntar tim-tim por tim-tim, eu digo. Eu fui em pastoral do Recife, reunião. Fomos aqui em Natal, onde eu já fui umas duas vezes. Ponta Negra... E tem vindo gente de todo canto, e a gente lá vai, fazendo reunião pra conseguir fechar ao menos o rio, a boca do rio. Ainda que não pudesse fechar toda, mas fazer um tarugo, porque a lagoa, ela vai encher. A maré vem, e quando ela quiser voltar ela vai e bate lá, aí fica a lagoa... Aí a produção cresce, mas assim o rio, ele é muito curto... Faça de conta... faça de conta que é aqui.¹⁴ O rio, faça de conta que fica aqui mais ou menos, pra baixo, assim, né? Então, no que a maré vem, alaga tudo, entra arraia de sessenta quilos, como tem pegado... Mas quando seca, que a maré puxa, fica a lama. Porque o rio, o rio é mais fundo do que a lagoa, está sendo mais fundo do que a lagoa, não sei quantos metros de fundura, parece que é sete metros e meio aqui no meio da draga. Então nunca a gente tem lagoa. Então no que ela seca, em tudo que ela seca, o mangue cai a semente na lama. Acolá, vai prosperando, aí nasce e vai fazendo croa. É por isso que acontece o que está acontecendo. Aí os proprietário, com os olhos desse tamanho na lagoa, porque a lagoa é muita terra, aí vai cercando e eles vão avançando. Os pescador vai ficando sem nada, sem nada. Então, aqui o nosso presidente, que eu falei, o Gaspar, trouxe uma câmara de gelo,

¹⁴. Tenta me explicar, desenhando no chão o percurso do rio até a lagoa.

deve estar funcionando. Então ele tem que botar ela pra funcionar. Agora no dia vinte e três de... Tá afastado, no dia vinte e três vai ter eleição. Pra todo mundo. Agora o povo, os pescador só não faz é dizer que ele é o presidente. Ele vai ganhar, porque não é possível, mas... Esse presidente mandando os outro presidente, fez uma reunião aqui, deu quarenta pessoas. Gaspar fez no mesmo dia, intê ele foi pra lá, deu mais de quatrocentas pessoas. Tô te dizendo! Aí tão fazendo. Agora, porque quando ele tirou esse negócio, ele botou eu pra trabalhar com a filha dele. Porque quando completasse um mês ele voltava pro serviço dele, aí colocaram esse daí. Agora dizem que só vai votar quem tiver em dia. Mas com Gaspar não é assim, não, porque eu assisti em Touros, reunião, e aqui, no rio Doce, em Pititinga, tudo a gente vinha pras reunião... Lá o pescador só... paga, ele paga, ele tendo dinheiro, ele paga, mas se ele não tiver só vai pagar quando sair o seguro desemprego. Lá, que se pega lagosta, quanto mais a gente aqui, que pega camarão. Não é todo tempo que a gente tem, todo dia que a gente tem quatro real pra pagar o sindicato. E com Gaspar o pescador passa três mês, dois mês, quatro mês sem pagar. Mas ele não vai dizer “é pra pagar”, não... Quando atrasa ele bota no... Mas ele... E outra coisa: a carteira tem que passar pelo INSS e tem que passar lá na Marinha, né? Na mão do capitão dos portos, porque a minha é assim. Toda ela tem que registrar. No meu tempo ainda foram fazer teste dentro do mar, lá na Barra de Tabatinga. Dentro da boca da Barra. Mas aqui não tão fazendo, não tão fazendo mais... Agora a gente vamos apelar pro dia vinte e três, do mês que entra, vai ter reunião. Então tá certo. Ah, pois é assim. Quer dizer que amanhã não importa, amanhã possa ser que volte, não é a lagoa ficar do jeito que era a lagoa não... Fazendo uma meia barragem, dentro do rio, como no tempo da promotora que tava aqui, a gente, ela... disse: “tenha fé em Deus que nós vamos fazer, vamos ganhar. Eu vou dar cinco mil saco.” E os pescadores juntava e dava os outro. Pra encher de areia e botar, um em cima do outro, empilhar tudo direitinho, pra aguentar o

tarugo. Aí nós tinha água, porque a água vinha, quando ela quisesse voltar, nós botava o tarugo. Aí ela ficava normal, tá compreendendo? Ah, pois a situação da gente é essa.

Ana Claudia – Mas esse trabalho de colocar a barragem pra aumentar a lagoa, isso é bom pra vocês, mas e esses empresários que têm os viveiros aí, o que eles falam?

Amaro – Bem, esses empresários tão fazendo uma coisa muito errada. Tá acabando com o que é da gente. Porque tão acabando com o que é da gente. Porque aqueles viveiro é mesmo como seja uma goda, mesmo como seja uma goda da usina, que sai e vai batendo dentro da água e vai contaminando a água. É a mesma coisa. Depois desses viveiro, os viveiro tudo recebe água da lagoa, e despeja dentro da lagoa. Mata o caranguejo-uçá. Quando ela vai passando, mata o camarão, mata tudo. Quando ele faz, que prepara aquele estrumo por acolá, ainda acaba com tudo. Então pra comprovar, que o caranguejo nosso tinha demais aqui, acabou, morreu. Morreu muito mangue. E tem uns aí que inté carbureto já ouvi dizer que botava. O lbama era em cima, em cima. Aqui, quando tinha o chefe que era o seu João mesmo, vivia em cima aqui com os soldados do lbama pra aqui, pra acolá. O caranguejo-goiamum, o caranguejo só pegava ele grande... O menor ninguém pegava... Era tudo assim. Passarinho, ninguém matava, porque se passasse com uma espingarda pra ir caçar, o soldado ia, tomava gaiola, tudo isso. Mas ninguém sabe. Eu ouvi que tava com setecentas multas nessa região. Aí veio um camarada que ninguém sabe. Veio três. De noite entraram no campo, tiro a seco, mataram ele. De tiro. Ele era macho demais, mas não pôde... não pôde agir. Agora os outros, eles agem, mas sabem que o que pode acontecer acolá.¹⁵

Ana Claudia – É uma pena, né?

Amaro – Esse aqui é o camarão-pitu.¹⁶

Ana Claudia – Nossa! Posso tirar uma foto?

¹⁵. Passa um carro de som, dificultado a fala do pescador. Ele faz uma pausa.

¹⁶. Abre o balaio, mostrando o que pescou nessa manhã.

Amaro – E esse daqui é o camarão verdadeiro. Esse camarão fica todo grande, fica tudo grande.

Ana Claudia – Ponha aí na sua mão... Esse é o pitu... E esse cinza é o verdadeiro.

Amaro – Verdadeiro.

Ana Claudia – Esse é o caranguejo-siri. O que tem aqui é azul.

Amaro – Conhece o muçum, esse é o muçum, tem aqui também. É o muçum, olhe.

Ana Claudia – Estão vivos.

Amaro – Estão. Esse bicho é muito bom demais, esse tal de muçum...

Ana Claudia – Me disseram que é gostoso.

Amaro – É, Ave Maria! Preparado é gostoso...

Ana Claudia – Esses caranguejos são diferentes daquele que tem no mangue, né?

Amaro – É, aquele é caranguejo-uçá. Esse é o siri. É um bicho bom, é porque não... É difícil vir por aqui, mas você, no tempo que viesse, marcasse, ia ver como é gostoso.

Ana Claudia – Eu sempre fico ali na casa da dona Maria.

Amaro – É, né?

Ana Claudia – É.

Amaro – Ah, pois é isso, comadre...

Ana Claudia – Seu Amaro, quantos anos o senhor tem de lagoa, aqui?

Amaro – Mais ou menos... de lagoa... De lagoa mesmo eu tô com uns cinquenta e cinco anos. Agora essa semana... No dia três desse mês eu completei sessenta. Foi, já tá no tempo de eu me aposentar, que eu já paguei muito dinheiro pro INSS.

Ana Claudia – Depois eu venho aqui pra conversar com o senhor, pro senhor me contar umas histórias de pescador, tá, seu Amaro?

Amaro – Tá legal.

Ana Claudia – Obrigada.

Amaro – De nada!

[fim]

Transcrição 3 – Seu Amaro e seu Santo

Depois da conversa com seu Amaro, na colônia de pescadores, voltei à casa da dona Maria e foi ela quem me disse que seria ele o “dono” do Boi-de-Reis da comunidade. Como já tinha prometido voltar para reencontrá-lo, decidi neste dia ir até sua casa. O neto de dona Maria me acompanhou até a rua onde morava o pescador, em uma comunidade chamada Morrinhos, e dali em diante me disse que qualquer pessoa sabia quem era ele e onde morava. Assim fiz, batendo nas portas das casas, perguntando às pessoas, até chegar em uma vila de casas no alto de um morro. Eram casas de uma mesma família de pescadores, seu Amaro e seus irmãos.

Esta entrevista foi gravada com seu **Amaro** e seu **Santo**, um dos seus irmãos. Em uma das casas, encontrei estes dois pescadores confeccionando covos no quintal. Recebendo-me na sua sala, seu Amaro chamou o irmão, seu Santo – segundo ele, o responsável pelo Boi – para me falar da brincadeira na cidade. Os assuntos tratados referiram-se a origem, existência e condições de permanência do Boi-de-Reis na comunidade, outras manifestações populares, depoimentos sobre a pesca na lagoa, além de questões de ordem social e política, expressão da revolta e da denúncia diante do descaso das autoridades locais perante a situação da lagoa e dos trabalhadores que sobrevivem da pesca. Ao falarem do Boi, eles me indicaram um senhor que mora na cidade, segundo eles, o antigo “dono” do Boi. Explicaram-me que o Boi é “entregue” para alguém mais jovem que se encarrega de cuidar e passar pra frente, pra não deixar “cair” a brincadeira.

Depois os dois iniciaram uma espécie de diálogo de denúncia, apontando os problemas enfrentados pelos pescadores em relação à pesca artesanal, e algumas soluções que poderiam ser tomadas pelas autoridades locais, caso estas se interessassem pela realidade da pesca na lagoa.

Perguntei-lhes também sobre as histórias da lagoa, e seu Amaro começou a me contar algumas, mas no meio da conversa disse que não sabia direito e me indicou o nome de um pescador antigo (seu Aderaldo), com quem eu poderia conversar para saber mais dessas histórias.

No fim da nossa conversa pedi para fotografar os covos confeccionados, e fui procurar a casa do seu Aderaldo, na mesma comunidade.



Ana Claudia – Pois é, naquele dia a gente conversou sobre a lagoa, o senhor falou um monte de coisas da lagoa e depois a dona Maria falou que o senhor tinha um Boi-de-Reis, aí eu fiquei interessada em saber que história é essa, do Boi-de-Reis, como foi que começou, onde é que vocês se apresentam, como é que é o ensaio, essas coisas...

Amaro – Ah, esse Boi-de-Reis eu vou... vou passar esse negócio pra meu irmão que tá mais por dentro, né?... Eu posso chamar ele?

Ana Claudia – Pode!... Ele é pescador também?

Amaro – É...¹

Ana Claudia – Mas... Mas o senhor já...

Amaro – Já fui pra maré hoje. Já voltei. Tá dando agora, bastante, um peixinho que a gente chama moré. É um peixinho que tem. Um peixinho assim...² Meio... É um... Chama moré porque ele é pequeno, sabe? Porque nosso rio é assim mesmo, tá continuando assim... A lagoa tá continuando... A gente não tem muita água aqui porque quando chove, como choveu agora à vontade, num instante o rio puxa a água todinha da lagoa. Mas se não fosse isso, num ano como esse a gente ia ter uma safra muito boa, de camarão, de peixe... O rio é quem acaba com a nossa lagoa...

¹. Pede para o filho chamar pelo tio, que está no quintal da casa.

². Mostra com a mão o tamanho aproximado do peixe.

Ana Cláudia – Tem aquele problema do rio que tá mais fundo que a lagoa...³

Amaro – É, Santo, ela quer... O negócio do Boi-de-Reis, pra você falar aqui...

Ana Cláudia – Seu Santo, meu nome é Ana Cláudia, eu sou pesquisadora lá da Paraíba e eu estou trabalhando com os pescadores da lagoa aqui, do Porto, né? E eu conversei, há um mês atrás eu conversei com o seu Amaro e ele me falou da vida de vocês, da lagoa, de como é a pesca e das dificuldades que vocês estão tendo. Ele tava até comentando agora do rio, do rio que puxa a água da lagoa, e... E aí depois eu descobri... Dona Maria que é ali do Porto...

Santo – Maria magra, é? É a do “Pirão-bem-mole”!⁴

Ana Cláudia – É! A do “Pirão-bem-mole!” Ela disse que vocês tinham um Boi, Boi-de-Reis, e eu queria saber como é que é, como é que vocês se apresentam... Como foi que começou esse Boi-de-Reis?

Santo – Esse Boi-de-Reis, eu não sei dizer porque eu já peguei já de outro...

Ana Cláudia – De outro...

Santo – De outro, já. E esse outro tá bem velhinho, que é Joaquim, né Amaro?...

Ana Cláudia – Joaquim? Ele mora aqui também?

Santo – Mora em Nísia. Então... Daqui mais uns dia vou passar pra outro. Enquanto eu puder me mexer com as perna ainda, eu vou tocando, mas depois eu entrego já é pra outro, já. Que é pra não cair, viu? Ou pra um filho, ou pra um sobrinho... Tomar conta.

Amaro – Porque esse Boi, ele é da Fundação José Augusto. É a mesma coisa, eu acho, que é da... Da onde você faz essas pesquisa, essas coisa... Aí, Cláudia, aqui tem o Pastoril

³. Entra na sala seu Santo.

⁴. O “Pirão-bem-mole” é um drama conhecido na comunidade, cantado e encenado pela dona Maria.

muito bom e tem esse Boi-de-Reis, e... Em Campo de Santana tem um Bambelô, tudo dado pela Fundação José Augusto, e...

Santo – Então foi o tempo que... Mas eu acho que esse Boi-de-Reis começou com mode aquela história dos três reis do oriente... Belchior, Gaspar e Baltazar... E aí daí a senhora sabe que tem muito homem que tem curiosidade de *coisar*, e daí tiraram esse Boi-de-Reis. E vai passando pro povo mais velho, do velho vai passando pro mais novo, e agora tá na mão de...

Amaro – Porque tem três tipos de Boi, né? Tem o Boi-Calemba, tem o Boi-Bumbá, tem o outro Boi, como é o nome do outro?... Já se esqueci, já... Agora o Boi-de-Reis mesmo... É esse nome. No Natal tem muito também, que apresenta Boi-de-Reis também. Aí essa história ninguém sabe, vem de muitos anos, que tem essas histórias, né? Boi-de-Reis... Porque com ele eu aprendi um bocado de música dele...

Santo – Eu acho que ela quer...⁵

Amaro – A senhora quer que eu cante uma jornada? Tem a Maruja também...

Ana Claudia – A Maruja?

Amaro – É. Apresentou até em São José, no dia em que a gente também foi apresentar.

Santo – Aí a senhora quer que ele cante alguma cantiga do Boi-de-Reis?

Amaro – Não é pra cantar, ela quer só saber...

Ana Claudia – Eu queria saber como foi que vocês entraram, assim... É... Porque acho que antes da Fundação... Não sei... Já tinha, não tinha?

Amaro – Já tinha!

Ana Claudia – Fundação, ela hoje dá... Ela patrocina, né?

Santo – Muito antes disso, isso parece que é do tempo que, como que diz, “no tempo de doze”, que já tem essas coisa, né?

Ana Claudia – E como é que vocês conheceram o Boi? Como é que vocês começaram a dançar?

⁵. Sugere ao irmão que eu estou querendo que ele cante as músicas do Boi-de-Reis.

Santo – Comecemo... Porque eu já tinha assistido, já. Eu vi muita dessa brincadeira por aqui, né? Aí esse homem chegou, do dia pra noite inventou um Boi-de-Reis. Ele já tá um senhor já com... uns noventa anos... Oitenta e cinco, por aí agora... Aí: “vamos fazer o Boi...” “Vamos.” Aí me convidaram... Mas antes dele chegou uma pessoa mais ele, e se interessaram pra fazer essa brincadeira aí, não sabe? Dava as roupas, dava... Como de fato que deu de tudo. Calçado, deu de tudo. E fizemo. Aí fiquemo. Sei que ele ainda tirou um bocado de ano brincando mais a gente. Ele... E ficava também... O Mestre com a Marujada. E depois ele chegou e entregou. Tá comigo. Aí, como eu disse à senhora, daqui mais uns dias eu entrego já pra outro também. Pra não cair! Daí continua.

Amaro – Aí tem o Boi-de-Reis, daí saiu a cantiga... que ele... Como a gente já via o povo cantar, aí a gente entoou no juízo... Aí depois mandemo copiar as moda todinha, as cantiga que tem, que sai... E daí a gente... continuemo...

Santo – Tem muita daquelas figura que representa também, né? Tem uma tal duma velha, tem uma burrinha, tem o cavalo marinho, tem o Jaraguá, tem o... Jaraguá, tem o bode...

Amaro – Tem o Boi...

Santo – Tem o Boi e tem o Cão.

Ana Claudia – Tudo isso?

Santo – Tudo isso. Tudo é figura.

Amaro – Tem João, tem a Rosa...

Santo – E os dois mascarados...

Amaro – Mateus e Birico. É bonita a brincadeira!

Ana Claudia – Quando é que vocês apresentam? Assim... Quando tem festa? Chamam vocês?

Amaro – É... É que tá dum jeito que quando a gente ia brincar num lugar, aí saía o Birico, saía o Mestre, quando chegava lá... “Rapaz, vai pagar um dinheiro que a rapaziada tudo vai pular, pra não ganhar nada?” Aí quando foi como agora com uns dia... A gente disse: “isso é muito feio! Nós vamos brincar num lugar, quando chegar lá, vai apresentando a brincadeira naquele lugar e sair pedindo dinheiro ao povo?...” Essa

brincadeira não é pra isso. Essa é uma brincadeira pra gente já ir contratado. Aí eu sei que tá nisso. A gente só vai brincar sendo contratado. Vai e vem brincar por quanto? Aí fomos pra Monte Alegre, brincar. “Você vem por quanto?” Aí o Mestre diz: “homem, só dá pra gente ir por trezentos real. O menor preço é trezentos.” “Homem, eu dou duzentos, eu dou duzentos e cinquenta. E dou o carro, pra levar e trazer.” Aí a gente já tá indo. Porque é como eu já disse: a rapaziada que brinca, todo ele não vai pular com a boca da noite até dez hora, onze hora da noite, porque se for uma brincadeira direto vai até de onze pra doze hora, pra sair toda jornada, porque é muita jornada.

Santo – Já tem... Nesse canto de seu Joaquim, que eu falei pra senhora, já tem outro, que eu acho que a senhora conhece, Luiz Carlos.

Ana Claudia – Luiz Carlos, que é professor?

Santo – Sim senhora! É esse que tá...

Amaro – Esse é o cabeça, é o que quando arranja brincadeira pra gente brincar, que fala com a gente aqui, a gente vai-se embora... É muito importante essa brincadeira do Boi-de-Reis...

Ana Claudia – Quem é que brinca aqui, na comunidade?

Amaro – Nós brinca, esse menino brinca⁶, ele é meu filho. Brinca o neto, brinca eu, brinca um irmão meu que já é de idade, brinca mais outro menino meu...

Santo – Isso aí é da família, tudo.

Amaro – Aí todo mundo brinca...

Ana Claudia – São quantas pessoas?

Santo – A gente tá brincando com... É dezoito?

Amaro – É... Dezoito. Dezoito.

Santo – É dezoito pessoas.

Amaro – Mas a gente apresenta em todo canto, a gente tem apresentado assim... Em colégio...

Santo – Tem também um Boi-de-Reis lá no Timbó. A senhora conhece o Timbó?

⁶. Aponta para um rapaz que está na sala, acompanhando a conversa.

Ana Cláudia – Conheço.

Santo – Lá também tem. Lá e de... Piedade. Mas aquilo dali... Ali tem um Boi... Um Boi-Calemba, muito sem...

Amaro – Sem graça!

Santo – Agora a senhora assistindo, a senhora vendo essa brincadeira que a gente brinca... Só fala no nome de Deus...

Amaro – É... A já daí a poucos dias a gente *brinquemo*, foi quando ela foi... A gente já fomos pra São José... Maria disse, não foi?

Ana Cláudia – Foi...

Amaro – Aí brincou ela, e brincou a gente.

Ana Cláudia – E vocês fazem essa brincadeira aqui na rua também, pra ensaiar...

Amaro – A gente se apresenta assim, numa comunidade como Nísia, vez em quando, que tem umas noite, nove noite de novena, e a gente sempre tem o dia da gente brincar. Aqui na festa de todos os santos a gente também apresentemo... Pra... Pra alegrar a festa...

Santo – E sempre a gente damo um ensaio, sabe?

Ana Cláudia – Onde é esse ensaio?

Santo – O ensaio a gente dá aqui mesmo, em casa... Isso aqui tudo é uma família só.

Ana Cláudia – Essa vila aqui...

Santo – É, isso é tudo bem dizer de uma família só... Aí o que acontece, a gente dá um ensaio, mas não apresenta... Que a gente não veste a farda, não... sabe? Aí no dia de apresentar a gente veste. Então nesse momento aí, o menino tem até que ir lá na Fundação pra ver se a gente arruma uma roupa de novo. Que a roupa da gente... é do tempo de Edílson⁷... Edílson é protetor também. A senhora conhece ele?

Ana Cláudia – Acho que eu sei quem é. Já conversei com ele...

Santo – É de Campo de Santana, ele... Aí eu sei que a gente faz esse arranjo, e não deixemo cair. Então continua. Já tô com cinquenta e seis anos, aí... Mas não vai cair, não. Vou

⁷. Funcionário da Fundação José Augusto.

ensinar aos menino... Ter responsabilidade que é pro mode de... continuar...

Amaro – É muito importante essa brincadeira, muito bonita... O povo já chama a gente pra ir brincar... Aí se não sair dinheiro, a tropa fica tudo... “Não, não dá certo, não...” Tem que sair dinheiro, senão a rapaziada não vai... Só quer brincar, mas também precisa de dinheiro...

Santo – Principalmente essa brincadeira nossa, apresenta mais em negócio de colégio, ginásio... A gente tem ido até pra... Até aonde? Natal...

Amaro – Natal, Monte Alegre, São José... Barra de Tabatinga, Campo de Santana... Pipa...

Ana Claudia – Aonde chamam, aí vocês vão se apresentar...

Amaro – Vai. Onde chama, vai... Agora no carnaval veio um cara contratando... Não era nem contratar o povo, era pra sair... só o Boi!... Pra sair o Boi... Se a senhora visse o Boi, visse como é importante! Pra sair, brincar no carnaval... “Não, não pode *coisar*, não, que esse Boi a gente é... A gente toma conta, não é da gente”. Ninguém pode emprestar pra sair no carnaval. Agora vem gente pro mode... levar pra ginásio, já vem muito... eu digo: “homem, a gente toma conta, mas o senhor fale com Luiz Carlos...” Que se ele aceitar? Aí as meninas chega e vão pra lá. Repare aí, já tem apresentado no ginásio aí, pra mostrar ao pessoal, o Boi... Pois é isso, dona menina... No dia que a gente for brincar, aí eu mando avisar... Eu falo com dona Maria...

Ana Claudia – É, ela me avisa... A filha dela me avisa... E... Como é que tá a pesca da lagoa?

Amaro – A pesca? A pesca tá agora tá fraca, mas se o inverno for assim, tá prometendo. Se Deus quiser vai dar uma safra boa. Se Deus quiser. Agora o que tá acabando com a gente mesmo é o rio. O rio é quem puxa as águas tudo, da gente. A gente tem batalhado muito pra ver se alguém, assim... Pra fazer uma comporta, fazer um modo, assim...

Santo – Pra tapar ele.

Amaro – Tapar! Mas pra tapar, dizem que é federal o rio, não pode tapar, mas... Os homem que têm boa vontade tudo se arranja. Agora, porque você vê um cara de... Do estrangeiro, vem japonês, como tem muito aí... Quando chega, numa terra seca, bota uma draga, cava aquele canal... Mete o pau a criar camarão, aí... Japonês, e muito e muitos aí... Tanto faz...

Santo – Roubando a água da lagoa... A água, a maré é pequena, já vem pouca água, né? Aí é muito viveiro pra puxar aquela água todinha... A lagoa não pode criar comer... Quando a maré toca de repona, fica...

Amaro – No tempo que eles solta aquela goda, é mesmo como uma usina. Aonde vai passando aquela goda daquele viveiro, vai acabando com tudo...

Santo – As lavagem que eles dá.

Amaro – Tá matando peixe, camarão, caranguejo, tudo. Tá acabando com tudo. É uma coisa errada mesmo. A gente paga os direito da gente, lá no posto, vem pagando e... Tem tido reunião, mas... não tem jeito, não... Já temos mais de seiscentos homens cadastrado, na pesca...

Santo – Sabe o que a gente recebe muito? Só promessa! Quem vai atrás do pescador, promete. Quando dá fé, abafa de novo. E continua no castigo aqui. Outra também, aonde pertence os viveiro deles, eles, ninguém entre, não! Que se entrar... Morre. As área às vezes estremam com a lagoa, só tem direito dali pra trás. Mas pra lá não pode entrar. Às vezes vem um pobrezinho sem saber, é esbarrado. Se teimar, eles atiram, matam e pronto.

Amaro – Eu queria que eles, que os homem de poder, pescador-presidente, o Ibama ou o prefeito, tomasse, assim, a medida daquele território. Pronto: esse território aqui é seco, foi onde eles fizeram o viveiro, vamos respeitar. Mas também era pra eles respeitar o território que era do pescador, que é o manguezal com a nossa lagoa. Quer dizer que se ele... A gente queria que ele respeitasse como a gente respeita o dele. Porque ele não podia entrar pra cá. E como esses proprietário, no que a lagoa vai secando, eles vão avançando a cerca pra

dentro. Eles não era pra fazer isso. Era pra ficar no limite, como já falei. A Marinha ou o Ibama botar umas marcação pro modo eles não entrar. Porque do jeito que vai, a lagoa vai secando e os proprietário vai entrando, vai entrando, no fim, ele pode tomar conta de tudo e o pescador, nada. Não é? Como a gente paga os direito, era pra eles fazerem isso: “vai secando, aquela terra que tiver secando, mas vai sempre ser as estrema, aqui ninguém pode entrar, aqui vai ficar pro pescador.” Quer dizer que se secasse em comparação à lagoa toda, o pescador não tem direito a nada, só o proprietário. Porque tem a terra na frente da lagoa, quer dizer que for secando, eles vão avançando, avançando, e a gente não vai ficando com nada. Aí é como tá o erro, é mesmo como diz o ditado, “a roda grande entrando dentro da pequena.” Se tivesse uma solução? Ele diz que vai fazer e acontecer, mas até hoje ninguém viu nada. O que ainda sai melhor pra gente é porque a gente tá pagando os direito e sai o seguro, como agora já era pra ter saído, mas daqui a umas três semanas, se Deus quiser... A gente vamos ver se recebe o seguro, que a gente vem recebendo há uns dez anos ou mais, esse seguro... dos pescador. Mas como eu também já tô perto de me aposentar, esse ano, se Deus quiser eu vou receber agora, aí eu vou botar um papel pra me aposentar. Mas tem aí umas sessenta pessoas matriculadas, mas é assim... A gente fez muita reunião com o presidente, pra arrumar as coisas, mas até aqui ninguém num tá vendo nada...

Ana Claudia – Esse seguro é o seguro desemprego? Tipo o do defeso da lagosta?

Amaro – É, é esse mesmo...

Ana Claudia – Só que pra camarão também tem a mesma lei?

Amaro – É, pra gente é a mesma coisa. Porque ele cadastrou a gente como pegador de lagosta também. De fato, que tem muitos pescadores no meio da gente que pega lagosta, pescando também. E tem muitos que... não pesca.

Santo – Porque chega numa época a lagosta tá livre pra se pescar e o camarão não tá dando, os pescador tem que se

dirigir a procurar alguma coisa mais na praia, como a lagosta, né? Porque se for esperar o camarão...

Amaro – Aqui tem um, como o meu irmão. Ele pesca aqui, pega o camarão, mas quando não tá dando ele se descarta pro mar, porque já tem a embarcação, tem já como pescar... Muitos é assim. Aí na continuidade é que a nossa lagoa faz contato com mar, é pertinho, e ele vive disso com a gente. Já a mulher não... Era como pegadora de lagosta, mas agora ficou como pegadora de caranguejo. Ela vai ter o direito de receber o seguro, mas é menos do que a gente.

Santo – Porque muitas foi e fizeram agora a carteira, aí o posto dá um prazo... Três anos... O INSS tem lei que você com um ano... e alguns mês... Se quiser fazer o seguro... Mas não foi aprovado, não...

Amaro – Eu tô pensando de ir agora, por causa desse presidente que ganhou agora e arrochou. A gente tem que tirar todos os documentos. A gente tem muitos documentos, mas ele tá exigindo outros documentos ainda... Deve estar arrochando, como diz a história, mais os jovens. Se for, fosse hoje, que tiver um papel, um documento daquele errado, aí já perdeu o seguro. Então tamos nisso.

Santo – No dia que tiver desmantelado, eles têm que apertar, e mudam até o prazo. O menino que faz o seguro-desemprego lá no ministério: “você cuide de ajeitar esses documentos, porque depois que passar desse prazo, oh! Nada mais!”

Amaro – Lá não tem, onde a senhora mora não tem, não, né?

Ana Claudia – Eu moro perto da praia lá em Natal, só que lá tem o defeso da lagosta, né? Tem uma época do ano que não se pode pescar lagosta, mas os pecadores também têm que ter a mesma coisa, cadastro, um monte de coisa...

Santo – É, muita da coisa...

Amaro – É, o tempo da... da desova da lagosta... Não pode. É, eles vêm aqui, avisa, pro pessoal...

Santo – Que é seis meses, né? Seis meses, a lagosta, né? Que suspende, aí pronto. Cada um dos pescadores recebe quatro salário...

Ana Claudia – Eu não sei direito, eu sei que eles recebem...

Amaro – É, eles ficam recebendo...

Santo – É quatro...

Ana Claudia – Me diga uma coisa: a lagoa onde vocês pescam... Vocês pescam há muito tempo na lagoa, e hoje existe gente jovem, os filhos de vocês estão pescando? Existe alguém que vai dar continuidade a essa pesca?

Amaro – É isso aí, eu acho que vai é fazendo como eu tô dizendo. Eu já vou chegando no ponto de me aposentar, mas eu fico acolá. Quando chegar o tempo meu, que Deus não me der mais vida, e eu já tando velho, mas eu já tenho um filho meu, já tenho neto... E mesmo assim é o presidente... Já esse presidente que tá com a gente há oito anos já soltou pra esse outro, e esse outro já pegou. E assim vai, fazer como o outro, vai de filho fazendo... Enquanto tiver lagoa, eu acho que vai continuar assim mesmo...

Santo – Os filhos da gente têm que continuar pagando que é pro mode de fazer também, pra ter alguma coisa. Não é assim? Porque se não tiver, os filho da gente, que for pescar lá dentro sem carteira, aí é afastado e não tem direito a nada. Eles querem assim, agora.

Amaro – Eu acredito também porque o meu menino, os meu não, tem muito nosso que a gente ganha d'acolá de dentro pra botar eles... Eu sei que o governo ajuda, mas a gente tem que arrumar pra comprar roupa, pra comprar livro, pra comprar comida, tudo! Eu já completei sessenta anos, mas criei oito filhos só d'acolá de dentro. Graças a Deus, graças a Deus. Eles tudo sabe assinarem bem os nome. Inda tem um menino estudando, esse rapazinho... Tem mais uma moça e tem mais outro garoto que tá estudando, graças a Deus, mas... O escoro foi só eu mesmo. Mas foi dado pela lagoa. Agricultura, eu também trabalho na agricultura... Porque a gente não pode viver só dum negócio. Se for viver só da maré, quando vier uma cheia, que enche tudo, aí não dá pé. Tem que ter um calçozinho, uma agricultura, uma macaxeira, uma batata, jerimum, mode levar à frente. Porque eu, hoje, se eu for criar

meu menino pra viver d'acolá, aí é mais difícil. É mais difícil. Antigamente tinha muito peixe, inclusive... Tinha tudo, nós roçando, mas já hoje é diferente. Hoje eu fui acolá, peguei uma faixa duns dez ou doze quilos desse moré, que eu chamei, mas camarão saiu muito pouco. Saiu meio quilo de camarão. Pronto: meio quilo de camarão, vou dizer assim, que eu vou vender... A gente vende o quilo por quatro real. Eu entrego aqui ao negociante, e ele vende ao consumidor por seis. Aí eu vou dizer assim: meio quilo de camarão hoje saiu. Aí alguém precisa... De manhã meu menino tomar café, a meio dia almoço, e a ceia... Por dois real. Por dois real, porque meio quilo é dois real. Pro negociante. Aí eu vou sustentar minha família com dois real? Aí eu tiro por outro, eu... vivo assim, aí finda meus menino mais pra frente... Aí não vai dar pra eles viverem, eles têm que a gente calcar eles no estudo, botar eles pra eles verem se aprende alguma coisa pra arrumar um negócio melhor, não acha? Pra frente, pro futuro. É isso que a gente vem dizendo... Mas os homem promete e não cumpre. Eu não sei se vai... Se a gente vai melhorar, né?

Santo – Antes aqui nessa lagoa dava não sei quantas mil toneladas de camarão. Hoje em dia é uma negação maior do mundo. Teve um cadastramento acolá naquele tempo... Seiscentos mil quilos... Toneladas... Quando é agora... O camarão tá muito fraco. Aí vai... É tudo agora só viveiro... Tudo viveiro, só viveiro. Como eu já falei: água pr'aqueles viveiro tem que ir da lagoa. Que eles faz aquela vala pra cair lá dentro do viveiro. Daqui pras bandas de... mode acolá... Até no Arês⁸ tem viveiro, que é puxado da maré também... A água de lá pertence à mesma daqui. Tudo é assim.

Amaro – No Ceará, eu vi na televisão, este ano, as mulher de lá vive de marisco. Então elas começaram lá de baixo. Hoje em dia, elas têm o quê? Tem uma empresa delas, lá... Tudo cadastrado... Continua tirando marisco, lá e... E tão vivendo disso. Aquela... Ela faz aquela *quereação*, aqueles negócio,

⁸. Município próximo a Nísia Floresta.

aqueles tanque, aquelas coisa... Cria aquelas coisa, quando é no tempo... Tão vivendo, muitas mulheres mesmo. E mesmo assim dava, como no meu plano de vista... Essas terras nossas que tá aí sem... secando... A gente podia, uma pessoa como um presidente, de reunir os pescador, falar com os governo, não é uma governadora agora? Essas terras que fosse ficando seca, aproveitar. Fazia, juntava todos os pescador pra fazer uma... uma espécie de um convênio de... de viveiro... Pros pescador mesmo, né? Dada a ajuda pela governadora. Porque em tudo que ela fornecesse o dinheiro, os pescador dava pra fazer essa... Pegar... essa criação de camarão pro mode não deixar os estrangeiro vir lá de fora se apossar naquilo que era da gente. Pra acolá eu tenho certeza que ia dar uma renda muito grande pro governo, e ia dar uma renda também pros pescadores, não era? Porque temos muitos hectares de terra seca. Muita, muita mesmo. Que dava pra fazer esses viveiro. Mas só falta mesmo uma presença, um homem que apresente esse negócio. Porque se ele apresentasse, dava pra gente fazer isso. Se reunir na colônia de pescadores, os pescadores tudinho, e fazer aquela... Convidar todos eles e fazia... Pegava uma pessoa dessa do governo e fazia esse cadastramento... Alevantava aí um dinheiro... Nós trazia uma draga, falava com o Ibama, pra conseguir dentro do Ibama, e pagava ao governo. Ela dava o apoio ao pescador pra fazer aquele negócio daqueles viveiro... Porque aqueles viveiro dá produção ao governo, à nação, e dá o sustento pro pescador. Dá certo demais! Aí só falta um presidente alumiar esse negócio.

Santo – Mas com tudo isso, também dava muito certo... Porque dizem que o rio é federal... Mas dava certo assim... Porque dizem que tem uma pessoa assim, que vai se interessar pra abrir Camurupim⁹. Fechava lá o rio, e abria

⁹. Praia mais próxima da lagoa. Consta nos relatos dos pescadores que existia um canal natural que ligava a lagoa ao mar, desaguando entre as praias de Tabatinga e Camurupim.

Camurupim, num instante, ó!!! O aperreio todinho aqui de Nísia Floresta é a gente... Quem fosse a favor dessa lagoa, não se aperreava mais... Se abrisse Camurupim, que nem antigamente, quando o rio despejava pra dentro da lagoa. Enquanto não fizer isso, nada feito. Só pra sofrer...

Amaro – Porque choveu agora, poucos dias... A senhora não viu não, mas choveu que ficou as vargens tudo alagado e a lagoa com muita água. Naquele dia de chuva que deu agora. Aqui mesmo onde eu boto as embarcação, a água dava no pescoço da gente. Hoje em dia... Tá com três dias! Já tá seco, porque o rio lá é a boca da barra. Quando ele puxa mesmo, num estante puxa. Mas se aguentasse aquela água na nossa lagoa, enchia todo o manguezal... Quer dizer que acolá ia ser a criação do peixe, do camarão, de tudo. Aí a gente tava com a faca e o queijo. É! Mas se não tiver... Se não fechar aquele rio, nós não tem mais lagoa, não... Mas se fechar... Um dia a senhora vindo aqui, se Jesus... Era da gente... de eu estar vivo pra dizer: “olha aí, dona! Tá tudo aqui, tudo tá de barriga cheia. Tem peixe pra vender, tem tudo.” Aí mesmo a gente tava projetando na colônia de pescador, de todo pescado a colônia receber, um frigorífico muito bom, e daí o peixe sair. Compra do jeito que tá. Quem quisesse vender o camarão pra fora, aqui ia ser aberto. Quem trouxer trinta quilo de peixe aqui na Capitania, recebia aquele peixe. Sessenta quilo de camarão, trinta... Aí ia recebendo e ia pagando aquele dinheiro ao pescador pelo custo que tava correndo. Quer dizer que ela recebia pra botar o camarão pra fora. Vender pra fora. E a tilápia, tudo. Mas a lagoa não tem água, aí não vai ter produção de jeito nenhum. Se a água aguentar na lagoa tem. Tem muito peixe, porque isso é um viveiro rico, é uma lagoa que vem de muito tempo. É de Nossa Senhora do Ó. Uma lagoa rica, rica, rica, rica... Se abrir Camurupim nós temos uma lagoa rica a todo tempo, e todo mundo daqui tinha a barriga cheia. Tinha época de fazer uma festa de setembro aqui, que tinha um tempo que não era caro... Passava três mês, do mesmo jeito da lagosta, suspêndia as rede, não pescava ninguém dentro da lagoa. Aí

chamava “pesca de setembro”, chamava aqui... Aí vinha muita gente de todo canto... Corrida, carroça, era gente por todo canto. Aí fazia uma festa. Quando era no primeiro do mês, aí as redes caía n’água. Aí fazia uma ruma de peixe aí, como mandioca, não sei se a senhora conhece... Numa casa de palha, enchia de peixe... Era peixe demais... Nesse tempo, não tinha com que cobrir, era... o povo tudo pobre, mas... Dava um peixe que a gente chama curimatã, eles tinha as casa de palha, botava aquelas curimatã, as mulheres só escalando, dez, doze mulher escalando, e botando sal, e botando em riba da casa. Olha, era tanta curimatã, era tanto peixe! Tanto era peixe preto como peixe branco. Mas porque tinha água, tinha muita água.

Santo – O pescado da lagoa aqui é esse, porque ela dá dos dois peixe, da água doce e da água salgada. Até arraia dá aqui. Arraia, sim senhora!

Amaro – Aqui a gente tinha do peixe preto, aqui nosso, tinha traíra, a gente tinha o cará, dois; tambaqui, que no Recife chamam... Tinha quatro; dá o muçum... E dava... Tem o tal do peixe cafu, e tem esse moré... Tudo é peixe! Agora, vindo da água salgada tinha, da mesma coisa que sai aí, tinha alvaranga, tem a tainha, o cacetão, tinha camurim, tinha carapeba, carapicu, manjuba, e tinha agulhão, aquelas agulhãozinha, dava muita... Dava o arenque... E dava o xarelete... Dava um que a gente chama corongo branco, dava o lavrado... Duas espécies de corongo... Dava moréia de buraco... Dava o caranguejo-siri e dava o caranguejo-uçá, e o aratu de mangue... Tudo isso dava nessa lagoa nossa. Dava e dava muito... A senhora não brinque, não, que eu não sei se a senhora conhece Monte Alegre... Mas essa região aqui todinha, essa lagoa sustentava esse povo... Todinha! De São José, como Monte Alegre, Parnamirim¹⁰... Todo mundo vinha comprar... Olhe! No tempo que a gente tava dando muito, muito camarão, todo dia de manhã, que a gente saía daqui, saía dos covo, contava vinte carro ou trinta que vinha de Natal,

¹⁰. Municípios localizados nos arredores de Nísia Floresta.

de todo canto, comprar camarão. Comprava dez quilo, outro comprava doze, cada um camarão deste tamanho... De toda qualidade vinha, de todo canto vinha gente, e o camarão tanto dava do outro, como dava o verdadeiro... Dava o camarão-pitu, dava muito, muito mesmo! O povo já vinha morar! E quem vem morar aqui não tem vontade de sair, não! É um lugar muito calmo, graças a Deus! De um povo trabalhador, tudo pobre, mas tudo honesto... Pode chegar, dormir de porta aberta, porque não tem aperreio, não, graças a Deus! Ah, pois é isso que tá acontecendo com a lagoa de Nísia. Só tá faltando fechar o rio do Boqueirão e abrir Camurupim. Aí tá tudo... Porque fazendo isso, a água toma conta do, da terra que tá seca. Aí tudo que tá cheio... O proprietário aí, acabou-se a invasão, porque encheu, e eles não vão... Vão fazer o quê dentro d'água? Gado vai beber água? Não vai! Vão ficar no que eles tava, pra toda gente... Mas a gente vamos fazer como diz a história, somos magro, né? Se tivesse um gordo de chegar e falar com o presidente, dizer o que precisava... Mas um cabra como eu, vai chegar no pé do presidente pra falar? É muito difícil! Se ele chegasse, eu dizia: "senhor presidente, tá precisando disso, e disso...", dizia tudo direitinho... Aí a gente faz um abaixo-assinado, como já fizemos, setecentas, mil pessoas... Assinando: fulano de tal, sicrano... Aí... Pega aquele papel, bota num envelope... Quem vai levar? Fulano de tal leva. Leva pro presidente... A senhora acredita que aquele papel, aquele documento, ele não passa de Natal, ele não sai de Natal de jeito nenhum, ou do gabinete! Ele não vai, ele não vai andar, não. Por quê? Eu queria ver mandar um *homão* botar... "Bote na mão do presidente!" Fulano de tal vai botar na mão do presidente, aí tá certo! Mas eu entrego a esse camarada aqui, aí entrega a Fulano de tal leva, aí quando chega lá, bota logo dentro daquele birô, fica por acolá... Quando for com uns dia, bota no lixo... Nunca diz a ele que... Porque se sáisse e chegasse na mão do presidente, o presidente tinha como mandar um assessor dele pra ver como era que tava, e fazer um levantamento desse negócio. Mas

não vai? Fica engavetado por aí e não vai nunca! Queria que uma pessoa de bem levasse! Como aqui já tem feito assinatura... De setecentas, mil pessoas... Não é só uma não, já tem feito bem umas vinte! Mas não sai. Os homem... O prefeito era quem devia se interessar. O prefeito só se interessa com a riqueza da família, não tão nem aí. Quando tão pobre... como esse que entrou agora, ave Maria! Mas agora aí, tá rico!... Porque ele... Ele quando entrou na prefeitura, ele não tinha nada, era mesmo como a gente. Hoje em dia tem propriedade, tem carro, tem lancha, tem tudo! Tem tudo, fazenda, carro e tudo! Da onde foi aquilo? Será que o povo não vê aquilo? Aquele homem não tinha nada!

Santo – E ele morava numa casa de palha, e pescava junto com a gente. Pescava de anzol, um peixe que chamam carazinho, deste tamanho assim... Pra comer com batata! Cozinhar aquela batata pra comer. Mas hoje ele nem olha mais pra gente, nem olha... Só olha pra empresa... Quando a chuva vinha, a casa desse senhor tava pingando... Hoje em dia vive na boa, num...

Amaro – Era um homem pra dizer assim: “eu vou ajudar os meus amigos daqui, porque esse é um povo sofrido como eu era... Eu sofri também, eu vou ajudar eles... Que eu sei a dificuldade que tá dando...” Mas ele, se passar por a gente, ele ainda faz levantar a mão... “Oi! Tudo bom?” “Tudo bom!” Pronto. E... E onde está os vereador? Onde está o povo, que não vê isso? Não tá vendo que aquele homem não tinha nada? Cadê, como é que se diz? Cadê a pesquisa que o povo faz com um homem desse? Não dá! Um homem desse, todo mundo tá vendo que ele não tinha nada! Hoje em dia é filho em riba dum carro bom, um carro de ano! É irmã, é casa, é prédio... Soldado de polícia, tudo pode fazer um prédio daquele, como tá fazendo dos Bombeiros... Comprando propriedade em todo canto... É! O povo dos bestas que não faz uma pesquisa... Cadê a pesquisa que não vem pra riba dum homem desse? Era... Se ele fosse um homem de bem

mesmo, dizia: “Olhe! Vou ajudar aquele povo, vou fazer tudo pra fechar o rio, porque o povo quer é a lagoa cheia...”.

Santo – Com o sofrimento que ele vinha sofrendo, era pra ter feito isso! Quando entrou pra tomar conta, de ser prefeito, era pra ele ter olhado isso.

Amaro – Agora acontece que um homem desse, amanhã, depois, ele vai chegar o tempo dele, vai ficando mais perto, e ele não vai atrás, porque se ele for, ele não vai ganhar mais nem pra vereador... Faz como um outro homem que trabalhou aqui e fez isso... Trabalhava pra política e tudo. A gente tinha aqui uma brincadeira, que era um carnaval, chamava “charanga”. A gente chamava charanga. Pra banda do Rio a charanga é uma bodega, mas aqui é uma brincadeira. A gente fazia aquela brincadeira. A gente... “Vocês pegam os instrumentos de vocês e vamos brincar...” A gente tinha... os tambor, tinha tarol, tinha triângulo, tinha de tudo. Aí saiu o... “Pode brincar com a gente que quando a gente for fazer a política, de quando terminar, eu vou em Campina Grande, compro o mesmo material, que dá melhor pra vocês!” “Tá certo!”... Aí a gente saímos levando poeira na cara, todo dia, batendo e ele fazendo a política dele, e lá vai, aí o danado ganhou! Quando ele ganhou, eu nunca sei! Só acabou-se a brincadeira da gente porque a gente não podia mais comprar aquele material pra fazer a batucada da gente. E ele nunca veio! Não sei se ele não sabe onde era Campina Grande?¹¹ Eu sei que nunca veio dizer à gente: “tá aqui, menino, o material de vocês!” Daí... “Danado, você não deu nada, mas também você não ganha!” Passou a política, quando chegou o tempo, ele se candidatou-se pra vereador. Perdeu! [risos] Ah, pois é assim, dona!

Ana Claudia – Tá certo! Eu tô vendo que essa lagoa é muito importante pra vocês, né?

¹¹. Sorri, ironicamente.

Amaro – Pra nós tudo! Aqui é importante demais! Essa lagoa... A gente temos ela como uma... É a mãe do pescador! A mãe do pescador, essa lagoa...

Ana Claudia – Vocês cresceram nela...

Amaro – Crescemos nela! Eu... Devido à quantidade de peixe, de muita coisa que tinha, a gente *nemmm* tava aí, os pai da gente *nemmm* botava a gente pra estudar... Quando botava a gente pra estudar, a gente estudava uns dia, três mês, passava quatro, cinco sem estudar... Aquilo que a gente tinha aprendido, aí perdia, né? Que se esquecemos, muito daqueles negócio... Hoje em dia a gente... Fazer como diz a história: chegou o tempo, a gente casemo, fiquemo por aqui mesmo, e aprendemo só mesmo a assinar o nome. Porque eu vejo meu menino, e eu sei só mesmo assinar meu nome, aí eu não vou querer meu filho só aprender a assinar o nome. Eu queria de ele aprender pra mode arrumar um empregozinho melhor pra não ficar só dependendo daqui, né? É tanto que tem rapaz aí que se eu chamar, dizer assim: “menino, vamos pescar?” Ele não sabe dar um laço pra pegar um peixe! Não sabe porque é só dedicado ele na escola.

Santo – Mas tem outros que sabe! Porque o pai ensina, né? Filho de pescador, todo ele sabe! Porque os pai ensina. É. É tanto que é melhor tá ensinando do que eles viver na rua porque não dá certo. De jeito nenhum. Menino de rua não presta.

Amaro – Agora nossa lagoa é importantíssima pra... Não é só pra gente pescador, é pra também quem nunca pescou, mas... Tem a barriga cheia. Porque, não é querendo ser mais do que os outros, não, mas a gente quando pega peixe acolá, tanto come... Tanto a gente vende como dá. “Seu Amaro, eu queria...”, como hoje: “eu quero um peixinho desse...” Pronto! Eu vou lá e pego aquele bocado, e pronto! “Muito obrigado, Jesus que lhe pague!” “Amém!”, e a nós todos. A gente fazemo assim! Tem dia que... “Oi seu Amaro, eu queria comer um peixinho desse, mas não tenho dinheiro...” Aí a gente diz... “Não, não leva não?” “Leva agora!” “Eu queria que o senhor me vendesse um peixinho desse, que amanhã ou depois eu

pago... tal dia..." "Só isso?" Inda hoje eu sou assim! Ontem eu saí com uns dez quilos desse peixe. Quando eu cheguei em casa, cheguei com dois. "Hei, me dê um peixinho?" "Pronto!" "Muito obrigado, Deus que te pague!" "Amém!" "Fulano, não dava pra me dar um peixe?" "Dou agora mesmo! Pronto!" "O senhor pode me vender um quilo desse peixe? Amanhã ou depois eu lhe pago..." "Pronto, meu filho! Agora!" A gente faz assim, mas não é chegar... e o cabra ter... Porque tem muitos cantos por aí, que Ave Maria! Avoa no mato e não dá! Mas Jesus não quer. Jesus quer que a gente dê de comer a quem tem fome. Que a gente não somos pobre. Pobre é o... Dizem que é o Satanás. Aí a gente somos homem, graças a Deus... Rico, rico de natureza, porque é dado por Jesus. Eu sou assim! Pois é, essa lagoa nossa só tá faltando uma pessoa pra tomar as providências dela. No dia de hoje, se tomar, a senhora vem aqui e diz assim: "Pronto, a lagoa dos pescador, a vida aqui é um lugar de vida..."

Ana Claudia – Vocês conhecem alguma história dessa lagoa? Vocês cresceram aí, deve ter muita história, né?

Amaro – Tem... Tem muita história, é porque... Porque aí eu não... Não dediquei muito essas histórias... Tem um senhor que diz que essa lagoa, que o tempo dela era de dois índio, né? Era... É muito interessante. Tem um homem que se chama Aderaldo, ele sabe da história da história dessa lagoa...

Ana Claudia – Como é o nome dele?

Amaro – Seu Aderaldo. Ele mora aqui... Vizinho dum grupo que tem acolá, não sei se você já passou... Vai assim aí dobra assim, tem um grupo. Ele mora lá... Ah, pois ele já conversou comigo. Disse que essa lagoa, diversas vez, essa lagoa, quem tomava conta dessa lagoa era dois índio... Guaraci e outro nomezinho... Da índia... Foi quem fundou... É bonita essa história. Ele conhece! Ele já tá um homem velho, mas ele sabe dessa história.

Santo – E dos caboclo que achou a santa?

Amaro – É, aqui mesmo...

Santo – No canto daquela igreja ali¹², diz que ali era um vale... né, Aderaldo? Aí eu sei que um pescador... Era um... caboclo... Conte a ela a história?¹³ ... Ele vinha pescar... Chegou e encontrou aquele vultozinho num pé de araticum... Não era?

Amaro – Era aqueles caboclo, quando chegava, vinha de São José pescar naquela época... Minha mãe contava muito... Aí quando... No canto daquela igreja! Aí quando chegou... Acolá a terra era pobre... Ele pescava pra acolá. Quando chegou, aí viu aquela santinha. Aí disse: “ó, ontem tinha uma santa por lá! Ah, pois quando a gente for, vamos levar pro padre do lado de cá...” Eles fizeram a pescaria, aí quando foi à tarde, três, duas horas, eles pegaram a santa e botaram dentro dum samburá, aqui chama samburá... “Oh, seu vigário!” Chamava vigário, naquela época... “Seu vigário...” “O que é?” “Eu trouxe essa santa, que eu achei lá no pé de... Achei ela num pé de araticum.” “Foi, caboclo?” “Foi.” Aí eu sei que ele... Seu vigário pegou a santa e colocou lá no altar. “Ah, tá certo, vou ficar com ela aqui...” Aí ficou com a santa. Aí quando foi com três dias eles veio pescar. Quando chegou, eles pegaram a pescar, e lá vai... Deu vontade de ele olhar pro pau, aí... Na fala dele, o povo diz que ele fazia... Era caboclo, só falava assim, bem atrapalhado¹⁴: “oh Santa! Ah, teimosa! Ocê já tá aí?” Aí o outro: “O que é, caboclo?” “A santa já tá aí. Ah, pois eu vou levá ocê!” Aí levou a santa... “Oh, seu vigário! Tá aqui essa santa, é muito teimosa!” [risos] Aí o vigário chegou, chegou, deixou a santa lá... Ele passou mais uns dias, quando chegou lá de novo, a santa tava. Rapaz, o caboclo disse: “Mas que santa teimosa! De novo, santa? Eu vou levá ocê só mais essa vez!” “Oh, seu vigário! Tá aqui essa santa, ela é muito é da teimosa! Já tava no pé de pau!” [risos] Aí ele levou a santa. Aí o vigário chegou, pegou a santa e disse que ia mandar pra Roma. Eu sei que na continuação a santa voltou, mas que o

¹² . Refere-se à Igreja Matriz da cidade, Igreja de Nossa Senhora do Ó.

¹³ . Fala para o irmão.

¹⁴ . Começa a imitar a voz do caboclo, falando com uma entonação diferente e exagerando na pronúncia.

caboclo aí não apanhava mais não. Aí o vigário chegou, mandou fazer uma igreja acolá. Mandou... Uma capela. Aí... Dessa lagoa tem o Morro Banana e o Morro Grande. Aí as canoa era muito grande, aí... Por intermédio lá do padre, seu vigário mais o cardeal, aí pegaram a trazer pedra na canoa. Aquelas pedra, e trazendo, trazendo... Quando era noite de lua, saíam onde tava a comunidade, da rua de Nísia e do Porto... Aí saía, fazia como uma procissão. Todo mundo levava uma pedra daquela... na cabeça. Não tinha carro, era difícil... Só carro de boi... Aí saía aquela ruma de gente, dava duas, três viagem. Desde dez horas da noite, pronto... “Quando agora?” “Tal dia!” Aí quando era aquele dia, aí iam levando. Eu sei que pode chegar dentro daquela igreja, a senhora vai ver só, bem dizer, é toda feita de pedra. Só pedra, uma pedra preta. Do morro Grande e morro Banana. Então, nessas altura, tinha uma mulher que vinha muito cansada, aí quando chegou com aquela pedra... Aí disse: “oh, pedra condenada!” E sacudiu a pedra lá no meio das outra. Passou-se, passou-se, quando foi com muito tempo, que foram fazer a igreja, levantar a igreja, aí tinha um frei, que chamava frei Zaculino, ainda me lembro... Aí ele chegou e viu assim, disse: “pessoal, arreda essas pedra aí, arreda, arreda...” Arredaram as pedras, uma pra acolá, outra pra cá, quando chegou numa que descobriu ela, ele disse: “tire essa pedra aí, Ave Maria, Ave Maria, que ela tá condenada! Bota ela muito pra longe!” A mulher disse aquilo, chamou a pedra... “Pedra condenada.” Ah, pois o frei Zaculino, já fazia bem dez anos, aí na hora de alevantar ele conheceu a pedra que tava condenada... Mamãe conta muito isso. Agora não conta, não, que tá com Deus. Mas ela contava e todo mundo conta isso. Será que era sabido esse frei... Zaculino? Que tirou aquela pedra que tava condenada, e ele conheceu... Isso é muito importante... [pausa] Ah, pois a senhora vá outro dia se não quiser ir hoje, falar com esse Aderaldo.

Ana Claudia – Tá certo. E esse que é o antigo dono do Boi, ele mora onde?

Amaro – [pausa]¹⁵ Josimar? Você sabe onde Joaquim mora? Sabe, Josimar? Joaquim mora onde mais ou menos ali? Junto daquela igreja dos crente, é?

Josimar – Seu Joaquim mora lá no conjunto. Naquela rua de Alvinho. Pegando à esquerda, assim.

Santo – Como é o nome?

Josimar – Sei da rua não. Não sei o nome da rua, só vejo a moto lá na frente e ele sentado numa árvore. Num alpendre.

Ana Claudia – É aqui no Porto, é?

Amaro – Não, é lá em Nísia. A senhora chegando lá, no calçadão, lá em Nísia, aí pergunta onde mora Joaquim que o povo todo mundo sabe. E a senhora for aí, quando chegar aí... No dia que a senhora for aí, se não quiser ir hoje, quando chegar acolá, pergunta: “Onde mora um Aderaldo?” Todo mundo ensina. De Aderaldo só tem ele aqui. Se for por lá, faz a curva assim, tem o grupo. Se for por aqui...

Santo – Tem uma mercearia na esquina, aí vai aqui, é bem pertinho. A senhora vai aqui na... Na esquina, tem uma bodega, a senhora vai descendo, assim, pra lá, não sabe? Aí quando chegar na frente tem umas casa... Pegando o muro do ginásio, não sabe? Pronto. Vai hoje ainda?

Ana Claudia – Tá certo... Acho que eu vou lá, agora...

Amaro – Ah, pois pode ir. E no dia que o Boi-de-Reis for brincar, aí avisa a dona Maria, mode ela avisar à senhora. Se a senhora assistir, vai gostar da brincadeira, que é boa.

Ana Claudia – Tá certo. Eu agradeço a vocês... Atrapalhei vocês, a manhã de vocês...

Amaro – Não, tá bom, porque eu tô fazendo aqui um bocado de covo, né? Aí eu tava trabalhando dentro de casa, mas...

Ana Claudia – Ah, o senhor tá fazendo covo? Posso dar uma olhada?

Amaro – Pode, peraí que eu vou buscar um.

¹⁵. Tenta arrumar uma maneira de me indicar o endereço, e termina perguntando ao filho.

Ana Cláudia – Vocês têm apelido, assim... Porque ele, chama ele de Amaro, mas o nome dele não é esse, né? Por que vocês têm esses apelidos? É de pescador mesmo?

Santo – É, de pescador. [risos] Eu tenho outro irmão, esse não tem apelido, não. Mas eu tenho outro irmão que botaram o apelido dele.

Amaro – [voltando] Inda não tá pronto não, mas tá quase pronto.

Santo – Ah, pois é isso. Tem Babelô também... Babelô é em Campo de Santana. Tem gente que chama Babelô, tem gente que chama Pau furado... Fica cantando e o pessoal dançando...

Amaro – Agora, demora e só vai depois do almoço...

Ana Cláudia – Não, obrigada! A dona Maria tá me esperando. Eu vou lá, ver se eu encontro esse senhor...

Amaro – A senhora chegue lá, diga: “Amaro disse, seu Aderaldo, que o senhor sabia do começo desse negócio da lagoa, que era dois índio...” Aí ele vai dizer tudo. Ele tá velho, mas eu acho que ele diz ainda muita coisa...

Ana Cláudia – Tá certo. Olhe, muito obrigada. Qualquer coisa, eu posso aparecer aqui de novo pra conversar com vocês?

Amaro – Pode chegar, não tem... Não tem grilo, não...

Santo – Na hora que quiser vim...

Ana Cláudia – Tá bom. Obrigada. Um bom dia pra vocês.

[fim]

Transcrição 4 – Seu Aderaldo, dona Mariana e dona Silvana

Saindo da casa do seu Amaro, seguindo as suas orientações, cheguei então à residência do pescador de quem ele havia falado. Assim foi meu encontro com seu **Aderaldo**, 88 anos, o antigo pescador que, segundo seu Amaro, saberia de histórias da lagoa.

Encontrei-o sentado na porta de sua casa. Vendo que estava doente e com dificuldades para falar, evitei fazer muitas perguntas, deixando que falasse o que viesse em sua memória. Sua fala era muito pausada, às vezes em voz baixa (como se não falasse para alguém, mas para ele próprio) e, em alguns trechos, de difícil compreensão. Acompanharam a entrevista, dialogando e dando depoimentos, a nora, dona **Silvana**, uma neta e a esposa, dona **Mariana**. Juntos, eles me deram depoimentos sobre a situação dos pescadores e da pesca na lagoa, fragmentos de suas histórias de vida e memórias de trabalho, além de histórias de encantamento e assombração.

Na varanda da casa encontrei algumas dezenas de covos. Perguntando a quem pertencia, descobri que o marido de dona Silvana, seu Pedro, filho do pescador, também pescava nos fins de semana. Ele trabalhava na prefeitura, como jardineiro, durante a semana, e deste emprego tirava o sustento da família. Como ele não estava, dona Silvana me indicou encontrá-lo outro dia para saber das histórias da lagoa.

≈≈≈

Ana Claudia – Seu Aderaldo, eu estive com seu Amaro, que é pescador. A gente tava conversando sobre os pescadores, aí ele me disse que o senhor sabia muita história de pescador, que o senhor era pescador. Eu tô vendo aqui um monte de covo, de quem são?

Aderaldo – Eu alcancei essa lagoa, a de Nossa Senhora. Quando era tempo de pesca, juntava os pescador e dava o auxílio pra festa. Nossa Senhora do Ó. Depois passou pra prefeitura. Pagava dois *tão*¹ por cada quilo de... de peixe ou de camarão. Pesado... Eu paguei muito... Pesquei muito... Tinha muito peixe naquela lagoa. Valia a pena... Era lagoa. Hoje não é mais lagoa, hoje tá... um fim de mundo de lagoa. O manguê tomou conta, tudo... Os homem, com ganância na lagoa, é tudo se acabando, e passa dia, acaba mais... Agora entrou esse negócio de viveiro, não pode nem pescar mais, em muitas partes... Tomaram conta... [pausa] Eu ia pro rio... [pausa] Eu tenho até a caderneta ali dentro. Eu fui capataz da Capitania, no tempo que finado [?] era o presidente. Eu, nesse tempo, eu era capataz... Pegava o nome dos pescador... Pra dar uma assistência desse jeito. Ou era pescador, queria fazer uma rede, aí ele dava o material de fazer a rede. Queria fazer canoa, ele dava. A gente ia lá na... na Capitania, ou na Sudepe, aí arrumava... Isso aqui já foi bom, hoje é que tá prestando mais não... Quando se bota uma pessoa pra tomar conta, ela não presta atenção no que vai fazer... É pobre e quer enricar da noite pro dia... [silêncio]

Ana Claudia – Quem é que pesca, aqui?

Aderaldo – Eu tenho aí o menino meu que vive atolado dentro da lagoa aí, ele e a mulher. Ele e a mulher já faz muitos anos que pesca...² Amaro é que é pescador. Amaro é pescador, ele pagou os direitos. E não teve direito de receber...

Mariana – ... Aí eu fui mais ele³... Ele foi pra lá e não arranjou nada, minha filha. O outro ainda arranjou. O outro tinha oito anos de trabalho, aí ainda recebeu cinco. Quando o prefeito

¹. Redução da palavra “tostão”, antiga unidade monetária.

². Neste instante, se aproxima de nós uma senhora, dona Mariana, mulher do seu Aderaldo, e comenta baixinho que ele não está mais conversando direito, “falando coisa com coisa”, devido à idade avançada. Sugere que eu não leve em consideração o que ele fala. Por estar distante de nós, não consegui registrar suas falas nitidamente, e transmito apenas alguns fragmentos audíveis nos instantes de silêncio do pescador.

³. Fala de um dos filhos, que é pescador, mas não conseguiu receber seus direitos.

saiu, aí não quis pagar os direito dele, aí mandou que ele botasse na justiça. Na hora que chegou, botou. Aí recebeu, os cinco anos de trabalho. Pode ter vinte anos, que só recebe cinco. E ele tinha oito anos, recebeu cinco...

Aderaldo – Mas ele é pescador, é o que tira o bem da lagoa. Ele e a mulher.

Mariana – Mas ele não pagou mais à Capitania porque ele disse que recebeu não sabe como, que a carteira dele é assinada, que ele é funcionário da prefeitura. Disse que ele não sabe como é que ele recebeu. E o outro, que não tinha carteira assinada, não recebeu. Aí deixaram de pagar. Porque quem bota isso daí⁴, quem pesca com a rede, tem que pagar os direitos à Capitania.

Ana Claudia – Até covos, assim, tem que pagar?

Mariana – Tem! Tem que pagar... Tem que pagar, se tiver a carteira. Quem fez a carteira, aí todo mês o presidente da Capitania assina, e quando chegar o tempo de se aposentar, ele se aposenta.

Aderaldo – Eu tinha caderneta da Marinha. Tinha da Sudepe, e tinha... Era outra, meu Deus...

Mariana – Aí o presidente que tinha só queria comer o dinheiro, só queria comer o dinheiro, aí um dia um genro meu perguntou: “onde você tá guardando esse dinheiro?” “Em casa!” “Rapaz, você não bota esse dinheiro num banco, não?” “Não, guardo em casa.” Aí agora botaram ele pra fora, e tem outro presidente... Isso aí⁵ dá um trabalho pra fazer que só. Vai, tira... Isso aí é de ripa de dendê... Aí tira, aí ajeita tudinho, quando é depois vai tirar cipó, aí vai fazer...

Ana Claudia – Quem é que faz esses covos?

Mariana – Ele mesmo que faz. Meu genro faz. Meus filhos, também todos dois sabe fazer. E ele⁶ também fazia muito. Muita gente aí no Porto faz.

⁴. Aponta para os covos.

⁵. Refere-se aos covos.

⁶. Seu Aderaldo.

Neta⁷ – Meu pai é que faz.

Ana Claudia – Seu pai? Eu já vi um bocado desses aqui.

Mariana – E ela aprendeu com o pai... A fazer, mas esse daí é do pai dela.

Ana Claudia – Você faz também?

Neta – Não...

Mariana – A mãe dela é quem faz.

Neta – Mainha sabe fazer...

Ana Claudia – Essa época parece que com a chuva...

Neta – Na chuva melhora. Porque enche, né? Aí dá mais peixe... Caranguejo...

Mariana – Tem gente que faz pra vender... [pausa]

Ana Claudia – Vocês são daqui, de Nísia mesmo? E a senhora também? Como é o nome da senhora?

Mariana – Mariana.

Ana Claudia – Dona Mariana... Nasceu aqui...

Mariana – Aqui em Currais, que é do município de Nísia.

Ana Claudia – Se criou aqui, né? E seu Aderaldo também?

Mariana – Também.

Aderaldo – Em Currais nasci e me criei, saí de lá com idade de vinte e seis anos...

Ana Claudia – E desde cedo foi pescador?

Aderaldo – Desde menino que eu vivo atolado dentro da lagoa, pescando nas *varge*... Lá a gente pegava mais nas *varge* do que na lagoa. Lá era bom, muito peixe...⁸

Mariana – Taí, ó! Ela pesca!⁹

Ana Claudia – Pesca? Pesca camarão?

Silvana – Pesco! Pesco camarão, é peixe, é caranguejo... Com a rede.

⁷. A neta do casal, uma mocinha de aproximadamente quinze anos, acompanha nossa conversa debruçada sob a janela da casa. Às vezes ela intervém com alguma informação.

⁸. Chega na varanda uma mulher cumprimentando todos. É Silvana, a nora do casal, que pesca com o marido. Senta-se ao nosso lado, acompanhando a conversa.

⁹. Aproxima-se Silvana.

Mariana – É minha nora. Ela só pesca com o esposo dela, não sabe?

Silvana – Só com meu esposo.

Ana Claudia – Eu vim aqui porque eu tava conversando com seu Amaro, que é pescador. Que mora ali em cima. Aí ele falou que tem umas histórias da lagoa aqui, da origem da lagoa, aí ele falou que quem sabia contar era seu Aderaldo, aí me disse: “vai lá na casa dele, pergunte a ele se ele pode contar...”¹⁰

Aderaldo – Eu fui... Eu fui... Muito tempo... Capataz da Capitania. Muitos tempos. Eu fiz abaixo-assinado pra o povo assinar pra pescador ter direito à lagoa, porque vão votar aí que o os dono aí, da frente dos terreno da lagoa encheram de capim, ninguém podia pescar...

Mariana – Tinha uns homem que queriam secar a lagoa, não sabe? Queriam secar... Pra plantar capim. Aí todo mundo se revoltou... Não podia plantar capim na lagoa, né? Aquilo ali livra muitos da fome...

Aderaldo – Aí a gente chegava, aí ia pescar, eles iam botar pra trás. Mas eu nunca voltei não, eu pescava...

Mariana – Um pobre não tem o que comer, vai ali... Pega um peixe... Não é pra vender, pra comprar farinha, não...

Silvana – Agora ela não tá nem na metade, minha filha, porque nasce tanto do...

Mariana – Viveiro...

Silvana – Não é nem o viveiro, vó, que o viveiro foi de poucos tempos pra cá. É os...

Aderaldo – O mangue!

Silvana – Os mangue que tá nascendo dentro da lagoa. Então pra... Ela... Tomou muito espaço dentro da lagoa. Os mangue. Muito, muito, muito mesmo! E cada vez que vai passando mais tempo, mais os capim, mais o mangue vai tomando conta. Agora fosse por mim, assim... Quando eu fosse, assim, na

¹⁰. Explico minha vinda a ela, indiretamente convidando-a para participar da conversa. Seu Aderaldo, no entanto, vai intervindo com suas lembranças entre as falas das mulheres.

lagoa, quando eu visse um pé de mangue, eu arrancava. Porque é pequenininho, pra não crescer. Cada vez que aquilo vai crescendo, mais um pedaço vai tomando. Tá muito, muito... Você pode até ver... pra gente chegar lá¹¹, custa muito a gente ir pra lagoa, mesmo...

Aderaldo – Compadre Alfredo é de Recife. De Olinda. Aí ele veio pra eu ir pra Olinda falar bem dos pescador daqui. Então eu não fui, que adoeci. Fui pra Ponta Negra. Passei lá três dias... Indicando como era a lagoa, porque era dos pescador, mas os proprietário queria tomar conta. Se apoderaram da frente, encheram de capim... Mas se os homem da terra não tomasse as providências, o do céu tomava. No mesmo ano... Setenta e quatro... Veio a cheia, carregou o capim todinho. Com pasta, com tudo. Você olhava dentro do mar, era uma coisa bonita. O mar botou tudo pra fora, morreu tudo, acabou-se tudo. Mas a lagoa era entupida de canto a canto. De capim e pasto. Mas a água levou.

Silvana – E agora já tá cheia de novo...

Mariana – Tanto de capim, como de pasto...

Silvana – Agora, quando vem a... Quando... Porque nela entra água salgada, não sabe? Quando a maré é grande, que vem a água salgada, mata muito capim, muita... A pasta. Mas quando ela dá... Pronto, porque ela recebe água doce e água salgada. Agora no período do inverno vai se encher novamente de capim, de mato, essas coisas. Quando entra a seca, então ele vai se acabando, que vai entrando a água salgada. A metade se acaba. Mas a metade fica. Aí pronto. É muita, muita... Só quem sabe contar o espaço dessa lagoa é ele e Pedro¹², porque Pedro desde pequeno que pesca.

Aderaldo – Lá em Ponta Negra, onde a gente estava, lá na Diocese, veio pescador de Tibau pra lá, veio pescador de... Areia Branca, pra lá também. Pra Diocese ali, em Ponta Negra...

¹¹. Na lagoa, de fato, pois uma grande área em torno dela é composta de terreno de mangue.

¹². Pedro é filho do seu Aderaldo, marido de Silvana.

Mariana – E também pesca de rede miúda. Tem rede miúda também, de camarão.

Silvana – Aí pra pesca a gente não foi mais, porque agora tá muito escasso, o camarão. Mas a gente sempre vai, pega o peixinho, o caranguejo, o camarão. Pouco, mas a gente traz, dá pra um dia, dois ou três. A gente se mantém, né? Enquanto a gente vai novamente. Mas quando é na época mesmo, quando... Antigamente, na época mesmo do camarão, que vinha muito, a gente pegava bastante camarão. Pegava dois, três quilo... Mas agora não, agora você vai, não traz um quilo. Porque não dá. Eu não sei o que foi que houve que o camarão acabou-se, do jeito que às vezes a gente vai, não pega nem um. Nem um, nem um. Agora teve a corrida dos caranguejo-uçá!...

Ana Claudia – Como é que é?

Silvana – É os caranguejo-uçá! A corrida dos caranguejo-uçá só é assim: porque choveu bastante aqui. Choveu muito, mas encheu muito, encheu, encheu, encheu... Choveu três dias com três noites. Aí choveu muito, e alagou muito, aí alagou o mangue, aí então a gente foi botar uma rede ali de menjuada. A *rede de menjuada*, é porque quando tá chovendo muito, nas varge se bota rede. Aí corre peixe. Bota e deixa lá. O peixe é peixinho branco, sabe? É o... A traíra, o cará, o apanhariu, o tilapi... Aí a gente vai no outro dia, aí quando vai a gente pega eles. Ontem a gente foi, não pegamos nem um, porque já tá tudo seco. Então aí Pedro tá correndo o caranguejo. Aí Pedro disse: “amanhã eu vou.” Aí foi, trouxe um bocado de caranguejo. Ele disse que parecia um pé de mangue, sabe? Quando tem um bocado de mangue [risos], um bocado de mangue, que vai colher os caranguejo no mangue, que quando vem um vento, quando dá pra cair um vento, aí as manga não faz *pufu, pufu!*¹³ Aí ele disse que assim era os caranguejo. Quando ele via, era os caranguejo, *pufu, pufu!* Dentro d’água. Disse que era uma coisa bonita! Então ele trouxe. Aí chegou um rapaz, um colega dele, que ele trabalha

¹³. Mostra gestualmente os caranguejos caindo do alto da árvore, no chão.

em Natal. Ele disse: “seu Pedro, vamos pegar uns caranguejo?” Ele disse: “vamos!” Ele esperou o irmão dele, que é filho deles dois, que é meu afilhado e cunhado, aí ele não veio. Aí ele foi mais mais outro rapaz. Quando chegou lá ele já tava lá. Porque ele mora lá em Nísia.

Mariana – Lá no conjunto.

Silvana – Ele mora em Nísia. Aí quando chegou lá, ele já tava. Não tinha muito, mas ele... Um saco pra duas pessoa? Só ele pegando, e o outro segurando o saco. Tinha bem pouquinho. Pedro pegou bastante, deu um bocado, deu a metade a ele. Trouxe bem pouquinho...

Mariana – E deu as fêmea tudinho...

Silvana – Foi, deu as fêmea. Porque as fêmea, elas desova, sabe? Elas estão ovada. Aí se passar muito tempo, aí elas não presta. Tem que comer logo. Ele chegou, deu as ovada todinha a ele, ficou só com bem pouquinho. Que a gente, ele já tinha ido, né? Já tinha pegado? Já tinha pego? Aí não ia trazer mais...

Aderaldo – Ele disse que tinha muito aratu vermelho...

Silvana – Aí tem aratu... Tem o aratu do mangue. O aratu da pedra, do mar, e tem o aratu do mangue. O aratu do mangue, ele é vermelhinho, e o casco é bem molinho. Ele é bem molinho. É bom, gostoso. Do mar, ele é duro. O casco é bem duro. E ele é escurinho. Do mangue é vermelhinho. Ele assim, cru, ele já é vermelhinho. Ele, se botar cozinhando, aí é que ele fica bem vermelhinho mesmo. A gente só ficou com eles, e uns quatro caranguejo. E os outro ele deu. Aí quando a gente foi uma vez, minha filha, num dia desses, foi nesse mês ainda, que foi mês do carnaval, mas a gente foi... Quando passou o carnaval, né?¹⁴... Aí, minha filha, deu tanto do corongo, tanto do corongo! Tanto corongo branco!

Mariana – Eles gosta de brincar carnaval, não sabe? [risos]
Com as cara pintada...

¹⁴. Tenta recordar.

Silvana – [risos] Eles são assim, não sabe? Eles são assim, bem grossinho. Mas a gente pegou tanto, minha filha! Peguemo tanto, que a rede veio *encambitada*! Fora os outro peixe que a gente pegou! Eu dei aqui pela vizinhança *toodinha*, todinha eu dei. Mas também ia ficar com um bocado. Aí os outros eu disse: “Pedro, você não leve nem um! Os menino tá tirando, daí você dê a eles.” Ele deu tudinho lá pra baixo, aos meninos que tava ajudando eles tirar, ele disse: “Pode levar, tudinho, que eu não quero, não!” Aí levaram. Aí pronto, desde esse dia que eu não fui mais. Aí só quem foi, foi ele pegar os uçá.

Ana Claudia – E ele tá onde, agora? Seu marido...

Silvana – Meu marido? Ele veio do trabalho, tá em casa.

Ana Claudia – Ah, mas ele trabalha e pesca?

Silvana – E pesca! É, mas ele só pesca no sábado ou domingo...

Mariana – Porque na semana ele tá trabalhando. Ele trabalha na prefeitura. Ele trabalha na praça! Ele toma conta daquela praça.

Silvana – Ele trabalha ali.

Ana Claudia – Ah, tá...

Silvana – Aí ele vem agora. A senhora sabe que meu bujão pifou?¹⁵ Aí ele, quando ele chegou agora... Mas já eu fiz um fogo de lenha e botei o feijão no fogo! [risos].

Ana Claudia – É bom! Dizem que comida em fogo de lenha é mais gostosa, né?

Silvana – É, eu não dispenso um foguinho de lenha, não. Sabe? Olha, eu cozinho a batata, a macaxeira, o inhame...

Aderaldo – A maneira melhor de se cozinhar é em panela de barro...

Mariana – Mas é porque não tem mais quem vá buscar lenha...

Silvana – Eu já peguei muita lenha, minha filha. Cortei muita, já.

Mariana – Aqui eu também já botei muita.

Silvana – De carro de mão, de tudo, tinha as companheira, que a gente ia, agora as companheira não vão mais. Aí eu

¹⁵. Conversa com a sogra.

também não vou mais. Mas de vez em quando a gente vem, vai buscar no mangue, trás uma *canoada* de lenha seca. Aí a gente corta um bocado de lenha, e aí a gente bota.

Mariana – Aqui em casa pifou ontem, aí o menino veio de casa... “Oi, pai mandou perguntar se dava pra senhora me emprestar um bujão.” “Meu filho, leve!”

Silvana – O de lá de casa tinha, não sabe? Meu bujão sempre tem um de reserva, quando seca, tem um de reserva. Mas é porque eu não sei colocar o bujão. E ele chegou agora, colocou, e agora, eu disse: “o que eu vou fazer é o arroz. Espere, eu já botei água no fogo, e o feijão já tá quase pronto, é só tirar.” Se você quiser dar uma palavrinha com ele, eu vou chamar ele, quer?

Ana Claudia – Ele tá muito longe? É porque eu queria saber da história que o seu Amaro me contou, de uns índios, que ele disse que era ele¹⁶ que sabia, de uns índios que tomavam conta da lagoa, antigamente.

Silvana – Sim, das lendas da lagoa... Esses aí, só os antigos, os antepassado que sabia, esses que já morreram, que sabia esses negócio das lendas, dessas coisa, esses aí Jesus já chamou pra outra vida...

Mariana – Mas ele não sabe mais não... Mas tinha uma mulher que contava tanta coisa...

Silvana – Agora tem pra lá... Tem um morro... Que se chama Morro Banana e Morro Grande...

Aderaldo – Morro Banana e Morro Grande!

Silvana – Esse Morro Grande era muito mal assombrado.

Aderaldo – Era e é ainda...

Silvana – Era e é! Sabe por quê? Porque os antepassado dizem que ali é encantado.

Aderaldo – Olhe, é o seguinte: aquilo ali tem uma parte com holandeses, aquilo ali. Aquilo ali, aquele cabo de aço ali, é que tem subterrâneo ali em baixo. Tem gente às vezes que vê de noite um fogo preto e eles na beira do fogo...

¹⁶. Refiro-me ao seu Aderaldo.

Mariana – O povo diz que se vê uma forma em fogo, e que tem uma laranjeira com laranja de ouro, mas não é todo mundo que vê, não...¹⁷

Aderaldo – Uma noite eu vinha, era umas doze horas da noite. Quando eu cheguei no Morro Grande, aí tinha um fogo e três homens na beira do fogo. Aí eu botei pro lado deles. Aí eu disse: “Véio? Véio?” Nada de “véio”... Quando eu mudei a vista, acabou-se o fogo... Nem fogo, nem os homem... Aí eu digo: “o negócio não tá bom, não...” Passei direto... Eu vinha só. Quando eu chego no curral de Humberto, ficava assim, como uns vinte metro mais ou menos de distância, que eu olho pra trás, lá estava o fogo e os três cabras na beira do fogo. Quando João de Nelson [que] morreu um dia desses, finado João de Nelson... Vinha atrás, eles tavam. João: “tem cumê aí?” “Se acabou-se, mas traga que a gente faz.”

Silvana – Os cara disse?¹⁸

Aderaldo – Disse. Aí João cismou, João cismou, não encostou, não... Danou a cabeça, a canoa de cabeça assim, né? E eles... João por dentro... E indo pela lagoa... “Ei, traga, rapaz, pra gente comer!...” Como?... Olha, atravessamos um pedaço de mangue, que aquilo ali de dia Pedro não atravessa, eles atravessaram de noite até aqui, até na boca do rio que entrava pra aqui... Vieram deixar ali...

Silvana – Vieram deixar ele ali?

Aderaldo – Vieram...

Mariana – É lama, minha filha, é lama, lama, lama...

Aderaldo – Uma noite tava o finado Zé Machado, lá vinha ele e a mulher dele pescando. No mês de São João... No batatão, lá no mangue. Aí... Ele deixou de aparecer, não apareceu mais... Mas aparecia... No mês de São João era na certa... Aí... Zé Machado, mandaram... “Traz aí pra eu acender meu cigarro?”

¹⁷. Noto que as duas mulheres param para prestar muita atenção na história que seu Aderaldo começa a contar.

¹⁸. Dona Mariana, baixinho, confirma a história para a nora, repetindo algumas palavras do marido.

Ele não fechou a boca e tava na proa da canoa... Aquele bichinho... Ele fez: “*huuuuuuuuu*”... Pra que ele fez isso! Caiu!

Mariana – Ói!

Aderaldo – Caiu!!!... Aí lá vai aperreio pros outros, e até que ele foi embora lá pro mesmo canto. E ele ficou lá caído... Por cima da rede... Dentro da canoa... Aí ele... “Mas você podia ficar calado, rapaz!” Ninguém brinca com essas coisas...

Silvana – Ah, pois minha filha, esses negócio de lenda, são esses povo mais antigo, esses povo que já morreu é que sabe. Só que quem já morreu não sabe mais de nada!

Aderaldo – E aquele... Casado... Casado, pescava ele, Velho [?] e Joaquim de [?]... Quando chegou no Morro Grande, encostaram, tava aquela corrente... Na pedra, tava aquela corrente bem grossa, aí foram puxar... Era um tacho cheio de garrafa. Agora aquelas garrafa tudo cheio de ouro em pó.

Mariana – E por que ele não pegou? Ave Maria, se fosse eu...

Aderaldo – Casado tirou uma! Casado tirou uma, não sabia o que era... Veio despejando... Deixou mais de mais... Quase meia garrafa, ele deixou... Andava um ourives aqui, há muitos anos... Aí foram ver, era ouro em pó.

Silvana – Taí!

Aderaldo – O cara comprou. Eles foram atrás, chegaram lá acharam mais uma ova!

Silvana – Ele foi besta, que ele devia ter levado mais, né? Aí deixou!

Aderaldo – Aquilo ali era pra eles ter tirado! Desatado a corrente e tinha tirado. Eles três, era pra ter tirado...

Mariana – Sim...

Silvana – Deu a sorte a ele, e ele deixou no mangue... Só o tacho dava pra cozinhar as coisas... [risos] Vou-me embora. Tchau! Como é o seu nome?

Ana Claudia – Tchau! Obrigada. O meu é Ana Claudia. Como é o seu?

Silvana – Meu nome é [...], mas pode chamar Silvana.

Ana Claudia – Tá certo! [risos]

Mariana – O povo aqui só chama ela Silvana...

Silvana – Ninguém não sabe aqui meu nome, não. Só chama Silvana, Silvana de Pedro, Silvana de Pedro, Silvana de Pedro.

Ana Claudia – Mas por que chama Silvana?

Silvana – Olhe, porque a minha mãe... Ela teve e não criou. Ela já deu a outra pessoa. Aí eu fui criada com... A outra me adotou, né? Então ela não sabia chamar o meu nome. [...] Ela disse que era um nome muito difícil. Ela disse: “então vou chamar esse nome pra você. Vou chamar Silvana, que é mais fácil.” Aí por Silvana ficou. Agora onde eu me assino, é meu nome mesmo. Mas assim, o povo, por apelido, eles só me chama Silvana. Ninguém... Se for chamar... Vão bater na casa de outra! [risos]

Mariana – Um dia ela foi aqui, no correio, não sabe? Aí, disse: “E você se chama [...], é? Seu nome é esse?” Ela disse: “É!” “Ah, pra mim seu nome era Silvana.”

Silvana – Agora eu tenho uma menina... Ela é deficiente. No dia vinte e um de maio, vai completar trinta anos. Foi a primeira filha. Foi ela. Mas depois dela nasceram oito.

Ana Claudia – Nossa!

Silvana – Eu tive nove. Morreram cinco. Fiquei com quatro. Já sou mãe de seis netos.

Ana Claudia – Tão nova!

Silvana – Sabe a idade? Diga aí, assim... uma besteira...

Ana Claudia – Não sei... Você tem uma filha com trinta, deve ter uns... Cinquenta... Quarenta e...

Silvana – Cinquenta e cinco. É. Não tem quem dê essa idade.

Ana Claudia – Não tem, não!

Silvana – Não tem! Quando eu digo, as meninas dizem assim: “Silvana, sua data tá errada!” “Tá não, minha filha. Sou de quarenta e sete.” “Mas a senhora já tá com idade de aposentar?” “Já, já tô com idade de aposentar! Já tô com cinquenta e cinco ano”. Agora que tô pagando o... o... caça-e-pesca, ali, né? O... Eu chamo o caça-e-pesca. Eu tô pagando...

Ana Claudia – Colônia.

Silvana – Sim, à Colônia, é. Mas ele disse que pra eu me aposentar eu vou pagar dez anos. Mas eu não vou pagar

esses dez anos, não, porque minha idade já tá avançada. Aí eles têm que ajeitar e aposentar. Não é?

Mariana – Tem um... Aí que tá com cinquenta e nove e eles diz que só aposenta com setenta... Mas ela não paga direito...

Silvana – Não, mas o menino disse que eu vou... eu vou... Eu vou pagando, né? Eu tenho que pagar meus direito. Aí ele vê a possibilidade de quando vai fazer pra eu me aposentar. Se não fosse isso, se aquele malvado não tivesse... Não tivesse pra eu já tá pagando, como ele pagava, pra eu pagar, ele botou um obstáculo, que não podia, não sei o quê? Aí ele viu que eu já fui filmada, que vinha da lagoa pra pescar, e a menina fez uma pesquisa e a gente foi pesquisada. Eu saí na televisão. Eu, Pedro, que a gente vinha da pescaria. Eu, com os peixe na mão, com os caranguejo, e dando entrevista... E por que ele quis *coisar*, né? Pra eu me aposentar! Aí negou-se! Mas não tem nada, não. Seja o que Deus quiser! No dia que tiver que ser na minha mão, na minha mão vem. Eu pago. Tem importância, não. Eu quero pagar um direito pra eu ter direito. Não é? Porque se a gente não pagar um direito, a gente nunca tem direito. A nada. E a gente pagando, e com os poderes de Deus, ou mais cedo, ou mais tarde, a gente tem...¹⁹

Aderaldo – Eu me aposentei com... com sessenta e cinco. Tá com vinte... quase vinte e três anos que eu sou aposentado...

Silvana – Mas ele disse, vó, ele disse que eu não podia pagar o sindicato. Ele disse assim: “Você trabalha?” “Trabalho, sim.” Aí ele disse: “E seu marido?” “Ele trabalha na prefeitura, ele paga INPS.” Aí ele disse: “Então você não tem direito!” Aí o que eu ia fazer? Aí já que ele disse que eu não tinha direito de pagar o sindicato, aí pronto! Não podia tirar a carteira, né? Aí eu fiquei sem pagar, porque Pedro bestou. Porque no tempo, eu paguei muito, muito, muito tempo o sindicato, e Pedro pagou. Esses menino tudinho que eu tive, eu fui pra maternidade, era tudinho por conta do sindicato. Tudinho...

¹⁹. Dona Mariana argumenta que deveria ter insistido em pagar, enquanto seu Aderaldo recorda-se do tempo de aposentado.

Porque Pedro era pra ter feito assim: “bem, eu vou deixar de pagar, mas eu deixo a minha mulher pagando.” Porque na vez que ele deixar, quando fosse pra me aposentar, eu já tinha me aposentado muito tempo, olha! Mas ele não disse isso, porque tinha certeza que ele tinha... Que eu continuava a pagar, né? Aí quando fosse pra me aposentar já tava mais fácil. Mas agora vai ser difícil. Mas não tem nada, não. O bom da vida é a esperança, né? Se Deus quiser... Eu já vou... Tchau, viu, dona Silvana! Boa sorte pra você, viu? Depois, se você quiser ir lá falar com ele, explicar as coisas da lagoa, ele sabe...

Ana Claudia – Tchau! Obrigada! Ele trabalha na praça, qualquer dia eu passo e pergunto...

Silvana – Tá. Chegando lá é só perguntar assim: “onde é que tá Pedro de Aderaldo?” Todo mundo ensina. Ele é bem pretinho. [risos] Não, ele é bem alvo, galego. Da cor dele [risos]²⁰

Ana Claudia – Tá certo.

Aderaldo – Quando nós fomos pra Ponta Negra... Veio Sônia. Sônia era representante lá de... Era, Sônia... Aí Sônia veio pra igreja. Tinha um monte de pescador. Aí foi pra lá... Ela fez uma fala muito bonita, a bem dos pescador... Aí era pra gente ir. Agora eu não fui porque eu adoeci. E eles se interessava mais que eu tivesse ido, por causa de eu conhecer, e ter ido pra Ponta Negra, e lá eu expliquei o que eu era e o que eu estava fazendo. Eu disse: “olhe...”, eu disse pra eles: “desde menino que eu pesco... E eu tenho meu emprego, eu sou vereador. Eu ganho.” Naquela época eu ganhava vinte e um conto de réis por mês. “Mas eu não deixo, porque esse... vereador é só quatro anos. Eu vou tirar seis, porque houve prorrogação. Eu vou tirar seis anos. Mas eu tenho que continuar na minha pescaria.” E nunca falhei. Cem covo, cento e cinquenta... Até seis rede eu possuí... Duas canoa... Minha vida era dentro da lagoa, e não é hoje porque não aguento mais... Tô muito

²⁰. Enquanto dona Silvana se despede, do portão, seu Aderaldo volta a falar sobre as reuniões que aconteceram com os pescadores. As vezes se sobrepõem e assuntos diferentes se misturam ao longo da gravação.

fraco... Oitenta e seis anos... Oitenta e oito, quer dizer... Eu sou de quinze... Oitenta e oito ano... Dá... Vinte e três anos que sou aposentado... É isto.

Ana Claudia – Mas depois que o senhor se aposentou, ainda pescou!

Aderaldo – Ah, muito, muito! Fui perdido dentro dessa... dentro dessa lagoa... Em trinta e seis... Não, em oitenta e cinco. Eu me perdi dentro dessa lagoa, numa noite de inverno, muito inverno. Muito trovão, muito relâmpago. Era trovão de estourar os ouvido... Era amarrado uma camisa grossa na minha cabeça, e chega estalava! Chega doía. Uma chuvada muito grossa. Começou de cinco horas da tarde até onze horas da noite. E eu arresisti, Jesus me ajudou... Que eu corri, quando foi de onze horas da noite chegou cinco canoa de gente atrás de mim. Aí... Tava lá em Lagoa Grande... Aí eu... Vim mais eles, vim embora. Eu [?], eles falando muito. Pesquei muito, sozinho! Noites e noites, sozinho. Uma noite eu botei uma rede lá onde morreu finado João de Neco... Não botei nem a metade... Danaram um pau dentro do lance: ôôôô... que era na beira do mangue! Aí eu disse: “tá muito bonito!” Aí eu fui tirar, tirei. Não tirei nem um peixe, saí. Cá pro outro lado, pra levada de Mané Cícero... Quando eu tava estirando a rede, começaram a cortar o pau, aí eu... me meti dentro da canoa e vim embora. Não pesquei nessa noite... Agora, quem pescou nela teve o que contar! Não se abestalde não, senão ele não chega em casa!... Eu, porque eu nunca tive medo de nada... Nunca. Eu... Tinha um jogo ali em Tororomba, aí deu onze horas, mandava acenar... dez horas... dez e quarenta e cinco, mandava acenar pra luz se apagar, pro povo se prevenir. Aí quando era onze, ela se apagava. Eu tinha um jogo, aí: “menina! Deu o sinal, vocês vão ficar?” “Não, amanhã... Segunda-feira... A gente sai de domingo pra segunda.” Aí deitou, dormiu. Aí eu vim aqui por dentro da água do rio, que nesse tempo eu morava ali naquele outro lado, numa casinha de palha desse lado. Ali era a rua de cá. Hoje não tem mais nem uma, acabou-se tudo. Começaram lá de onde eu vinha pra cá. Eu vim pra casa. Quando eu chego antes

do rio, tinha um pé de cajueiro desse lado. Aí eu me punha em pé... Deram um grito no meu pé do ouvido, tão grande! Chega doeu! Aí eu saí andando, não me incomodei, não. Aí... Cheguei do rio, dobrei as calça, tava lavando os pés, deram outro maior ainda... Tá certo! Aí eu subo... Quando chego cá em cima, no canto acolá, outro!!!... Mas Deus vai me deixar dentro de casa! Como de fato. Quando passei o passadiço da casa de Zé Bolo Preto, deram outro! Quando chegou cá, atrás de casa tinha um campo de futebol, e tinha a trave... Deram outro! E outro... Eu vinha até entrando dentro de casa, deram um tão danado, chega soprou no meu pé do ouvido... Eu não disse nada, vim dizer uma besteira quando entrei dentro de casa. Não tinha medo, não. Mas... Quer saber? Ando. Eu topei muito no abacaxi. Pegava manga pra Macau, eu viajei pra Macau quinze anos. Nesse tempo não tinha estrada boa pra Macau, não. Comecei a viajar pra Macau em cinquenta e um. Aí tirei um bocado de manga e botei lá numa casa velha, num recanto, meio deserto... Casa que foi de finado Luís Carlos. E o Sítio era de Severino de Horácio. Aí tirei as manga e botei lá, e tirei nove caixa de manga rosa, que era pra dona Flora, de Natal. Aí eu... Era festa em Campo de Santana. Aí eu fui... Quando acabou-se era cedo, e eu disse: “E agora? Agora eu vou lá pra aquela casa velha, dormir lá em cima das caixa. Eu não tenho medo!” Cheguei e entrei por detrás, e me deitei. Só tive o gosto de me deitar. Teve um ruge-ruge lá na cozinha, que veio pro quarto, e de dentro do quarto, veio pra sala onde eu tava! Eu digo: “Vai te danar, que eu tenho força!” Alumiei por todo canto, não vi nada. Volto e me sento. Só tive o gosto de me sentar. Aí não pegou mais na cozinha, já foi no quarto, do quarto veio pra sala, eu me levantei, fui lá pra garagem... Ah, quando eu vou passando pela porta da casa de farinha, minha nossa Senhora! Outro vejo que se agarraram dentro do poço! Eles bem-bem-bem! Eu digo “Ave Maria!” Até cá em cima eu ouvia o ruge-ruge... Mas eu não buli com eles, não. Eu sei que correr é pior!... Eu não fui, não... Pra praia, daqui pra praia sozinho, eu frangotezinho, não era nem formado ainda... Tinha uns dezoito anos, por aí... Não deu porque

não deixaram. Mamãe não deixou e o povo foi que foi. Não deixaram. Eu vinha de Arês, à meia-noite mais o gado, de Arês pros Currais. De Arês pra Mangabeira é só mato e de Mangabeira pros Currais, aí é que é mata! E eu vinha sozinho, não tinha medo. Nunca tive medo. Não fui homem assombrado, não... Agora dizer que aquela lagoazinha ali era boa, era! Muita gente ali penou... [pausa] Eu vi foi só essas duas besteiras. Um cara botou um pau por dentro da rede e... E lá, eu perguntando se era velho... E nem velho, nem velha! Apagaram foi o fogo e desapareceu os homem, quando eu passei a distância, que olhei pra trás, eles estavam lá, no mesmo canto. João de Nelson vinha atrás de mim, aí perguntou se eu tinha cumê... “Acabemo agora, mas traga que a gente faz!” E João cismou dos pés, danou a canoa de cabeça a cima e ele pulou pra dentro do mangue... “Traga pra cá, rapaz, que a gente come!”... Onde dava ali, lá do Morro Grande pro Morro Banana, um trancado de mangue mais triste do mundo... Nem de dia um cabra não passa de pés... E eles passaram. Ainda deixei eles ali na boca do rio... [pausa]

Ana Claudia – Tá bom, Seu Aderaldo, obrigada pelas histórias. Esse é um trabalho que eu estou fazendo pra universidade, um trabalho meu. Aí eu já falei, né? Eu vim aqui porque o seu Amaro falou que o senhor sabia das histórias, que o senhor pescou muito tempo na lagoa, aí eu vim aqui conversar com o senhor... Com vocês, não é dona Mariana? Eu vou indo...

Aderaldo – Tá bom...

[fim]

Transcrição 5 – Seu Joaquim e dona Marluce

Seguindo as orientações dadas pelo seu Amaro, cheguei ao conjunto habitacional de Nísia, onde morava seu **Joaquim**, 76 anos, antigo pescador, responsável pelo “surgimento” do Boi-de-Reis na cidade. Depois de duas visitas à sua casa em dias anteriores, pude finalmente conversar com este pescador

Conversamos sentados na varanda. Sua mulher, dona **Marluce**, também participou da entrevista. Em uma visita anterior, não encontrando o antigo mestre, conversei com ela, que, portanto, já sabia do meu interesse pelas brincadeiras na cidade e já havia me fornecido algumas informações a respeito das mesmas.

Seu Joaquim, durante nossa conversa, deu depoimentos sobre a origem, constituição e situação atual da brincadeira, o Boi-de-Reis existente no município e atualmente sob os cuidados do seu Santo, irmão do seu Amaro, ambos pescadores. Durante seu relato, ele lembrou-se das músicas do Boi e cantou trechos de algumas. Estes trechos estão destacados em itálico. Quando, no meio das narrativas, ao falar da lagoa, seu Joaquim se lembrava de histórias de assombração, sua fala se tornava mais pausada e ele passava a narrá-las como um experiente contador de histórias. Seu Joaquim vive em Nísia Floresta há sessenta anos. Antes disso, pescava em Tibau do Sul, lugar onde nasceu.

≈≈≈

Ana Claudia – Pois é, aí... Seu Amaro me falou, seu Amaro... Ele me falou do senhor, que eu viesse aqui perguntar pro senhor como é que era essa história do Boi... Como é que esse Boi chegou aqui... Como foi que o senhor aprendeu?

Joaquim – Esse... Esse Boi foi assim: eu, quando era criança, aí via os outros mais velhos brincar, né? E fui juntando na cabeça e fiquei com aquilo. Aí nessa gestão do prefeito Almir

Leite, que gostava muito de brincadeira, aí nós... Eu convidei eles pra gente, pra gente brincar um Boi-de-Reis, pra animar. O lugar não tinha animação nenhuma, então surgiu uma Pastora, e surgiu o Boi-de-Reis. Quem faz, quem não faz, quem faz... Então eu vou fazer. Eu fui, tirei a cópia do Boi, tirei a cópia do Boi-de-Reis, arrumei uma cabeça e fui pro mato, tirei o cipó, fiz os arcos, fiz o espinhaço, tudinho, e comecei assim. Isso foi em... Parece que foi em oitenta... Se eu não tô enganado, foi em oitenta... Aí surgiu o Boi-de-Reis assim. Juntei uma tropa de rapaz, juntei uma tropa de rapaz e o mais velho que tinha só era eu. Era o chefe. O cabeça. E *formemo* o Boi-de-Reis. Agora no tempo que eu fiquei mais velho, aí entreguei pra Amaro, mais Santo, pra eles tomarem conta. Eu ainda brinquei na Fundação José Augusto, lá foi filmado. Brinquei na Fundação José Augusto, brinquei em Monte Alegre, no Circo da Cultura, brinquei em Pirangi, no Circo da Cultura... Brinquei em Tibau do Sul²¹... Agora era bem organizado no meu tempo, porque eu não bebo, nem bebia, aí não consentia eles beber. Hoje em dia os cara vão brincar, já estão tudo bebo, já melado... Aí... Mas também não se intrigam não, que é mais a família... Mas no meu tempo era bem organizado... É...

Ana Claudia – E o senhor aprendeu, via isso quando era criança onde? Aqui em Nísia mesmo?

Joaquim – Não... Isso aqui... É que eu não sou daqui, eu sou de Tibau do Sul. Sou de Tibau do Sul. Então pra aquela região descia muito Boi-de-Reis do sertão. Quando chegava a seca, no fim do ano, aí a fome apertava. Agora não, que não tem mais quase ninguém com fome... Antigamente não tinha recurso nenhum, aí descia aquele pessoal, né? O pessoal de

²¹. Pirangi é a primeira praia do município de Nísia Floresta. Tibau do Sul é outra praia situada no município de mesmo nome, ao sul de Nísia Floresta. Nesse município está também localizada a lagoa de Guaraíra, que tem ligação com a lagoa de Papary. A Fundação José Augusto é uma instituição cultural vinculada ao Governo do Estado e o Circo da Cultura é um evento anual e itinerante patrocinado por essa fundação.

idade, desciam. Aí eu ficava na frente da minha casa, que tinha uma mangueira muito grande. Uma mangueira grande mesmo! Era aquele mundo! Quase onze cova de mangueira. Aí ali eles pediam pra ficar. Aí eu olhava aquelas coisas deles...

Ana Claudia – Aí eles vinham do interior trazendo o Boi?

Joaquim – É, traziam. Eles já traziam. Eles vinham brincando nas praias, que era onde tinha mais dinheiro.

Ana Claudia – Ah, pra pegar dinheiro...

Joaquim – É, pra pegar dinheiro. Eles vinham brincando. Aí a minha casa era um setor bom, que tinha rede de pesca. Encostava muita gente e eu gostava muito de dar de comer a quem tava com fome. Gostava muito de dar de comer a quem tava com fome. Aí eu tinha rede, tinha peixe à vontade, tinha camarão, tinha caranguejo. Aí eles ficava ali na frente, e eu, sempre de meio dia, dava o almoço a eles... A mistura. Dava a eles a mistura. Aí eles ensaiava aquilo de tarde pra cantar de noite. Aí eu fui aprendendo, botei na cabeça e fiquei. Aí cheguei aqui, já depois de velho... Novo eu nunca quis saber. Aí depois de velho aí botei na cabeça e fiz esse Boi-de-Reis.

Ana Claudia – E tá até hoje...

Joaquim – Tá até hoje. É. Brinca por todo canto por aí, onde tem festa... Chamam pra apresentarem...

Ana Claudia – Lá em Tibau, o senhor pescava?

Joaquim – Em Tibau eu pescava camarão.

Ana Claudia – Com aqueles covos, assim?

Joaquim – Não, a rede de arrasto, chamam rede de arrasto. É uma rede miúda. Rede de arrasto. Eu pegava o camarão e o peixe. E tinha também os tresmalho pra peixe graúdo... É. Eu gostava muito de dar de comer a eles. O pessoal vinha com fome. Eles vinham passando necessidade e eu gostava muito... Aí já andava assim nas porta... Tinha dia que saía antes de brincar, tava tão... Tinha dia que eles, antes de brincar, era tanta necessidade que saía pedindo cumê nas porta, né? Aí eu não deixava de... “Vocês comprem o feijão, arrumem... Compre a farinha que eu dou a mistura.” Aí dava aquela porção de camarão, quando não era peixe... Como um

peixe que tem no mar, que chama sardinha; ele é miúdo. Eu pegava muito. Aí lá em casa não faltava. Aí eu quando dava, dava uma cuia assim, cheinha, a eles, pra comer...

Ana Claudia – O senhor pescava no mar? Lá em Tibau é mar, né? Não é lagoa...

Joaquim – Em Tibau é mar, é. Mas eu pescava na lagoa.

Ana Claudia – Na lagoa... Guaraíra?

Joaquim – Guaraíra. Muito bem! Guaraíra. Bom dia!²²

Ana Claudia – Mas pescava no mar também?

Joaquim – Pescava também no mar, mas no mar eu ia pouco. No mar eu ia assim, com linha. Chamam linha de mão. Jogava assim, geralmente... Até uma noite o bote afundou comigo, eu passei... Passei a noite até de manhã fundeado, procurando recurso pra sair, até que saí...

Ana Claudia – Do mar...

Joaquim – Do mar... É! [risos] Eu sou de lá, aí eu vim pra cá... Eu vim aqui pra Nísia aí não quis mais voltar... É.

Ana Claudia – E me diga uma coisa: quando o senhor fez esse Boi aqui... No começo, logo no começo, que vocês fizeram, como é que vocês saíam, assim... Tinha dias de sair?

Joaquim – Tinha. Nós saía sempre... Pronto! Na festa da padroeira, aí nós apresentava. Todo ano... Dia dezoito de novembro... É, dia dezoito de novembro. Apresentava aí. Aí quando tinha uma... Quando tinha uma, digamos... Uma festa do prefeito. Que ele ia fazer a inauguração de alguma coisa, aí convidava a gente, a gente ia. Brincar... Sabe? Aí quando era... No canto de fulano de tal tem uma festa, aí se a gente fosse chamado, a gente ia.

Ana Claudia – Era diferente daquela época que o senhor via quando era criança?

Joaquim – Muito bem, era diferente! Porque naquela época eles fizeram pra ganhar dinheiro, né? Pra fazer meio de vida. E o da gente não era meio de vida, o da gente era uma apresentação. Ainda veio uma chamada pra Brasília, mas o

²². Responde a um homem que passa, cumprimentando seu Joaquim.

prefeito muito mole, e nós não fomos. Que era Almir. Se fosse no tempo de um prefeito quente, como George, ou outro, nós tinha ido. Que veio chamada pra gente ir. É. Era muito decente. Muito bem enfeitado, muito enfeite, muita coisa, e era muito bem feito o Boi. E tinha as outra atração. Tinha o Bode, que era outra figura; tinha o Jaraguá, que era outra figura; tinha o Guriabá, que é outra figura; e tinha o Cão, que é outra figura. É. Depois de tudo ele sai no meio da roda... Cada apresentação dessa que eu tô dizendo é uma parte que se canta. Aí saía aquela ala toda... É. O Cão se canta: *Ainda tem cão dentro, ainda tem cão. Ainda tem cão dentro, ainda tem cão. Ela ita. Ita ela. Ela ita. Ita ela.* Aí essas é as parte do Cão. O Jaraguá: *Chegou, chegou, chegou o Jaraguá, o bichinho é bonitinho, que ele sabe vadiar. Chegou, chegou, chegou o Jaraguá, o bichinho é bonitinho, que ele sabe vadiar. Pega outro, pega outro, pega outro Jaraguá, o bichinho é bonitinho, que ele sabe vadiar.* O Jaraguá... Aí tem o Bode: *Papai no chiqueiro, mamãe no curral. Papai no chiqueiro, mamãe no curral. Cuidado no bicho, que o bicho lhe dá.* Essa é do Bode. Cada apresentação tem uma *sofla*...

Ana Claudia – Aí todas essas figuras fazem parte do Boi-de-Reis...

Joaquim – Do Boi-de-Reis. É.

Ana Claudia – E... Seu Amaro me falou que tinha o Boi, e tinham umas Pastoras também... Essas Pastoras, quem é que tomava conta?

Joaquim – Tinha. Quem tomava conta era uma pessoa aqui do Porto. Uma cunhada de Amaro. Chamam ela por... O nome dela é... Chamada Boneca. Era conhecida por Boneca. Era moça velha nessa época, e tomava conta dessa Pastora.

Ana Claudia – Que ela costurou as roupas?²³ Ela tava me contando... Deu trabalho...

Joaquim – Foi. Foi. É. Trabalho grande.

²³. Refiro-me à mulher do seu Joaquim, dona Marluce, presente no momento da entrevista.

Ana Claudia – Aí vocês se apresentavam todos juntos...

Joaquim – É, tudo junto. No dia que tinha chamada, aí ia a Pastora e ia o Boi, cada qual...

Marluce – Joaquim, esse Boi onde é que ele vive?²⁴

Joaquim – O que, o Boi? É lá em Santo. É, eles ainda brinca!

Ana Claudia – Tá lá. Eu falei com eles... Foram eles que me deram o nome do senhor. Eu falei com eles na semana retrasada. Conversamos sobre o Boi, tudo. E aí eles falaram que o Boi já tinha sido passado pra eles pelo Seu Joaquim. E que um dia eles iam passar pra uma outra pessoa, pra não deixar o Boi cair, né?

Marluce – Era pra ter ficado mais animado, não era Joaquim?

Joaquim – É. Como eu tô dizendo aqui pra ela. No meu tempo era muito animado porque eu organizava tudo, né? Eu não bebia. O cara... “Olha, nós vamos brincar amanhã, então não quero ninguém bebo, não chega aqui ninguém bebo. Deixe pra beber, brincar, depois que nós apresentar.” Era tudo assim. Aí depois que eu entreguei, aí eles são vicioso, tem dias que vão apresentar, já vai melado... [risos]

Ana Claudia – Nessa época que o senhor pescava, lá em Tibau, faz tempo, né?

Joaquim – Faz tempo, eu cheguei aqui muito moço, cheguei aqui com dezesseis anos...

Ana Claudia – Aí depois que chegou aqui não pescou mais?

Joaquim – Pesquei ainda um bocado de tempo. Mas aqui as armadilha não eram minha, sabe? Que quando eu vim pra cá, minhas armadilhas deixei tudo lá. Lá eu tinha armadilha minha, própria, como eu tô lhe dizendo. Eu aprendi com esses cara que vinha... Vinha com necessidade de comer. Aí essa mangueira que eu tinha na frente de casa era muito grande, *sombriiii*... Quem vinha como retirante baixava nessa mangueira. Aí eu gostava muito de dar de comer ao povo. Assim, que chegava com precisão. Aí esse pessoal vinha, eles

²⁴. Às vezes dona Marluce participa intervindo, comentando ou perguntando alguma coisa sobre o que conversamos.

botava o Boi debaixo da mangueira, e ficava ali, aquela ruma de gente. Dama, Birico, Mateu, Mestre, Contramestre, Galante, uma pessoa pra carregar aquele Boi, que era... Eles trazia aquela pessoa pra carregar aquela mobília. E se *arranchavam* lá em casa. Aí eu levava a vida só, e dava de comer a eles, mas dava assim, como eu tô lhe dizendo, eu dava a mistura. Outras coisas eu não dava. Também às vezes eu dava batata pra comer com o camarão, que eu plantava. Aí eu era um cara novo, mas eu era um cara muito trabalhador. Sempre não me faltava batata pra mistura... Eu botava o que se chama roçado. Plantava roça, também tinha... Isso tudo eu fazia. Hoje eu admiro, o povo tem filho, não quer saber de nada. Não sabe nem plantar um pau de mangueira. Mas eu, na minha época, eu sabia de tudo isso. Tinha dia que tinha gente deles que ia até pro roçado mais eu, trabalhar. Que ficava ali e achavam bom ficar ali. Eles brincavam em Tibau do Sul, que era quase uma légua da minha casa pra Tibau do Sul, que é a cidade. Eles brincava em Tibau e vinha se arranchar lá na minha casa. Porque tinha aquela... Sabia que tinha aquela... aquela mistura ao meio-dia, pra ajudar a eles não comprar, né? As rede era minha. Quando eu não pescava, tinha uma parelha de pescador pra pescarem. São três homens na rede de arrasto. E a rede de malha, tem umas que é com quatro, tem outras é com três também. Eu tinha uma rede de malha, que chama tresmalho, e tinha a rede miúda. Chegava muito pescado... Tinha um peixe por nome sanhoá. Quando a maré era boa, eu pegava era muito. Agora meu peixe era... Eu tirava aquela quantidade pra salgar ou secar... Eu não gostava de vender peixe. Eu juntava pra feira. Na feira, ninguém é de ninguém... Eu vendia ao preço que eu queria. Aí eu achava estranho vender um quilo de peixe a um vizinho meu. Nessa época não era quilo, era cuia. Era cuia... Quando não era cuia, fazia aquela ruma, e dividia por cabeça. É. Aí eu achava estranho, eu... Porque vizinho, eu vender um quilo de peixe, uma coisa dessa? Dava pra comer logo, “taí, leva...” Semana santa, que tá caindo agora, eu pescava da

quinta pra sexta. Eu saía de três horas de casa, ou eu ou o pescador que eu tinha. Saía quando o galo cantava a primeira vez, aí nós saía. Eu tinha um búzio que apita na semana santa. Aí eu tinha um búzio. Quando chegava na...

Marluce – Hoje não existe mais essas coisas...

Joaquim – Existe não. Quando eu chegava no Porto, eu mandava o pescador apitar: *huuuuuuuuu...* Aí o que era de gente, aí ia aportar: “É Joaquim que tá no Porto, é Joaquim, vambora...” Aí chegava dez, doze, quinze pessoa pra pegar peixe sem comprar. Essa pescaria eu não vendia. Nem ficava com ela. Dava todinha! Em cada vasilha que trazia dava uma cuia. Aquelas cuia de dois litros e meio. Nesse tempo não era quilo, era essas cuia. Aí nunca vendi peixe na semana santa. É. Agora também tudo era fácil pra mim, graças a Deus. Até teve aí uma época que prenderam as rede miúda todas, de Tibau do Sul, Cabeceiras. Quem tinha rede miúda, que não esperava foi preso. A minha foi uma das tal. Foi presa, a minha rede. Aí com quarenta e oito hora veio o bilhete pra eu ir buscar. É. Que eu era, eu era muito, assim, caridoso. Você tava na praia, lá na... com seu esposo, seus filhos, aí eu me metia naquele meio, tirava aratu pra você, e dava peixe, lá vai... Aí em Goianinha tinha um bichão, nessa época, um coronel, aí ele não descia pra Tibau pra eu não dar a ele um camarão torrado, um aratu de mangue... Aí esse cara, quando soube que a minha rede tava presa, aí mandou o sindicato, mandou soltar. Aí as dos outros preso e a minha solta, era peixe, viu! Era peixe! Era peixe em banda de lata! Peixe e camarão. É. Então eu fiz tudo isso, e as coisas era fácil pra mim. Aí esses cara, como eu tô dizendo, esses cara vinha, tudo necessitado, daqui da banda desse meio de mundo... Brejinho²⁵, desse meio de mundo, eles vinham... Aí só via aquela mangueira sombria, e eles só desce na seca... É, que no verão não tão trabalhando lá, aí desciam com aquele mundão de gente. Aí era o Boi-de-Reis, era o Boi, era o Bode,

²⁵. Município do Estado.

era o Jaraguá, como eu lhe disse, era o Guriabá, tudo eles descia. Aí era aquele monte danado debaixo da mangueira. Aí eu... Na minha rede tinha uma parelha pra pescar dia e noite. Eu era um dos tais, eu pescava com dois, dia e noite, aí entregava pros outros. Aí lá em casa não faltava peixe. Camarão... Chega fedia... Eu fiz uma casinha atrás da outra, da casa de morada, só pra esse fim, pra não botar dentro de casa. Tinha dia que era quatro mulher numa ruma de camarão. Descascando camarão. Começava de três horas da madrugada, quando ia findar era sete, oito horas do dia. Vixe, peguei muito peixe e camarão!... Aí eu fazia a feira de Goianinha²⁶, e eu tinha um matuto aqui da Paraíba, que ele me comprava meu camarão. Toda semana ele levava cinco, seis sacas de camarão, toda semana, toda semana. E eu fazia a feira de Goianinha. Aí depois por aí que surgiu o Boi-de-Reis, eles vinha, ficava ali na minha frente, eu ficava curiando eles ali, conversando, e como é que eles fizeram, e como começava... E aprendendo as música, até que aprendi. Aí na mocidade, você sabe, a infância, o rapaz quer namorar, não sei o quê, e lá vai, aí eu nunca prestei atenção. Agora depois de velho, na eleição do prefeito Almir, Aí eu botei na cabeça, aí eu fiz, chamei os meninos e montei esse Boi. Ensinei tudinho, dei os detalhe, eles fizeram... Eu dizia como era, como não era, assim... Assim fizemos. Aí tiremo as cantiga tudinho, que eu sabia das cantiga que eles cantavam, que quando eles brincavam eu prestava atenção... Agora cada... Cada objeto desse que eu lhe disse era uma cantiga. É.

Ana Claudia – Cada figura tem uma cantiga diferente...

Joaquim – É. Diferente.

Ana Claudia – E o Boi mesmo, tem uma cantiga só dele?

Joaquim – Tem, o dele é só uma cantiga, agora em diversas parte. Tá entendendo? Tem a cantiga dele, agora em diversas parte. Tem a primeira que quando sai... No meio do povo pra apresentar... Aí é uma. Aí depois passa outra. Assim vai...

²⁶. Município do Estado.

Ana Claudia – É como uma história, né? Eu nunca vi esse Boi... Até seu Amaro disse que vai me convidar qualquer dia pra eu assistir a uma apresentação deles.

Joaquim – É como uma história. É bom! É como uma história, cada parte é uma *sofla*. É, sofla. Cantiga. Palavra antiga. Cada música que se canta é uma... É uma sofla. É... Tem essa parte: *Senhora dona da casa, dê licença pr'eu brincar, dê licença pr'eu brincar*. Aí essa é uma das parte. Aí começa...

Marluce – Pra quem nunca viu é...

Joaquim – É, é bonito! É, é bem enfeitado de espelho, fita antiga, muito bonito. Camisa de manga comprida... É...

Marluce – Aí você nunca viu...

Ana Claudia – Não.

Joaquim – [risos] Ah, é bonitinho.

Ana Claudia – Eles ficaram, no dia de se apresentar, de avisar a dona Maria, aí ela manda me avisar, pra eu vir aqui pra assistir. Mas eu tô atrás desse Boi. Já vim conversando com muita gente, porque quando eu vim aqui, eu comecei a conversar com as pessoas, que queria ver o que se tinha, de apresentação. Aí eu encontrei dona Maria, que sabe um drama, né?

Joaquim – É.

Ana Claudia – É. Aí ela me contou dessas apresentações que ela faz, e tudo. Aí falou dos pescadores, aí eu fui atrás dos pescadores e descobri que tem um Boi, tem um Pastoril, lá em Campo de Santana, e aí eu tô perguntando como é que era, como é que... Por que é que vocês fazem isso e pra quê, da onde vem, essas coisas...

Joaquim – É, tá certa. Pois eu fiz de minha cabeça mesmo, mas porque via, na minha infância eu via os cara brincar e se arranchavam na porta de minha casa. Aí eu fiquei com aquilo e... Chamei eles pra fazer.

Marluce – Joaquim, aquilo é uma cangalha?

João – Não, aquilo é uma esteira de palha de bananeira. Da embira da bananeira. Aí tem aquela capa e por cima se bota o lençol.

Marluce – Tinha uma mulher que fazia boneca, aí ela fez a cara. A cara do boi... Ela já morreu, não já?

Joaquim – Já... Não, não, tá viva... É, pois é assim. Aí tem aquelas cantiga todinha, cantiga antiga. É bonito por isso, porque... É como você nunca viu, não sabe nem pra onde é que vai. Sabe nem pra onde vai. Tem aquelas cantigas, tem a cantiga de apresentação, a primeira parte, aí tem as outras que vai cantando... É... Tem uma que diz: *Oh, Maria, oh Maria, que tanta Maria é essa, que tanta Maria é essa. Vou mudar o meu nome de Maria pra Josefa, de Maria pra Josefa.* Aí o resto das maruja acompanha no pé, aí vem o Birico e o Mateu, aí com o pé: *Ta-rarara tarara-rara-rarara, tarara-rara-rarara*²⁷. E aí tem ou a rebeca, que chamam violino, ou a concertina. Tem que aprender também. Pra brincar o cara tem que treinar tudinho.

Ana Claudia – Aí tem que ter instrumento também...

Joaquim – Tem que ter instrumento, sim. É. Aí eu dei aula a tudinho pra poder aprender mesmo pra poder brincar. Dei aula a tudinho. Ensinava ao tocador, quando o tocador vinha, aí eu pegava a cantar, e ele treinando, pra no dia de tocar aquelas parte ele já sabia. E a turma todinha, treinava tudinho ensinando como era. Quando chegava naquela hora...

Ana Claudia – Hoje em dia não tem mais essas coisas, do pessoal vir do sertão... pra ir pra ali, pra praia, não... Né?

Joaquim – Não, deixaram de vir. Depois dessas... Depois dessas água arrigada, depois desses salário, hoje quase todo mundo de sessenta e cinco anos é aposentado, aí acabou, acabou isso. Mas vinha demais, até na minha infância vinha demais. Era aquele comboio. Quando vinha era aquele comboio, quando não era com o Boi-de-Reis, era... Tudo num bocado de jumento...

Marluce – Era mais no mês de janeiro, no mês de janeiro, que era a seca.

Joaquim – É.

Marluce – Eles saía... Pra brincar...

²⁷. Acompanha a mesma melodia da cantiga.

Ana Claudia – E eram sempre as mesmas pessoas ou mudava, ou cada ano era diferente? Eram sempre as mesmas pessoas que vinham?

Joaquim – É, tem grupo que apresentava até três anos, eu vi. Tinha um cara que já era conhecido meu, que era um tal de João Chico, era o Mateu, encapetado que era danado! Esse veio uns três anos ainda. Findou sendo colega meu. Ele ainda veio três verão, com o Boi, com a brincadeira dele. Isso ele apeava, quando chegava aqui pra brincar, era cabreiro demais, era bom...

Marluce – Em Campo de Santana será que tem?

Joaquim – Tem não. Em Campo de Santana é o Babelô. Em Santana é o Babelô e a Pastora.

Ana Claudia – Sabe quem é que toma conta disso?

Joaquim – Quem toma conta do Babelô é um colega meu. Por nome Carlos.

Ana Claudia – Carlos. Se eu chegar lá, eu perguntar, aí todo mundo... É fácil encontrar?

Joaquim – É. “Quem é Carlos aqui? Que toma conta do Babelô?” Carlos. Que era do pai dele, aí o pai dele morreu... Era do pai dele e do tio. Se apresentava em todo canto por aqui. Aí o pai dele morreu, ficou ele. É. O Babelô... Lá no Recife se chama Coco-de-Roda. No Recife se chama Coco. Coco-de-Roda. Eu mesmo ainda tive na praia de Recife uma vez, fui comprar... [pausa] Não me lembro o que eu fui comprar, que eu aí uma noite, o pessoal na casa que eu tava me convidaram pra eu ir... pra um Coco-de-Roda. Lá é Coco-de-Roda, aqui é Babelô. Aqui na nossa é Babelô. É... O cara dança, tem aquela roda feita, tem o cara com a barrica... O cara com uma barrica armada por aqui, tocando... Aquela parte que ele tá cantando. E tem um na roda, dançando. Aí quando acaba aquela parte, aquele, antes de sair da roda, aí apresenta você. Aí você deixa a roda e vai dançar dentro. É. Aí vai trocando...

Ana Claudia – E essas pastoras que tem lá? O Pastoril que tem lá? Quem é que toma conta?

Joaquim – O Pastoril agora não sei quem é, não, mas o menino lhe informa. Carlos lhe informa. Carlos mora em Campo de Santana mesmo. No meu tempo era Teca. Ela morreu agora, há pouco tempo. Era Teca, ela quem era dona do Pastoril de Campo de Santana. Aqui foi Boneca. Mas aqui deixaram acabar tudo. Acabou tudo, agora tem essa de Campo de Santana.

Marluce – Tudo casaram, aí era tudo solteira, aí casaram, abandonaram...

Ana Claudia – Mas essas Pastoras... As apresentações eram na prefeitura? Não tinha apresentação... Vocês faziam apresentação, assim, pras pessoas da comunidade, quando tinha festa de santo?

Marluce – Sim, quando tem festa, aí tem, mas agora é grupo dos velhos. Não é, Joaquim?

Joaquim – É. Nessa época minha era nas festa, no mesmo dia que o Boi-de-Reis brincava, elas brincava também. Qualquer festa que tinha o prefeito mandava, e a gente ia se apresentar.

Marluce – Agora todo fim de ano elas apresentam.²⁸

Ana Claudia – É, as pastoras ali do grupo de velhos, eu já vi um ensaio. Já fui lá ver. E vocês recebiam alguma coisa do prefeito, quando ele chamava vocês?

Joaquim – Não, nós recebia assim... Aquela... Aquele lanche e o transporte. Somente.

Ana Claudia – Então quer dizer que vocês iam, assim, porque gostavam, né?

Joaquim – É, muito bem, é. Aí o prefeito tinha uma irmã que era muito entojada! Pelo prefeito, não, mas por ela, não dava nada a ninguém. Aí ela, muito mesquinha...

Marluce – Agora, ele quem deu as roupas...

Joaquim – É. Aí, a vida dela era brigar, arengar comigo. Eu digo: “rapaz, você não quer nem dar de comer à gente! A gente

²⁸. Refere-se ao Pastoril do grupo de idosos, patrocinado pela prefeitura, do qual dona Marluce também faz parte.

brincando de graça!” Era assim... Agora, quando nós tinha um chamado, assim, pra uma outra festa, aí é que nós ganhava alguma coisa. Pronto, pra Tibau do Sul eu ganhei. Fui apresentar em Tibau do Sul e ganhei... Monte Alegre, eu ganhei. Assim, apresentação assim, de outra cidade. Mas daqui mesmo daqui, da cidade aqui, era só por conta da prefeitura.

Ana Claudia – E as pessoas gostavam...

Joaquim – É, gostavam...

Ana Claudia – Eu gostei de saber do negócio lá da pescaria, lá de Tibau, do pessoal que vinha do interior na época da seca. Eu não conhecia isso. Nunca tinha ouvido falar. O senhor pescou nessa lagoa, de Nísia?

Joaquim – Pesquei e muito! Com armadilha dos outros, tá entendendo? Depois que cheguei aqui não botei armadilha... Pesquei muito aqui, de noite. Na minha... Na minha época... Aqui tinha setembro... A festa aqui, a maior festa que tinha aqui em Nísia Floresta era o setembro, aqui. A festa do peixe. Então era no dia sete. As rede, as pescaria tudinho entrava no dia seis pro dia sete. No dia sete era peixe em rojão. E do dia seis pro dia sete era a noite todinha, baile... Todo tipo de apresentação vinha, e jogo, baralho, caipira, essas coisas toda... Então eu pesquei muito. Eu... Nessa época eu vinha de Tibau do Sul pescar aqui. Mas pescava escondido. Era três mês, toda pescaria suspensa. Nessa época de festa, é... Três mês suspendia.

Ana Claudia – Seu Amaro me falou disso...

Marluce – E não tinha quem pescasse.

Joaquim – Aí tinha a polícia pra pasturar, tinha fiscal, tinha tudo. Aí eu era muito cruel! Eu era cruel demais, eu vinha de lá, e eu tinha o que chamam farol, que alumeia pra tirar o camarão, tirar o caranguejo separado. Então eu fiz uma que só alumiaava pra canoa, e não subia. Eu botei, eu fiz ela dentro duma lata. Acabar, furei a lata todinha a redor, botei... A tampa da lata ficou por cima, que a claridão não subia. Então ninguém via se eu tava pescando... Aí eu ia, só dava dois lance, enchia a canoa... Enchia a canoa de cumê e ia me embora!...

Ana Claudia – Por que passava três meses sem pescar?

Joaquim – Era pro peixe crescer e dar muito, pra dar pra todo mundo.

Marluce – Quando era meia noite, as pescaria saía. Aí quem pegava o peixe maior botava numa vara e andava na festa. E saía muito peixe.

Joaquim – Saía muito peixe.

Marluce – Cacetão, né?

Joaquim – Cacetão! Cada um cacetão! Camurim, curimatã...

Marluce – Por isso que aí os peixe crescia, dentro de três meses. Pegando todo dia, morre.

Joaquim – Traíra, cará, camarão... Era cada um caranguejo, só você vendo! Cada uns caranguejo que era umas coisa! Aí tinha caranguejo... É, pesquei muito escondido. Até uma noite eu tava pescando, de meia-noite... Essa lagoa era cheia de mangue, que era um monstro, essa lagoa! Funda!!! Era funda! Era onde a gente tava pescando. Aí eu com dois rapaz, eu também moço, mas era medonho, era renegado! Não tinha medo de nada! Aí eu tava pescando com eles. Quando eu dei fé, esse negócio de doze horas da noite pra uma. Aí tem um lugarzinho ali, debaixo de um... de Papeba²⁹, que nunca me esqueci disso! Aí eu catando camarão, caladinho pra não bater na canoa mode a polícia não ver. E um rapaz arrastando a rede. Aí, quando dei fé, ouvi aquela pessoa dizer: *Uma incelência, que pros teus filhos deu...* Aí outro respondia: *Senhor ora da veja, Raimundo...* O vento calado... Quando dei fé, esse cara deu um berro dentro da lagoa, a lagoa assim, arrodada de mangue... “Compadre Joaquim? Me acuda, me acuda, que aqui tá morrendo um!” Eu digo: “Homem, cala a boca, por caridade! É aí no Papeba que tão cantando o ofício!” “Ah, eu solto já o calão!” “Trás pra cá com tudo!” Aí quando ele chegou se tremendo todo, aí apanhemo a rede, botemo dentro da canoa e fomos embora. Não ia dar mais certo, que ele se assombrou-se. Aí ele... Deixa que ele topou num pau de

²⁹. Lagoa que faz ligação entre Papary e Guaraira.

mangue deitado, e achava que era o defunto! [risos] Que tava nos pés dele. Aí alarmou...

Marluce – No tempo que cantava incelência. Morria uma pessoa e eles iam cantar. No dia que morria gente, eles nunca ia pegar peixe... Hoje em dia tá muito diferente...

Ana Claudia – É... Hoje em dia a gente não vê mais nada disso...

Joaquim – Vê não...

Marluce – Se fosse cantar agora, ninguém nem liga... Mas era um canto muito penoso... Fazia medo... Aqui no Porto nunca cantaram disso não, mas em Papeba cantavam...

Ana Claudia – Incelência. Eu vi umas mulheres cantando incelência, de Tibau do Sul.

Marluce – É, lá gostava!

Joaquim – Lá gostava também.

Marluce – Naqueles canto por acolá todos gostava...

Joaquim – Pois é, pois o Boi-de-Reis começou assim...

Ana Claudia – O senhor viu quando era criança... e aprendeu... Ninguém lhe ensinou...

Joaquim – Foi. Não, ninguém me ensinou. Eu fiz de minha cabeça mesmo. Que eu via os cara brincar, eu via fazer... Às vezes eles brincavam muito, aí chegava lá em casa, ia acochar aquele Boi. Pra outro dia, ia acochar... E eu ficava olhando...

Ana Claudia – Essa história que o senhor me contou, da lagoa, que o senhor pescava escondido. Tem muita história dessa lagoa aí, não tem?

Joaquim – Tem... Isso aqui se pagava dízimo. Eu ainda paguei. Você pegava cem peixe, aí dava dez. Se pegasse duzentos, dava vinte. Se pegasse trezentos peixe, dava trinta. Então esse dízimo era pra igreja, antigamente, quando tinha esse setembro.

Marluce – Quando a lagoa era de Nossa Senhora, né?

Joaquim – Quando a lagoa era de Nossa Senhora, aí esse dízimo era pra igreja. Todo pescador tinha por obrigação pagar esse dízimo. Em cada porto que saía pesca, aí tinha um cara pra cobrar esse dízimo. Chamavam dízimo. Eu cheguei ainda a

pagar... É. Nós, assim, nós trocava muito peixe. Porque era muita gente pra pescar e muito peixe que pegava...

Ana Claudia – Esses três meses, setembro, outubro, e novembro. Que novembro é a festa da padroeira, né? Nesses três meses vocês ficavam sem pescar. Foram os pescadores mesmos que decidiram que era três meses ou como foi?

Joaquim – Não, foi o prefeito.

Marluce – Era ordem, né?

Joaquim – Era ordem. Foi. Foi o prefeito. Os prefeito antigo, mais antigo aí, criaram essa... Aí depois veio um tal de Chico Missário, que tinha parte com a Marinha, pagava um imposto na Marinha... Aí eu sei que findou ele quebrando, desmanchando o setembro.

Ana Claudia – Quem foi que desmanchou?

Joaquim – Chico Missário, um cara que ele era empregado da Marinha, ele era um fiscal da Marinha. Aí desmanchou o setembro. Aí de lá pra cá não teve mais, acabou. Aí os homem, os prefeito não criaram mais moral... Aí pronto. Mas nessa época tinha o setembro, não tinha polícia pra garantir e tinha o pessoal que tomava conta daquela área. Tinha ordem de não deixar pescar. Só o covo que botava...

Ana Claudia – O senhor sabe de uma história, dessa lagoa, que o seu Amaro me falou assim, por alto, que antigamente era dois índios que tomavam conta dela?

Joaquim – Era. Muito bem. Essa lagoa era... era manobrada por esses dois índios... É. Era Jaci... Jaci e Jacira. É, dois índio... Aí é... Justamente, eles moravam mesmo aí, mesmo aí na Ilha³⁰. Era dona da Ilha e manobrava com a lagoa. Essa lagoa era manobrada por eles dois. É. Jaci e Jacira... [pausa]

Ana Claudia – E... qual é a lagoa que tem uma história de uma serpente?

Joaquim – É Bonfim.

Ana Claudia – Não é essa³¹, não.

³⁰. Localidade às margens da lagoa.

³¹. Refiro-me à lagoa de Papary.

Joaquim – Não.

Ana Claudia – Essa, não tem nem uma história assim, de coisa encantada...

Joaquim – [pausa] Opa!...³²Tem um morro.

Ana Claudia – Ah, é o morro! Já me falaram desse morro e eu não sei onde fica esse morro.

Joaquim – Esse morro é ali embaixo. Chamam... Em Tororomba, de Tororomba pra frente, aí tem um lugarzinho que chamam Morrinhos. Então é entre Tororomba e Morrinhos, esse morro.

Ana Claudia – E o que tem lá?

Joaquim – Lá, antigamente se via... Tá cheio de pedra, né? Tem os mato, e a redor da lagoa, ela é quase no meio da lagoa. Aí tem a pedra a redor, cheio de pedra a redor. E em cima, mato. Então lá a gente via galo cantar, via bater em louça, à meia-noite, assim... Eu mesmo cheguei a ver, né? Na calada da noite, negócio de doze hora da noite, uma hora, que é... A gente tá parado, a gente vê. Eu, uma noite, eu vi... Direitinho um pessoal lavando louça... Agora, quando a gente chega pra perto, a gente vê só a pedra... É, vê só a pedra e... aquilo passou...

Ana Claudia – Quem me contou umas histórias assim foi seu Aderaldo. Aderaldo?

Joaquim – Aderaldo, é...

Ana Claudia – Eu fui na casa dele, ele contou. Aí ele falou. Foi seu Amaro que me falou que ele sabia essas histórias, mas ele nem se lembrava direito. Mas ele falou alguma coisa, assim... Eu não entendi direito. Principalmente essa história dos índios que tomavam conta da lagoa...

Joaquim – É. Jaci e Jacira era quem tomava conta dessa lagoa. Antigamente o pessoal era menos e eles eram dono desse terreno, que é muito grande, que hoje é dos Gondim. Era deles. Também que eles morreram afogados, todos dois.

Ana Claudia – Foi mesmo?

³². Cumprimenta uma mulher que passa na rua.

Joaquim – Foi. É. Moravam na Ilha, por nome Ilha, ali. Numa fazenda. Então no tempo das cheias, que vinha enchente, ficava só a cloa mesmo, com a casa, o resto cobria tudo de água. Aí eles que manobrava. Aí foram tomar banho, os dois, que banho foi esse, que veio uma enchente e não puderam mais voltar. Aí morreu. Dá-se o nome de Jaci e Jacira. Era dois irmão. Era os dono da lagoa.

Ana Claudia – Quer dizer que aqui tinha tribo de índio, né? Teve também... engenho, né?

Joaquim – Tinha. Era, aqui era coberto de engenho. Era um lugarzinho que tinha muito engenho, era esse daqui. Tinha a vapor e tinha a cavalo. Manual...

Ana Claudia – Bom... Eu tô atrás dessas histórias da lagoa, sabe? De histórias sobre a lagoa, dos pescadores que vão pra lagoa, que vão pescar e conhecem as histórias da lagoa, né? Tá bom, seu Joaquim. Eu vou levar isso aqui pra casa, aí depois eu posso passar aqui de novo? Pra qualquer coisa, eu perguntar?

Joaquim – Pode! Quando quiser aprender as músicas, mais alguma, pode vir. Eu sempre vivo em casa, é porque hoje eu saí. Tomei injeção duas vezes no posto. Eu tomei pra diabetes, que eu sou diabético, e tomei agora pra gripe. Eu sempre vivo em casa, sempre.

Ana Claudia – Se eu tiver alguma dúvida, assim, de nome dos peixes, e tudo, eu venho aqui pra... E os nomes do Boi, assim, coisa que eu não entender quando eu for escrever, aí eu vou perguntar pro senhor, tá bom?

Joaquim – Tá bom. Peixe, tem camurim, que você se lembra, cacetão, curimatã, traíra... Nesse tempo não tinha esse outro peixe... Cacetão, traíra, camurim... Esse... Ubarana... E o camarão verdadeiro. O caranguejo verdadeiro também. Aqui era só essas coisas. Hoje já tem outra qualidade, mas nesse tempo não tinha.

Ana Claudia – Tem uma história que os peixes vêm do mar e tem uma parte da lagoa que tinha... Não sei se era em

Guaraíra ou se era aqui, que tinha peixe de água doce e peixe de água salgada, ainda tem isso?

Joaquim – Tem. Tem, é aqui. Que vinha, a barra vinha por Camurupim. Passava em Campo de Santana e despejava.

Ana Claudia – Ah, não era de Guaraíra, não, era de Camurupim que vinha peixe de água salgada?

Joaquim – Era de Camurupim. É, justamente era quando tinha a fartura. Hoje vem da Guaraíra, e não vem muito.

Ana Claudia – Por que secou? Por que fechou a barra?

Joaquim – Fechou porque abriram um rio, que chamam rio Novo, através de draga, aí abriram, que não tinha. Abriram da lagoa de Nísia Floresta pra lagoa de Guaraíra. Aí chupa todas água que tem. Quando a maré vaza, a água vai. E quando a maré enche, a água vem. Aí, no que abriram esse rio, aí o morro penetrou na barra de Camurupim. Aí aterrou. Acabou-se a fartura de peixe. É, que o peixe lá só fazia mais entrar. E a água não saía. Ela vinha, mas não saía. Tá entendendo? Aí o peixe ficava do rio pra lagoa, do rio pra lagoa, todo tipo de peixe crescia, que engordava demais... É.

Ana Claudia – Quer dizer que fechou por isso.

Joaquim – Fechou por isso. O morro penetrou, penetrou, aí os políticos não se vexaram de mandar abrir, dragar, aí acabou-se. O morro tomou conta e ficou difícil. Mas ainda tem o rio, até certas partes. Ainda tem o rio.

Marluce – Joaquim, o rio pequenininho de Campo de Santana, ainda tem?

Joaquim – Tem. Mas não sai lá.

Marluce – Mas ficou só ali, né?

Joaquim – É, até junto da casa de Porca. Vai até lá.

Marluce – É, da maré passava... Da boca da barra passava pra... Campo de Santana, né?

Joaquim – É, descia de Camurupim a Campo de Santana.

Marluce – Aí vinha aqui pra Nísia... Agora onde tapou, que foi o morro mesmo que tapou, aí agora é casa. Tem casa na beira da praia...

Ana Claudia – Quer dizer que onde antes passava o rio, hoje tem casa.

Joaquim – Tem casa, é. Lá na boca da barra.

Ana Claudia – Então quer dizer que antigamente as lagoas, elas não eram ligadas? Porque tem uma barreira, né? Que chamam em Georgino Avelino, uma barragem, que até a água derrubou a barragem, e tudo, né?

Joaquim – É. Aquilo ali não tinha antigamente.

Ana Claudia – Não tinha ligação entre as lagoas...

Joaquim – Não, não, Guaraíra não tinha ligação com Nísia. Veio ligar depois dessa barragem. Guaraíra vinha até Papeba, que é outra lagoinha que tem, mais rasa e pequena, vinha até ali. O resto era só... Varge. Pra botar gado, essas coisas. Aí foi passando de dono... Então aqui era um vale que dava muita banana. Aqui dava muita banana, esse vale aqui era cheio de bananeira e cana. Aí os fazendeiro, com raiva, que não tinha trabalhador, que o pessoal se vira na pescaria, né? Naquela época era dez *tões* o dia. Aí você ia pescar, intocava dez quilos de peixe, você vendia um quilo a dez *tões*, fazia dez conto. Dez mi réis. Aí não ia ganhar um conto. Ia ganhar dez *tões*. Aí os fazendeiro, com raiva, aí botaram esse projeto, pra fazer esse rio, fazer esse rio do governo, que era pra ir pro governo, os fazendeiro daqui... Então tinha um cara aqui por nome Lourival, que era muito sabido, muito estudioso, aí botou esse projeto. Pro governo federal mandar abrir um rio no meio da vargem, somente esse que tem hoje. Fazer uma barragem em Georgino, quando a lagoa... Quando a maré der pra secar, a barragem se abre a porta d'água. Aí chama aquela água todinha pra barragem. E quando a maré encher, a barragem se abre pr'aquela água entrar. Aí disse que ia fazer isso, queria saber se não achava trabalhador! Aí foi projeto dele e de outros fazendeiros que assinaram.

Ana Claudia – Quando foi isso?

Joaquim – Eu não sei se aquela barragem é de sessenta... Dessa época, é, mais ou menos. Sessenta, sessenta e um, tinham começado aquele negócio ali. Foi... [pausa]

Ana Claudia – Pois a gente nem imagina que o rio secou assim... Nem sabia...

Joaquim – É... Secou, que a lagoa ficou seca, no casco. Quando era da primeira barragem que fizeram, secou de um jeito que... Não tinha água do tamanho de mundo. Aí os fazendeiro aumentaram as bananeira, lá vai... Pronto. Aí lá vem, lá vem o inverno bom, aí veio uma chuva, botou a barreira abaixo. Aí começou tudo de novo. Lá vai outro projeto. Fizeram outro. O dessa nova. Tornou a ir pra baixo, aí não fizeram mais. Aí a água ficou entrando e saindo.

Ana Claudia – Mas aí fizeram uma passagem, aí o rio secou, nunca mais enche.

Joaquim – Secou, nunca mais. Porque lá não tiveram cuidado. Porque se tem cavado a boca da barra, aí entrava o rio vivo. Aí você sabe, a praia tem muito vento. Aí vem juntando aquela areia, fazendo aqueles morro... Aí tapou o caminho da água... [pausa]

Ana Claudia – Essa lagoa é muito diferente de antigamente, né?

Joaquim – Tá diferente demais! Ela era grande e funda, hoje... Era por isso que eu pegava muito peixe, eu tinha rede, era grande... Eu, muito esperto, nadava muito, aí eu só botava minha rede no centro, onde tava o peixe graúdo. Aí os cara se admirava, que quando eu tirava a rede, e era cheia de peixe. Só botava a rede quando não vinha ninguém. Aí eu sempre pegava muito peixe...

Ana Claudia – Tá bom... Faz tempo que o senhor mora aqui?

Joaquim – Faz... Faz sessenta anos que eu tô aqui em Nísia. É. Sessenta anos. Cheguei aqui em Nísia com dezesseis anos.

Ana Claudia – Faz tempo mesmo. Já é praticamente daqui, né?

Joaquim – É. Tô com setenta e seis. Também na Guaraíra, pesquei muito na Guaraíra... Lá em Guaraíra tem um poço, tem uma moita, que chama Moita, que também vi muita coisa acolá. Eu era muito peitado, era muito afoito, só pescava nos poço! Aí um dia eu tava pescando na madrugada, tava

pescando, que eu fui pastorear camarão vila-franca³³. Aí eu fui pescar, quando o galo cantou, eu tava com a canoa amarrada. Botava a canoa assim na beira do poço, esperando que a maré repontasse, que era pra o camarão vim e eu botar a rede. Eu tinha muita experiência de pescaria! E eu novo! Um cara novo, mas era medonho! Aí quando eu dei fé, ouvi aquele galo cantar três vez... No pé da pedra... Eu disse: “Compadre Nelson, será que ali tem gente dormindo? Vamos olhar?” Aí ele disse: “Homem, lá vai você! Vá, pra se assombrar e não pescar!” Que nada! Aí eu botei a canoa bem devagarzinho, cheguei lá, não era ninguém. Mas o galo tinha cantado três vezes. Era os antigo, que morava lá antigamente, aí... Os moradores desapareceram, aí tava só a diferença. Aí depois o cara me disse, que era uma morada que tinha que o dono desapareceu quando os holandês andou cavando a barra. Que essa barra aqui quem cavou foram os holandês.

Ana Claudia – Ah, é?

Joaquim – É. É antiga... Então onde eu vi esse galo cantando ia ser... Ia ser o Porto de Natal. Aí foi feito assim: Tibau do Sul ser Natal... Arês ser Natal. Tibau do Sul, onde eu vi esse galo cantando era o porto de embarcação. Aí depois mudaram, trocaram as bolas, aí ficou Tibau do Sul, Natal, e ficou esse poço, que chamava Moita. É, aí foi, não foi, aí se vê... Uma vez tinha um compadre meu pescando, do tempo que eu visitava muito aqueles lado, tinha um compadre meu pescando, ele é de Georgino Avelino, ele morreu. Ele era mais velho do que eu. Nesse dia ele tava pescando de tarrafa... Tarrafa chama vareda. Tudo palavra antiga... Ele tava varejando. Aí ele disse que emburrou, emburrou a tarrafa no meio do poço. E eles anda com... O cara que joga a tarrafa assim anda com uma pedrinha. Leva dez, doze pedra na canoa, que é pra jogar aquela pedra, pra saber se tem peixe. A gente joga aquela pedra, aí quando a pedra bate, se tiver peixe, o peixe salta. Aí disse que jogou uma pedrinha assim, aí saltou uma tainha. Daí ele tinha um tarrafão

³³. Espécie de camarão mais comercializada.

grannde, daí saltou uma tainha, e ele jogou uma tarrafa. Diz que jogou aquela tarrafa dele, que era muito *grannde*, muito pesada! Jogou a tarrafa, quando a tarrafa bateu... Que aí quando ela bate, o cara faz assim: *chhhh*³⁴ Faz aquela linha, pra apumar, pra puxar aquela tarrafa, que é o tempo que o peixe vai pro saco. Jogou a tarrafa... Demorou um pouquinho que a tarrafa sentasse, a tarrafa sentou, ele chicotou ela, e pegou a puxar. Quando chegou em certo ponto, ele disse que a tarrafa não queria se levantar. Não queria vir de jeito nenhum. Ele disse: “engalhada, ela não está! Peixe, não é, que não tá batendo...” E haja muita luta, muita luta, e bate... Ele disse que às vezes, levantando a tarrafa, quando viu, a tarrafa vinha aqui assim... Toda aberta! Ele disse, com um tacho maior do mundo, e um tacho muito bonito! Disse que era um tacho que chega faiscava! Ele contando a mim... Aquele tacho bem feito. Conheceu bem que era um tacho. Agora, não sabia se era ouro, se era prata, não sabia o que era. Sabia que o bicho encandeava. Quando ele foi pegando na tarrafa, que já tinha dado umas três voltas na tarrafa, que chegou pra ele pegar o aro do tacho, pra botar dentro canoa, ele disse: “ah, filho da puta! Faz três dias que eu bebo à tua custa!”³⁵ Mas ele disse, quando disse isso, o bicho deu um puxão, deu um empurro pra dentro d’água, que se não solta, tinha ido com canoa, com tudo!

Marluce – [rindo muito] O homem vai chamar nome?

Joaquim – Foi! Ele me disse: “Nunca mais, nunca mais, compadre, nunca mais! Acabou-se, perdi minha fortuna! Foi eu mesmo que botei no mato! Compadre: era grande, e de não fosse ouro, era prata, ou cobre. Era um negócio de futuro! E eu, minha tarrafa é grande, mas do tamanho que era o saco da tarrafa, ele vinha. Aí quando eu fui pegar no aro dele, que disse: ‘ah, filho duma puta! Assim eu sabia, faz três dias que bebo à tua custa!’ Égua! Encapotou pra dentro d’água, não

³⁴. Mostra gestualmente a forma como se joga a rede no mar e o jeito que o pescador faz, com o corpo, para puxar a rede sem deixar o peixe escapar.

³⁵. Dona Marluce, atenta, acompanhando a narração, dá uma gargalhada no desfecho da história.

voltou, que não teve... Nem a tarrafa engalhou! Desceu foi todo!” É. Aí o cara disse: “Rapaz, isso é coisa encantada aqui dentro...”

Marluce – Naquele tempo aparecia essas coisa, né? E ali no Morro, que o povo diz que tem duas espingarda, né?

Joaquim – É, dizem que ali, onde eu lhe disse desse morro aí, diz que tem uma mina. Tem uma mina muito grande, com duas espingarda, pra quem for tirar ela, atirar um no outro. Como é que se chama? A ambição do ouro, que é só ouro. É. O primeiro sinal, diz que é um casal de xícara de ouro. Até isso tem na história. É esse morro aqui.

Marluce – Morro Banana, né?

Joaquim – É, Morro Banana...

Ana Claudia – O povo fala muito dessas histórias... Eu vou fazer o seguinte: qualquer dia eu venho aqui outro dia, aí o senhor vai se lembrando dessas histórias, aí eu venho aqui e o senhor me conta?

Joaquim – Tá certo!

Ana Claudia – Tá certo? Eu sei que tem muita. [risos de seu Joaquim e de dona Marluce] Ela também sabe, olhe!!! [risos]

Marluce – [rindo] É que já ouvi contar...

Ana Claudia – Pois aí qualquer dia eu volto aqui, aí vocês me contam, tá bom?

Joaquim – Tá bom.

Marluce – Tá bom.

[fim]

Transcrição 6 – Seu Carlos e dona Verônica

Em visita a Campo de Santana, procurei pelo responsável pelo Babelô, seu **Carlos**, indicado por seu Joaquim em conversa anterior. Campo de Santana é uma comunidade localizada no município de Nísia Floresta, entre as margens da lagoa de Papary e a costa do litoral sul, perto da praia de Camurupim. Encontrei-o em casa já no fim da tarde e, mostrando-me interessada pelo Babelô, propus a ele conversarmos um pouco sobre as origens e práticas da brincadeira. Ele não esperava pela minha visita, por isso a princípio se mostrou um pouco envergonhado, dizendo não estar vestido bem para me receber, mas depois ficou à vontade quando começamos a conversar. Sua mulher, dona **Verônica**, que acompanhava nossa conversa, também participou da entrevista relatando sua experiência como brincante.

Seu Carlos é aposentado, ex-ferroviário. Foi também jogador de futebol do time da sua cidade. Trabalhou em Natal, mas sempre viveu em Campo de Santana. Somente depois de aposentado montou o Babelô (no clube dos idosos da comunidade) e hoje depende dos convites da prefeitura para realizar as apresentações. Seu Carlos deu depoimentos sobre a origem, constituição e situação atual da brincadeira. A partir destas lembranças, o narrador começa a contar a sua história de vida e a história da comunidade onde mora.

≈≈≈

Ana Claudia – Boa tarde... Boa tarde...

Carlos – Essa aqui é minha esposa.

Ana Claudia – Boa tarde... Aí ele me falou que tinha trazido o Boi, e tudo. Aí eu queria saber o que é esse Babelô, que ele me falou que tinha um Babelô, e como foi que surgiu aqui na cidade.

Carlos – Surgiu aqui na cidade... na cidade... aqui, da... raízes do pessoal mais velho, que nem... Como eu digo assim, um avô, um... Porque eu já sou o quê? Eu já sou, assim... Já sou um avô. Pronto, essa menina que passou aqui é minha neta. Eu já sou um avô. Então aí concluo que eu aprendi isso com um tio meu. Que se chama Joaquim. Ele morava em São José do Mipibu. Ele criou isso aí. Ele criou, foi ele. Tocava, e então cantava, e nós começamos a cantar...

Ana Claudia – O senhor aprendeu com ele. E aprendeu lá ou aqui?

Carlos – Não. Eu tive aquele, eu tive aquele dom. Não tive contato com ele. Nunca brinquei com ele, não. Eu tive aquele dom de aprender, e tudo que... e tudo que... Pronto. Eu fui criando, né? Fui criando aquilo... Que saia da cabeça da gente, né? E cria na hora. Fui criando...

Ana Claudia – Como foi que surgiu isso aqui? Foi em Campo de Santana que o senhor criou? As pessoas se reuniam, como é que surgiu a ideia?

Carlos – Bom, surgiu, surgiu a ideia, assim... Surgiu a ideia do clube de idosos.

Ana Claudia – Esse clube dos idosos é aquele que tem lá em Nísia?

Carlos – Em Nísia Floresta. É o mesmo... Pronto, aquele. A... A primeira-dama, que é dona Nininha, ela quem comanda todo o território daqui de Nísia Floresta é ela. Agora tem as animadora, né? Pode chamar assim: animadora. Ceicinha, ela é quem comanda a gente. Então, a gente quando sai assim, então ela manda avisar que tem um convite daqui, d'acolá, pra apresentar, na cidade de fulano de tal, na cidade tal... A gente vai. A gente vai com a autoridade de dona Nininha. Então ela não pode ir, a primeira-dama, né? Que é a esposa de Lourenço... A outra vem e leva a gente pra dançar...

Ana Claudia – Quer dizer então que isso foi criado na gestão desse prefeito? Antes não tinha?

Carlos – Tinha. Não. Tinha... Assim, esse Bambelô, essas coisas, essas animação, essas coisa tinha aqui, mas o clube

dos idosos não tinha. Não tinha, nunca ouvi falar disso. Eu sabia que tinha clube dos idosos, mas só em Nísia Floresta, na época de seu Almir, que foi o outro prefeito, mas aqui nessa comunidade não tinha...

Ana Claudia – Mas já tinha Babelô...

Carlos – Não. O Babelô... Quem criou o Babelô... Foi... Edílson. Marido de Sônia. Ele mora em Nísia Floresta.

Ana Claudia – Não sei quem é. Como é o nome dele?

Carlos – Edílson. Aí ele... Quando ele criou... Aqui, na região daqui, de Campo de Santana, aí quando ele entrou aqui, pra tomar conta da gente, das coisas dos idosos, aí ele disse: “Carlos, você... você é repentista?” Eu disse: “Não, eu não sou repentista.” Eu sou, eu sou um cara... gracioso [risos], eu gosto de fazer graça. Faço muita coisa assim, de repente, de inventar as coisas... Mas não sou repentista. Repentista é violeiro, embolador, esses negócios, essas coisas, eles fazem isso. Aí ele disse: “Seu Carlos, é porque... vamos montar um Babelô.” Porque ele me via, quando eu saía em carro de jogo... Você sabe o que é, quando tinha jogo... Aí quando o time da gente ganhava, que se chama o Cruzeiro, aqui... O time ganhava, aí eu vinha de lá pra cá, só embolada, era aquela animação, aquele negócio, não... Aí vinha do jeito que tinha. Chegava aqui aí era aquela animação, que o time ganhou, aí lá vai, era aquela festa... Tinha uma batucada... “E o Babelô?”... Pro Babelô precisa de muita gente também, a gente cria também... Nesse tempo se chamava... Tem o Babelô e o Pau-furado... Até que a gente preferiu foi o Babelô, porque o Pau-furado a gente não tem.

Ana Claudia – Qual é a diferença de um pro outro?

Carlos – Não, porque o Pau-furado é um pau aqui... Eles acham aqueles pau oco, assim, na mata, sabe? Aí eles ajeitam, cortam direitinho... Aí botam um couro, um couro pregado de prego, de brocha, de coisa assim... Aquele couro, aí bota no fogo, assim... Aí aquele pau, quando esquenta, aí que bate nele, assim, ele tine.

Ana Claudia – Ah, tipo um instrumento.

Carlos – É. Aí tem uma chama também, que é mesma coisa, que o pau, que faz a mesma coisa lá, aí quando bate...

Ana Claudia – E o Babelô é outra coisa, né?

Carlos – É. O Babelô, a gente inventa com um pandeiro, com zabumba... Aí essa é a diferença.

Ana Claudia – Mas aqui na comunidade, vocês não brincam, não, sem ser assim, de apresentação?

Carlos – Não. Fora disso, a gente não brinca. Só quando vem... Quando vem... Se tem uma brincadeira aqui, aí assim... “Chama o menino do Babelô pra...” Aí eu vou lá e canto uns negócio, umas coisa, né? [risos]

Ana Claudia – Ah, o senhor faz improviso?

Carlos – É, improviso.

Ana Claudia – E com quem que o senhor... É, como foi que despertou isso no senhor, faz tempo?

Carlos – Não... Não, em qualquer momento assim, eu invento qualquer coisa, e faço uma coisa com a outra, e vou emendando, sabe? Emendando... Inté que a gente sai fora, né? Aí uma vez eu disse assim, eu pensei assim... Quando termina tudo, aí assim... Eu não sei não, eu acho que eu errei... “Não, tu vai ver tua fita aí, que a gente gravou.” Aí bota, e... [risos] É, parece que tá mais ou menos! Eu dizendo, né? [risos] Não sei se alguém acha engraçado ouvir isso...

Ana Claudia – Mas, assim, desde quando que o senhor canta essas coisas, assim? Muito tempo?

Carlos – Não, porque... Não, porque eu não tive tempo pra essas coisas... Porque eu era um empregado, um empregado e trabalhava. Até que me aposentei. Aí quando eu fiquei... Quando eu me aposentei... aí... Eu sou funcionário da Rede Ferroviária. Aí comecei a trabalhar na Rede Ferroviária... Aí então... Comecei a trabalhar na via permanente... Depois... Eu comecei a jogar bola. Aí eu quase joguei profissional, quase que deixava meu emprego pra ser profissional. Aí os amigos chegavam por trás: “não, deixe de ser besta, você vai largar um emprego federal pra ser profissional de futebol?”... Eu disse: “Rapaz, é verdade... Eu já tenho vinte e nove anos,

vinte nove. Com trinta e poucos anos o cabra já não é mais nada no futebol...” Então eu continuei ainda jogando em Eduardo Gomes, Parnamirim... Aí fui deixando... Aí me machuquei, fui afastado, fiquei no INSS, fui sofrendo, sofrendo... Inté que um dia... Eu voltei ao trabalho. Inté que fiquei bom, tudinho, aí voltei a trabalhar, aí eu fui trabalhar, aí foi melhorando a situação. Até que enfim, me aposentei... Mas nunca deixei de morar aqui, não... Porque quando eu vinha... Eu trabalhava até a sexta-feira, quando era no sábado...

Ana Claudia – O senhor trabalhava em Natal?

Carlos – Era. Passava a semana todinha lá.

Ana Claudia – Então o senhor não era pescador, como eles¹.

Carlos – Não... Não, eu, porque eu gosto de pescar. Eu gosto de pescaria, eu gosto de caça. Inté que, inté que caçar eu deixei... Sabe por quê? Porque eu acho... Uma coisa assim, atirar num passarinho... Eu acho uma coisa meio... Eu até me arrependia... É. Eu ficava assim... Por quê? Até as ave quer viver na vida! E eu fazer isso? Aí... Eu até tenho espingarda aqui, vive enferrujada. Eu é que vivo limpando ela de vez em quando, mas é difícil eu sair... Agora pescar, pescar, pescar, eu pesco. Pescar eu não deixo, não.

Ana Claudia – Aprendeu com quem?

Carlos – Ah, mais meu pai, minha mãe... quer dizer... Minha mãe... Sim, minha mãe mesmo! Minha mãe pescava caranguejo, caranguejo que se chama caranguejo-uçá... Caranguejo, essas coisa assim, pra sobreviver, pra criar a gente...

Ana Claudia – Eles pescavam aqui... O senhor nasceu aqui?

Carlos – Nasci aqui, mas... Aqui mesmo... Eu nasci lá na outra cidade de lá que é mais atrasada que aqui, e muito... Que chamava-se cidade velha. Cururu.

Ana Claudia – Cururu... Hoje não existe mais...

Carlos – Não existe mais... Aí eu... Eu nasci lá... Ali o nego sofria...

¹. Refiro-me a seu Amaro e seu Santo.

Ana Claudia – Me conte como era essa história dessa cidade, que eu já ouvi falar várias vezes, mas eu não sei...

Carlos – Não, era uma simples cidade... Simples cidade, interiorzinho... Tem uma coisa: quem chegava de fora ali, era bem chegado, bem apoiado. Toda gente em casa de taipa... Já ouviu falar em casa de taipa? Casa de taipa, de palha de coqueiro, coberta com palha de coqueiro, essas coisa... Era humilde, mas se você chegasse lá, não era que nem agora, que você chega numa casa, às vez ninguém nem convida pra você entrar [risos]. É ou não é? Às vez sabe o que é? Não é nem... É com medo das... das safadeza que anda no mundo, traição, essas coisa, né? Às vezes você anda sozinha... Mas quem sabe que você anda sozinha? Ninguém sabe. É ou não é? Às vezes ninguém deve confiar em ninguém. Mas sempre... Em Campo de Santana... O povo achava *bommm*... Achava bom, era atração pra lá, atração pra cá... Uma brincadeira pra lá, outra brincadeira pra cá... A gente vivia nessa vida assim... Embalado? Não tinha energia... Ter energia? Nós nem sonhava em ter energia... A gente tinha aquelas radiolazinha portátil, aí a gente comprava... “Vamos brincar a noite todinha!” A gente comprava sabe quantos carregos? A radiola pegava seis carregos. Seis carregos. Aí então a gente comprava o quê? Duas dúzia... pra passar a noite... Aí quando chegava assim, de quatro hora, a radiola tava assim, *nhenhennhemmm*... A pilha, né? Isso e a gente dançando lá, a gente tudo animado... Não havia briga, não havia confusão... Hoje em dia é tudo animado, meio mundo de coisa, mas... Quando dá fé... Hoje ninguém tem condição de brincar, porque o povo não deixa... Só querem brigar... Isso é como se diz... Às vezes não é nem gente daqui, é de fora, que vem... Que faz essas coisa, não sabe? Bagunçar, essas coisa... Não dão valor. Eles criam as coisa... Eles, que é a mocidade, criam as coisas deles, mas não dão valor. A gente não. A nossa... a nossa... A nossa juventude de antigamente, a gente dava valor. Que a gente brincava lá, farreava... Poesia... A noite todinha... Na porta de

um, na porta de outro... Eu mesmo cansei de fazer isso. Poesia, violão...

Ana Claudia – De casa em casa?

Carlos – De casa em casa. Violão... Quem queria, né? Qualquer coisa, se arreclamava, a gente pára. A gente saía e a gente ia... A gente saía e diziam... “Não vão embora não, se achegue na porta”... Tem gente que recebia a gente lá dentro, e a gente passava a noite *todiiinha* lá... Tocando violão, cantando aquelas *poesiiiia*... Cantando esses negócio *boniiito*... Bagunça, não. Hoje em dia, quem que vê?

Ana Claudia – O que tem aqui hoje, assim, de diversão? Naquela época não tinha luz, mas tinha...

Carlos – A diversão hoje que eu conto pra senhora... Tem um clube aí. É a diversão. Quando vai começar, quando vai começar... Aí pronto. Tem a discoteca. No sábado. Tem a discoteca à noite. Quando a discoteca vem começar a tocar, é onze horas da noite. Qual é a mãe de família, a mãe de família que deixa suas filhas ir pra discoteca essa hora? Não é complicado? Aí filho se revolta contra pai, Aí vira bagunça por causa disso, né? (...)

Ana Claudia – Por que essa cidade Cururu não existe mais?

Carlos – É porque naquela época dava aquelas cheias, aí saía todo mundo e ia pros alto. Nunca morreu ninguém, mas saía gente, saía de canoa, e saía lá pros alto do coisa, enquanto baixava a água pra voltar... Porque era um baixio, né? Era lá em baixo... Aí, na época, o governo tinha aqueles açudes, aquelas coisas assim, aí quando estourava... Aí: “Estourou o açude de fulano de tal, não sei o quê...”, aí já sabia que atingia aqui. Aí já ia... O cara que morava em canto baixo já ia desabando. Ia procurar fazer um ranchinho de coisa... Ainda bem que palha, essas coisas, e pau, essas coisa... Naquele tempo o Ibama, não existia Ibama, essas coisas... Aí, tirava, de repente fazia um rancho, uma casinha, pra se morar... Aí fazia até um galpão grande, pra morar...

Ana Claudia – Aí depois da época da chuva voltavam, essas pessoas voltavam?

Carlos – Aí voltavam tudo pras suas casas... Às vezes ficava assim... Daqui pra cá enchia d'água, e aí era só o varal, que naquele tempo era casa de taipa, né? Só tinha os buraco... Aí o cabra chegava, em uns dia ajeitava tudinho... E voltavam...

Ana Claudia – Aí com essas cheias o pessoal abandonou?

Carlos – Éééé... Aí chegou o governo. Aí chegou o governo... Chegou... Zé Agripino²... Primeiro foi Aluísio Alves³. Quem levou Aluísio Alves na canoa lá pra cidade, lá, foi eu... Quando chegou lá, que foi lá na frente, a canoa bateu num toco, a canoa afundou, mas já tava com água até aqui⁴, que chegou até aqui. Aí o pessoal pegaram ele, levaram... Aí todo molhado, só daqui pra baixo, né? Levaram botaram ele numa casa, que era mais alta. Ele disse: “não, eu fico dentro d'água mesmo”. Mas ele era governador, né? Aí botaram, passou tudo, se despediu do povo, aí foi embora noutra canoa, lá. Aí... No tempo de Aluísio Alves. Depois daquele governo, Zé Agripino, Lavoisier Maia, esses pessoal aí⁵... Sei que arrumaram esse terreno aqui com o prefeito pra mudar... Pra mim foi uma boa, né? Apesar que eu não morava... Eu não mais morava lá. Tinha a casa... Tinha uns troço... Que quando eu me casei eu deixei um bocado de coisa lá, de trabalhar, pra não dar viagem... Eu deixei um bocado de coisa lá, que eu nunca que ia desprezar minha cidade, não. Até hoje... Eu morava, trabalhava em Natal, passava a semana lá trabalhando... Minha esposa aqui... Eu morava nessa casa aí⁶, que era de minha mãe... Que morreu... Meu pai também... Mas... Depois foi que eu fiz essa aqui... Mas nunca deixei de morar aqui. E eu vou findar minha vida aqui... Morando aqui... E o Babelô, a gente quando... Quando a comunidade quer, ajunta todo mundo, o pessoal todinho, homem, mulher, essas coisas, a gente faz. A gente brinca a qualquer hora.

². Governador do Estado na década de oitenta.

³. Político que exerceu mandato na década anterior.

⁴. Até a altura das coxas.

⁵. Ex-governadores do Rio Grande do Norte.

⁶. Aponta para a casa do outro lado da rua.

Ana Claudia – É música... Aí o senhor canta e o pessoal dança...

Carlos – É. É só pancada de tambor...

Ana Claudia – Ah, e quem é que participa daqui da comunidade? É só gente da família, ou tem outras pessoas?

Carlos – Não... É... é só... É só os idosos, somente. Só os idosos.

Ana Claudia – Ah, só os idosos... Vocês ensaiam?

Carlos – É difícil ensaiar, mas quando a gente apresenta dá tudo certo. Todo mundo já sabe o que tem que fazer, é. Quando eu vou começar, eu explico tudinho, direitinho, certo, aí eles já sabem...

Ana Claudia – Então se foi criado um clube de idosos, então faz pouco tempo que existe, né? Tem alguma história? O senhor se lembra de alguma história, de algumas apresentações que vocês fizeram?

Carlos – Não. Não, eu não tenho esse... Até porque a gente aqui... Eles lá⁷, tiveram muito tempo. Porque lá eles começaram primeiro do que a gente. Porque é da época do prefeito Almir. Aí tinha a filha dele, que tomava conta do clube dos idosos, mas só tomava conta do pessoal de Nísia mesmo, só aquele local de Nísia mesmo. Depois de Lourenço, aí foi que pegaram a... Aí tem um em Campo de Santana... Pegaram ali... Pirangi... do Sul...

Ana Claudia – Sim, aí é tudo do clube dos idosos...

Carlos – Tudo do clube dos idosos. Agora lá não tem... Aqui tem um bocado de coisa. Aqui é animado. Aqui eles criam um bocado de coisa, aqui eles fazem uma brincadeira, drama... Eles fazem Drama... Pastora... Essas coisas, eles criam...

Ana Claudia – Aqui em Nísia...

Carlos – Aqui em Nísia e aqui em Campo de Santana, aqui... O *coisa* de Nísia, aqui, é Campo de Santana. É aqui. Nísia, quando quer criar um negócio, quando quer apresentar um negócio, manda chamar aqui.

⁷. Refere-se aos idosos do clube em Nísia Floresta.

Ana Claudia – Quem é que eu posso conversar, seu Carlos, que sabe dessas coisas, dos dramas, dos romances, de coisas da cultura que tem por aqui, fora o senhor?

Carlos – Daqui de Campo de Santana? Aqui, olha... Tem muitas pessoas... Mas você quer o quê? Você quer falar em quê? Apresentação de quê? De Drama?

Ana Claudia – É, porque eu não sei o que tem. Eu estou procurando as coisas que tem, de cultura popular. Eu já achei dona Maria, que faz aquele “Pirão-bem-mole”...

Carlos – Sim, sei, ela é do Porto...

Ana Claudia – Pronto. Aí eu soube que existia as Pastoras no clube, o Boi-de-Reis, que era de seu Santo...

Carlos – Seu Santo, sei quem é...

Ana Claudia – Seu Santo e seu Amaro... Aí eles me disseram que conversasse com seu Joaquim, que era quem tinha trazido o Boi pra Nísia Floresta. Aí eu fui conversar com seu Joaquim e ele me falou que tinha o Boi, mas que não tinha só o Boi, tinha o Babelô também e que quem tomava conta era o senhor. Aí eu estou aqui por conta disso.

Carlos – [ri muito] Ah, pronto... Ela⁸ aí é uma apresentadora, ela é uma apresentadora. Ela tem as colega dela, que apresenta e eu faço parte também...

Ana Claudia – Como é o nome da senhora?

Verônica – Verônica [...]

Ana Claudia – Dona Verônica, eu acho que já vi o nome da senhora em algum lugar!

Verônica – [risos] Ah, e já?

Ana Claudia – Já, eu acho que já vi seu nome lá na Fundação José Augusto. Ou então foi dona Maria que me falou da senhora...

Verônica – Não é a faculdade? É porque a gente foi fazer uma apresentação lá. Realmente teve a parte de Drama e teve o Babelô, porque foi Ceicinha, Maria da Conceição que

⁸. Refere-se à esposa, dona Verônica, que até então acompanha nossa conversa em silêncio.

levou. Que ela estudou lá, então levou a gente pra fazer uma apresentação lá na faculdade.

Carlos – Fique aí, senta aí nesse banco, que eu vou lá dentro procurar... [?] A minha parte eu já conversei com ela, já...⁹

Verônica – Eu acho que deve ser isso aí. Deve ser isso aí, que você trabalha com cultura. Eu acho que você já viu foi isso, porque foi lá na faculdade, então deve ter sido isso.

Ana Claudia – Vocês apresentaram o quê nessa época?

Verônica – Nós apresentamos o Coco-de-Roda, o Bambelô, apresentamos... A parte... A parte a gente apresentou ou não? Parece que apresentamos a parte do Peru... E o Drama, as partes de Drama...

Carlos – A parte do Peru, não.

Verônica – E tudo que a gente... A gente quando inventa, assim, se quiser apresentar as coisa, a gente apresenta.

Ana Claudia – E também é do clube de idosos?

Verônica – É.

Ana Claudia – Lá de Nísia?

Verônica – Não, daqui mesmo.

Ana Claudia – Que eu já fui no clube de idosos lá de Nísia.

Verônica – Não, é aqui mesmo, porque aqui foi fundado depois do prefeito João Lourenço. Foi fundado aqui, foi fundado Pirangi, e agora Pium. Agora só que o principal mesmo, desde o início de seu Almir, é o de Nísia. É o de Nísia.

Ana Claudia – O que mais vocês têm de coisas de cultura popular aqui?

Verônica – Bem, de cultura popular... como assim?

Ana Claudia – Como o Bambelô?

Verônica – Pronto. Nós temos o Bambelô, tem as garotas da perseverança da Igreja que representam o Pastoril. Nós temos... Nós temos gente que apresenta Drama. Que eu sei que Drama não é cultura, né? Uma vez disseram que o Drama não era cultura...

⁹ . Seu Carlos se afasta um pouco, mas permanece por perto, acompanhando a conversa.

Ana Claudia – Quem foi que disse isso?

Verônica – Uma moça que mexe com esse negócio de turismo, né?

Carlos – Mas ela não sabe o que é cultura.

Verônica – Ela falou que Drama não era cultura. Porque o Drama é uma coisa que desde a nossa... De quê? Desde os nossos avós, bisavós... Do pessoal antigo, né, pai¹⁰? Então vem passando pra os mais novos. Então nós, não somos todas, mas tem umas que apresentam ainda um Drama, né? Parte de Drama. Tem umas parte bonita, tem umas mais feia, aí já tem como agora, que nós estamos apresentando o Bambelô, já é lembrando o pessoal mais velho... Né? Os nossos pais, os nossos avós. Pronto, principalmente como o tio dele¹¹. O tio dele era quem apresentava esse Coco-de-Roda. Só que ele morreu, né? E daí por diante. O Pastoril... Só o que a gente não tem aqui é esses negócio que chamam A Lapinha, ou o Marujo. Essas coisas a gente não tem, não. A gente não apresenta, não. Nós não temos, mas é porque nós nunca se interessamos pra aprender. Mas também se tudo isso... E muito... Também outra coisa: hoje em dia a mocidade não é como antigamente, que aceitavam tudo o que os pais queriam ensinar, né? E hoje muito garoto, muito jovem não quer representar as coisa antiga. Então pronto, fica nisso. Fica difícil a gente apresentar as coisas dos nossos pais, nossos avós, tá entendendo?

Carlos – A gente apresenta o Bambelô... Pronto, o Bambelô que nem eu... Eu vou... Quando chego lá, aí tem... Cinco, seis pessoa... Eu digo assim: “mas rapaz!” Porque o Bambelô tem que ser umas vinte pessoa...

Verônica – Ou mais.

Carlos – Ou mais...

Verônica – As parelha saem iguais...

¹⁰. Pede a confirmação do marido.

¹¹. Tio do seu Carlos.

Carlos – Cada pessoa é como se fosse uma parêntia... Porque quando ali tiver tocando, e eu tiver improvisando, o pessoal tá ali. Aí só pouca pessoa... Um fica cá e outro vai lá...

Verônica – Não importa. Ele me chama. Eu sou a parêntia dele, ele vai e me chama... Aí aqui já tem outro casal, já chama esse casal... Porque ele tá acabando, aí quem vai sou eu e tiro esse casal. Aí vem esse casal aqui pra roda. E assim por diante. Mas agora só que não tem bastante... Bastante homem tem. No clube dos idosos tem bastante homem, só que não querem brincar. Tá entendendo? Aí é mais mulher do que homem. Fica feio por isso. Porque é mais mulher do que homem. Porque não é porque não tenha homem no clube dos idosos. Tem bastante. Mas só que não querem participar. O problema todinho é esse. Fica feio por isso. Por causa disso.

Carlos – Ela chegou, eu tava trabalhando... Olha aí, minha calça, toda¹²...

Verônica – É isso mesmo! Isso faz quem vem fazer surpresa! [risos] Se faz surpresa só acontece disso!

Carlos – Inda ia tomar banho...

Verônica – Ainda bem que pegou você em casa, ainda...

Ana Claudia – Seu Joaquim foi quem falou pra mim que tinha esse Babelô... Seu Joaquim ou seu Amaro? Seu Amaro. Aí que eu falasse com seu Carlos que ele tomava conta desse Babelô e eu queria saber como é que era.

Carlos – Agora a gente só pode... Assim... Só pode tá dizendo... Se chega gente e diz assim: “Vamos lá em canto de Fulano, pra gente fazer um Babelô, essas coisas?” “Olhe, não vou.” Nós somos... Porque aqui nós somos uma comunidade. Então o Babelô não é meu, que vou sozinho.

Verônica – Nós tem quem comanda a gente, né?

Carlos – Tem. Tem Ceicinha ali...

Verônica – Maria da Conceição. Pronto. É onde a gente foi ali, da faculdade.

¹². Comenta, sem jeito, que não esperava minha visita, pois não se achava vestido apropriadamente para me receber.

Carlos – Pois é. Aí tem Ceicinha. É quem comanda a gente tudo, entende? E tem a primeira-dama, que sabe que é geral, né?

Verônica – Mas a coordenadora é Maria da Conceição, que a gente chama Ceicinha.

Ana Claudia – E é essa que estudou na faculdade...

Verônica – É. Na faculdade.

Carlos – Então a gente só vai com ordem dela. Com ordem dela. Se ela chegar lá... Ela vem a mim e diz: “Carlos, tá acontecendo isso, e assim, assim, assim... E eu quero que você vá mais assim...” Se eu disser que vou, eu vou. Se eu disser assim: “não, não tem condição...” não vou. Aí ela fica triste pra lá... “Homem, eu vou fazer o quê? Já disse que você...” Você tá indo por mim... Você tá indo por você. Porque se eu não for você não vai apresentar o Babelô porque não tem quem tire. Não tem quem faça. Porque isso aí é um improviso. Isso você cria da sua cabeça. Você inventa, você cria, você faz tudo. Da sua cabeça. Né? Isso aí não é uma coisa que você tá ali, você aprende num livro, que você chega, e coisa, e vê e faz, e... Não é uma música, que uma pessoa chega, e passa cinco, seis meses pra fazer ela. Você cria na hora. “Fulano de Tal, essas coisa... lá, lá, lá, lá...” E faz elogio, essas coisa... Pra tudo dá certo. Tudo, no fim, dá certo. É uma coisa que a gente... Cria da cabeça da gente. É que nem embolador de coco, né? [risos] Tem embolador de coco, tem cantador de viola, essas coisa... Tudo ele improvisa. E dá tudo, tudo certo... [pausa]

Ana Claudia – Tá bom... Eu estou procurando as pessoas que fazem essas coisas, porque geralmente elas têm histórias das apresentações...

Carlos – Se a gente for contar história da cidade da gente, das coisa que acontece... Vai muito longe, sabe por quê? Olha, porque hoje... Hoje nós tamos morando aqui. Nós tamos morando aqui, nessa comunidade. Eu, pra mim, eu aqui tô no céu. Pra mim... Eu também já tô com cinquenta e cinco anos, vou fazer cinquenta e seis anos... Teimoso que só eu... Ainda joga bola, ainda... Né? [risos] O cabra com cinquenta e seis

jogando bola... É ou não é? E tendo o sofrimento que eu já tive, quebrei o fêmur... Quebrei um fêmur, tudinho, essas coisas... Passei cento e oitenta dia sem vim em casa por causa disso aqui. E então continuar jogando bola, então pronto. Eu por mim, levanto as mão pro céu e agradeço, porque eu sou um... Como é que se diz... Um vencedor... Da vida, de tudo, né? Então pronto. Eu tenho meus amigo... Ei, tudo bom!¹³... Então, como eu tava falando agora... Vivia lá... Arrancando caranguejo-uçá... Unha de velho... [risos] que chamam sururu, né? Pescando goiamum... Essas coisa... Quando chegava no fim de semana, vendia aquilo tudo... A mãe da gente: “dá o dinheiro pra cá!” Aí pronto, ficava sem um tostão... [risos] Rapazinho, querendo namorar, essas coisas... [risos] Então eu posso dizer que eu fui um sofredor. Só eu não! Eu e muitos colega meu. Mas eu sempre tive uma sorte mais... [?]¹⁴... Um homem lá da base arrumou um emprego lá pra meu pai... [?] Sofremos um bocado por lá, essas coisas, mas se demos muito bem. Graças a Deus, foi por lá que eu comecei com emprego essas coisas... Trabalhei de servente de pedreiro, trabalhei de pedreiro, trabalhei de coisa de caminhão, que chamava *cagalama* de caminhão, essas coisa... [risos] Tudo isso pra sobreviver! Só tinha uma coisa que eu não queria, era roubar! Nunca pensei em roubar, mas essas coisas tudinho... Minha vida foi essa. Aí depois quando eu me aposentei, essas coisas, eu fui... Reunii o clube dos idosos, então desde aí, essa brincadeira...¹⁵

Verônica – Pronto, esse aqui é o número do telefone do orelhão. Fica pertinho da casa dela. Aí se for você só é falar: “Eu quero falar com a filha de Verônica.” Aí dá o recado pra ela, que ela vem me comunicar... Essa é a minha filha¹⁶.

¹³. Cumprimenta um conhecido que passa.

¹⁴. Trecho inaudível. Seu Carlos diminui o tom da voz quando começa a contar fatos da sua vida.

¹⁵. Nesse instante, dona Verônica retorna trazendo o número do telefone.

¹⁶. Traz a filha para que eu a conheça.

Ana Claudia – Oi! Quando eu ligar, já sabe quem é, né? Meu nome é Ana Claudia, e eu vou marcar pra conversar com eles, qualquer dia desses... E eu tô em contato com seu Amaro, quando tiver apresentação, que ele for, acho que o senhor também vai, né? Sempre vão juntos...

Carlos – É.

Ana Claudia – Pronto, e aí qualquer dia a gente se encontra! Eu vou assistir vocês, tá certo?

Carlos – [risos] Ah, se eu fizer feio! Aí você não repare não...

Ana Claudia – Não! Não se preocupe, não!!! [risos] Eu vou indo, tá? Vou desligar...

[fim]

Transcrição 7 – Seu Pedro e seu Manuel

Neste dia tinha ido à cidade para conversar com o padre, mas como não o encontrei, sentei-me na pracinha da igreja e fiquei esperando que ele chegasse. Era já fim de tarde e encontrei seu Pedro saindo do trabalho. Seu **Pedro** é filho do seu Aderaldo e aprendeu a pescar com o pai. Atualmente trabalha na prefeitura da cidade. Na verdade, foi ele quem me reconheceu e ficou por ali, sem querer se aproximar. Mas sabia, pela mulher, dona Silvana, com quem já havia conversado, que eu queria falar com ele. Estava voltando para casa depois do dia de trabalho, junto com um amigo, cada um empurrando sua bicicleta. Como ele já me conhecia, parou para conversar comigo e, aproveitando a oportunidade inesperada, pedi para registrar nossa conversa.

Até então não conhecia aquele homem que o acompanhava, mas como ambos usavam o mesmo uniforme, deduzi ser seu colega de trabalho. Começamos a conversar informalmente, no meio da rua, e o colega, em princípio observando, no decorrer da nossa conversa também começou a dar seu depoimento, se identificando como morador do Porto, a mesma localidade às margens da lagoa onde também mora dona Maria.

Seu **Manuel** também trabalha como jardineiro da prefeitura. Embora não se identificasse como pescador, seu Manuel demonstrou conhecer bem as histórias da lagoa. Só após desligar o gravador, quando nos despedimos, ele me disse participar também do Boi-de-Reis do seu Amaro. Como no decorrer da conversa terminamos não falando no Boi-de-Reis, ele, somente após a entrevista, revelou ser ele “o Boi”, o homem que brinca debaixo da carcaça do Boi do seu Santo.



Ana Claudia – Me diga uma coisa... Seu pai era pescador, não era? Eu fui lá conversar com ele...

Pedro – Mas aí papai... Papai, é porque ele já tá de muita idade, aí ele... Mistura as coisas...

Ana Claudia – Mas ele contou alguma coisa, assim... Dos índios... Ele falou da lagoa, que tinha umas coisas na lagoa, que ele via, que acontecia na lagoa... Aí essas coisas eu não consegui entender direito, que ele falava...

Pedro – É porque antigamente as pessoas iam pescar, aí encontrava, a pessoa pescando, aí a pessoa via coisas, né? Via visagem... Assim, tipo visagem... A pessoa via... Como eu, uma vez eu fui pescar e vi tipo um *gargalejo* numa touceira de mangue, né? Eu fiquei meio amedrontado. Aí eu perguntei aos outros se eles tinham visto e eles disseram que tinham visto não. Aí era essas coisa, né? E apareceu também uma canoa no meio da lagoa, uma canoa sozinha. Sem nada. Aí o pessoal dizia que era gente que tinha morrido. Mas isso não era todo dia, não. Às vezes mais, assim, nas quintas-feiras... E tinha também um negócio dum fogo batatão...

Ana Claudia – Fogo batatão...

Pedro – É. O povo chama fogo batatão... Então esse... Isso é... Ninguém sabe, mas eles diz que viam, né? Então via aquele foguinho, aí se a pessoa dissesse alguma burrada, quando dava fé tava perto da canoa. Da pessoa. E ali pronto, e ali podia ir embora que não pegava mais nada.

Ana Claudia – Tem umas histórias assim, que quando acontecia, quando via alguma coisa, não pescava mais?

Pedro – É, esses problemas. Essas visão. Que a pessoa não... É besteira ir. Pronto, eu mesmo uma vez eu saí daqui e fui pescar, eu e um cunhado meu. Que a gente tinha ido na quinta-feira, a gente tinha ido pra pegar uns aratu lá no final da lagoa, que tem aratu de mangue. A gente foi pegar então... A gente viu muito peixe no rio. A gente saímos na sexta-feira. A gente fomos, a gente peguemo as rede e fomos. Fomos pra lá. Quando cheguelmo lá, que comecemo a botar as rede... Colocar a rede dentro do rio... No final da lagoa, né? Aí a

gente... eu escutei, e ele escutou também. Assim como que fosse uma pessoa cortando um pau, né? Deu umas três foçada... Pá, pá, pá... Aí, quando é daqui a pouco, aí, que foi aquele barulho... *Ohhhhhahhhhh! Pááááá!!!* Caiu dentro dos mangue, né? Como tivesse quebrando os outro. Aí pronto, aí a água ficou dum jeito que parece que não tinha nem onda nem nada. Ficou tudo paradinha. Aí acabou-se peixe, acabou-se tudo. Aí viemos se embora. E ninguém mais viu nem uma piaba pular, nem de tamanho nenhum.

Ana Claudia – Quer dizer que quando acontecia essas coisas acabava a pesca?

Pedro – É. Então a gente veio pra casa, quando a gente chegemo aqui no Porto, aí encontremo um homem que tinha morrido. Um homem que se chamava Zé de Sinhá. Então ele tinha morrido... Aí... Até o menino disse assim: “rapaz, será que foi ele que foi avisar que tinha morrido?”... Pois é, então ninguém pescou mais porque não adiantava. Acabou-se, acabou-se, ninguém viu nem uma piaba pular.

Ana Claudia – Isso sempre aconteceu quando... os pescadores...

Pedro – Sempre aconteceu!

Ana Claudia – Hoje não tem mais muitos pescadores como antigamente, né?

Pedro – Não tem, não. Tem não. E esse pessoal mais velho, esses pescador mais velho tudinho já morreram. A maioria já morreram. Quem tem mais velho é meu pai... Mas é porque ele já tá ficando velho, às vezes ele conta muita coisa, muitas vezes... Mas ele conta...

Ana Claudia – É, ele contou um bocado de coisa.

Pedro – Pois é, é muita coisa que existe ali. E esse problema dessa lenda, era... Era um índio, né? Era uma índia... Disse que tinha a índia... Aí... Me parece que foi um rapaz que viu ela, aí quando ele avistou ela, aí ela mergulhou, aí ele mergulhou atrás e desapareceu tudo. Foi. Aí não apareceu mais ninguém. Até ele desapareceu. E a lagoa antigamente era funda. Hoje não, hoje é rasa, hoje é pouca coisa. Mas

antigamente... Onde a gente passa hoje, que tem dias que ela tá que não cobre nem o pé d'água, a gente pescava com água pela cintura, pelos peito, porque nessa lagoa tem maré.

Ana Claudia – Tinha maré, então tinha época que tava...

Pedro – Tinha. Ela tem ainda. Mas ela era mais funda. Então as cheias foram descendo e foi levando muita pedra, também abriram um rio que chamaram rio da draga, então esse rio, quando a cheia vinha, carregava muita terra. Aí acabou com a maioria dela.

Ana Claudia – Esse rio da draga é o rio que liga a lagoa de Papary a Papeba, é?

Pedro – É não. Aí já é outro rio. Esse rio já é outro rio. Esse rio que eu falo é o rio que vai pro Trairi. Que é pra o... o açude do governo.

Ana Claudia – Ah, quer dizer que fizeram um rio pra encher o açude?

Pedro – Não, ele faz as águas de lá, quando vem essas chuva, descer nesse rio. Porque elas invadiam os terreno tudo, né? Como ainda invade. O rio não dava vencimento às águas que vinham lá de cima, não. Principalmente quando estourava um açude. Aí era água demais. E hoje não, hoje as águas são menos e o rio tá tapado. Que esse rio é do governo. Só quem pode mexer nele é o governo, pra abrir. Agora esse rio lá de baixo que... No fim da lagoa... Que liga pra lagoa do Papeba, depois liga com a Guaraíra pra cair no... Naquela praia ali, como é? Tibau. Aquele sempre existiu...

Ana Claudia – Sempre existiu?

Pedro – Sempre existiu. Agora dizem que antigamente aquilo ali, aquela barra de Tibau não existia, não. Então ali teve a cheia de vinte e quatro, que foi uma cheia muito grande, então a rua era ali naquele canto. Então quando as águas foram demais, aí começaram a arrastar o terreno todo, aí cavou. Pronto, muita coisa foi se embora. Desapareceu. Aí ficou aquela boca de barra. E é forte. Agora de lá pra cá tem essa Guaraíra e tem a lagoa do Papeba pra ter essa da gente.

Ana Claudia – E tinha... Não sei quem foi que me falou que tinha uma ligação com Camurupim, não é?

Pedro – É.

Ana Claudia – Por que é que fechou essa ligação?

Pedro – A ligação fechou pelo seguinte: porque lá na beira da praia sempre tem aqueles morros, né? Então o morro era pelado. Não tinha vegetação em cima dele. Então o vento forte, ele veio empurrando, empurrando, empurrando até que foi e tapou a boca da barra e a frente com o rio que chamam “a pedra da oficina”. Aí fechou. No que fechou, acabou e não teve mais água pra cá. Pras águas vim do mar pra cá, vem lá por... Na barra do Tibau, sobe e vem bater aqui.

Ana Claudia – E a maré que tem é essa, que vem lá de Tibau pra cá.

Pedro – É.

Ana Claudia – É muita coisa, né? São quantos quilômetros?

Manuel – Vem de Georgino Avelino, ela...¹⁷

Pedro – É, passa em Georgino Avelino, aí... Agora a parte que passa em Georgino já é rio. Depois de Georgino, que passa... Como é o nome daquele outro lugar?

Manuel – Patané...

Pedro – Patané... Depois de Patané... Depois de Patané é que já pega a lagoa completa, né?

Manuel – Em Patané é essa lagoa que é encostada com... Arês...

Pedro – Arês... É uma só, né?

Manuel – Aí de Patané, pronto. Aí vem Georgino. De Georgino é que ela transmite na boca da barra, porque a parede que fizeram vai transmitir com... Com Carnaúba. Aí depois vem a gente... [?] Foi da vez que fizeram... Pronto! A barra...

Pedro – É, uma barragem. Fizeram três barragens lá, todas três a água arrebentou.

Manuel – Agora só que essa que fizeram por último, disseram que ela arrebentou. As portas d’água arrebentou. O que

¹⁷. Seu Manuel, que até então nos observava, começa a participar da conversa.

rebentou foi o paredão dela no lado. Ela tá no meio. O que tá aberto foi o paredão dela, que foi feito de areia, barro, aí não aguentou, e arrebentou.

Pedro – Porque essas primeira, elas foi feita de frente pro rio velho, né? De frente ao rio velho que tinha, o rio antigo, né? Então eles faziam, os engenheiro faziam e queriam ter um poder maior do que Deus. Então dizia assim: “Só outro Deus, porque esse não bota ela abaixo”... Aí então Jesus mostrava que arrebentava. Primeiro arrebentou a primeira, depois fizeram outra. Disseram a mesma burrada, ela levou. Então fizeram essa outra, não no mesmo canal. Fizeram no seco. Fizeram ela no seco, depois dela feita aí abriu o canal, pra pegar o outro rio. Então esse rio velho tamparam. Ficou passando só por dentro da barragem. Então daqui pra lá¹⁸ ela tem dezesseis boca. Daqui pra lá. E de lá pra cá ela tem trinta e duas. Porque de lá pra cá é uma porta larga. E de lá pra cá as portas são pela metade, uma porta em cima e outra embaixo. Na hora que a maré tá começando a descer, ela vai começando a derramar, a derramar em cima até chegar o ponto de ela passar pra debaixo e ficar só por baixo. Ela chega até o nível, né? Então quando a maré vier de lá pra cá, aí vem enchendo, enchendo, enchendo, aí fechava as de baixo. Aí depois que fechava as de baixo que chegava na parte de cima, fechava as de cima também, que era pras águas não vim pra cá. Aí teve uma cheia de... Foi a cheia de setenta e quatro, quem olhava aí, desse outro lado aí, só via mar. Vinham tudinho aqui pra cima.

Ana Claudia – Pra aqui, pra rua mesmo¹⁹...

Pedro – É, de lá do Porto, veio todo mundo pra aqui. Eu passei três dias nesse grupo, aí. Era quatro família em cada salão... Então essa barragem nova que fizeram, essa

¹⁸. Faz o desenho no chão, com os pés, da barragem, mostrando onde estão as portas das quais fala.

¹⁹. Estamos conversando em uma praça à frente da Igreja Matriz, no centro de Nísia Floresta. Em cidades do interior, o centro é chamado de “rua”, por isso uso essa expressão.

derradeira, ela ficou, uma parte das porta dela, do movimento das água, tiraram ela, né? Mas aí os aterro, as coisa, os basculho que foi descendo foi encostando nela, encostando, encostando, fez um tapume que tapou a frente dela. Aí não suportou as água. Aí ela foi e rasgou por trás, porque lá era um triângulo assim²⁰... Ela... Tá aqui a barragem e tá aqui o rio, né? O rio... E tinha esse outro rio aqui. Aqui tinha duas casa, Tinha duas casa e aqui já era água. E aqui era o rio, né? Então nesse triângulo aqui tinha casa. A água carregou esse triângulo de terra daqui da beira do rio até a outra beira do outro rio que... Do outro rio, que era aterrado. Arrastou tudo. Era um buraco só. Aí foi condenado. Lá ninguém mexe mais nela. Aí tá lá, tá só a ponte lá, a armação, mas as porta foi tudo tirada. Que é pras águas ficar tudo movimentando.

Manuel – Nesse dito canal que ficou o rio, agora.

Pedro – É.

Manuel – E aí ficou o rio do outro lado.

Pedro – É, dum lado e outro. Tem só a carreira de mangue que tinha do outro lado do rio. Essa carreira de mangue ficou. Mas o resto desapareceu tudo.

Manuel – Aí quando veio a cheia de oitenta e quatro, também...

Pedro – Pronto, aí acabou de cavar.

Ana Claudia – Quer dizer que tem épocas que tem essas cheias que derrubam tudo. Tudo que foi feito...

Manuel – Foi a época das cheias, foi a de... A de setenta e quatro, a de oitenta e quatro, e uma de... de oitenta e dois, que lá não foi muito boa, mas a de setenta e quatro, a de oitenta e dois e a de oitenta e quatro foi essas que foi mais... E agora a de noventa e quatro. Quando eu tive até que sair de casa, foi em noventa e quatro.

Pedro – Ele mora lá no final, na derradeira casa que tem, lá perto da... do rio.

²⁰. Volta a fazer o traçado no chão. Pega uma pedra para fazer as marcas na terra.

Ana Claudia – No Porto? Como é o nome do senhor?²¹

Manuel – É Manuel. Pronto, eu moro na última... Pronto, a minha casa, eu passei um mês na casa de um amigo meu, porque ela ficou, minha casa ficou debaixo d'água. Dentro da casa ficou um metro. Um metro justinho dentro d'água, ela.

Pedro – Eu passei de canoa, eu mais minha esposa, passemos de canoa da casa dele, assim, na... Como daqui ali, na... Na calçada da igreja aí... Passei na casa dele, de canoa.

Manuel – Passou de canoa. E dentro da casa ficou um metro, dentro de casa. Dentro d'água.

Pedro – A casa dele fazia correnteza, de uma porta pra sair na outra.

Manuel – Só que a minha casa é com uma faixinha de vara, né? Além de vim aquela... O basculho... Não passou. Aí a casa aguentou os tijolo...

Ana Claudia – Porque a água veio limpa...

Manuel – Veio limpa, aí na hora que lá bateu, ficou. Aí no caso, o que aconteceu, foi que a parede da minha casa, até hoje, inda você vê tudo manchado. Pode ir lá! Tá tudo manchado ainda. As parede. Teve duas casa que era de taipa, que era de uma vizinha da gente, a água do jeito que vinha, entrou na cozinha e saia lá na frente, e foi essa dita casa que ela botou abaixo. Jogou tudo fora.

Pedro – Lá tem dois paralítico...

Ana Claudia – Ah, eu sei, eu já entrei lá!²² É a casa do senhor?

Pedro – Não, é a derradeira casa. A derradeira casa que é a dele. Depois da casa dos paralíticos.

Manuel – Dos paralíticos, mais pra baixo. A casa dos aleijadinho é encostada. A última é a minha.

²¹. Até o momento não conhecia o homem que acompanhava seu Pedro. Sabia apenas, pelo uniforme que ambos usavam, que trabalhavam no mesmo local.

²². Em minhas primeiras visitas de reconhecimento ao local, em companhia dos filhos e netos da dona Maria, conheci alguns moradores da comunidade, entre eles essa família que vive às margens da lagoa cujos dois filhos possuem atrofia nos membros superiores e inferiores. Percebi, desde então, que eles são bem conhecidos e assistidos pela comunidade.

Pedro – Aqueles homem era tão trabalhador! Era trabalhador! Agora, tem gente que diz que foi coisa... porqueira que fizeram, mas não foi. Que tem gente de lá que conhece, que diz que foi o seguinte: antigamente tinha um negócio de vacina, e os cara aqui, a turma aqui era meia safada, não queria se vacinar. Então veio... lam polícia. Aqui tinha um polícia que se chamava Chico Ganância. Ele pra dar uma cipoada, dava bem facinho. Então esse Chico Ganância era que ia, que era pra fazer medo ao povo. Aí o cabra ia tomar injeção mesmo só com medo do malvado. Aí eles chegaram lá, eles tinha ido pro serviço, tava trabalhando. Então eles esperaram. Tiveram por lá e esperaram. Na hora que eles chegaram com o corpo quente, o corpo agitado de... Agitado do tempo, né? Suor, tudo... Aí eles vacinaram. Aí eles ficaram daquele jeito. Todos dois.

Ana Claudia – Todos dois na mesma época, né?

Pedro – Todos dois. Todos dois duma vez só. Aí ficaram naquela situação.

Manuel – Eles moravam no Oitizeiro. Aí veio morar ali com a gente. Ave Maria, pra mim eles são legais demais comigo. E eles gostam demais de mim, que qualquer coisa eu ajudo eles.

Pedro – Eu, é difícil eu ir pescar, pra quando eu passar por acolá minha mulher não dar a eles alguma coisa, minha mulher não dar uma coisinha a eles. Ela dá à velhinha. A velhinha, aquela velhinha é prima do padrasto de minha mulher. É difícil eu não dar uma coisinha...

Manuel – A água... A água tá bem pertinho da faxina²³ lá de casa.

Ana Claudia – Perto da sua casa...

Manuel – Bem pertinho da minha casa a faxina.

Ana Claudia – O senhor não tem medo que encha de novo, não?

Manuel – Medo eu tenho. Realmente, medo eu tenho. Só que graças a Deus, uma coisa boa é a gente saber viver no

²³. Espécie de cerca rústica.

mundo. Eu tenho uns amigo, esse amigo meu, eu trabalhei quatro ano com ele. Que tem essa influência. Aí ele... Ele mora em Natal. Aí ele, em setenta e seis, ele foi candidato aqui, a prefeito. Foi prefeito. Aí ele disse: “Mané, qualquer coisa, você pode ir pra minha casa”. Aí eu, qualquer coisa que dá eu vou pra casa dele. Aí eu cheguei e falei com o prefeito. Ele disse: “Mané, vou fazer uma casa pra você.” “Faça, prefeito!” Chegou ele e um vereador de Alcaçuz. Ele disse: “Não importa aonde for, pode ser em Tororomba, pode ser no Alto, só não quero aqui. Mané, pode deixar. Uma casinha nem que seja pequena, mas eu faço pra você.” “Pode fazer, que eu agradeço.” Aí passou, passou. Aí fez... Essas duas pessoas fizeram as casinhas, né? Pequena. A minha casa, eu com três filhos dentro de casa, e eu com a mulher, faz cinco. Não cabia nada! A minha casinha lá, é certo que já tá toda quebrada, toda rachada, mas enquanto isso eu vou botando um cimento, boto um pé de arame... Dá pra ir passando. Tem dois quarto, tem a salinha e o banheiro... E a cozinha. Aí dá pra ir passando. Aí nesse momento foi que lá no Alto tem uns terreno que tavam vendendo. A minha mãe chegou. “Meu filho, vou fazer um negócio com você. Vou comprar um terreninho ali pra você, em trinta e seis meses.” Tô pagando... Todo mês é trinta e um reais e vinte e cinco centavos. Aí em tempo que eu não tenho, eu falo com a minha mãe. “Meu filho, vou pagar esse mês.” Aí, quando ela não tem, ela diz: “Meu filho, eu pago o outro”. E faço um sacrifício... A gente ganha um salário. Só ganha um salário mesmo. Pra gente tirar água, luz, bujão, aí pronto. Aí não dá nada. Aí devagarzinho nós tamos juntando. Aí ela disse: “eu vou comprar esse terreninho e vou dar pra você.” Aí compramos. “Fique pra você, e daqui a algum tempo você faça a casinha.” Aí quando chegar um tempo, e vou falar até com o prefeito, realmente. Solicitar a ele pra ele fazer minha casa. Aí graças a Deus mais nunca eu vi nem esse homem. Eu também não vou atuar assim, não. Eu sou uma pessoa que eu... Se tiver boa vontade de me dar, que me prometeu já tá com dois anos que vai, e já vai entrando pra

três anos agora, que não fez, mas graças a Deus esperar a vez dele, que pode chegar e fazer ainda... Não vou... Eu sou uma pessoa que não tenho maldade com ninguém. Peço a Deus pra gente viver a vida da gente tranquila, né? O que a gente pode viver é isso. E tô trabalhando. Eu tô trabalhando aqui, que eu sou... A primeira dama mandou eu sair... Eu trabalhava na Bica. Eu trabalhei oito anos na Bica.

Ana Claudia – Bica é um lugar...

Manuel – Ali. A Bica é ali. Eu trabalhei oito anos na Bica. Um Balneário que tem. Aí ela foi: “Mané, vá fazer esse curso.” Em Parnamirim. Aí eu passei a semana todinha trabalhando, fazendo o curso. Aí desse curso eu aprendi fazer, pra plantar e pra fazer podaço das plantas. Aí um dia eu saí da Bica e vim pra aqui, pro horto, pras planta. Isso que eu tomo de conta, essas podaço que eu faço, aí...

Ana Claudia – O senhor e o seu...

Manuel – Ele é o vigia da manhã. Que cuida, né?

Ana Claudia – É, eu achei que nem ia encontrar o senhor aqui à tarde!²⁴

Manuel – Aí eu faço a... a... Faço tudo. Ele também faz tudo.

Pedro – Eu... Quando você passou ali eu disse: “Rapaz, se o espírito não me engana e a verdade não me mente... [risos] Essa pessoa é a pessoa que anda atrás de mim!” Aí subiu, eu digo: “Eita!” Aí eu fui lá, dei uma volta lá... “Eu vou ver se eu encontro com ela. Eu tô achando parecida...”. [risos]

Manuel – Aí depois eu fiquei assim... Graças a Deus, nós tamos aqui... Tamos trabalhando.

Ana Claudia – O senhor pesca, também?

Manuel – Não. É difícil...

Pedro – É difícil.

Manuel – É Difícil assim, num dia que eu tô livre, eu pego uma tarrafa e vou...

²⁴. Falo com seu Pedro, pois já sabia que ele trabalha nos jardins da prefeitura no turno da manhã.

Ana Claudia – Aquelas crianças que ficam na beira da... do Porto, ali, não tem umas crianças...

Manuel – Duas crianças...

Ana Claudia – Anderson... E uma menininha...

Manuel – É, eu chamo ela de Ninha, que ela é até minha afilhada.

Ana Claudia – Eu tirei uma foto deles... dia desses...

Manuel – Realmente, a mãe dele e o pai dela, eles trabalham ali na Bica agora. Eles tão trabalhando ali agora, até que eu saí e eles ficaram.

Pedro – E a casa deles é depois da casa daquele...

Manuel – É, e realmente ela... A esposa dele é minha cunhada. É irmã da minha mulher. Dona Piedade.

Ana Claudia – Ah, pois tá! Eu tô conversando com as pessoas sobre a situação da lagoa. Eu conversei com o pai do seu Pedro, e com a esposa dele também. Já faz bem um mês que eu tive lá, né? Disseram que eu fui lá, não disseram?

Pedro – Foi.

Ana Claudia – Bom, sobre a lagoa e sobre os pescadores e as histórias que tem aqui, porque eu sei que tem muita história...

Manuel – Sobre a lagoa, eu sei o significado dessa lagoa, eu sei. Que na época que eu morava lá em Várzea, foi na época que em oitenta e quatro, foi na época que caiu a ponte do rio. Rio Trairi. Aí eu saía de lá... Nós fretava uma combi e vinha pescar. A ponte dentro d'água e a gente pescando. Pegava peixe demais. Era muito peixe nessa época. Aí estavam começando a fazer a ponte. Foi dito nessa ponte que estavam fazendo que tava uma corda pro pessoal passar e caiu uma dona lá... Desceu pela ponte e morreu...

Pedro – Meu primo não caiu também?

Manuel – Foi...

Pedro – Perdeu foi todos os documentos. Ele vinha do rio. Chegou do rio. Ele trabalhava na empresa Barros e morava no Golandim e aí foi atravessar a corda, pela corda, aí

escorregou e caiu. Perdeu os documentos foi tudo. Ficou sem nada. Tirou foi todos os documentos.

Manuel – Eu realmente eu conheço. Agora é porque eu não estou pescando agora, porque não tenho tempo. Mas eu conheço é muito.

Pedro – Aquela lagoa da gente, ela tá por a metade. Os proprietário foram os donos das terra que era da lagoa, tudinho. O terreno ia aterrando e eles iam invadindo. Essa lagoa da gente hoje tá liberta, mas antigamente ninguém podia pescar nela, não. Os proprietário encheram de cerca. Aí o pessoal, os pescadores, se fez de duro mesmo, e meteu a foice pra cima, arrancou tudo, cortou tudo. Teve um tempo que quase que dá morte aí dentro da lagoa.

Ana Claudia – Isso de quantos anos pra cá?

Pedro – Uns... vinte anos, mais... Mais de vinte anos...

Ana Claudia – Quando foi que começou esses viveiros?

Pedro – Esses viveiros começou... Uns três pra quatro anos mais ou menos, foi que começou... Não foi?

Manuel – Uns quatro anos...

Pedro – É, mais ou menos isso.

Ana Claudia – Mas bem antes disso já tinha essas brigas?

Pedro – É porque os proprietários queria tomar conta da lagoa pra plantar capim. E plantar...

Manuel – Realmente, porque a lagoa, ela é pública. Aí uns donos de terreno que tinha aqui na festeira da lagoa, aí eles queria... Botava os pau pra frente, que a água ia aterrando, eles ia... crescendo, né? Crescendo os terrenos deles. Aí o problema foi mais disso.

Pedro – As terra que ainda tinha água, eles tamparam, quer dizer, eles botavam as cerca, e largavam capim dentro. Aí não queriam que ninguém entrasse.

Manuel – Onde eu moro. Aí era a lagoa. Onde eu moro, ali era a lagoa dali. Vê a distância da onde eu moro pra lagoa! É vinte minuto de canoa, aqui pra lá, né? Vinte minuto.

Pedro – Gasta mais...

Manuel – Gasta mais?

Pedro – Talvez gasta mais, tando meio seco, gasta mais.

Manuel – Pois nós vive esse problema... Aterrou muito, vai aterrando...

Pedro – Eles, os proprietário, pra... não se saber onde era, onde era antigamente a lagoa, eles cortaram os mangue todinho, os mangue que se chama *canoé*...

Ana Claudia – Canoé?

Pedro – É, canoé. Aí cortaram os canoé todinho, que era pra ninguém ver onde era antigamente a lagoa. Porque a lagoa vinha até naqueles canoé. Aí quando enchia, aí passava, né? Mas era até aqueles canoé. Pegava lá do morro, que chama morro Banana, subindo de cabeça acima, ia até... [?]. Eles cortaram tudo. Agora não, agora o Ibama não deixa... Cortar nem um pau. Mas antigamente cortava, faziam tudo aí...

Manuel – Esse povo aí que... agora mesmo... É o... Muita gente proprietário vem de fora, aí compra um terreno, aí que começaram a fazer esses viveiro. Aí tem uma parte de mangue que eles cortam. Arrancam. Aí fica na lagoa. A lagoa aterrando também, mais e mais vem aquela água, aterrando... Daí... quem perde muito mesmo é a nação de Nísia, porque a lagoa cada vez vai aterrando, vai acabando o peixe pra comunidade, pra chegar e pescar... Aí acaba muitas coisa.

Pedro – E a gente, pra tirar um pau, tem que tirar escondido. Porque se souber, aí o Ibama bate em cima. Toma, é arriscado até o camarada ir preso. Agora o proprietário, esse pessoal de viveiro, ele chega, paga um direito lá, arranca tudo e faz. Porque eles faz assim: eles pega, junta quinze, vinte homem. Mete a foice, mete chibanca com machado e arranca tudo. Aí mete a draga. Quando o Ibama chega já tem feito. Aí pagam aquela multa. Mas aí já tem feito o serviço. Já tem feito. Aí pronto. Aí faz o viveiro. E nisso aí, começa a botar aquelas coisas, aqueles remédio lá. Vai, aí mata tudo. Porque na hora que eles bota aqueles produto, o que tiver dentro, as ovinha de qualquer coisa que tiver dentro, o peixe novo, alguma coisa, aquilo ali morre tudo, porque eles bota o cal virgem. Aí o cal, quando bate naquela água, que esquentada, aí

mata tudo, acaba com tudo. Aí bota outros preparo, e pronto. Aquilo ali não... Não dá nada ali, só mesmo aquele peixe que ele vai botar, porque aí ele enche o viveiro de novo, bota aquelas larvas, aí tem as coisas que eles botam, aí pronto.

Manuel – Eles põe uma água nova, põe uma água novinha ali, aí pronto. Aí tem tudo pra eles. Aí pronto. Limpa aquele viveiro. Aí bota aquele cal. Virgem. Aquele cal vai e mata aquele micróbio todinho que tem. Aí quando termina de matar aquele micróbio, com um mês ele vai e liga a bomba. Aí pronto, espanta a água nova pros viveiros. Aí daí com a água nova, já tá com as larvas no viveirinho, aí é só colocar no viveiro. Aí é só botar a ração. Pro camarão crescer. Pro camarão crescer, aí aquela água velha vai saindo por uma porta d'água, e a bomba jogando água nova. E a água sai pra lagoa.

Ana Cláudia – A água sai pra lagoa?

Manuel – Sai pra lagoa. Sem tratamento nenhum. Aí é o problema. Porque na hora que ele der aquele cal que tá ali, que vai descendo, aí vai pegando aquela água mais velha, o peixinho que tem... O peixinho pequeno, já vai pequeno, aí quando a água que bate, aí pronto! O peixinho que era bebê já vai morrendo. Não tem o oxigênio pra ele.

Pedro – E eles também não querem que ninguém pesque naqueles canal que eles faz. Se o camarada for pescar, pode ficar certo que eles atiram.

Ana Cláudia – Atiram?

Pedro – Atiram. Manda sair, se o camarada não sair nas carreiras, eles atiram. É...

Manuel – É complicado, isso... porque realmente...

Pedro – Um sobrinho meu atirou lá nuns cara lá, quase que o cabra... No outro dia os cara foram pescar... Porque o terreno, a levada, não é... Foi o cara dos viveiro que fez, mas não é propriedade dele. Que eles tão arrendado. As propriedade é de outra... de outro proprietário. Mas aí eles fizeram aquela levada, então o proprietário vem: “a água você usa, agora aqui no que for meu pode pescar, agora no que for seu, que você fez, da sua propriedade que você arrendou, tudo bem. Mas na

minha? Na água que passa por dentro da minha, você não pode empatar, não.”

Manuel – A levada é pública e a pessoa vai pescar naquela levada. Os viveiro tá lá, os viveiro têm uns paredão, tá protegido. Aí não tinha perigo ali, né? O perigo ali era se o cara chegasse e entrasse além da levada e fosse pescar nos viveiro dele. Aí o problema é o perigo. Mas pescar na levada? Tem perigo nenhum. Tá pegando o peixinho dele, e pronto. Se ele chegasse assim: “Pronto, vocês daí... Daí pra cá, aqui não entra. Vocês podem pescarem aí, agora daqui pra cá vocês não pesca. E daí vocês podem pescar o peixinho de vocês, e pronto.” Mas, realmente se nós tamos aqui, tamos nós três aqui. Aí o que acontece? Chega um da gente, e vai... quer comprar mil quilo de camarão ou até peixe que eles pegam também... Aí entra!

Pedro – Na hora da despesca, pra comprar, ele quer que entre lá pra dentro. Fica fora. Aí ele procura saber o que é que quer, aí despacha o peixe. Depois que despacha aqueles peixe lá aí eles sai pela rua vendendo. Como agora fizeram, que trouxeram duas... Como é? Um negócio grande assim, de tomar banho, uma banheirona, cheia de peixe. Só que eles tinha lá.

Manuel – Eles pegaram seis mil quilos de tilápia. Seis mil quilo de tilápia, eles pegaram.

Pedro – Então esses peixe, esses peixe que eles pegam, ele sai da lagoa da gente. Entra por quilo ali, por aquele cheirinho da ração que aquela água vai soltando, aí vem, aí quando bate na bomba, ele pequenininho, aí vai se embora.

Ana Claudia – Aí eles pegam e vendem pra eles mesmos, não tem uma... Assim... Eles não dão pra comunidade...

Pedro – Não, não, não! Não dá nada!

Manuel – Eles chegam a venderem o quilo a três reais. No máximo dois. Quando eles vêem que o peixe vai perder, aí eles vendem de um real. Aí pronto, é assim. De um, dois.

Ana Claudia – Mas vendem pra vocês?

Manuel – Eles vendem aqui na comunidade e vendem em outros canto. Quando é nos dias de feira. Que eles são vivo, né? Pronto, vamos ver que despescou um viveiro. Aí tem uma feira. A sexta-feira é aqui. O sábado em São José. O domingo em Goianinha. Segunda-feira em Nova Cruz. Aí pega essas quatro feira. Aí eles mandam. Vão despescar na quinta-feira. Sexta-feira saiu tilápia, já vão vender. Sai pra São José. Goianinha. Nova Cruz. E por aí em diante, vão vendendo. Aí quando eles virem que o peixe já tá no gelo, que já tá ficando ruim, aí pra não perder, eles vendem de um real. Mas já é mais pra lá, pra fora, né? Agora pra aqui, que eles começa logo, já sabe que vão vender ali, tem uns que vende de dois, dois e cinquenta. Assim, eles faz assim. E muita gente aqui compra. Não tem, não pode pescarem, só tem eles mesmo, e daí por diante eles... A turma compra, acha gostoso...

Pedro – Esse japonês, ele é tão safado dum jeito que o meu sobrinho foi com uma turma pra fazer uma pesquisa lá, pra ele contar... Não era pra tirar nada dele, era só pra ele dizer como era as coisa lá, como é que ele tratava daquilo ali, e tal, e coisa... Ele e o pessoal do grupo, né, do colégio. Aí ele não aceitou. “Não, não aceito ninguém entrar aqui dentro, não.” Aí foi pra o outro vizinho, esse... “Pode entrar! O que é que vocês querem?” Aí o meu sobrinho falou, aí ele disse, é assim, assim, assim, aí foi contando tudo como era. Aí ele disse: “Quando vocês precisar, pode vir que a gente conversa. Porque vocês não vão levar nada daqui, tá só conversando. Conversando, a gente conversa em qualquer canto!” Aí ele foi contando tudinho, como era que fazia. Do começo até o fim, das larvazinha, tudinho. Contando tudinho. Mas o japonês não quer negócio, não, com ninguém, não... Aí...Os mangue, os acerto dos mangue que pega os viveiro... Encostado, né? Porque aqui é a parede²⁵, os paredão do viveiro, tá aqui o rio por trás. Essa parte aqui é os mangue. Não tem nada a ver, eles não podem empatarem ali, mas eles não querem que

²⁵. Usa as mãos, indicando os limites entre a lagoa, o viveiro e o mangue.

ninguém vá pr'ali não. O pessoal, a turma tudo tem medo. De pescar. Um dia desses eu fui pescar lá, a mulher... Fui mais a minha esposa... “Homem, não vamos pr'ali, não!” “Rapaz, isso aqui não é deles, não! Olhe, essa parte que ele fez daqui pra lá, eu não vou pescar, não, mas daqui onde eu tô, eu vou ficar.” “Homem, esse povo é cheio de confusão” “Se vim... Se atirar em mim, só se me matar, porque se não me matar, é sujeito eu atirar também.” Eu sempre quando eu vou, eu só vou armado. Só vou pescar com arma, porque... Não é por nada, é porque sempre quando a gente vai, deve ir armado, porque às vezes aparece uma cobra, aí... Dentro daqueles mangue tem. Aí a gente anda mais armado por isso. Mas não pra fazer o mal a ninguém. Agora eles lá faz aquilo pra intimidar o povo mesmo, pra não irem pra lá. São um pessoal meio safado. Confia em ninguém não... É isso. E essa lagoa da gente era muito grande. Esses terreno que hoje é os viveiro... Tudo era lagoa. Tudo lagoa...

Ana Claudia – Quando esses viveiros chegaram, essa lagoa já tava seca?

Pedro – Já, tinha... Esses terreno onde tem esses viveiro, tudo era parte de lagoa. Que secaram, aí os proprietário tomaram conta. Aí pronto, aí no que eles tomaram conta, cercaram, aí pronto. Ninguém mexia lá.

Manuel – Plantaram capim...

Pedro – Plantaram capim, criaram gado, aí...

Ana Claudia – Seu pai pescava por lá?

Pedro – Papai, no tempo que ela era perto da... A estrada... Tinha a vargem e tinha a lagoa. Os peixe passava da lagoa pra vargem, o gado pisava, ficava aquele buraco, do pé do gado. Ali eles fazia a pescaria só naqueles pés, nos buraco.

Ana Claudia – É mesmo?

Pedro – Era cará, o camarão, o caranguejo... Quando a vaca pisa, não faz aquele buraquinho na terra mole? Pronto, aí o peixe ia ali pra dentro.

Ana Claudia – Interessante!

Pedro – É.

Manuel – Porque o carazinho preto, chega numa barreirinha, aí fica dois, três num buraquinho daquele. Passa aí com a mão assim, ó! Pegando, pescando...

Ana Claudia – Com a mão mesmo?

Manuel – Com a mão mesmo!

Pedro – Teve um tempo que na lagoa mesmo... Aí... As água adoçou. No que fecharam a barragem, aí a água adoçou. Ficou só água doce dentro da lagoa. Então a gente deu muito peixe. Deu muito camarão, do verdadeiro. Deu traíra. Cará. Curimatá. Tilápia, apanhari... Tilápia, não, apanhari. E... e o caranguejo, né? A gente ia, começava a andar por dentro d'água, começava a andar, dava umas duas, três volta, e mexendo na água, quando voltava, só voltava pegando o peixe naquele canto que a gente pisou.

Manuel – A água tava barrenta, o peixe não vê...

Pedro – Ficava ali deitado... Ali, dois três carás ali, aí botava a mão em cima daquela barroquinha, aí pegava. Agora não, agora tem muita dificuldade pra gente pescar, pra gente pegar... Mas a gente pega. Agora o peixe daí mais agora é *tilápi*. É, é mais tilapi, o cacetão, a tainhazinha, o camarão é por tempo. Tem tempo que dá, tem tempo que não dá. E logo aí, logo aí tem uma desvantagem que quando a maré vem, ela atrai. Quando ela desce, ela carrega tudo.

Ana Claudia – Então também tem uma época e um horário pra pescar?

Pedro – É.

Ana Claudia – Uma hora do dia ou da noite?

Pedro – Quer dizer, que pescar, pesca qualquer hora. Agora só que as marés tem aquelas horas.

Manuel – Uma hora dessa. Uma hora dessa tá cheia. Pronto, a lagoa tá cheia...

Ana Claudia – Aí é bom pra pescar, né?

Manuel – Aí a maré vem, tá enchendo, aí o peixe vem. Aí na hora que a maré vai puxando que vai secando, né? Aí o cara vai pescar, que o peixe vai descendo, acompanhando, né?

Pedro – Tem canto que quando a maré vai embora fica rasiinho. Tem canto que em maré de quarto-minguante, pra gente entrar pra dentro da lagoa, com três pessoas, é dificuldade. Fica seco, seco, seco, seco. Só na lama mesmo. E antigamente a gente ia, num... ia à vontade. Ia quatro, cinco, seis pessoas na canoa, que não tava nem aí. E hoje é essa dificuldade. É difícil que não tem quem trabalhe, quem faça alguma coisa por a gente. Os pescador. Tem a base duns quatrocentos pescador. Mas nada que venha de bondade pra ajeitar a lagoa, não vem não. Só tem assim, pra esculhambar, pra fazer como tão fazendo esse negócio desse jeito...

Manuel – Realmente, ali onde eu moro, pra chegar na lagoa, se chegasse uma pessoa e pegasse uma máquina, e cavasse uma levada, ela bem normal... ficava tranquilo. Que afundava mais, ficava mais tranquilo, porque até a habilidade pra gente ir pra lagoa ficava fácil. E chegava mais, vinha o peixe mais, que ficava mais fundo né? O peixe vinha, aí já era mais um pouquinho de comida pra... pra gente, né? Vinha o peixe maior, vinha um negócio assim, mas... Não tem gente de fazer isso não. O que tem, acolá lá embaixo, no rio do... Araraí... Cara pegou, pegou uma draga, cavou uma parte que saía e entrava pra lagoa, puxou lá pra banda do rio de Santo Alberto. Deixou a parte que vai pra lagoa seca. Que era onde vinha o peixinho pra gente. Ali é que é terra dos homem que tem gado. Pra entrar, Ave Maria! É uma dificuldade! Foi o que fizeram... Devia fazer isso aqui. Traz essa draga, cavar essa levada aqui, já fica melhor pros pescador, porque eles já entra aqui. Lá não faz parte da gente. Parte da gente é essa daqui, e se cavando ficava melhor. Mas fizeram nada! Fizeram das pessoas que tem condição... Dos pescador, que a gente não tem condição, é tudo pobre trabalhador, não fizeram. Fizeram, dizendo que ia fazer! Ia! Esse negócio de “ia” é muito difícil. Aí inté hoje! Inté hoje não fizeram mais.

Pedro – Esse mês eu reclamei... Reclamei aqui a um vereador e ele disse que ele foi e comunicou ao prefeito. O prefeito disse: “rapaz, Pedro tem o costume de falar da gente!” Mas eu

não falei dele. E ele disse: “É verdade!” Porque cavaram pra o rio, o rio pra esses proprietário desses viveiro. E o rio da gente que era pra gente ir pra lagoa não cavaram. Disse que ia mandar cavar, mas ninguém sabe quando. Porque a draga foi se embora e nada foi feito. Aí a gente tem dificuldade, e quando dá um quarto-minguante, um quarto-crescente, porque às vezes o quarto-crescente também é muito seco. Tem dificuldade pra gente ir. Quando a maré tá mais ou menos a gente vai, mas quando volta, que ela tá puxando, tem que descer pra empurrar a canoa sem ninguém dentro. Senão não passa, não.

Manuel – No caso de se gastar uma hora, aí vamos gastar é duas. Quando a maré tá puxando. No caso de gastar vinte... Aí vai gastar quarenta. E já tando cavada, deveria gastar dez, que é uma necessidade pra gente, né? Mas só quem ficou beneficiado foi os fazendeiro...

Ana Claudia – Triste, né?

Manuel – É...

Ana Claudia – É, com todo mundo que eu converso, eu tô vendo que tá essa situação da lagoa, o pescador perdendo espaço, né?

Manuel – É, realmente sobre os detalhe da gente que eu tô explicando pra senhora, eu acredito que a gente vá lutar [?]²⁶ essa solução que vocês podem trabalhar pela gente. Realmente, eu não sou muito pescador, não. Mas sou pescador. Agora eu considero eles, que são trabalhador pra dar de comer à família deles, né? E à gente também. Hoje eu trabalho da segunda à sexta, mas tem o dia de sábado que eu posso chegar um dia e ir também... Dar uma tarrafadinha... uma rede... Pra pegar um peixinho pequeno pra nós comer. Aqui que a gente espera de vocês é esse detalhe que é vocês passarem pra os maiores, pra chegar melhor pra gente.

²⁶. O barulho de caminhões circulando pela rua atrapalha o entendimento do trecho, mas seu Manuel reporta-se a mim, como pesquisadora, no sentido de que eu, com meu trabalho, possa fazer algo para ajudá-los.

Ana Claudia – Tá certo! Como é o seu nome todo?

Manuel – O meu é Manuel [...].

Ana Claudia – Mora ali no Porto?

Manuel – Moro no Porto. É a última casa do Porto.

Ana Claudia – Certo. E o senhor, já me disse, né?

Pedro – [...].

Ana Claudia –Tá certo. Vocês trabalham... O Senhor é pescador, né?

Pedro – Sou.

Ana Claudia – Pesca desde quando na lagoa?

Pedro – Pesco desde pequeno. Com meu pai eu já pescava, eu ia também com ele.

Ana Claudia – Aprendeu com o pai... E aprendeu as histórias também com o pai.

Pedro – É... A gente também vendo outras pessoa conversando, a gente...

Manuel – O povo mais velho, né? Esse povo mais velho... Realmente eu sei de muitas histórias da lagoa, sobre os mais velho daqui mesmo. Eu vendo uma coisa, eu escutando uma coisa, pra aprender é fácil.

Pedro – E tem muitas coisas que a gente conta, às vezes as pessoas acha que é... É só invenção da gente. Mas não é. Eu, uma vez tava pescando eu mais dois colegas meu. Eles dois com a canoa e eu perto da beira da lagoa. No acerto do mangue. Aí quando eu dei fé, aquelas vozes... Até um pouco grossa, né? Aí fazia: “Haja pau! Haja pau! Haja pau!” Aí os meus amigo... “Lá vai, rapaz! Lá vai, Pedro! Lá vai!” Eu disse: “O que, *hom?*” “Lá vai, olhe!” E lá vem, e lá vem aquelas vozes, e passou assim, e eu caçando, noite de lua, eu olhava assim... “Oh, meu Deus do céu, quem é?” Não vi ninguém. Passou pra dentro dos mangue, foi se embora. Aí dizem que era o “Haja Pau”. O pessoal conta... Ninguém sabe se é verdade, mas eles conta que foi o seguinte: tinha um casal que tinha um filho. Então esse filho todo dia ia deixar o cumê pra o pai. Aí um dia a mãe dele mandou ele ir deixar o cumê e tava meio zangado, então ele disse que não ia. “Não, você

tem quem ir, que vai deixar o cumê do seu pai, senão dou-lhe uma surra!” Aí ele disse: “Então ajeite que eu vou. Vou deixar.” Aí ela ajeitou e foi embora. Então quando ele chegou no meio do caminho, comeu a comida do pai, aí tinha uns ossos, uns negócio, ele foi e misturou com areia, quando acabar botou dentro da vasilha e levou. Quando chegou lá, o pai já com fome, ele disse: “Taí o que ela mandou!” Aí ele foi olhar, quando ele olhou... A areia, né? O resto da comida misturada com a areia. Aí ele não contou história. “Foi isso que ela mandou?” “Foi!” Aí ele foi embora. Chegou lá, não contou história. Chegou lá, aí pegou ela e meteu-lhe o pau pra cima. Deu, deu, deu, e aí ele trepou num pé de pau e começou a gritar: “Haja pau! Haja pau! Haja pau!” Aí ela disse que tinha fé em Deus, que num “Haja pau” ele *havera* de se transformar. Aí pronto. Aí desapareceu e ninguém viu mais ele, né? Só ouviu só as voz. Só vê as voz... Pois existe... É...

Manuel – Existe. Aí ele ficou gritando, o pai dele dando na mãe e ele gritando “haja pau”, aí ela foi... Quando ele descer pra ficar um “Haja pau”. Aí aconteceu. Haja pau.

Pedro – A gente escuta as voz, mas ninguém vê ele. É uma coisa como se fosse pertinho. Baixinho...

Ana Claudia – É o que? É um claro?

Pedro – Não, é só as voz. A gente escuta só as voz. Ninguém vê nada, não. Só as voz. Ninguém vê nada, nem sinal de... Assim... de alguma réstia, nada, nada, nada. Eu olhei muito pra banda da lua, pra ver se ele passou por cima de mim, ou... [risos dos dois] Eu já tava era com medo! [risos] Não via nada, e o pessoal gritando, gritando, gritando! [risos]

Ana Claudia – Tá bom! Depois eu... Eu agradeço a vocês por vocês terem... terem parado o tempo de vocês pra conversar comigo, né? No meio da rua! E aí como eu falei. Meu trabalho, ele tá em andamento, e tudo. Quando terminar o trabalho é divulgar pras pessoas, porque é um trabalho sobre os pescadores e sobre a situação da lagoa.

Pedro – É, a gente que é pescador sofre. A gente termina tendo que arranjar outro modo de sobreviver porque se for

viver só da lagoa hoje não dá. Antes dava. Você vê, quem é empregado, tem a vantagem deles porque tão empregado no emprego deles, trabalhando. Mas o pescador que vive da pescaria já tem as dificuldade deles por causa dos viveiro. Porque diminuiu muita coisa, muita coisa mesmo. O caranguejo-uçá, aqui tinha muito caranguejo-uçá. Acabou, acabou. Acabou... O caranguejo-uçá acabou. Conhece o uçá? É aquele que tem umas patinha cabeluda. Ele tá se acabando.

Ana Claudia – Acabou depois dos viveiros?

Pedro – Depois dos viveiros. Não sei que mistério é que eles botam, que os bichinho morrem.

Manuel – Mas realmente até o mangue secou. Tá secando! É só do remédio mesmo que eles bota, a água vai descendo, ai matando. Vai pegando aquelas raiz, vai acertando ali dentro, juntando aquela água, aí vai na raiz, e o mangue vai morrendo. Muitos morreram. Que antigamente não morria. Era tudo vivinho, verdinho. Tinha o caranguejo-uçá, tinha o goiamum. A pessoa chegava... Agora não. Agora se chegar um goiamum, vai pra perto do corredor dum viveiro dele, pega ele, e bota remédio, mata logo tudinho e acabou-se. Aí o que vai fazer? Porque o goiamum ele sobe nuns tarugo, né? Ele vive nuns tarugo... no local mais seco... Aí daí em diante vai acabando. O problema é mais é esse. Aí pronto...

Ana Claudia – Tá bom... Tô indo. Não vou atrapalhar mais vocês, não! [risos]

Manuel – Que é isso! [risos] Eu tô é gostando é muito de conversar mais a senhora, porque isso aí é um negócio que a gente vê que você tá batalhando pela gente.

Pedro – Há dias que eu... Inda agora eu tava ali mais um velho, quando você passou, eu tava ali mais um senhor. Eu disse: “Essa pessoa anda atrás de mim...” [risos] Aí eu subi. Demorei um pedacinho e subi. Foi quando eu te encontrei aqui. Eu achei parecido... [risos]

Ana Claudia – Hoje eu sentei ali na praça: “Eu quero ver se eu não converso com ninguém hoje!” [risos]

Manuel – Eu vi. Na hora que eu vinha descendo, ela ia. Eu olhei assim pra ela: “Essa senhora é daqui não! Essa senhora é daqui não!” Aí vim caminhando, passei e vi vocês conversando. Vim olhar ali um pé de pau, um pé de pau-brasil que a diretora foi e mandou me chamar, aí eu fui lá. “O que é, diretora?” “Só quem pode resolver esse problema aqui é você. Foi o pau que torou uma galhada, quem é que vai poder fazer isso aí?” “Rapaz, só torou porque puxaram, agora realmente tem que cortar ele todinho, porque só um lado ficou penso e o outro lado caiu. Vai cair também. Eu tenho que cortar pra ficar igual pra ele frondar de novo. A única solução é essa.” Aí ela disse: “Pois tá certo! Amanhã você vem aqui fazer o serviço.” “Doutora, amanhã eu não garanto não, que eu já tô com outros trabalho na frente. Porque é muito trabalho pra mim.” Aí ela disse: “É, pois quando for lá pra sexta-feira você vem.” Aí pronto. Tudo bem. Aí eu fui lá, tava conversando. Vi que você tava conversando com o amigo aqui, pequei a oportunidade...

Ana Claudia – É, e eu gostei...

Pedro – Agora a lenda mesmo, quem tem copiado é Luís Carlos. Parece que ele tem até no computador. Eu falei pra ele na semana passada que você ficou de vir na terça-feira, né?

Ana Claudia – Foi, é porque choveu e eu não pude vir.

Pedro – Aí eu falei com ele, ele disse: “Rapaz, se ela aparecer agora pela manhã...” Que ele trabalha mais na parte da manhã... Na câmara de vereadores. Aí ele disse: “Rapaz, se ela aparecer, traga ela aqui que a gente ajeita aqui que eu tenho no computador. Aí eu preparo pra ela e entrego.”

Ana Claudia – Tá bom. Então num dia que eu aparecer aqui de manhã, se der eu procuro um de vocês aí vocês me levam lá, tá?

Pedro – Tá certo.

Manuel – Ele é legal demais!

Pedro – Ele é bacana. Ele, quando eu falei, ele disse: “Não, tá certo. Eu fico muito satisfeito em fazer um negócio de passar um negócio assim pra uma pessoa que não sabe, pra ficar sabendo, porque aí eu quero ensinar a quem não sabe.”

Manuel – Ele deu muito valor depois que eu cheguei pra aqui, pra trabalhar com as planta. “Mané, só você mesmo, porque outro aqui não fazia, não.” Essas podaço. Ele dá valor a mim, ele dá valor. Dá o maior valor a eu e a ele. Porque realmente, porque cada gente, eu e ele²⁷, tinha um diretor. Aí o diretor que eles botaram primeiramente perguntava à gente que é que ia fazer. Aí eu cheguei e fui falar com a primeira dama. Me invoquei, né? Fui falar com a primeira dama. “Dona Ninha, não leva a mal eu dizer uma palavra à senhora não?” Ela disse: “Não, Mané!” “Pois eu vou dizer uma coisa à senhora. Eu não preciso mais de diretor não. Não precisa de diretor não, nem eu nem ele. Porque o serviço que a gente tem que fazer eu que sei fazer. Ele não sabe, vem perguntar primeiro a mim? Assim não adianta. Deixa, pode deixar seu diretor pra lá e deixa que eu tomo de conta. Eu sei que na hora que tá pra fazer o serviço, eu faço. E pronto!” “Ah, pois tá certo, Mané.” E pronto!

Ana Claudia – Aí tirou o diretor...

Manuel – Aí tirou. Era três! Botou um, não deu certo. Botou outro, não deu. Aí botou outro e foi pior. Tá certo! Aí ficou. Não sei nem onde eles estão, eu que fiquei aí. Deixa eu ficar aqui somente com meu amigo aqui, que eu sei fazer o trabalho. Toda vida eu tive coragem de trabalhar e gosto de fazer esse trabalho bonitinho. E realmente chega muita gente aqui e diz... De São Paulo, do Rio... Chega americano, e tudo... Eu tô fazendo, trabalhando, eles chega e fica assim olhando... Tira foto meu, eu aí trabalhando, com tesoura e tudo... [risos] Graças a Deus todo mundo gosta de mim. Eu sei tratar bem e gosto muito de tudo organizado...

Ana Claudia – Eu não conhecia o senhor, mas gosto muito do seu jardim! [risos]

Manuel – Muito obrigado! [risos]

[fim]

²⁷. Seu Manuel e seu Pedro, que trabalham juntos na manutenção dos jardins da cidade.

Relato do último registro

Quando cheguei ao centro de Nísia Floresta, a cidade parecia viver um dia diferente, a começar pela chuva fina que não cessava. Na igreja estava havendo uma formatura de moças vestidas de branco, acompanhadas por marinheiros em trajes de gala. O palanque na frente da igreja estava repleto de autoridades locais que prestigiavam o evento, e logo abaixo, sob a fina chuva, protegidos por sombrinhas e guarda-chuvas, familiares e amigos dos que ali desfilavam assistiam ao cortejo das moças de branco entrando na igreja, de braços dados com os marinheiros galantes. Passei por este cenário, no entanto, seguindo uma música mais distante. A música vinha, provavelmente, da comemoração do dia do Folclore, que acontecia na cidade neste dia, desde cedo.

A chuva me impediu de chegar no horário combinado, uma hora da tarde. Quando cheguei ao clube da cidade, então com uma hora de atraso, já tinha acabado o Bambelô e a dança do “Pirão-bem-mole” da dona Maria, e as pastoras faziam sua apresentação. Os grupos que se apresentaram neste dia de comemoração pertenciam aos clubes de idosos de Nísia Floresta e da comunidade de Campo de Santana. Um grupo do município de Georgino Avelino, também convidado para a festa, faria a última apresentação: o Boi-de-Reis. Antes de entrar no clube, encontrei alguns participantes do Bambelô de Campo de Santana sentados num barzinho tomando cerveja com camarão. Cumprimentaram-me dizendo que tinham “fugido” da festa para se divertirem ali, do lado de fora. Chamaram-me, animados, para contar das apresentações. Gente simples e muito animada...

As apresentações eram feitas no centro do salão e o público em círculo assistia a tudo, muitos acompanhando as

cantigas, outros dançando também. Sobre a apresentação das Pastoras, o grupo seguia a formação tradicional do auto: em três filas, a um lado o cordão encarnado, ao outro o cordão azul, e ao centro anjo, pastoras, borboleta, Diana (metade azul, metade encarnada) e um palhaço muito divertido que circulava entre as dançarinas. Ele segurava um objeto de metal que usava para levantar as saias das brincantes. Várias músicas eram cantadas, cada uma em referência a um personagem que vinha à frente para dançar. No meio das pastoras, lá estava dona Maria que acabara de se apresentar com o “Pirão-bem-mole”.

Depois da apresentação das Pastoras, se prepararam para entrar os brincantes do Boi-de-Reis. Pude de início já perceber o quanto este Boi é diferente daqueles bois de São Luís ou Parintins, os bois da floresta, com suas índias, seus patrocinadores e a imponência dos trajes luxuosos, alguns dos quais pude ver dias atrás em um congresso de antropologia ocorrido na capital do Maranhão. O Boi potiguar não tem personagens índios, nem o luxo e a imponência dos bois da região norte. E embora na brincadeira só dancem homens, nesta de hoje uma mulher era galante (e todo mundo lá reparou o fato). Eles entram sem o Boi, cantando e dançando várias músicas, cada uma em referência a um personagem da brincadeira (Mateus, Jaraguá, Birico, Cão). A formação: duas colunas de galantes vestidos com trajes de fitas coloridas e espelhos e no centro os personagens mascarados; o ritmo: muita percussão dos tocadores que ficavam afastados, tirando sons de tambores e pandeiro; a dança: muito ágil, com movimentos rápidos, coordenados e ritmados entre os galantes. Ao centro o Mateus e o Birico se destacam com suas caras pintadas de carvão, chapéus e roupas camufladas. Estes mais parecem vaqueiros ou andarihos, cheios de objetos pendurados nos trajes. Em uma das cantigas entoadas há um bater de espadas entre os dançarinos. Em outra é hasteada uma bandeira amarela, e então o Boi surge, imponente, colorido, com sua saia de chita adornada com fitas

coloridas e espelhos, passando pela bandeira e rodopiando no salão, em movimentos muito rápidos. Quando o boi aparece é o momento mais esperado, e todos dançam em redor dele. Há a morte simbólica e depois a ressurreição do Boi, e logo após o Boi sai da roda e vai para a platéia, fazendo reverência às pessoas conhecidas ou indicadas pelos brincantes. Estas pessoas amarram cédulas nas fitas que adornam os chifres do animal. Eu perguntei a um participante porque isso ocorria. Ele me contou que aquilo antigamente era a oferenda que o dono da casa fazia ao Boi que dançava na porta das casas, e que hoje é feito pela "venda", como se a brincadeira fosse vendida. Ele perguntou se eu não queria fazer uma oferenda. Aceitei, amarrei uma cédula nas fitas do Boi, que se abaixou na minha frente. Depois a filha de dona Maria, ali presente, disse que aquilo era muito importante e até me parabenizou por ter sido reverenciada pelo Boi. Outra coisa interessante é que o dançarino que estava embaixo do Boi, depois de terminada a ressurreição, deu um rodopio bem ágil e se livrou da armação do Boi. Então a carcaça colorida foi jogada no chão e o dançarino entrou no meio da roda, dançando.

As pessoas que assistiam às apresentações cantavam junto com os dançarinos. Os mais velhos acompanhavam, sabiam todas as músicas e, da platéia, cantavam também. Uma senhora me falou que quando eles ensaiam no clube de idosos, todo mundo participa de tudo, todo mundo sabe de todas as músicas. Pela forma como ela contou, pareceu até que os ensaios eram melhores que as próprias apresentações.

O Boi de Carnaúba, comunidade de Georgino Avelino, foi convidado para participar da festa. Depois teve comida e forró pé-de-serra para todo mundo. Seu Manuel, o jardineiro com quem conversei, brincante do Boi do Porto, se apresentou nesse Boi de Georgino Avelino porque um dos participantes faltou e chamaram-no para dançar no seu lugar. Fiquei surpresa ao encontrá-lo dançando como galante, mas ele me explicou que era assim mesmo, como todo mundo sabia da brincadeira toda, podia dançar em qualquer posição.

ENSAIOS

Memórias da paisagem desolada

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira.

Walter Benjamin,
O narrador.

O narrador de Benjamin nada mais é do que o contador de histórias, aquele cujo privilégio de “ter o que contar” e para “quem contar”, mais ainda, cujo domínio do “saber contar” torna-o capaz de transformar a experiência em substância épica a cada narrativa. Aprendiz da tradição,

artífice da oralidade, portador de uma sabedoria que abarca e ultrapassa os limites de sua existência, de seu espaço geográfico e de seu contexto social, o narrador sabiamente atrela estas dimensões à teia das histórias que conta, sejam elas reais ou imaginárias, fantasiosas ou verossímeis, míticas ou atuais.

É significativo o fato de o texto de Walter Benjamin, escrito em 1936, trazer luz a debates bem atuais sobre globalização, identidade, sobretudo no tocante às culturas populares e às relações que a dinâmica social estabelece entre estas e a cultura hegemônica. Minhas observações objetivam também contribuir para uma re-leitura, uma atualização dos seus apontamentos, tendo em vista um fato e uma suposição: o fato de ser possível, hoje, encontrar personagens populares que assumem o papel de narradores em determinados momentos de seus discursos; e a suposição de que, assim como o narrador, as narrativas modificam-se com o processo histórico, com as mudanças sociais, refletindo as consequências dessas mudanças mais imediatas sem, no entanto, perderem as características que as definem como narrativas. Descrever a trajetória de uma busca por histórias de vida e trabalho em comunidades de pescadores artesanais foi, portanto, uma experiência que me colocou de frente com os narradores que Walter Benjamin, na década de 30, julgava em vias de desaparecimento.

A lagoa é, neste contexto, mais do que um espaço geográfico; é, para as comunidades locais, um *locus*¹ de importância simbólica em suas trajetórias de vida. Lugar comum de um passado atemporal e sobrevivente através do legado da memória de seus habitantes, a paisagem está sempre em transformação. As narrativas são, portanto, discursos sobre o presente, sobre uma paisagem desolada em contraste com um estado ideal perdido no passado. As falas

¹. “Além do espaço de reprodução econômica das relações sociais, o território é também o *locus* das representações mentais e do imaginário mitológico dessas sociedades” (DIEGUES e ARRUDA, 2001, p. 25).

que se referem a este espaço, mesmo quando remetem o ouvinte para um passado remoto e atemporal, refletem e denunciam uma dinâmica social na qual algumas de suas mudanças são perceptíveis a olho nu, outras, no entanto, aparentemente ocultas ou encobertas pelo processo de desenvolvimento econômico e social que atinge a todos, ainda que diferencialmente, e sobre o qual pesa ideologicamente as noções de progresso e evolução. Este, no entanto, é apenas o início de uma sucessão de contrastes que, ao longo das falas, revelam e explicam o estado “presente” da situação vivida pelos pescadores.

É possível identificar, nas transcrições, a existência de discursos contraditórios que revelam a situação vivida por essas comunidades diante de uma dinâmica social que, transformando pescadores, artesãos e pequenos agricultores em trabalhadores assalariados, transforma irreversivelmente suas relações com meio ambiente, sociedade, cultura e economia. Isso acontece porque estes narradores são pessoas que testemunham o contínuo processo de degradação do ecossistema que sempre alimentou e sustentou econômica e socialmente suas famílias. Praticantes de uma atividade artesanal cujas formas de manejo dos recursos naturais comprovadamente contribuem para o equilíbrio ambiental e conservação de seus potenciais, eles tentam, como podem, lutar hoje pelo espaço que resta, disputando com carcinicultores e fazendeiros os últimos nichos de vida lacustre que restam.

Neste ensaio, minhas atenções se voltam para a relação das comunidades com o espaço, tendo em vista a mudança de um sistema de práticas tradicionais para um sistema nos moldes capitalistas – mudança que atinge diferencialmente todas as classes, mas que instaura a luta pelo poder e conseqüente domínio das classes populares pelas classes economicamente privilegiadas.

As narrativas, em princípio, são estruturalmente construídas em torno de uma realidade temporal e

geograficamente localizada: a lagoa. Tendo em vista mudanças significativas que alteraram a geografia local, elas apontam para duas visões distintas de um mesmo espaço: a lagoa de antigamente e a lagoa hoje:

“Eu alcancei essa lagoa, a de Nossa Senhora. Quando era tempo de pesca, juntava os pescador e dava o auxílio pra festa. Nossa Senhora do Ó. Depois passou pra prefeitura. Pagava dois *tão* [tostão] por cada quilo de... de peixe ou de camarão. Pesado... Eu paguei muito... Pesquei muito... Tinha muito peixe, naquela lagoa. Valia a pena... Era lagoa. Hoje não é mais lagoa, hoje tá... um fim de mundo de lagoa. O mangue tomou conta, tudo... Os homem, com ganância na lagoa, é tudo se acabando, e passa dia, acaba mais... Agora entrou esse negócio de viveiro, não pode nem pescar mais, em muitas partes... (...)” (Aderaldo)

Mas, como demonstra a fala do pescador, falar do espaço também é falar das vidas que animam este espaço, disto resultando narrativas que revezam descrições de ambientes e histórias sobre trajetórias de vidas, narrativas de trabalho e acontecimentos que ficaram retidos na memória daquelas pessoas cujos pais, avós e demais ancestrais ali deitaram suas raízes culturais, não faltando imagens para ilustrar estes percursos humanos, caminhos que se confundem com trajetória de vida e quase morte da lagoa.

Os tempos em contraste alternam-se em dois discursos: um mítico e voltado ao passado, permeado por imagens e fragmentos que revelam modos e práticas culturais de características pré-capitalistas; outro mais real e presente, que expressa a revolta e a denúncia de uma realidade de degradação ambiental, descaso das autoridades e lutas desiguais pela posse do espaço da pesca. É revelador perceber de que forma estes dois tempos se entrelaçam nas falas dos pescadores, já que, por exemplo, as histórias de assombro e encantamento da

lagoa, em todas as falas que aparecem (Amaro, Aderaldo, Joaquim, Pedro), só emergem depois de um discurso de denúncia da situação atual da pesca, de um confronto entre a imagem do presente e a lembrança do passado.

Ficou muito claro no decorrer das entrevistas que, ao menos para os pescadores, falar do presente é mais urgente, mais importante, mais significativo, mais revelador do que as lembranças de um tempo bom e passado. Mas a memória, fio condutor das histórias, além de seletiva, possui estratégias próprias de construção do tecido narrativo. Seria contraditório se não fosse revelador o fato de que a imagem de um presente de desolação evoca na memória, como contraste, lembranças de um passado distante, lugar comum – e cada vez mais remoto – da lagoa farta em peixes, lagoa da Santa, das festas e das brincadeiras, das histórias de assombro e encantamento.

O discurso de alternância entre presente e passado é um devir que se impõe em vários momentos das narrativas, quer através do contraste que justifica a situação crítica da pesca artesanal e da vida comunitária:

“(…) Hoje só tá, só tá ruim mais a violência, que é violência demais... A gente antigamente ia pra uma festa, ia sem medo... Hoje vai, mas vai assustada. Vai e já acha que ninguém vai voltar mais, por mode violência, e esses de beber, e só querem ser os tal... (…)” (Maria)

“(…) Agora não tem muita gente mais não, acabou-se os pescador tudo. Ninguém quer viver mais de lagoa, não. Porque não tem meio de vida na lagoa. Cada qual procura um empregozinho... [pausa]” (Josefa)

através do olhar de desconfiança para a modernidade:

“(…) Hoje em dia não tem mais [peixe]. Muito pouco. Esses negócio da malária matou esses peixe

tudinho...”; “(...) Com esse negócio de malária, pra matar os mosquito, mode *quistossoma*, mode a dengue... Acabou com a maioria dos peixe.” (Maria)

ou nas reflexões acerca dos modos de vida da comunidade:

“(...) Agora é melhor, porque naquela época tinha muita pobreza demais, tinha... Mas do conforto... era melhor! Nós comia um comê fresquinho, peixe tratado na hora, vizinho... Hoje em dia é umas comida... (...)” (Maria)

“(...) Antigamente não tinha essa educação de hoje. Né? Não tinha... Não tinha educação. Hoje tem mais educação, tem mais história melhor, boas conversa, que não tinha... O que eu acho melhor hoje é nessa parte. Hoje só tá, só tá ruim mais a violência, que é violência demais... A gente antigamente ia pra uma festa, ia sem medo... Hoje vai, mas vai assustada. Vai e já acha que ninguém vai voltar mais, por mode violência, e esses de beber, e só querem ser os tal... Mas antigamente não tinha isso. Nós ia numa pressa... Mas ia normal, tudo direitinho, e vinha, podia vir uma hora que vinha um bocado de moça, um bocado de rapaz, hoje em dia, tem gente matando até criança. De sair pra chegar dez, onze hora da noite se tem medo... Hoje tem, já tem banda de fora, antigamente não tinha aqui. Já vem de fora...” (Maria)

Tal qual os bens materiais, como as panelas de barro tão lembradas na voz de dona Maria, a memória nunca surge em estado de “pureza”, mas é permeada por uma ressignificação, por um discurso que traz à tona uma lembrança de um tempo passado recontextualizando-a no presente, atribuindo assim um novo sentido que não só explica, mas que também redimensiona seu significado.

Assim, a lembrança das louças de barro de dona Maria, de Lúcia e de tantas moradoras do Porto, no contexto atual, surgem com um duplo (e aparentemente contraditório) significado: é ao mesmo tempo a evocação da comida gostosa e sadia do passado, e a constatação da pobreza, tanto no passado como no presente, como diz Maria:

“(...) É, por isso que eu digo, na minha época era já melhor, o passado, a convivência, melhor, nesse ponto. Agora era uma pobreza, viu? Não era como hoje, que nem hoje... A gente tinha naquela época... A mãe da gente ia pra feira comprar... umas cumbuquinha assim, de barro... uns pratinho de barro... É, aqueles pratinho de barro. Pra gente tomar café, pra gente comer, em panela de barro...(...) E aquilo, panela de barro, botava um bocado de feijão verde, muito coentro, muita cebola, aquilo era um cheiro... Aquilo não tinha micróbio não! Aquele barro não tinha não! Hoje em dia você pega uma panela é tudo bonitinha acolá [aponta para as panelas de alumínio]... Você bota, quando liga vem o fogo... Ou então onde você botar passe um bombril pra ver se não tem aquela borra? Aí as doenças!!! Hoje em dia, se vê uma pessoa cozinhando em barro... “Venha cá ver... Fulano tá é pobre! Nem uma panela não tem, é de barro...” Mas não sabe que pra... pra... Quer dizer, assim, pra saúde da gente seria melhor! Isso aí é bem feito, é uma coisa só pra dizer, e tal... Essa aí tem micróbio, você pode passar o bombril pra ver se não tá aquela borra?...” (Maria)

Assim também estão presentes as lembranças da lagoa, da pesca, da vida dos pescadores e suas famílias, do tempo presente que se entrelaça a um tempo remoto, na maioria das vezes tido como bom e ideal, embora a situação de maior pobreza em relação ao presente e de condições de vida e trabalho sem direitos nem garantias de um futuro digno

(como a tão almejada aposentadoria) amenizem a imagem positiva da lagoa, atribuindo ressignificados contraditórios ao espaço e prática da pesca. Em outras palavras, ora o discurso sobre o presente é permeado pelas lembranças do passado, tornando este passado um lugar ideal, ora as lembranças de um passado de extrema carência ilustram a imagem de um presente melhor.

Mas no fim, mesmo alternando-se em (poucos) aspectos positivos e (muitos) negativos, o presente sempre se impõe. As falas dos pescadores revelam que dentro de um contexto político de lutas que tira das comunidades tradicionais a autonomia sobre seu espaço de sobrevivência, estas inevitavelmente são levadas a aceitar, com maior ou menor passividade, um jogo político e vigente de dominação. Tanto que hoje, para os pescadores, a ausência de aparelhos eletrodomésticos nas casas denota a pobreza e a sensação de exclusão social. A crescente necessidade de “inclusão”, muitas vezes arbitrariamente imposta às comunidades, faz com que estas adotem novos modos de vida e repensem (ou mesmo abandonem) os seus antigos valores. Um processo, também econômico, por outro lado, transforma de modo irreversível a vida destas pessoas, empurrando-as para outras alternativas de sobrevivência (como o trabalho assalariado), contribuindo para uma “inclusão social” que se traduz em domínio, porque tira delas a relativa autonomia de que anteriormente gozavam em todos os seus níveis (econômico, político, cultural), embora de forma diferenciada.

Em decorrência deste processo, novas relações se estabelecem, e as narrativas dos pescadores refletem, direta ou indiretamente as transformações mais significativas.

1.

Do ponto de vista **ambiental**, as alterações no ecossistema, em todos os seus níveis, afetam diretamente os modos de vida das comunidades. Além dos danos decorrentes, sobretudo, de práticas incorretas de manejo do

meio ambiente, muitos dos quais já relatados, é a escassez do pescado, fato continuamente repetido nos discursos, a mais visível e penalizante consequência deste desequilíbrio:

“Eles põe uma água nova, põe uma água novinha ali, aí pronto. Aí tem tudo pra eles. Aí pronto. Limpa aquele viveiro. Aí bota aquele cal. Virgem. Aquele cal vai e mata aquele micróbio todinho que tem. Aí quando termina de matar aquele micróbio, com um mês ele vai e liga a bomba. Aí pronto, espanta a água nova pros viveiros. Aí daí com a água nova, já tá com as larvas no viveirinho, aí é só colocar no viveiro. Aí é só botar a ração. Pro camarão crescer. Pro camarão crescer, aí aquela água velha vai saindo por uma porta d’água, e a bomba jogando água nova. E a água sai pra lagoa.”; “Sai pra lagoa. Sem tratamento nenhum. Aí é o problema. Porque na hora que ele der aquele cal que tá ali, que vai descendo, aí vai pegando aquela água mais velha, o peixinho que tem... O peixinho pequeno, já vai pequeno, aí quando a água que bate, aí pronto! O peixinho que era bebê já vai morrendo. Não tem o oxigênio pra ele.” (Manuel)

As narrativas dos pescadores, testemunhas de todo o processo de apropriação de espaço e consequente degradação ambiental, fornecem pistas para entendermos as manobras políticas que viabilizam e legalizam tais práticas:

“E a gente, pra tirar um pau, tem que tirar escondido. Porque se souber, aí o Ibama bate em cima. Toma, é arriscado até o camarada ir preso. Agora o proprietário, esse pessoal de viveiro, ele chega, paga um direito lá, arranca tudo e faz. Porque eles faz assim: eles pega, junta quinze, vinte homem. Mete a foice, mete chibanca com machado e arranca tudo. Aí mete a draga. Quando o Ibama chega já tem feito. Aí

pagam aquela multa. Mas aí já tem feito o serviço. Já tem feito. Aí pronto. Aí faz o viveiro. E nisso aí, começa a botar aquelas coisas, aqueles remédio lá. Vai, aí mata tudo. Porque na hora que eles bota aqueles produto, o que tiver dentro, as ovinha de qualquer coisa que tiver dentro, o peixe novo, alguma coisa, aquilo ali morre tudo, porque eles bota o cal virgem. Aí o cal, quando bate naquela água, que esquenta, aí mata tudo, acaba com tudo. Aí bota outros preparo, e pronto. Aquilo ali não... Não dá nada ali, só mesmo aquele peixe que ele vai botar, porque aí ele enche o viveiro de novo, bota aquelas larvas, aí tem as coisas que eles botam, de comer, aí pronto.” (Pedro)

“Eu queria que eles, que os homem de poder, pescador-presidente, o Ibama ou o prefeito, tomasse, assim, a medida daquele território. Pronto: esse território aqui é seco, foi onde eles fizeram o viveiro, vamos respeitar. Mas também era pra eles respeitar o território que era do pescador, que é o manguezal com a nossa lagoa. Quer dizer que se ele... A gente queria que ele respeitasse como a gente respeita o dele. Porque ele não podia entrar pra cá. E como esses proprietário, no que a lagoa vai secando, eles vão avançando a cerca pra dentro. Eles não era pra fazer isso. Era pra ficar no limite, como já falei.(...)” (Amaro)

2.

Do ponto de vista **político**, observa-se, também pelos exemplos acima, que os pescadores possuem certa consciência sobre a arbitrariedade das normas impostas pelo aparelho político. Este surge como elemento externo, gerenciador das leis que regem a utilização dos recursos ambientais, leis que muitas vezes vão de encontro as suas

práticas e modos de vida. Sem meios para lutarem contra esta imposição, os pescadores, no entanto, apontam “soluções” que, contraditoriamente, os colocariam em consonância com as normas impostas, como criação de cooperativas para criar camarão, obedecendo aos mesmos moldes dos grandes criadouros – citados pelos próprios como principais responsáveis pelo desequilíbrio ambiental:

“Hoje em dia, elas têm o quê? Tem uma empresa delas, lá... Tudo cadastrado... Continua. No Ceará, eu vi na televisão, este ano, as mulher de lá vive de marisco. Então elas começaram lá de baixo tirando marisco, lá e... E tão vivendo disso. Aquela... Ela faz aquela *quereação*, aqueles negócio, aqueles tanque, aquelas coisa... Cria aquelas coisa, quando é no tempo... Tão vivendo, muitas mulheres mesmo. E mesmo assim dava, como no meu plano de vista, era... Essas terras nossas que tá aí sem... secando... A gente podia, uma pessoa como um presidente, de reunir os pescador, falar com os governo, não é uma governadora agora? Essas terras que fosse ficando seca, aproveitar. Fazia, juntava todos os pescador pra fazer uma... uma espécie de um convênio de... de viveiro... Pros pescador mesmo, né? (...)” (Amaro)

Ainda como mecanismo de controle, o aparelho político instaurou a institucionalização e burocratização do trabalho artesanal, obrigando os pescadores a se cadastrarem em colônias de pesca e pagarem mensalmente taxas referentes aos “seus direitos” trabalhistas para, ao fim do tempo determinado pela lei, terem direito à aposentadoria. Sob a ilusão da aposentadoria (vista como prêmio garantido aos pescadores) edifica-se, também, a máquina política, exercendo o domínio e o controle dos trabalhadores artesanais.

3.

Do ponto de vista **econômico**, a escassez de peixes, a disputa (às vezes violenta) pelo território, são fatores que afastam os pescadores do espaço público da pesca. É neste tom que, por exemplo, confessa seu Pedro ao falar de suas pescas nos dias de hoje:

“(...) Essa parte aqui é os mangue. Não tem nada a ver, eles não podem empatarem ali, mas eles não querem que ninguém vá pr’ali não. O pessoal, a turma tudo tem medo. De pescar. Um dia desses eu fui pescar lá, a mulher... Fui mais a minha esposa... ‘Homem, não vamos pr’ali, não!’ ‘Rapaz, isso aqui não é deles, não! Olhe, essa parte que ele fez daqui pra lá, eu não vou pescar, não, mas daqui onde eu tô, eu vou ficar.’ ‘Homem, esse povo é cheio de confusão’ ‘Se vim... Se atirar em mim, só se me matar, porque se não me matar, é sujeito eu atirar também.’ Eu sempre quando eu vou, eu só vou armado. Só vou pescar com arma, porque... Não é por nada, é porque sempre quando a gente vai, deve ir armado, porque às vezes aparece uma cobra, aí... Dentro daqueles mangue tem. Aí a gente anda mais armado por isso. Mas não pra fazer o mal a ninguém. Agora eles lá faz aquilo pra intimidar o povo mesmo, pra não irem pra lá. São um pessoal meio safado. Confia em ninguém não... É isso. E essa lagoa da gente era muito grande. Esses terreno que hoje é os viveiro... Tudo era lagoa. Tudo lagoa...” (Pedro)

Impossibilitados de exercer suas atividades, os pescadores são levados a aceitar o trabalho assalariado nas fazendas de camarão ou em outros setores da sociedade. Embora algumas práticas comunitárias subsistam em meio ao sistema implantado (como a troca, a doação e a partilha de bens materiais como o peixe, e bens simbólicos como as brincadeiras), observa-se que as mudanças nos modos de

produção afetaram as comunidades na medida em que aumentaram os índices de pobreza, pois o que antes servia para ser vendido era também o alimento das famílias. Os pescadores dizem-se mais pobres nos dias de hoje, opondo a esta realidade o tempo em que a lagoa era farta em alimentos e a vida mais simples, embora para alguns as condições de vida fossem mais precárias pela falta de luz elétrica ou porque não possuíam bens materiais como geladeira e televisão. Neste aspecto, mais uma vez, os discursos são contraditórios, já que passado e presente alternam-se em conotações positivas e negativas, como demonstra o diálogo entre dona Maria e Lúcia, sua vizinha:

“E a lagoa era muito boa! A lagoa era muita água! Hoje em dia não tem mais lagoa como era antes... Tem lá alguns covos, um ou dois... Acabaram ali a lagoa de Papary... Hoje em dia tudo só é... é cheio de... cheio de curral, como você viu... Não tem mais lagoa boa como nós tinha antigamente...” (Maria)

“Mas... essa época agora tá melhor do que pra trás. Porque... Melhor, quer que eu diga por quê? Porque de primeiro ninguém tinha uma coisa dessa (Aponta para os aparelhos de televisão e rádio, localizados a nossa frente.). (...) Dentro de casa ninguém podia comprar que a pobreza era grande...” (Lúcia)

4.

Do ponto de vista **social**, ao passo que as mudanças ambientais provocaram alterações no espaço das comunidades, as mudanças nos modos de produção são alguns fatores que provocam alterações também no ritmo temporal das comunidades tradicionais. Ecléa Bosi (VALLE e QUEIRÓS, 1988, p. 33) enfatiza essa relação entre tempo e sociedade, afirmando que quando “o ritmo de vida familiar

perde toda coerência” os ritmos sociais também são rompidos (as horas do trabalho, as horas do descanso e do lazer, as horas de encontro, refeição e serão). As relações sociais comunitárias alteram-se, portanto, em decorrência deste processo, embora lentamente, visto que as comunidades adaptam muitos hábitos antigos aos novos horários, mesmo que isto signifique ter que pescar nas horas de descanso do trabalho – e neste caso o antigo trabalho passa a ter a função de lazer, como é para seu Manuel e seu Pedro. Outro fato interessante, relatado e observado, é a escassez de pescadores mais jovens. Isto se dá porque os filhos dos pescadores são orientados a seguirem o estudo aos quais os pais não tiveram acesso. Como diz Josefa, sobre os filhos dos velhos pescadores, “(...) uns ganharam o mundo, outros... procuraram outro destino, não iam morrer de fome aqui... Eles saem, arranjam um emprego, aí ajuda a família em casa...” (Josefa)

A transmissão da atividade entre as gerações continua acontecendo em menores proporções, desde que os filhos tenham a pesca como uma escolha, e não como única opção. Seu Amaro, ao falar da sua vida na lagoa, projetando-a a seus filhos, demonstra bem esta consciência sobre o futuro da pesca:

“Crescemos nela! Eu... Devido à quantidade de peixe, de muita coisa que tinha, a gente *nemmm* tava aí, os pai da gente *nemmm* botava a gente pra estudar... Quando botava a gente pra estudar, a gente estudava uns dia, três mês, passava quatro, cinco sem estudar... Aquilo que a gente tinha aprendido, aí perdia, né? Que se esquecemos, muito daqueles negócio... Hoje em dia a gente... Fazer como diz a história: chegou o tempo, a gente *casemo*, *fiquemo* por aqui mesmo, e *aprendemo* só mesmo a assinar o nome. Porque eu vejo meu menino, e eu sei só mesmo assinar meu nome, aí eu não vou querer meu filho só aprender a assinar o nome. Eu queria de ele aprender pra mode arrumar um

empregozinho melhor pra não ficar só dependendo daqui, né? É tanto que tem rapaz aí que se eu chamar, dizer assim: ‘menino, vamos pescar?’ Ele não sabe dar um laço pra pegar um peixe! Não sabe porque é só dedicado ele na escola.” (Amaro)

5.

Do ponto de vista **cultural**, a perda do espaço obriga as comunidades a se reorganizarem também culturalmente. São bons exemplos destas mudanças a existência de manifestações culturais tradicionais (como o Boi-de-Reis) e suas transformações em decorrência de intervenções externas (a exemplo da política e do turismo); a transformação de elementos que simbolizam as culturas populares (artesanato, culinária, rendeira, pescador) em produtos; a apropriação desses produtos pela indústria turística. No plano das narrativas, dos mitos, das lendas, enfim, uma parte significativa do cabedal literário popular é também transformada em produto, passando do domínio popular (pela morte dos narradores e conseqüente extinção do hábito da transmissão oral) para o domínio das instituições (escola, fundações culturais) que instauram um processo característico de folclorização seletiva dos bens culturais. A existência de pessoas que são consideradas pela própria comunidade as “detentoras” das histórias reforça de forma significativa esta realidade, tanto que para seu Pedro, por exemplo, as ditas “histórias completas” da lagoa são aquelas que foram colhidas, registradas e catalogadas em um computador, por um professor que mora no município e já foi secretário de cultura da prefeitura de Nísia Floresta. Seu Pedro, diante do meu interesse pelas histórias da lagoa, chega a propor um encontro com este professor que, além das histórias, parece possuir também um certo controle das manifestações culturais da região, como o Boi-de-Reis:

“Agora a lenda mesmo, quem tem copiado é Luís Carlos. Parece que ele tem até no computador. Eu falei pra ele na semana passada que você ficou de vir na terça-feira, né? Aí ele disse: ‘Rapaz, se ela aparecer, traga ela aqui que a gente ajeita aqui que eu tenho no computador. Aí eu preparo pra ela e entrego.’” (Pedro)

Em tempo: a perda do aspecto mítico e religioso em torno da lagoa reflete-se na extinção das festas religiosas populares, outrora principais momentos de socialização. Em torno destas festas girava a vida das comunidades, funcionando elas como marcos sociais que garantiam a continuidade cíclica da natureza e da vida social e cultural da comunidade:

“Nas festa de setembro... [pausa] outubro... não! Outubro, novembro! Setembro, no primeiro de setembro era a maior festa, tinha tanta gente, muito! Era três meses que nem pescava nem botava a... Nem botava os covo pros peixe crescer... Ah, era uma festona aqui bonita... Não tem mais essas coisas boa... hoje... Hoje não tem, não existe mais essas coisas boa como era antigamente... Quando eu dançava, era antigamente, não era à luz elétrica! Era farol!” (Maria)

“(...) Na minha época... Aqui tinha setembro... A festa aqui, a maior festa que tinha aqui em Nisia Floresta era o setembro, aqui. A festa do peixe. Então era no dia sete. As rede, as pescaria tudinho entrava no dia seis pro dia sete. No dia sete era peixe em rojão. E do dia seis pro dia sete era a noite todinha, baile... Todo tipo de apresentação vinha, e jogo, baralho, caipira, essas coisas toda... Então eu pesquei muito. Eu... Nessa época eu vinha de Tibau do Sul pescar aqui. Mas pescava escondido. Era três mês, toda pescaria

suspensa. Nessa época de festa, é... Três mês suspendia.” (Joaquim)

Estas mudanças, por fim, materializam-se em forma de um discurso deflagrador: discurso presente nas vozes das pessoas ouvidas; discurso de revolta contra a situação da lagoa, “a mãe do pescador”; discurso de socorro, de quem luta como pode para sobreviver, sendo obrigado a abrir mão de seus valores, de seus modos de vida, em detrimento de um estado ilusório de “inclusão social”; discurso que tenta explicar, de um modo todo fragmentado e truncado, peculiar aos pescadores, as diferenças que marcam a lagoa de outrora (a lagoa da santa) e a lagoa de hoje (a lagoa do prefeito).

Volto a Walter Benjamin; volto às narrativas. A mim os pescadores de Papary se reportaram com a revolta diante de uma situação crítica vivida pelas muitas comunidades que margeiam as lagoas ao longo do litoral nordestino. Mas, à margem da revolta, viam eles a esperança pelo simples fato de estarem sendo ouvidos e de que eu, na condição de interessada por suas histórias e suas práticas, pudesse de alguma forma contribuir para a melhora de suas condições de vida. O apelo é sempre o tom dos discursos, sobretudo daqueles que lidam com a pesca. Restou-me deste contato a impressão de que, se não faltam narradores populares, visto que o povo sempre terá o que contar, o que falta é quem se disponha a ouvi-los. Falta, talvez, encontrar ouvintes capazes de aprender com estas histórias que, de maravilhosas e trágicas, constroem toda a épica das vidas que, sendo deles, não deixam de serem também nossas. Tão triste quanto à descrição da lagoa, cujas imagens antecipam seu árido futuro, parece ser a convivência de quem deveria e poderia proteger aquele espaço importante, não só do ponto de vista ambiental, mas, como constatado, também do ponto de vista social. Tão triste quanto o retrato deles, enfim, parece ser o retrato nosso. Lembro Gramsci ao observar o quanto as “nossas” sociedades

cultas e acadêmicas deixam de ganhar quando perdem a capacidade de ouvir, na medida em que se distanciam das classes populares, somente atribuindo-lhes algum valor quando para atingir seus próprios interesses.

As culturas populares e a lógica mercantilista

... pois o que distingue o canto popular, no quadro de uma nação e de sua cultura, não é o fato artístico, nem a origem histórica, mas seu modo de conceber o mundo e a vida, em contraste com a sociedade oficial.

Antonio Gramsci,
Observações sobre o folclore.

A análise que se segue traduz algumas das minhas observações sobre as culturas populares levando-se em consideração, como bem observou Antonio Gramsci (1978, p. 190) suas especificidades, valores e funções na dinâmica da vida social de uma comunidade.

A discussão acerca da noção de cultura popular e da problemática que envolve seus estudos deve perpassar a análise das concepções ideológicas de algumas de suas definições mais utilizadas. Percorrendo tal linha de raciocínio chego, enfim, aos utilizadores destas definições: eis o ponto sobre o qual quero iniciar minhas reflexões. Gostaria, no entanto, de fazer um caminho diferente, menos para aderir ao consenso quanto ao uso do termo “cultura popular”, mais para observar o emprego deste termo por diferentes setores da

sociedade que dele se utilizam com fins próprios e nem sempre convergentes.

Responder se ou quando, de fato, existe uma cultura vivenciada pelo povo precede, ou deveria preceder, a discussão acerca do que vem a ser uma cultura do povo, e neste terreno a antropologia voltada para a análise das culturas a partir do materialismo histórico tem contribuído com algumas de suas conquistas no sentido de um consenso na adoção do termo “cultura popular” ou um de seus equivalentes de tratamento plural como “culturas populares”, “culturas do povo” e “culturas das classes subalternas” (GARCÍA CANCLINI, 1983. CIRESE, 1997. LOMBARDI SATRIANI, 1986), em contraste e até mesmo oposição conceitual com o termo “folclore”. Em suma, falar de cultura (ou culturas) e de povo ou, segundo Gramsci (1978, p. 190), de uma cultura produzida, consumida ou, enfim, adotada por uma parte da sociedade que não detém seus meios de produção, mas que deles termina sendo (ou fazendo) parte, tenta-me fatalmente a discorrer sobre o sentido das palavras que uso para me fazer entender. Sem entrar na discussão acadêmica da melhor definição, opto neste ensaio por, antes, observar a utilização dos termos e, mais ainda, a sua aplicação dentro de uma sociedade estratificada.

Sob esse viés, utilizo neste ensaio os conceitos de “discurso externo” e “discurso interno” referindo-me à existência, utilização e, ainda, interpenetração de diferentes discursos nas comunidades, de acordo com Bakhtin, imbuídos de toda uma carga ideológica inerente aos núcleos sociais que os utilizam, conseqüentemente, visando determinados e diferentes objetivos. Lembro este autor, que afirma:

A língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. As

condições da comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época (BAKHTIN, 1988, p. 154).

O discurso externo, neste caso, diz respeito ao discurso externo às comunidades tradicionais. É a ideologia do “novo”, do que vem de fora, dos mecanismos externos e hegemônicos que se inter-relacionam com determinados nichos sociais, a exemplo das camadas populares. Seriam, neste caso, os discursos referentes aos novos sistemas econômicos recentemente implantados na região, o turismo e a carcinicultura.

O discurso interno é então, neste sentido, o discurso referente às camadas ou núcleos sociais pré-existentes, cuja ideologia é construída historicamente e muitas vezes respaldada pela tradição, aqui verbalizada tanto através das falas de seus atores sociais, quanto nas suas manifestações culturais. Este, da mesma forma, também se inter-relaciona com os discursos socialmente vigentes numa mesma sociedade.

No caso da implantação do turismo e da indústria da carcinicultura em Nísia Floresta, o reflexo da interpenetração destas estruturas sociais externas em uma comunidade tradicional transparece através das narrativas quando estas estão relacionadas com o contexto atual. Mais ainda, as narrativas e o contexto social das comunidades pesquisadas, postos em contraste, revelam como os discursos externos são internalizados e utilizados de forma a legitimar a implantação de novas estruturas econômicas com sistemas próprios de funcionamento que, ao longo do tempo, penetram nas camadas populares modificando todos seus antigos modos de vida, de trabalho e de lazer.

No mais, trata-se de questões de natureza prática dentro de uma dinâmica social: estão implícitas na criação de identidades culturais, na invenção do patrimônio como forma

de implementação do turismo local; refletem-se no discurso externo construído para divulgar as “belezas” e “particularidades” da cidade; mas estão presente, do mesmo modo, no discurso interno – a exemplo das falas dos pescadores –, dentro do qual as mesmas noções contrastam e muitas vezes se contrapõem aos fins visados pelo turismo, pela máquina política, outras vezes refletem a apropriação de elementos das culturas populares em detrimento de objetivos próprios.

Uma das primeiras constatações, já no início da pesquisa, foi este conflito, esta contradição, uma indefinição de conceitos, um indiscriminado uso de termos com sentidos diversos, dentro e fora dos núcleos subalternos, no discurso externo dirigido às camadas subalternas ou dirigido ao público, ao turista, ao consumidor, além do próprio discurso interno. Os significados de folclore e cultura popular, vistos, neste caso, como quase sinônimos pelo senso comum, podem ser utilizados no sentido de atribuir socialmente uma falsa ideia de unidade a uma sociedade marcada, tradicionalmente, pela evidente multiplicidade. Esta utilização, que em si também é múltipla, colabora para camuflar as contradições que animam e alimentam a estratificação social. Diferentes objetos de análise indicam tal constatação, como o relato de fatos e acontecimentos, as opiniões e definições dos produtores e consumidores da cultura popular – presentes nas falas dos atores desta pesquisa –, além de informações coletadas em órgãos públicos, em consultas a materiais de divulgação turística, em produtos publicitários criados até mesmo por universidades locais. São, por fim, discursos de naturezas diversas: textos escritos, imagens, documentos, e principalmente os depoimentos dos moradores das comunidades que revelam implícita ou explicitamente, por parte de agentes externos às camadas populares, um processo já colocado em pauta por Néstor García Canclini em seu trabalho sobre as culturas populares (1983): a apropriação

seletiva, ressignificação e refuncionalidade de elementos da cultura popular em prol da geração de capital.

A “vocação” turística

Em minhas primeiras visitas à cidade de Nísia Floresta, antes mesmo de travar contato com as comunidades de pescadores artesanais, visitei algumas instituições em busca de informações que pudessem melhor contextualizar o espaço no qual pretendia desenvolver minha pesquisa. Na principal escola de ensino médio da cidade encontrei, então, uma cópia de trabalho escrito por um professor do município. Em princípio achei que este trabalho poderia servir apenas de material de ensino na escola, mas depois, ao me deparar com seu conteúdo, presumi que ali poderiam estar contidas informações importantes relativas aos aspectos sociais da cidade e suas relações com o turismo. O estudo datilografado, intitulado “Nísia Floresta, a vocação turística” (MEDEIROS, 1998), era uma espécie de relatório sobre o município com dados acerca de seus aspectos geográficos, históricos, políticos e sociais. Assim iniciava o autor, em sua apresentação:

O objetivo deste trabalho é para valorizarmos (sic) para que todos os habitantes do município de *Nísia Floresta* obtenham conhecimentos desde a época primitiva até a atualidade na sua formação histórico-geográfico das suas potencialidades, no desenvolvimento do turismo e da exploração ordenada e consciente dos seus recursos naturais. Assim, desenvolve-se o conceito de *cidadania* ao analisarmos o espaço natural sócio-político-econômico municipal (MEDEIROS, 1998, p. 01, grifos do autor).

O texto inicial do trabalho era um indício do teor do mesmo e, desde então, me colocou em confronto direto com

as pretensões e expectativas, não da população – ou “todos os habitantes de Nísia Floresta”, como presume o autor –, mas de determinados setores desta em relação às potencialidades e benefícios de um investimento econômico já implantado na porção litoral do município. Tratava-se de um texto que, nas entrelinhas, justificava e incentivava o incremento turístico local. Em outras palavras, a grande relevância dada, pelo autor, às belezas naturais e aspectos culturais justificavam a “vocação turística” do município.

Entre os recursos naturais, dunas, praias e lagoas da região apareciam obviamente como pontos estratégicos para o investimento turístico:

São todas as praias anteriormente citadas, as mais belas do litoral sul do Estado do Rio Grande do Norte, como também as lagoas que permitem o desenvolvimento do turismo no município, daí sua *vocação turística* (MEDEIROS, 1998, p. 10).

Já entre os aspectos culturais são citados um Baobá plantado em 1877; a igreja da cidade, fundada por capuchinhos italianos em 1727 com traços do barroco colonial em sua arquitetura e ornamentação; a antiga estação ferroviária construída em estilo neoclássico, onde hoje funciona um restaurante de comida regional; além é claro, da própria culinária local, da “mulher rendeira” e do seu artesanato, do monumento em homenagem  escritora Nísia Floresta e de três importantes “lendas” locais: uma em torno da construção da igreja, outra referente à origem de uma das lagoas, e a última, escrita em versos, sobre o amor de dois índios que habitaram aquelas terras.¹

As ditas “lendas” aparecem no trabalho como forma de ilustração às descrições dos aspectos culturais da cidade. Convém ressaltar que estas também surgiram entre as muitas

¹. Tais histórias serão abordadas no ensaio “As redes das narrativas”.

histórias contadas pelos pescadores, tanto durante as entrevistas como nas conversas não registradas, porém com a ressalva feita pelos narradores de que “o professor” tinha as “versões” completas das histórias porque as tinha copiadas no computador.

Em síntese, esse trabalho escrito dava grande relevância aos aspectos culturais do município (quase tanta quanto aos aspectos naturais) e, mais ainda, estabelecia uma relação destes aspectos com uma pretensa “vocação turística” da cidade. Em busca de mais informações sobre o assunto, conversei, tempos depois, com funcionários da prefeitura vinculados à secretaria de turismo. Estes, informalmente, me falaram de uma atual mobilização da então gestão atual que, em parceria com empresas, estava promovendo encontros, palestras, eventos com o objetivo de divulgação do seu “patrimônio cultural”, no intuito de incentivar a implementação e consolidação de um pólo turístico no município. Perguntando-lhes sobre o que viria a ser este patrimônio, os funcionários da prefeitura deram informações sobre a cidade que condiziam literalmente com o texto encontrado na biblioteca.

Em agosto de 2002, pouco tempo depois de iniciada a pesquisa de campo, fui convidada a participar, como palestrante, de um evento promovido pelo Ciclo de Estudos sobre Cultura Popular no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os trabalhos apresentados neste ciclo de palestras foram reunidos e publicados na revista *Vivência*, (2004). O ensaio publicado com o título de “Observações sobre Cultura Popular e suas relações com a economia local: o turismo e a carcinicultura em Nísia Floresta – RN” apresenta, em caráter inicial, as minhas primeiras observações acerca da pesquisa. Como na época dispunha apenas dos dados coletados durante as primeiras visitas, não havendo ainda iniciado as entrevistas, optei por falar do meu trabalho em campo e relatar algumas das minhas observações iniciais. Para ilustrar minha apresentação, solicitei a exibição de um vídeo-documentário publicitário

sobre a cidade de Nísia Floresta, realizado por alunos de uma universidade particular de Natal, além de projeção de fotografias recentes que mostravam o contraste entre a pesca artesanal e as fazendas de criação de camarão. Essas imagens, somadas ao apelo publicitário do vídeo, evidenciavam o impacto ambiental causado não apenas pela carcinicultura, mas também pela indústria turística já implantada no litoral e em vias de atingir também o centro do município.

Um produto chamado cultura

O vídeo-documentário exibido na palestra cumpriu com o objetivo de mostrar como a construção da imagem de um “patrimônio cultural” a partir de determinados elementos de sua cultura popular, como culinária, artesanato e folguedos, colabora para a penetração de culturas externas que, em médio prazo, tendem a reconhecer alguns elementos da cultura popular e transformá-los em produtos de consumo.

Na verdade, sem levar em consideração questões de origem, existe uma relação de causa e efeito recíproca que engendra uma espécie de círculo auto-reprodutivo, pois um acontecimento vem a fortalecer o outro: o patrimônio construído sobre a base da cultura popular permite a continuidade da mesma, só que, desta vez, obedecendo aos critérios ideológicos, seletivos e produtivos ditados pelo mercado. A cultura popular, assim re-configurada, por sua vez incrementa o patrimônio e este é utilizado como relevante atrativo para a implementação da indústria do turismo. Tudo isso, vale a pena lembrar, acontece fora dos domínios das camadas subalternas. Mas a maior contradição, aqui, reside no fato de que esta construção de uma identidade cultural já atingiu, embora de modo diferenciado, também as camadas subalternas, transformando-as em símbolos, produtores e produtos da cultura local (as rendeiras, os artesãos, os pescadores, os brincantes) e, ao mesmo tempo, num plano

ideológico, em meios de reprodução desta imagem construída, pois o povo, por necessidade material, assimila a ideia de que o turismo, trazendo divisas para o município, trará conseqüentemente melhoras de condições de vida para todos.

O texto relatado no início deste ensaio confirma, pela via da educação, a presença de um discurso que, no entanto, não se encontra apenas na escola. Vendida para “fora” enquanto produto de consumo, a imagem construída de cultura popular também é “vendida”, enquanto alternativa de sobrevivência, para as classes subalternas que dela se servem. A penetração e aceitação do discurso externo refletem-se na opinião positiva de algumas pessoas das comunidades sobre a chegada do turismo. A maioria destas pessoas mudou de atividade econômica ou conseguiu melhor renda em suas atividades em vista da oferta de mão-de-obra assalariada, porém regular, quer no turismo quer na carnicultura (atividade que, indiretamente, também é beneficiada pela implementação do turismo). Não é o caso, porém, dos pescadores artesanais que ainda sobrevivem do seu trabalho.

Gerados em princípio por um discurso externo, de fins mercantilistas, o reconhecimento e ressignificação da cultura popular dão-se, também, dentro das próprias camadas subalternas. É o que mostra o exemplo a seguir.

“Nísia Floresta em ação”: este é o título de um periódico mensal, de publicação modesta, produzido pelos moradores deste município. Em contraste com artigos que retratam a vida comunitária, inclusive denunciando seus problemas de ordem administrativa – posto que este jornal é um periódico publicado por pessoas de oposição à administração vigente – há espaços reservados a homenagens às pessoas “ilustres” da cidade: notas sobre os aniversários de filhos de políticos locais, notas sobre casamentos, notas que reverenciam a capacidade profissional de alguns personagens locais, enfim, textos comuns em todos

os veículos de comunicação de cidades pequenas. A surpresa, no entanto, está no título de uma reportagem de capa, publicada em novembro de 1999: “Nísia tem exemplo de resistência cultural”. Trata-se de um artigo falando de uma senhora que vive na comunidade do Porto. Mais abaixo, um pequeno texto desenvolve a ideia: “A cultura popular de Nísia Floresta está simbolizada na sabedoria e carisma de dona Maria do Porto. Ela é um exemplo de resistência às culturas externas”. Dona Maria, a primeira narradora das entrevistas transcritas, é reconhecida pelos habitantes da cidade como portadora de uma “declarada” cultura popular local: iniciada pela escola no teatro, na dança e nos cantos populares, tem guardada na memória grande parte das manifestações que vivenciou, assim como as histórias que ilustram o aprendizado e transmissão de, segundo a reportagem, “importantes” elementos de cultura popular. O texto discorre enfatizando o caráter popular como algo ligado às classes humildes e à tradição, em oposição à cultura de consumo:

De família humilde, na sua infância, apesar da dificuldade, conheceu as primeiras letras na cartilha de ABC. Sua primeira professora e mestra foi dona Biluca Gadelha. A escola onde estudou era pública. Entre os estudos da cartilha de ABC e a palmatória, dona Maria aprendeu os primeiros passos na arte da cultura popular, como o teatro, danças e cantos. (...) Dona Maria tem uma noção bem clara da sua importância como cultura viva. Ela sempre tem o prazer de mostrar a todos o seu talento preservado até hoje. (...) O município de Nísia Floresta só tem a agradecer pela memória viva e a vitalidade dessa senhora. Ela dá a todos um exemplo de alegria, de respeito e de amor à arte. Que ela sirva de exemplo para aqueles que estão cercados de uma cultura de consumo (*Nísia Floresta em ação*, nov. 1999, p. 1.).

O autor do texto, morador do município e professor da rede municipal de ensino, opta por utilizar o termo “cultura popular” ao citar o teatro, a dança e os cantos, talvez para enfatizar o caráter vivo da cultura, personificado no retrato da senhora, estampado na capa do jornal, em oposição ao termo “folclore”, mais ligado a uma cultura “morta”, cristalizada, sem vitalidade. Contraditório é perceber quanto de “folclórico” tem o apelo do texto ao descrever a pessoa em destaque, dando ênfase saudosista e romântica aos aspectos da origem e tradição.

Este reconhecimento local e em princípio “de resistência”, como o próprio título da reportagem sugere, paradoxalmente reforça o reconhecimento mais abrangente propagado pelos veículos nacionais que promovem o turismo: um reconhecimento mais ligado à visão folclórica. O que mais chama atenção neste fato é como o reconhecimento de uma “cultura popular” local vem colaborar para a construção da imagem de uma cidade que, sobretudo na última década, vem sendo alvo da indústria turística estadual, com total e irrestrito apoio da mídia, da administração política municipal e, como se pode perceber, também do povo.

Turismo e carcinicultura: impactos culturais

No que se refere às relações de trabalho, um exemplo claro desta contradição está no discurso dos pescadores artesanais que agora trabalham como assalariados nos grandes viveiros de camarão. Embora em seus novos trabalhos a maioria deles esteja submetida a um regime de trabalho sazonal – e por isso mesmo muitos praticam a pesca em determinadas épocas do ano ou nos horários em que não estão trabalhando –, estes pescadores, por agora passarem a depender do salário fixo e regularmente pago pelas empresas, declaram-se plenamente satisfeitos com a presença da carcinicultura na região. Quando questionados, no entanto, sobre a situação do meio ambiente, a maioria mostra-se

consciente do impacto ambiental causado pelo novo modo de produção, embora minimize a contribuição das empresas nesta realidade. O impacto, no entanto, é bem mais sentido por quem já viveu e ainda sobrevive da pesca artesanal, e vê hoje as lagoas secando e a fauna lacustre desaparecendo, seja pelo fechamento dos rios que as alimentam, seja pelos produtos químicos usados nos viveiros.

O que acontece é que tanto a carcinicultura quanto o turismo, enquanto “culturas externas”, estão minando paulatinamente a pesca artesanal, expulsando os pescadores de seus ambientes, afastando-os de seus meios de sobrevivência e empurrando-os para o trabalho assalariado. É possível observar este processo de deslocamento nas mais importantes lagoas do município: a pesca artesanal em Papary é prejudicada pela disputa do espaço para a criação de camarão em cativeiro; a lagoa de Arituba não serve mais à pesca desde que virou balneário turístico com atrações aquáticas; já nas lagoas do Carcará, Boágua, Boacica e Bonfim, onde funcionam empreendimentos turísticos como balneários, pesque-e-pague, além de fazendas, chácaras e restaurantes que utilizam as margens das lagoas como áreas de recreação, a pesca artesanal está comprometida ou até inviabilizada. Nada, porém, é mais preocupante, tanto sob o ponto de vista ambiental quanto cultural, que a situação do litoral sul do Estado, boa parte da qual dentro do município de Nísia Floresta: ali, além de o espaço da pesca ficar prejudicado pelo movimento turístico, as próprias comunidades de pescadores (geralmente localizadas na costa) terminam sendo deslocadas de suas origens com a valorização do espaço pelo mercado imobiliário, fazendo com que os próprios pescadores vendam suas casas e se afastem do litoral. Em decorrência desse movimento de migração o espaço litorâneo se urbaniza e se capitaliza. Em suma, o que era antes o espaço do pescador nativo passa a propriedade do veranista sazonal, ao passo que aos pescadores resta apenas reconstruírem suas moradias longe do ambiente de trabalho.

Interessante observar como esses mesmos pescadores, tal qual o peixe ou o camarão que pescam, “apagada” a realidade a que estão submetidos, são transformados em produtos culturais pelo turismo, ilustrando os folhetos e documentários de divulgação publicitária do município.

Dessa forma, e paralelamente a todo o processo relativo às relações de trabalho, existe, contudo, uma aceitação das camadas subalternas que contribui para a implementação do turismo, e é contraditoriamente a existência de uma tradição² local que, neste caso, legitima a adesão popular. Mas são externas as forças que fomentam a indústria turística local, que selecionam e elegem, dentre os inúmeros elementos pertencentes às culturas populares, aqueles mais propícios a contribuir para a construção de uma identidade local. Isto explica porque dentre os inúmeros aspectos das culturas populares existentes no município se destacam, por exemplo, um tipo específico de renda, um tipo de camarão (que, inclusive, é espécie originária da Malásia), o artesanato feito de barro, algumas lendas, alguns folgedos.

A transformação desses elementos eleitos em produtos turísticos, em consequência disto, contribui para uma resignificação de seus usos também pelo povo, que começa a ver nesses (agora) produtos potenciais meios de subsistência, passando também a explorá-los enquanto tais. É o que vem acontecendo com o camarão criado na lagoa de Papary, agora produto de exportação; com as rendas de Alcaçuz, com o artesanato exposto ao longo da Rota-do-sol (estrada litorânea que corta as praias do município) e os utensílios de barro feitos em Tororomba, produtos artesanais divulgados com destaque pela mídia como sendo legítimos da região; com algumas histórias das lagoas, cujas “versões completas” estariam, na opinião dos pescadores, com

². Tradição no sentido da permanência, via transmissão interna, das culturas populares, cuja pequena parte está materializada em elementos como o artesanato.

professores, pesquisadores e demais detentores locais do conhecimento institucionalizado; com os pastoris, bambelões e bois-de-reis de Nísia Floresta que passam a receber “estímulos” externos da prefeitura e das entidades culturais ligadas ao governo para continuarem a existir. Fatos como esses sugerem que as culturas externas, em seus processos de apropriação, não apenas selecionam os elementos a serem transformados em produtos de consumo, como também produzem seus próprios recursos de controle.

Vozes dissonantes

Pelo exposto acima, pode-se afirmar que paralelamente ao impacto ambiental, as comunidades sofrem um outro impacto que pode ser chamado de cultural. Tal como o primeiro, o impacto cultural vem a ser determinante das mudanças nas práticas e modos de vidas das populações tradicionais. Prova disto é a evidente aceitação, por parte das camadas populares, da inserção do turismo e da carcinicultura na região, já que determina o discurso predominante que o turismo e a indústria, utilizando a mão-de-obra local e, assim, gerando renda para o município, contribuem para a inclusão social das camadas populares da sociedade.

As falas dos pescadores artesanais, no entanto, também revelam nuances contrastantes. Seus discursos mostram, nas entrelinhas da nova dinâmica social, muitas passagens que indicam, por um lado, a aceitação e, por outro, a resistência, a contestação e até mesmo a rejeição ao discurso e práxis impostos às comunidades tradicionais.

Os exemplos começam pela própria alternância de valores – estabelecidos na relação entre passado e presente – feita pelos narradores nas construções de seus discursos. Artifício da memória no engendramento dos discursos, a alternância de valores também evidencia, em alguns casos, a substituição das práticas culturais populares pré-existentes por outras atualmente vigentes:

“Melhorou porque... Tem mais diversão pra gente brincar. Já tem umas coisas pra gente ver que não via. Umas coisa... Antigamente não existia essas coisa assim, como a gente diz... ‘Vamos num forró... Tem hoje...’ Tem um, um bocado de cantor que vem... Tem uma parte... Vem, vem uma banda hoje, de tal... Aí aquilo tudo é animação. Aquilo não tinha antigamente. (...)” (Maria)

(...) “A diversão hoje que eu conto pra senhora... Tem um clube aí. É a diversão. Quando vai começar, quando vai começar... Aí pronto. Tem a discoteca. No sábado. Tem a discoteca à noite. Quando a discoteca vem começar a tocar, é onze horas da noite. Qual é a mãe de família, a mãe de família que deixa suas filhas ir pra discoteca essa hora? Não é complicado? Aí filho se revolta contra pai, Aí vira bagunça por causa disso, né?” (Manuel)

Interessante perceber como este contraste, sempre paralelo e alternante (passado *versus* presente), vem acompanhado, significativamente, de juízos de valor nem sempre concordantes (valores positivos *versus* valores negativos) que evidenciam, por parte das comunidades, diferentes graus de resistência e aceitação quanto às novas práticas. Mais uma vez, no entanto, estão presentes em ambos os tempos os aspectos mercantilistas como critérios de valor, a exemplo da chegada da luz elétrica que, se por um lado traz o “progresso” à cidade, proporcionando a vinda das bandas, dos shows de forró e dos cantores famosos, por outro significa o fim dos saudosos bailes de antigamente, realizados à luz de candeeiro, como relata abaixo a mesma dona Maria:

“Um farolção grande a gente botava gás, agora na casa era um, dois, três quatro [aponta onde eram pendurados os faróis]. A sala tudo alumiada, trepado aqueles negócios... com gás... E aí a... a concertina...

Hoje em dia não... não se chama mais concertina... Hoje é... [pausa] hoje... Sanfona! Hoje só é sanfona, antigamente era concertina. Era o mesmo tipo da... Era o mesmo tipo! Puxava: *arrhhhhhh!* Abria: *aarrhhhhhh!!!* [risos] Era o forró melhor do mundo! E dançava moça, dançava menino, dançava quem queria, no outro dia que não tinha... boate, não tinha nada! Passava a noite naquela festa brincando! Não tinha boate. (...)" (Maria)

Em continuação ao relato desta lembrança, dona Maria menciona ainda o papel negativo da televisão:

"(...) E era uma coisa decente, a gente tudo normal, não tinha esse cabelo, e calcinha curtinha. Não tinha esses negócio, nem aquela dança como hoje em dia tem na televisão: sobe, desce, escanCHA, bota o rapaz aqui, lá vai a perna... [brincando, faz mímica das danças] Não existia (...) Era uma dança sadia! Uma dança bonita! Não existia essas porcaria como hoje... Tenho ódio daquela coisa feia na televisão. Aquilo é dança? (...)" (Maria),

a mesma televisão que, no entanto, tem um valor positivo para sua amiga, Lúcia: "Mas... essa época agora tá melhor do que pra trás. Porque... Melhor, quer que eu diga por quê? Porque de primeiro ninguém tinha uma coisa dessa." (Lúcia). Ou seja, luz elétrica e televisão, a exemplo elementos da modernidade e objetos de consumo, são os indicadores, ora positivos, ora negativos, das mudanças nas práticas sociais.

Em relação às práticas culturais, nada mais contrastante com a atribuição folclorizada da cultura popular dada pelo turismo e máquina política local do que as falas dos brincantes, quando estes tentam explicar as manifestações populares das quais participam:

“(…) Quando era antigamente, não tinha esse negócio de dizer assim: ‘tem a semana do folclore’. Nunca tinha ouvido falar... E agora tem isso. Não existia esse negócio de folclore, essas coisas... quem sabia? Ah, depois dos estudos maior aqui foi que inventaram, que não tinha... Não tinha esse negócio de folclore, de semana disso aqui. Não tinha, não existia... [pausa]” (Maria)

“(…) Nós temos gente que apresenta Drama. Que eu sei que Drama não é cultura, né? Uma vez disseram que o Drama não era cultura...”; “Uma moça que mexe com esse negócio de turismo, né?”; “Ela falou que Drama não era cultura. Porque o Drama é uma coisa que desde a nossa... De quê? Desde os nossos avós, bisavós... Do pessoal antigo, né, pai?” (Verônica)

Arbitrária parece ser a seleção feita pelo mercado quanto às manifestações populares que, ao passo que folcloriza o Boi-de-Reis e o Babelô, exclui os Dramas de seu elenco denominado “cultura”. Estes aspectos, que serão detalhadamente abordados em ensaio posterior, indicam as concepções ora de contestação, ora de aceitação, por parte das camadas populares, do valor dado aos “produtos” que se tornaram, nas mãos do mercado, determinadas manifestações e práticas populares.

Por fim, alguns exemplos acima expostos terminam por revelar como e com que objetivos as culturas populares são postas a serviço da educação formal, da máquina política e administrativa, do novo regime econômico, ou enfim, das classes sociais que partilham uma hegemonia política, econômica e cultural. Nesse campo de investigação, são as lúcidas considerações de Néstor García Canclini (1983), em suas análises sobre as culturas populares e as relações com o capitalismo, que permeiam estas observações. Ver os aspectos culturais sob a ótica das relações de produção atuantes no seio das comunidades abre os horizontes do

pesquisador das culturas populares no sentido de dar orientação a um mergulho mais profundo na análise destes elementos, permitindo entender as “contradições” não como meros “fragmentos indigestos” de culturas múltiplas que se sobrepõem, mas como resultados, reflexos, causas ou consequências de todo um processo de apropriação de bens e transformação desses bens em produtos, com distintos usos, funções e significados, diversamente atribuídos por cada um dos diferentes extratos sociais que deles se utilizam.

Marilena Chauí (VALLE e QUEIRÓS, 1988, p. 119-134), comentando a cultura do povo e o autoritarismo das elites, questiona se o povo, de fato, designa suas próprias manifestações como sendo “cultura do povo”. Acredito que as observações acima forneçam algumas respostas a esta questão investigativa. Mas, sem fugir ao mérito do problema, seria igualmente relevante, a meu ver, perguntar quando existe uma cultura do povo e quando figura uma imagem de cultura idealizada como sendo a do povo. Uma imagem de cultura que pode não ser necessariamente falsa, visto ser construída a partir de alguns de seus elementos, mas idealizada em favor da suposta unidade, pureza e originalidade da cultura popular. Observar quem propaga esta imagem, a meu ver, pode ser ponto fundamental para a investigação das contradições internas e externas que cercam a cultura popular.

O destino das brincadeiras

*Senhora dona
da casa,
dê licença pr'eu
brincar,
dê licença pr'eu
brincar...*

Joaquim,
*Canto do Boi-de-
Reis.*

Dança, folguedo, reisado, auto, teatro, brincadeira... Boi-calemba, bumba-meu-boi, boi-bumbá, boizinho, boi-mamão, boi-de-Reis, ou simplesmente Boi. Bambelô, coco-de-roda e pau-furado. Pastoril e lapinha. Dramas... Causam espanto tantos nomes para o que muitos folcloristas dizem ser uma mesma manifestação. Outros, ao contrário, atribuem ao mesmo nome as diversas manifestações espalhadas pelo território brasileiro. Alguns seguem em busca das remotas e perdidas origens no tempo e no espaço, e muitas vezes se aventuram em viagens imaginárias à procura de traços comparativos que possam atestar às manifestações populares uma espécie fantasiosa de certidão cultural. Sem falar naqueles que classificam, descrevem e sistematizam “A Brincadeira”, normatizando determinada constituição em detrimento de suas inúmeras variantes.

Este ensaio resulta das entrevistas com os participantes das brincadeiras existentes nas comunidades de Nísia Floresta: o Boi-de-Reis e o Bambelô, além dos Dramas e do Pastoril. Quem narra estas histórias são seus mestres e brincantes. Suas vozes revelam o contraste entre passado e presente, reflexos da tensão entre dois tempos não apenas históricos, mas, principalmente, culturais. Privilegio, aqui,

dentre as manifestações recorrentes, o Boi-de-Reis, sobretudo pela persistente busca por esta brincadeira durante a minha trajetória de pesquisa de campo a partir do momento em que soube da sua existência nas comunidades visitadas. Sem deixar de fazer referência às demais, meu percurso em busca do Boi resultou em uma experiência inusitada de contato com os pescadores, desencadeando nas conversas diferentes recorrências memoriais na construção de suas falas.

Foi conversando com as mulheres da comunidade do Porto que soube da existência de um Boi-de-Reis no município. A partir de então, minha trajetória em busca desse Boi foi pontuada por encontros e desencontros, idas e vindas à procura dos mestres e dos participantes da brincadeira. Por intermédio de dona Maria, conhecedora e também brincante do “Pirão-bem-mole” e do Pastoril, conheci seu Amaro. E o conheci mesmo no ofício, saindo da lagoa com o pescado do dia. Ele e o irmão Santo, mestre e contramestre, além de pescadores, “tomam conta” do Boi.

Perguntar-lhes pelo Boi, manifestar minha curiosidade pela brincadeira, possibilitou uma abertura maior para as reminiscências individuais e coletivas destes narradores não mais a partir do trabalho, como até então se dava quando falávamos da lagoa, mas das festas e brincadeiras, enfim, dos momentos de lazer e ócio relegados em decorrência da necessidade da sobrevivência que, mais tarde, vêm a ser retomados em um momento de maturidade que chega com a aposentadoria e o conseqüente afastamento do trabalho. Assim, conversando com os dois sobre as origens da brincadeira, soube que já haviam-na recebido de um mestre anterior, conhecido apenas por seu Joaquim, também pescador, aposentado:

“Começemo... Porque eu já tinha assistido, já. Eu vi muita dessa brincadeira por aqui, né? Aí esse homem chegou, do dia pra noite inventou um Boi-de-Reis. Ele já tá um senhor já com... uns noventa anos... Oitenta e

cinco, por aí afora... Aí: ‘vamos fazer o Boi...’ ‘Vamos.’
Aí me convidaram... (...)” (Santo)

O próximo passo era encontrar este velho mestre. Depois de algumas idas à cidade e a sua casa sem nunca achá-lo, finalmente um dia consegui conversar com ele. Encontro marcado por dona Marluce, sua mulher e entusiasta das brincadeiras, costureira das fantasias, com quem falara anteriormente e que sabia da minha procura.

A conversa com seu Joaquim foi pontuada por lembranças dos tempos passados e pelos fragmentos de melodias que emergiam da memória do velho mestre e reconstituíam, na imaginação, a brincadeira da qual fora participante, quando jovem, e mestre, na velhice. As “soflas”, como ele mesmo definiu os cantos do Boi, pontuavam sua narrativa dando a ela o tom nostálgico dos depoimentos sobre um tempo perdido. Seu Joaquim também me indicou seu Carlos, mestre de outra brincadeira existente na comunidade de Campo de Santana, o Babelô:

“É. ‘Quem é Carlos aqui? Que toma conta do Babelô?’ Carlos. Que era do pai dele, aí o pai dele morreu... Era do pai dele, e do tio. Se apresentava em todo canto por aqui. Aí o pai dele morreu, ficou ele. É. O Babelô... (...)” (Joaquim)

Depois, em Campo de Santana, conversei com seu Carlos e com sua mulher, Verônica, sobre o Babelô e os Dramas revitalizados pela prefeitura e encenados no grupo de idosos da comunidade.

Ao todo, foram sete testemunhos sobre as brincadeiras existentes, ausentes e remanescentes na região: presentes o Boi-de-Reis imigrante do sertão para o litoral, o Babelô, o Pastoril e os Dramas “revitalizados” pela prefeitura através dos grupos de idosos e mantidos com o apoio de instituições oficialmente gestoras da cultura popular, tanto do

Município quanto do Estado; ausentes a Marujada, as Charangas de carnaval e as demais brincadeiras que animavam as festas de setembro, hoje não mais existentes.

De onde vem o boi?

Dentro do grande painel de estudos acerca da brincadeira do Boi, muitos são os registros – na verdade, notas sobre os Bois do Brasil afora –, mas raras são as informações sobre as reais condições de surgimento e permanência desta brincadeira nas localidades onde existem ou existiram. Entre tantos registros, apenas dois norteiam-me como introduções ao presente ensaio. Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do folclore brasileiro* (1988)¹, registra vários verbetes como variantes do Boi, mas apenas em um (Bumba-meu-boi) disserta sobre as prováveis origens, registros anteriores e locais onde aparece. Utilizo como apontamento que conduz minhas reflexões iniciais a sucinta descrição que esse estudioso faz da brincadeira. O trabalho mais consistente encontrado, no entanto, foi desenvolvido por Mário de Andrade (1959)² e é referência obrigatória em todas as recentes antologias e catálogos de folclore local que registram a brincadeira. Estudioso da música brasileira, mas com admirável atenção aos elementos a ela subjacentes, além de pesquisador entusiasta da cultura popular, Mário de Andrade escreveu sobre o “Bumba-meu-boi” transcrevendo suas melodias acompanhadas de descrições simples sobre os informantes e condições de registros realizados nas regiões norte e nordeste e no Estado do Rio de Janeiro. Essas anotações manuscritas, provavelmente ordenadas pelo autor já em São Paulo, após as missões pelo nordeste, foram

¹. Verbetes encontrados que se referem às manifestações populares em diferentes regiões brasileiras: “Boi-calemba”, “Boi-de-fita” (p. 128); “Boi-de-mamão”, “Boi-de-Reis”, “Boi-na-vara” (p. 129); “Bumba-meu-boi” (p.150-154); “Burrinha” (p. 155).

². Nesse livro, há um tópico especialmente dedicado ao Bumba-meu-Boi no Rio Grande do Norte, cujas melodias colhidas foram deixadas sem sistematização.

reunidas e publicadas no terceiro tomo de *Danças Dramáticas* (1958). Mário de Andrade figura, portanto, como grande divulgador do Boi-de-Reis, atentando para suas particularidades enquanto cultura do povo, sem suprimir a importância dos produtores e dos aspectos contextuais a ela inerentes.

O Boi-de-Reis que aqui aparece em destaque é apontado pelos moradores como uma das principais brincadeiras da região e figura ao lado das outras manifestações ali encontradas, embora não conste em nenhuma das antologias locais consultadas³. Fisicamente, é apenas um boi de madeira e pano coberto por espelhos e fitas coloridas; simbolicamente, é elemento principal de uma manifestação popular existente no município, de forma instituída, desde a década de oitenta. Digo “de forma instituída” porque, segundo os próprios pescadores, a brincadeira é oficializada somente a partir do momento em que passa a ser tutelada pelos órgãos públicos “gestores” da cultura popular do Estado. A brincadeira outrora existente, porém não reconhecida, era um Boi de sertanejos que, durante o período da seca, migrava para o litoral como alternativa de sobrevivência para os brincantes, na época. Esta é, provavelmente, a lembrança mais remota do Boi-de-Reis da região, relatada por seu Joaquim, mestre antigo, pescador que aprendeu com os sertanejos a brincadeira:

“(...) Então pra aquela região descia muito Boi-de-Reis do sertão. Quando chegava a seca, no fim do ano, aí a fome apertava. Agora não, que não tem mais quase

³. Dos estudos sobre o folclore do Rio Grande do Norte consultados, *Espaço e tempo do folclore potiguar*, de Deífilo Gurgel (1999), menciona a existência do Boi-Calemba no Estado, classificando-o de auto popular, mas entre os grupos citados não consta o Boi-de-Reis existente em Nísia Floresta. O livro foi publicado em 1999, portanto cerca de dez anos após o surgimento da brincadeira reconstituída por seu João. Outros livros consultados datam de antes do surgimento do referido Boi. Este, no entanto, aparece em registros manuscritos da Fundação José Augusto, entidade cultural ligada ao governo do Estado, responsável pela preservação do patrimônio cultural local.

ninguém com fome... Antigamente não tinha recurso nenhum, aí descia aquele pessoal, né? O pessoal de idade, desciam. Aí eu ficava na frente da minha casa, que tinha uma mangueira muito grande. Uma mangueira grande mesmo! Era aquele mundo! Quase onze cova de mangueira. Aí ali eles pediam pra ficar. Aí eu olhava aquelas coisas deles...”; “(...) Eles vinham brincando nas praias, que era onde tinha mais dinheiro.” (Joaquim)

A declaração do velho mestre desencadeia uma série de novas perspectivas em torno do Boi. Mas seus participantes também falam, além das origens e andanças, das suas aparições nas festas de setembro e em eventos políticos, como convidado ilustre ou mero ornamento com fins eleitoreiros. Suas histórias revelam o trajeto de uma manifestação cultural popular e sua transformação, não apenas física, mas principalmente simbólica, ao longo do processo contínuo de transformação social.

A todos os pescadores iniciei a conversa sempre com a mesma inquietante pergunta: “de onde vem o Boi?” A questão simples e objetiva era colocada propositalmente, com duplo objetivo. Se, por um lado, a pergunta favorecia uma série de relações contextuais em torno do tema, trazendo à tona as lembranças da brincadeira, e junto com elas recordações de trabalho, histórias de vida, causos, memórias de infância e juventude, por outro, respondia àqueles pescadores meus motivos em procurar justamente por eles dentre tantos na comunidade.

A reflexão acerca da origem, ponto de partida para tantos estudos comparatistas de culturas e tempos distintos, caminho arriscado a ser tomado por quem está interessado em observar o momento atual da brincadeira, revela-se de forma inusitada na voz dos brincantes. É, na verdade, admirável o modo como os pescadores respondem de maneira simples, à simples pergunta que lhes fiz:

“Esse Boi-de-Reis, eu não sei dizer, porque eu já peguei já de outro...” (Santo)

“Mas eu acho que esse Boi-de-Reis começou com mode aquela história dos três reis do oriente... Belchior, Gaspar e Baltazar... E aí daí a senhora sabe que tem muito homem que tem curiosidade de *coisar*, e daí tiraram esse Boi-de-Reis. E vai passando pro povo mais velho, do velho vai passando pro mais novo...” (Santo)

“Muito antes disso, isso parece que é do tempo que, como que diz, ‘no tempo de doze’, que já tem essas coisa, né?” (Santo)

Suas respostas revelam a percepção, por parte dos que fazem a brincadeira, da impossibilidade – e até inutilidade, na prática – de vasculhar a origem de certas práticas populares. Embora tenham certa noção de que o Boi-de-Reis possua alguma ligação com os autos de Natal, fica claro, no entanto, que esta brincadeira já não tem vínculos com o ciclo natalino, visto que as apresentações não ocorrem apenas nessa época. Pelo menos neste caso, ela pertencia a “outro ciclo” mais inusitado: o ciclo das secas, como afirma seu Joaquim, o antigo mestre. Mais significativo e curioso, no entanto, é saber de onde, de fato, veio a brincadeira, ou seja, com quem os mestres haviam-na aprendido, já que “do mais velho vai passando pro mais novo”. Perguntar pela origem deste Boi, portanto, nos leva a uma percepção real de transmissão da brincadeira, como também indica seu Santo:

“Comecemo... Porque eu já tinha assistido, já. Eu vi muita dessa brincadeira por aqui, né? Aí esse homem chegou, do dia pra noite inventou um Boi-de-Reis. (...) Sei que ele ainda tirou um bocado de ano brincando mais a gente. Ele... (...) E depois ele chegou e

entregou. Tá comigo. Aí, como eu disse à senhora, daqui mais uns dias eu entrego já pra outro também. Pra não cair! Daí continua.” (Santo)

Seu Joaquim, “esse homem” que chegou na cidade e que “do dia pra noite” “inventou” o Boi-de-Reis, por sua vez, dá uma resposta semelhante: “Esse... Esse Boi foi assim: eu, quando era criança, aí via os outros mais velhos brincar, né? E fui juntando na cabeça e fiquei com aquilo. (...)” (Joaquim), enfatizando a importância da transmissão como algo mais ligado ao contexto social, algo que ao mesmo tempo também explica o porquê da existência do Boi na comunidade.

Os mestres, ao tentarem relatar as brincadeiras, também falam sobre as diferenças que, em si, distinguem a sua brincadeira de outras semelhantes. É o caso do seu Amaro, que nos fala de Boi-de-Reis e Boi-Calemba, e de seu Joaquim e seu Carlos, que em dois momentos distinguem o Babelô do Coco-de-roda e do Pau-furado:

“Porque tem três tipos de Boi, né? Tem o Boi-Calemba, tem o Boi-Bumbá, tem o outro Boi, como é o nome do outro?... Já se esqueci, já... Agora o Boi-de-Reis mesmo é... É esse nome. No Natal tem muito também, que apresenta Boi-de-Reis também. Aí essa história ninguém sabe, vem de muitos anos, que tem essas histórias, né? Boi-de-Reis... Porque com ele eu aprendi um bocado de música dele...” (Amaro)

“(...) O Babelô... Lá no Recife se chama Coco-de-Roda. No Recife se chama Coco. Coco-de-Roda. Eu mesmo ainda tive na praia de Recife uma vez, fui comprar... [pausa] Não me lembro o que eu fui comprar, que eu aí uma noite, o pessoal na casa que eu tava me convidaram pra eu ir... pra um Coco-de-Roda. Lá é Coco-de-Roda, aqui é Babelô. Aqui na nossa é Babelô. É... O cara dança, tem aquela roda

feita, tem o cara com a barrica... O cara com uma barrica armada por aqui, tocando... Aquela parte que ele tá cantando. E tem um na roda, dançando. Aí quando acaba aquela parte, aquele, antes de sair da roda, aí apresenta você. Aí você deixa a roda e vai dançar dentro. É. Aí vai trocando...” (Joaquim)

“Não, porque o Pau-furado é um pau aqui... Eles acham aqueles pau oco, assim, na mata, sabe? Aí eles ajeitam, cortam direitinho... Aí botam um couro, um couro pregado de prego, de brocha, de coisa assim... Aquele couro, aí bota no fogo, assim... Aí aquele pau, quando esquenta, aí que bate nele, assim, ele tine.”; “É. O Bambelô, a gente inventa assim, com um pandeiro, com um zabumba... Aí essa é a diferença.” (Carlos)

Sabendo que a procedência das manifestações populares se perde nos tempos longínquos da civilização, os brincantes procuram todos em suas memórias, no espaço e tempo que abarcam suas existências, as respostas não apenas para a origem e definição, mas principalmente para os motivos que norteiam sua aparição e permanência na comunidade. Seu Joaquim, ao contar sobre como conheceu o Boi-de-Reis, traz à tona um feixe de recordações que contextualizam em um tempo e espaço determinados a brincadeira:

“(...) Sou de Tibau do Sul. Então pra aquela região descia muito Boi-de-Reis do sertão. Quando chegava a seca, no fim do ano, aí a fome apertava. Agora não, que não tem mais quase ninguém com fome... Antigamente não tinha recurso nenhum, aí descia aquele pessoal, né? O pessoal de idade descia. Aí eu ficava na frente da minha casa, que tinha uma mangueira muito grande. Uma mangueira grande mesmo! Era aquele mundo! Quase onze cova de

mangueira. Aí ali eles pediam pra ficar. Aí eu olhava aquelas coisas deles...”; “(...) Eles vinham brincando nas praias, que era onde tinha mais dinheiro.”; “(...) A minha casa era um setor bom, que tinha rede de pesca. Encostava muita gente e eu gostava muito de dar de comer a quem tava com fome. Gostava muito de dar de comer a quem tava com fome. Aí eu tinha rede, tinha peixe à vontade, tinha camarão, tinha caranguejo. Aí eles ficava ali na frente, e eu, sempre de meio dia, dava o almoço a eles... A mistura. (...)” (Joaquim)

Há muito que entender da fala precisa desse pescador que prende às malhas da sua rede de pesca a origem, o significado e a persistência de uma brincadeira popular. Refere-se a um Boi-de-Reis de antigamente, que unia o sertão ao litoral na época do verão. Era um Boi motivado pela carência econômica e necessidade básica de sobrevivência. Nas suas palavras, “aquele pessoal de idade” que chegava ao litoral vindo dos lugares castigados pela seca, procurava comida, dinheiro para comprar alimentos, e se valia dos pescadores que tinham o que comer durante todo o ano. A brincadeira era, neste contexto, um elemento simbólico de troca: a descontração, o riso, a alegria em troca de dinheiro, de peixe, de batata, de farinha. E o povo do litoral, que não tinha aquela brincadeira, encantava-se com a festa trazida pelos famintos retirantes. Difícil acreditar que a alegria do Boi colorido, dos Mateus encapetados, dos Biricos, Jaraguás, Guriabás, galantes e damas que povoam as lembranças de seu Joaquim poderia ser motivada pela fome, pela carência, pela necessidade. Suas lembranças se traduzem em imagens e sons evocando a mocidade distante: a mangueira frondosa, a casa grande e sombria, as redes de pesca, as cantigas lembradas ao longo de sua emocionada narrativa. Lembranças da infância e juventude, do tempo de aprender:

“(...) Dava a eles a mistura. Aí eles ensaiava aquilo de tarde pra cantar de noite. Aí eu fui aprendendo, botei na cabeça e fiquei. Aí cheguei aqui, já depois de velho... Novo eu nunca quis saber. Aí depois de velho aí botei na cabeça e fiz esse Boi-de-Reis.” (Joaquim)

Na sua sabedoria, seu Joaquim mostra que as coisas aprendidas na mocidade ficam na memória apenas aguardando o momento oportuno, um “motivo” para ressurgirem. Se na idade adulta o homem precisa constituir família, preocupar-se mais com o trabalho que dará sustento aos filhos, deixando para trás as brincadeiras antigas, é na velhice, depois de bem ou mal cumpridas as obrigações sociais que as lembranças retornam e, desta vez, persistem. A velhice parece ser o momento da vida no qual há uma necessidade individual de reafirmação de identidade, retomada de elementos guardados na memória, ao menos para os que têm o que lembrar. De individual a coletiva, essa necessidade naturalmente se materializa na transmissão das brincadeiras que sempre acontece dos mais velhos para os mais novos. As circunstâncias que permitem o surgimento e ressurgimento das brincadeiras também parecem estar sempre ligadas ao ócio: de um lado o ócio da mocidade, dos meninos que têm o tempo para aprender olhando os mais velhos dançarem; de outro o ócio da maturidade, dos velhos que sentem uma necessidade de ocupar o tempo e retomam o lazer do passado. E assim, coletivamente, se dá a permanência das brincadeiras.

Mas se, de fato, a motivação move o mundo, por que surge um Boi neste novo tempo, onde “não tem mais quase ninguém com fome” (Joaquim)? Essa inusitada declaração mostra que seu Joaquim é consciente de que, embora sendo minguada, a aposentadoria é, ao menos para aqueles pescadores, o grande advento da modernidade, o recurso que garante o sustento dos pobres. Coisa comum não apenas no litoral, mas também no sertão, onde famílias inteiras

sobrevivem à custa das aposentadorias dos ex-trabalhadores. E, sem fome, decerto não haveria mais motivos para as andanças do Boi, como de fato, consta que o Boi-de-Reis antigo acabou muito antes do surgimento do atual. Não sendo estes, então outros motivos, certamente, moveriam o mundo de seu Joaquim, fazendo-o reviver a brincadeira aparentemente perdida na mocidade:

“(...) Eu convidei eles pra gente, pra gente brincar um Boi-de-Reis, pra animar. O lugar não tinha animação nenhuma, então surgiu uma Pastora, e surgiu o Boi-de-Reis. Quem faz, quem não faz, quem faz... Então eu vou fazer. Eu fui, tirei a cópia do Boi, tirei a cópia do Boi-de-Reis, arrumei uma cabeça e fui pro mato, tirei o cipó, fiz os arcos, fiz o espinhaço, tudinho, e comecei assim. Isso foi em... Prece que foi em oitenta... Se eu não tô enganado, foi em oitenta... Aí surgiu o Boi-de-Reis assim. Juntei uma tropa de rapaz, juntei uma tropa de rapaz e o mais velho que tinha só era eu. (...)” (Joaquim)

O mundo muda, as relações mudam, mudam as formas de convívio, a sociedade elege suas novas necessidades e novos comportamentos passam a ser ditados. Dos tempos da mocidade de seu Joaquim pra cá, muita coisa mudou no mundo. O mundo que antes parecia ser só dele, isolado pelas léguas de distância, margeado apenas pelas águas onde pescava, estende-se socialmente, e o Boi que ressurgir faz parte destas novas relações sociais. Junto com o Boi, é como se ressurgissem festas, ressurgisse a animação de outrora. A geografia amplia seus limites com as novas localidades por onde o Boi passa. Ao menos para os velhos que fazem ressurgir as brincadeiras, a necessidade é, agora, de um outro alimento, um alimento para a alma:

“A gente se apresenta assim, numa comunidade como Nísia, vez em quando, que tem umas noite, nove noite

de novena, e a gente sempre tem o dia da gente brincar. Aqui na festa de todos os santos a gente também apresentemo... Pra... Pra alegrar a festa..." (Amaro)

Mas outros interesses também motivam a brincadeira, interesses que não existiam na época do Boi feito pelos retirantes. O que antes era feito "pra ganhar dinheiro, (...) pra fazer meio de vida" (Joaquim), transforma-se agora, nas palavras deste pescador, em "apresentação". E tudo seria perfeito, bem ao gosto dos românticos e responsáveis pelo "resgate" da cultura perdida. Seria só isso? Vejamos:

"Na festa da padroeira aí, nós apresentava. Todo ano... Dia dezoito de novembro... É, dia dezoito de novembro. Apresentava aí. Aí quando tinha uma... Quando tinha uma, digamos... Uma festa do prefeito. Que ele ia fazer a inauguração de alguma coisa, aí convidava a gente, a gente ia. Brincar... Sabe? Aí quando era... No canto de fulano de tal tem uma festa, aí se a gente fosse chamado, a gente ia." (Joaquim)

"É. Nessa época minha era nas festa, no mesmo dia que o Boi-de-Reis brincava, elas brincava também. Qualquer festa que tinha o prefeito mandava, e a gente ia se apresentar." (Joaquim)

A presença do prefeito enquanto figura política faz pensar em relações não tanto desinteressadas entre as apresentações do Boi e as festas locais, estas, em sua maioria, sempre patrocinadas por políticos em épocas de eleição. Se nos tempos de infância do seu Joaquim as apresentações se davam durante o período do verão, depois de re-inventada, a brincadeira passa tradicionalmente a ser apresentada, juntamente com outras manifestações populares, nos dias de festas da padroeira, mas não apenas nesta época. Durante as campanhas políticas, segundo relatos dos

brincantes, candidatos “contratavam” o boi para brincar em seus comícios. E o prefeito parecia utilizar a brincadeira como um objeto cultural de sua administração, tudo isso para “alegrar” uma festa feita para o povo, mas não pelo povo. São muitos os relatos de histórias – nem todas bem sucedidas – que nos demonstra essa relação:

“A gente tinha aqui uma brincadeira, que era um carnaval, chamava ‘charanga’. A gente chamava charanga. Pra banda do Rio a charanga é uma bodega, mas aqui é uma brincadeira. A gente fazia aquela brincadeira. A gente... ‘Vocês pegam os instrumentos de vocês e vamos brincar...’ A gente tinha... os tambor, tinha tarol, tinha triângulo, tinha de tudo. Aí saiu o... ‘Pode brincar com a gente que quando a gente for fazer a política, de quando terminar, eu vou em Campina Grande, compro o mesmo material, que dá melhor pra vocês!’ ‘Tá certo!’... Aí a gente saímos levando poeira na cara, todo dia, batendo e ele fazendo a política dele, e lá vai, aí o danado ganhou! Quando ele ganhou, eu nunca sei! Só acabou-se a brincadeira da gente porque a gente não podia mais comprar aquele material pra fazer a, a batucada da gente. E ele nunca veio! Não sei se ele não sabe onde era Campina Grande? [sorri, ironicamente] Eu sei que nunca veio dizer à gente: ‘tá aqui, menino, o material de vocês!’ Daí... ‘Danado, você não deu nada, mas também você não ganha!’ Passou a política, quando chegou o tempo, ele se candidatou-se pra vereador. Perdeu! [risos] Ah, pois é assim, dona!” (Amaro)

Seu Amaro e seu Santo, que receberam o Boi de seu Joaquim, esclarecem melhor os “novos motivos” que explicam o reaparecimento e a permanência da brincadeira:

“É... É que tá dum jeito que quando a gente ia brincar num lugar, aí saia o Birico, saia o Mestre, quando chegava lá... ‘Rapaz, vai pagar um dinheiro que a rapaziada tudo vai pular, pra não ganhar nada?’ Aí quando foi como agora com uns dia... A gente disse: ‘isso é muito feio! Nós vamos brincar num lugar, quando chegar lá, vai apresentando a brincadeira naquele lugar e sair pedindo dinheiro ao povo?...’ Essa brincadeira não é pra isso. Essa é uma brincadeira pra gente já ir contratado. Aí eu sei que tá nisso. A gente só vai brincar sendo contratado. Vai e vem brincar por quanto? Aí fomo pra Monte Alegre, brincar. ‘Você vem por quanto?’ Aí o Mestre diz: ‘Homem, só dá pra gente ir por trezentos real. O menor preço é trezentos.’ ‘Homem, eu dou duzentos, eu dou duzentos e cinquenta. E dou o carro, pra levar e trazer.’ Aí a gente já tá indo. (...)” (Amaro)

As relações entre a cultura popular e a política ocorrem tanto na época de campanha, quando os grupos são “convidados” para apresentações em comícios, como também na forma de “incentivo” e “manutenção” das manifestações populares, que se dá, sobretudo, por vias de uma política de assistência social, feita pelas administrações públicas locais, à parcela idosa do município. A instituição de um clube de idosos, entidade mantida pela prefeitura que presta atividades de integração social aos idosos das comunidades, é uma obra que, ao passo que garante o lazer dos aposentados, garante também dividendos políticos com a conquista da simpatia e fidelidade dos beneficiados. Tanto que não faltam nas narrativas depoimentos sobre as benfeitorias dos políticos neste sentido. De qualquer forma, entende-se que a máquina administrativa, através de um processo de troca de bens simbólicos e materiais, tem instaurado uma espécie de política do incentivo. Fazem parte dessa máquina as instituições

públicas ou privadas que direta ou indiretamente mantém alguma relação de ordem política com as comunidades.

Estes incentivos, além de promoverem um pretense resgate das manifestações populares locais, podem também se configurar em “ajuda de custo” para os integrantes da brincadeira, para confecção do figurino, para despesas em transporte e alimentação. Os “convites” para apresentação em eventos culturais e políticos, sempre nas condições impostas pelos patrocinadores, também são vistos como “incentivos”: contribuem para não deixar “cair” a brincadeira, instaurado um processo corrosivo de servidão e dependência econômica ao qual parecem estar submetidas não apenas estas, mas muitas outras brincadeiras ainda existentes no Estado. Em discursos sobre a pesca, são os mesmos personagens, pescadores-brincantes, a expressar a consciência e revolta contra os desmandos dos políticos locais em relação à situação de degradação ambiental em que se encontra a lagoa de onde tiram o sustento. Discursos conscientes que se apagam diante da explícita relação de dependência cultural a qual estão submetidos e, sem terem como reagir, aceitam passivamente.

Ao lado da máquina política, e até fazendo farte dela, os intelectuais locais possuem um papel importante nessas mudanças de contexto, no que se refere às manifestações culturais. Ainda que a distinção das brincadeiras seja naturalmente feita pelos próprios brincantes, a definição do que vem a ser ou não cultura popular já é algo que não lhes compete, mas sim aos “conhecedores”, os professores, os intelectuais locais, os detentores do conhecimento instituído ou, segundo Marilena Chauí (1982, p. 32), do “discurso competente” que, nas suas diferentes formas, promove o “ocultamento ou a dissimulação do real”.

Embora estes intelectuais locais pareçam pertencer às categorias definidas por Antonio Gramsci (1982, p. 3-23) como intelectuais “rurais” e “orgânicos”, visto que são representantes de uma determinada continuidade histórica, mais ou menos comprometidos com grupos sociais dominantes, eles também

desempenham naquela sociedade a função de “especialistas da função intelectual”, função delegada pelo conhecimento adquirido tanto por vias formais quanto pela proximidade com as tradições culturais através da vivência pessoal. De acordo com o autor:

Os intelectuais são os *comissários* do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso *espontâneo* dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce *historicamente* do prestígio (e, portanto, da confiança) que o grupo dominante obtém, por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparato de coerção estatal que assegura *legalmente* a disciplina dos grupos que não *consentem*, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade, na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais fracassa o consenso espontâneo. (GRAMSCI, 1982, p. 11. Grifos do autor)

Não é, portanto, à toa que estes intelectuais pertençam às próprias comunidades e que tenham eles vínculos oficiais com as instituições e órgãos mantenedores e patrocinadores das brincadeiras, quando não passam, os próprios, a exercerem a política, candidatando-se e concorrendo a cargos públicos nas eleições municipais. Pode-se dizer que eles atuam como mediadores entre as classes subalternas e as classes hegemônicas, ao passo que são também instrumentos da apropriação das culturas populares que, como visto, se dá através da competência intelectual que passa a orientar e delegar a legitimidade e gestão das manifestações. O turismo, interessado na construção de um patrimônio cultural, também contribui para esta instituição apropriativa por parte de seus intelectuais. Como diz dona Verônica:

“(...) Nós temos gente que apresenta Drama. Que eu sei que Drama não é cultura, né? Uma vez disseram que o Drama não era cultura...”; “Uma moça que mexe com esse negócio de turismo, né?”; “Ela falou que Drama não era cultura. Porque o Drama é uma coisa que desde a nossa... De quê? Desde os nossos avós, bisavós... Do pessoal antigo, né, pai? [pede a confirmação do marido]” (Verônica)

Diante dessa declaração, me pergunto por que integrantes desta classe intelectual pretensamente detentora do saber sobre a cultura popular não consideram o Drama cultura popular, como afirma dona Verônica, e por que outras brincadeiras como, por exemplo, as charangas, também não são beneficiadas pela ajuda destas instituições? Pelo material escrito coletado em contraste com os depoimentos, parece-me que existe, neste sentido, uma tentativa de classificação – muitas vezes infeliz – das manifestações culturais por parte desta classe intelectual, e a partir disto uma seleção das manifestações a serem revitalizadas, ou incentivadas pelos órgãos públicos interessados na “revitalização cultural”, através de suas instituições gestoras. Dona Maria é quem melhor consegue analisar esta situação, concluindo de forma sábia minhas observações:

“(...) Quando era antigamente, não tinha esse negócio de dizer assim: ‘tem a semana do folclore’. Nunca tinha ouvido falar... E agora tem isso. Não existia esse negócio de folclore, essas coisas... quem sabia? Ah, depois dos estudos maior aqui foi que inventaram, que não tinha... Não tinha esse negócio de folclore, de semana disso aqui. Não tinha, não existia... [pausa]” (Maria)

E o que vem a ser a “semana do folclore” mencionada pela narradora? Nada menos que um evento promovido pela prefeitura no qual são reunidos todos os grupos de idosos, e

as brincadeiras são apresentadas para a população. Em 2003, encerrando minhas atividades em campo, tive a oportunidade de estar entre o público e ver as apresentações dos idosos: o Pastoril, o Bamelô e um Boi-de-Reis de um município vizinho, em visita que, inclusive, está relatada no final do capítulo anterior. Ao falar em “invenção” do folclore, a apresentadora de dramas, significativamente, também reflete sobre as mudanças sociais pelas quais passaram as brincadeiras ao longo dos últimos anos, sobretudo em relação à institucionalização de algo que no passado era fortuito: o lazer. O lazer muda de contexto e muda também de sentido para os mais novos, cada vez menos interessados nas brincadeiras, embora elas ainda continuem sendo transmitidas às crianças, não tanto pelos antigos mestres, mas agora através da escola, formalmente, como objeto dos estudos folclóricos.

Em tempo: o costume de usar as manifestações culturais como meio de subsistência não é, em si, algo novo. Se antigamente os migrantes do sertão faziam isso com o Boi, usando-o como “meio de vida”, como diz seu Joaquim, os brincantes não perderam o hábito de cobrar uma participação, em dinheiro, do público que assiste às apresentações. Nas brincadeiras populares é antigo o costume de passar um chapéu ou um saco entre o público para recolher dinheiro. No caso do Boi, o dinheiro é amarrado nos chifres do animal quando este se ajoelha diante dos convidados fazendo reverências às pessoas presentes na apresentação, geralmente conhecidos como aqueles que possuem bens na comunidade. Antigamente, quando a brincadeira era “encomendada” por algum morador como atração em festas e eventos sociais locais, o dinheiro era pedido ao dono da casa ou da festa. Em tempos de aposentadoria, recurso que vem a sanar a necessidade material mais imediata do povo, este dinheiro é usado pelos brincantes nas festas onde são convidados a se apresentar. Em outras palavras, é o dinheirinho que vai garantir a cachaça depois da brincadeira.

Mas ao largo dos velhos e permanentes costumes pode-se constatar, no contexto atual, a transformação da brincadeira em “produto” de troca. A ajuda de custo cobrada, pelos brincantes, tanto às instituições oficiais gestoras das manifestações culturais quanto aos órgãos que patrocinam os eventos para os quais estes são convidados a se apresentar, é a evidência do estabelecimento de uma relação de dependência. Isso significa uma mudança profunda de significado das manifestações populares, tanto para quem delas faz parte, mas principalmente para aqueles que vêem nas brincadeiras potenciais meios indiretos de geração de lucro. As manifestações populares terminam sofrendo uma apropriação por parte das classes hegemônicas instituídas que passam a manter e gerir as apresentações, e nesse processo os brincantes se tornam cada vez mais dependentes dos incentivos, cada vez mais à espera de uma voz “competente” que lhes diga o quê, quando e como fazer. Eles que, no passado, eram os únicos e legítimos produtores e mantenedores das brincadeiras populares.

Para onde vai o boi?

Reatando os nós desta rede de discursos, é possível identificar uma mesma brincadeira em três momentos: o primeiro, longínquo, tempo da infância do seu Joaquim e de tantos meninos que aprenderam, “de olhar”, as brincadeiras populares; o segundo, intermediário, por volta da década de oitenta, quando o Boi ressurgiu pelas mãos do pescador que aprendeu na infância seu enredo, cantigas e coreografias; o terceiro, recente, revela que o Boi-de-Reis, patrocinado por uma fundação cultural local, sobrevive à custa de relações políticas entre a prefeitura e órgãos estaduais incentivadores e gestores da cultura popular.

Diante deste quadro, perguntar para onde vai o Boi é indagar-se não apenas sobre o destino das brincadeiras, mas, em um contexto maior, qual será o destino social das

populações tradicionais, e com elas, das suas culturas, seus modos de vida, do legado simbólico e material representativo dessas camadas sociais. A resposta, aqui, talvez venha dos próprios brincantes que, conscientes da responsabilidade da transmissão das suas culturas, se propõem a ensiná-las aos mais novos para, nas suas palavras, não deixá-las cair:

“Aí eu sei que a gente faz esse arranjo, e não deixemo cair. Então continua. Já tô com cinquenta e seis anos, aí... Mas não vai cair, não. Vou ensinar aos menino... Ter responsabilidade que é pro mode de... continuar...” (Santo)

Trabalhando, sobrevivendo e até se divertindo quando podem, eles insistem em continuar, em disseminar a arte e, pelo menos para isto, a “ajuda” e o “incentivo” externos pouco parecem influir. Mas o destino do Boi-de-Reis de Nísia Floresta, obviamente, é incerto. Hoje o Boi mora em um grupo escolar na comunidade de Morrinhos, junto aos demais figurinos da brincadeira. De lá sai apenas para apresentações onde é chamado – cada vez mais raras, ao que me pareceu – ou para exposições em colégios, durante a semana do folclore, lugar que cá deste ponto de vista, aliás, a cada dia parece ser mais seu. É desejo dos mestres que a brincadeira continue, não desapareça pela falta de transmissão e não “caia” no esquecimento daqueles que um dia presenciaram seus momentos de festa e alegria, alheios às razões que motivaram sua permanência ao longo de décadas ou, por que não dizer, séculos de transformações sociais. Que não acabe como a charanga que hoje só existe na memória destes pescadores que lembram saudosos os carnavais em que saíam mascarados e fazendo troça pelas ruas com seus instrumentos barulhentos.

Entre tantos desejos e interesses, permanece a brincadeira. Os relatos, no entanto, revelam um poder destrutivo inerente ao processo de interpenetração de culturas distintas, quando este processo se traduz em relações

desiguais de poder e dependência. Neste percurso, ao menos por enquanto, bem ou mal, a cultura do povo tem persistido, mas saber “para onde vai o boi”, essa é uma resposta que nem mesmo os seus brincantes são capazes de dar.

As redes das narrativas

Aprende-se que há um momento para a narração.

Não nos referimos ao momento propiciamente mágico em que as histórias podem ser impunemente contadas (hora do dia ou da noite, segundo certos dias da semana e estações do ano...).

Referimo-nos ao momento social em que elas se justificam e funcionam. As narrações registradas segundo a velha receita podem ser narrações mesmas, porém, todas as coisas que as solicitam e que nelas se entrosam de maneira a equacionar toda uma situação, não se registram não.

Oswaldo Elias
Xidieh,
*Narrativas pias
populares.*

Foi no rastro das histórias dos pescadores que esta pesquisa foi construída e, a elas, portanto, volto minhas atenções, encerrando com este ensaio as análises em torno do percurso etnográfico aqui traçado, percurso, aliás, que reflete a busca pelas narrativas, passando por todos os

discursos sobre o presente para se chegar, enfim, às lembranças do passado na lagoa.

As histórias que passo então a abordar foram encontradas nos depoimentos de alguns entrevistados, aparecem em destaque nas transcrições das narrativas e surgem conforme cresce minha busca, em campo, pelas lembranças da lagoa, suas histórias, lendas, causos de aparições e encantamentos, seus personagens reais e seres sobrenaturais. Foi preciso ouvir tudo, exatamente tudo o que esses trabalhadores tinham para contar, já que seus discursos de denúncia sobre a realidade, refletindo uma sociedade em profunda transformação, sintomaticamente abafam e relegam as lembranças de uma lagoa envolta em misticismo e encantamento.

Dentre todos os trabalhos a partir do enfoque da antropologia cultural que serviram de suporte teórico e metodológico para a realização da pesquisa em campo, foi a leitura de Oswaldo Elias Xidieh (1967, 1993), provavelmente, a mais elucidativa em relação ao contexto com o qual eu iria me deparar. Esse pesquisador iniciou seus estudos sobre a presença das narrativas religiosas populares em comunidades caiçaras do litoral paulista entre as décadas de quarenta e cinquenta, tempo em que não eram muitos, no Brasil, os que se preocupavam com as situações referentes ao contexto do trabalho etnográfico, sendo elas externas aos fatos populares.¹ Vem dele toda uma preocupação – transformada em cuidado metodológico – advinda da natureza das narrativas populares. Suas palavras na epígrafe deste ensaio refletem reflexões que se tornaram também minhas no decorrer deste percurso.

¹. De fato, foi a partir da década de 30 que escritores como Amadeu Amaral e Mário de Andrade vão desenvolver de modo sistemático o trabalho de campo em suas buscas pelo folclore, porém são eles, no Brasil, os fundadores do método etnográfico na pesquisa sobre as culturas populares. A maioria dos folcloristas, no entanto, por muito tempo permaneceu mais interessada na coleta e no resgate, e pouco preocupada com a abordagem e o contexto dos seus eleitos “objetos” de estudo.

As “histórias da lagoa” são, portanto, aquelas narrativas que têm a lagoa tanto como cenário quanto como protagonista. A lagoa é mãe do pescador, nas palavras de seu Amaro. Sua presença na vida dos pescadores vai além de uma práxis de trabalho: está no imaginário, nas crenças, nas perspectivas de vida das comunidades que sobrevivem de suas águas. Por isso a lagoa é bem mais do que um pano de fundo das histórias e relatos destes homens e mulheres que vivem às suas margens.

As narrativas constituem um conjunto de depoimentos, de relatos sobre presente e passado, de trajetórias de vida e trabalho, e ainda de denúncia de um presente de descaso e degradação ambiental. É, no entanto, possível encontrar no interior desse conjunto fragmentos de todo um arcabouço literário popular, tais como histórias de aparições, encantamento e assombração, lendas locais, causos, além de reminiscências saudosas de manifestações culturais transformadas, fragmentadas ou mesmo sufocadas diante de mudanças de ordem cultural, social e econômica. Estes aparentes “fragmentos” que só parecem surgir em momentos “propiciamente mágicos” são os que, agora, tomo como objetos de análise.

As memórias precisam de um momento específico para fluir e, sobretudo em um contexto de pesquisa, fazer “surgir” este momento é sempre um grande desafio. Na prática, por mais receptivas que fossem as pessoas com quem tive contato, devia entender que a simples presença de uma estranha cultural – mulher, vinda da cidade, “pesquisadora”, como eles próprios faziam questão de ressaltar, e portadora de um idioma cultural distinto e demarcado – terminaria por ser um fator de acanhamento dos narradores.

Além disso, outra problemática se fazia pertinente. Se, por um lado, falar em aparição, em encantamento, em acontecimentos sobrenaturais, toca na crença daqueles que narram as histórias, por outro requer do ouvinte, ao menos para o narrador, a mesma predisposição em acreditar, em

aceitá-las como verossímeis. Isso porque por trás dos momentos de dessacralização e situações cômicas – momentos do riso, próprios das narrativas populares –, para não falar dos momentos sérios, existe uma forte relação entre as histórias populares e o mundo dos seus portadores, seja do ponto de vista individual, seja do ponto de vista da coletividade. Tal fato se dá porque as narrativas espelham a vida de seus narradores e das sociedades nas quais estes se encontram imersos. As histórias, assim, fazem parte não apenas de um cotidiano, mas também são elas reveladoras deste cotidiano de culturas que em muitos aspectos estão às margens da sociedade oficial e, mais ainda, que sentem e espelham esta marginalização. Em outras palavras, o que o narrador vai pensar de um estranho cultural, credenciado representante desta sociedade, que de repente aparece e se mostra interessado em escutar as histórias de sua gente? Uma atitude de surpresa, mas também de desconfiança, traduz quase sempre os primeiros contatos.

A partir desta realidade, portanto, surgiram os principais problemas em abordar o assunto em campo. São, no mais, dificuldades resultantes da tentativa de se estabelecer um “diálogo” entre não iguais ou, como afirma Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p. 17-35), um “encontro etnográfico” marcado pela “relação dialógica”. Nisto, a convivência advinda do tempo prolongado de visitas frequentes ao município e de participações nas festas e eventos locais foram fatos que ajudaram a estabelecer com os pescadores um vínculo de amizade e confiança, ao passo que a curiosidade de saber sobre a vida e o trabalho das pessoas, a procura pelas histórias e a insistência em estar presente, acompanhar seus trabalhos e suas atividades domésticas e, enfim, ouvi-las, propiciou a construção de uma identificação entre mim, a partir de minhas buscas e aspirações, e o universo cultural destes trabalhadores e viventes das águas da lagoa de Papary.

Quem lembra e, mais ainda, quem além de lembrar tem a feliz oportunidade de contar, de ter para quem contar, tem também a oportunidade de reviver os acontecimentos, mesmo que não tenha tido participação direta neles. Esta foi a primeira impressão que tive ao ouvir, enfim, as histórias contadas pelos pescadores com quem conversei. Antes disso, apenas tinha alguma noção da sua existência através de registros escritos em materiais de divulgação cultural da cidade (MEDEIROS, 1998) ou ainda conversando com conhecidos, moradores de regiões vizinhas.

Mas, voltando a Xidieh, lembro que as histórias da lagoa não surgem aleatoriamente. Neste caso, elas não apenas existem no interior de um contexto mais amplo, mas só emergiram deste contexto, só vieram à tona, significativamente, em meio a um exaustivo discurso de denúncia sobre o presente, sobre as condições reais de vida e morte da lagoa e da difícil sobrevivência das comunidades ao seu redor. É exatamente esta imagem de realidade que busca no passado o contraponto e o contraste que a delinearão como realidade. E dentro deste espaço imaginário do passado ficam escondidas “aquelas” histórias. Em suma, a memória que aqui se reconstitui fragmentariamente e com dificuldade é aquela que muitas vezes foi reprimida, até mesmo “apagada” em detrimento de necessidades mais urgentes, como a sobrevivência. Mas se as lembranças emergem do limbo imaginário, mais do que pela pertinência do ouvinte estranho, é porque, neste contexto, falar sobre o passado significa, também, falar sobre o presente, dado que as narrativas se constroem a partir de comparações e oposições entre lembranças, acontecimentos e realidades distintas, e obviamente das relações entre o presente e o passado.

É, pois, no esforço para a construção de todas estas relações que surgem as tais histórias da lagoa. Já suspeitava, então, o quanto soaria sem sentido para os pescadores perguntar-lhes, subitamente, pelas histórias: antes, porque perguntas prontas frequentemente induzem a respostas

mecânicas; depois, porque ficou claro, desde os primeiros contatos, que existe de fato esse tal momento propício para contá-las, aqui desencadeado quando vinham à tona as lembranças pregressas da vida social, das práticas comunitárias e do trabalho. De uma forma geral, as frequentes idas e conversas com os moradores fizeram entender que, se por um lado é preciso haver um momento para perguntar-lhes pelas histórias específicas, por outro, às vezes, é necessário – e possível – “criar” este momento, ou pelo menos, propiciar um momento no qual as histórias possam fluir sem muito estranhamento por parte dos narradores. A solução encontrada foi abordar o passado referente a assuntos cotidianos relativos à vida comunitária e, principalmente, ao trabalho, já que o espaço das águas é, ao mesmo tempo, o “lugar” do trabalho e do imaginário dos membros destas comunidades.

Propício o momento específico para se falar de passado, encantamento, assombração, é que estas perguntas, então, adquirem algum sentido para os narradores. É neste instante que as narrativas parecem emergir mais naturalmente da memória de seus portadores e estes, ao contrário daqueles contadores de histórias tradicionalmente reconhecidos pelas comunidades, mal possuem a consciência de que têm, eles próprios, algo para contar. Mas, esquecidos de si mesmos no narrar de suas histórias pessoais, eis que, em um mergulho profundo no passado, a narrativa do mundo “real” cede espaço ao mundo “imaginário” do assombro, do encantamento, das lendas. Eventuais contadores de história, talvez, mas não por acaso, estes narradores são, portanto, pessoas que muitas vezes até diziam conhecer histórias das lagoas, embora se recusassem a contá-las, achando-se incapazes e, quando as contavam, até se surpreendiam por lembrar de velhas histórias há muito esquecidas.

Contadores de histórias

Os primeiros a falar alguma coisa sobre as histórias foram seu Amaro e seu Santo. Estes, no entanto, não se achavam capazes de contá-las, pois ao passo que se recordavam delas, diziam-se esquecidos dos detalhes – embora parecessem se lembrar de muitas histórias – ou ainda não se achavam bons narradores. Um fato surpreendente deste encontro foi o modo como surgiram as narrativas, já que ao se reportarem ao passado, uma história “puxava” pela outra e as lembranças que pareciam perdidas no tempo emergiram com tanto vigor que foi possível perceber uma mudança significativa de tom em relação ao presente e passado: naquele, transparecia a preocupação, o apelo, a tristeza; neste, o saudosismo, o riso que advinha de lembrar uma história engraçada.

Seu Amaro, neste dia, me indicou um antigo companheiro de pesca que morava perto dele: seu Aderaldo, o pescador mais velho da comunidade. Chegando em sua casa deparei-me com uma cena lastimável: um senhor visivelmente doente, sentado em uma cadeira de balanço, com o olhar perdido em algum ponto indefinível. Sua mulher, Maria, e a nora, Silvana, foram quem se dispuseram a conversar comigo, mas ao passo que me contavam fatos e histórias sobre a vida na lagoa, seu Aderaldo, sem nenhuma preocupação em estabelecer um raciocínio lógico e um fio narrativo com o que falavam as mulheres, contou-nos grande parte das histórias aqui registradas, surpreendendo até mesmo os parentes ali presentes, e as contou em um tom de total desprendimento, sem se preocupar com quem, ali, estaria ou não as escutando. Naquele momento foi o estado de senilidade que, ironicamente, eliminou o peso do contato cultural que tantas vezes interferiu na minha busca pelas histórias.

Conversando posteriormente com seu Joaquim, desta vez mais interessada no Boi-de-Reis, descobri que ele

também conhecia bastantes histórias da lagoa, algumas das quais se dispôs a me contar. A memória impecável do antigo mestre e pescador reflete-se na forma como ele construiu suas falas. Ora contava-me do Boi-de-Reis, cantando partes das “soflas” e contando como aprendeu a brincadeira, ilustrando sua fala com um feixe de lembranças da infância, na qual, sempre presentes, estavam a mangueira frondosa, as pilhas de pescado e os retirantes; ora relatava sua vida na pesca, lembrando-se dos tempos de mocidade e do trabalho na pesca, das festas religiosas e das leis impostas pelas próprias práticas culturais, leis que às vezes transgredia, como moço “cruel” que fora. Foi, no entanto, ao falar da pesca que as histórias da lagoa ganharam uma força diferencial, pois seu Joaquim as narrou com o testemunho daqueles que viveram e presenciaram, de fato, os acontecimentos.

Dentre os narradores, seu Joaquim e seu Aderaldo foram os que mais se inseriram, como personagens, nas histórias narradas, mesclando-as com suas trajetórias de vida. Por último, seu Pedro, filho de seu Aderaldo, me repetiu algumas histórias que lhe foram transmitidas pelo pai, mas este se reportou a mim em um tom mais desconfiado, como se sentisse mais distintamente a distância cultural que ali se estabelecia entre o pesquisador-ouvinte e o narrador-informante. Seu Pedro ainda chegou a me indicar um professor que continha as “versões completas”, obviamente escritas e registradas, das histórias. Mas como meu interesse se restringia aos relatos orais, preferi abdicar destes registros escritos e não cheguei a conversar com esta pessoa no decorrer da pesquisa.

Encanto, vida e morte nas histórias da lagoa

Quantas histórias tem a lagoa de Papary? Ou ainda, quantas histórias possui a natureza desta região, pontuada por lagoas, matas e morros, margeada pelo mar, habitada pelos filhos e filhas dos filhos dos índios que ali viviam, dos

colonizadores e dos negros que trabalharam nos engenhos ainda hoje resistentes ao tempo? Se por um lado os moradores das comunidades parecem não possuir (ou não fazem caso de assumir) uma identidade étnica – e não poderia ser diferente diante da miscigenação, da interpenetração, às vezes violenta, e sobreposição de tantas culturas no decorrer do tempo – possuem eles, ainda, traços de uma identidade cultural vinculada ao meio ambiente.

As histórias das lagoas são, antes de tudo, as histórias das populações que vivem às suas margens e que fazem deste nicho ambiental uma condição de sua existência. Perguntar por elas significa, para estes narradores, mergulhar em um passado que parece estar imerso em águas turvas, passado retido no silêncio e resguardado pelas crenças dos pescadores, ou ainda pelo testemunho daqueles que, além de narradores, são também personagens das histórias. Dentre aquelas registradas, algumas são contadas por mais de uma pessoa. Outras se assemelham quanto aos elementos recorrentes com pequenas variações sobre os mesmos temas. Como afirma Walter Benjamin, aliás, “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo” (1985, p. 205). Isto se dá porque as lembranças são comunitárias, não pertencem a um narrador, mas a todos os que aprenderam, de ouvir contar, aqueles causos, seja entre os companheiros de profissão, seja pela transmissão de geração a geração.

Durante a pesquisa não objetivei realizar um registro quantitativo, mas, antes de tudo, um estudo de caso, uma observação contextual quanto à recorrência, ou não, de histórias existentes nas comunidades. Os resultados não refletem, em nenhum aspecto, a totalidade do cabedal literário popular nesta localidade. Quanto a isto, não cheguei a encontrar nem um registro quantitativo durante a pesquisa bibliográfica. Na verdade, concomitantemente com esta pesquisa, estavam desenvolvendo trabalhos de coletas das histórias relativas à Memória, História e Patrimônio alunos do curso de antropologia da Universidade Federal do Rio Grande

do Norte, coordenados pela Dra. Julie Cavnignac. Alunos do curso de Letras da Universidade Potiguar também atuavam na comunidade neste momento do meu trabalho em campo, porém dentro de uma perspectiva mais voltada para o registro das manifestações culturais locais, sem maiores vínculos com contextos de produção. Nesta época, como registro escrito, encontrei apenas duas “lendas” escritas em um estudo realizado por um professor do local: a lenda da Lagoa do Bonfim e, em verso, a lenda dos dois índios identificados com os primeiros habitantes da região, esta última, citada oralmente por dois dos entrevistados.

Ao todo foram registradas dezoito histórias. Apenas para fins de organização pessoal, realizei uma distinção a partir dos temas principais. Desta forma, as narrativas estão divididas em contos sobre:

- a) A santa que apareceu na lagoa e a construção da igreja matriz (Amaro);
- b) A presença dos holandeses (Aderaldo; Joaquim);
- c) A laranjeira de ouro (Maria, esposa de Aderaldo);
- d) Visões de fogo (Aderaldo);
- e) Diabinho (Aderaldo);
- f) Tacho de ouro (Aderaldo; Joaquim);
- g) Barulhos, gritos e sons estranhos (Aderaldo; Pedro);
- h) Aparições na lagoa (Aderaldo; Joaquim);
- i) Índios (Joaquim; Pedro);
- j) Espingarda e objetos de ouro (Joaquim);
- l) Histórias de assombração, “visagem” (Pedro);
- m) Mortos (Pedro);
- n) Haja-Pau (Pedro).

Quanto às temáticas recorrentes, alguns aspectos neste conjunto de histórias merecem leituras diferenciadas. A história do “Haja-Pau”, por exemplo, que em princípio poderia ser enquadrada entre os barulhos estranhos, aqui aparece separada por conter, ela, uma explicação, através de um conto, dos barulhos ouvidos pelos pescadores. Explicação

diferente, aliás, daquela registrada em verbete, por Câmara Cascudo, no *Dicionário do folclore brasileiro* (1988). Assim como os tachos de ouro, espingardas, xícaras e correntes que também fazem parte das aparições na lagoa, aqui estão separados deste tema, primeiro porque configuram histórias completas, depois porque as “aparições”, neste caso, dizem respeito a seres e não objetos.

Evidentemente que, sem recorrer a análises comparativas, as minhas leituras acerca das narrativas me conduziram a eleger e abordar aspectos: a) a partir dos seus respectivos universos temáticos, b) do papel da comunidade narrativa e c) das possíveis articulações com o universo real e imaginário de seus narradores; com a perspectiva de ensaiar uma abordagem que possa devidamente contemplar elementos significativos das narrativas populares em articulação com o universo que as particulariza enquanto tais e que, ao mesmo tempo, as mune de um sentido próprio, conectado com todo o contexto social e cultural que lhes serve de base.

1.

Todas estas narrativas assemelham-se por figurarem dentro de uma das características mais marcantes do universo popular, que neste caso vem a ser **a inserção do mundo sobrenatural no mundo natural**.

Diegues e Arruda (2001, p. 28), referenciados no primeiro capítulo deste trabalho, lembram que “a especificidade de uma cultura (...) é dada pela particularidade de uma visão de mundo, por uma cosmogonia própria”, sendo esta “cosmogonia” o universo no qual está, por tradição histórica, fortemente arraigada ao componente sobrenatural. Para “nós”, “sobrenatural” vem a ser tudo aquilo que ultrapassa as forças e leis da natureza, pertencendo, pois, aos domínios da fé. Mas, além disso, para “eles” o sobrenatural, de certa forma, não apenas age dentro das leis da natureza, mas condiciona e cria, ele próprio, essas leis. Neste sentido, as próprias histórias estão permeadas de indícios, quase sempre

implícitos nos ensinamentos, conselhos e proibições que lhes são subjacentes. Por exemplo: não trabalhar em dias consagrados a santos induz o ouvinte a perceber o domínio sobrenatural dos santos no mundo real pautado pelas atividades cotidianas de trabalho. Neste caso, as leis sagradas condicionam às próprias leis do trabalho.

Assim, a magia, o encantamento, o fantástico, a assombração, enfim, elementos ligados a um contexto que escapa ou que transgredir as relações humanas ou naturais, estão intimamente vinculados à cosmogonia, à visão de mundo dessas camadas sociais. Não é de se estranhar, então, que tais elementos encontrem-se disseminados nas narrativas.

Oswaldo Elias Xidieh, na introdução de *Narrativas pias populares* (1967, p. 13), afirma que “as elaborações da literatura popular flutuam entre o real e o imaginário”. Se a magia e o encantamento possuem lugares específicos na vida das classes subalternas, se as leis que regem o mundo natural são, muitas vezes, explicitadas através do sobrenatural, como então separar real de imaginário? Para eles, o sobrenatural não depende da sua fé para existir. O sobrenatural simplesmente existe, está ali e, acreditando ou não, muitos pescadores temem ultrapassar os limites por ele impostos. Quebrar preceitos, ir além das suas próprias limitações, desafiar o sobrenatural são formas, enfim, de desafiar a própria natureza.

É pelos sentidos da visão e audição que o homem do povo percebe o mundo ao seu redor. É, também, por estes mesmos sentidos que ele “percebe” o sobrenatural. Escutam-se os barulhos vindos da mata ou da lagoa, alguns desconhecidos, outros identificados, acompanhados ou não de explicações e interpretações por parte dos narradores (nesses casos, observa-se que uma história dentro da outra tem a função de explicar o evento). Vêem-se, assim como os companheiros e os lugares bons de pescaria, os mortos, os antepassados, os seres sobrenaturais, os objetos mágicos... Em contato direto com a natureza, quaisquer mudanças, por mais

sensíveis que possam parecer, ativam a percepção do homem para algo possivelmente acima dos acontecimentos naturais.

São muitos os exemplos que pontuam diversas narrativas. Dentre eles, três se repetem:

Os fogos:

“Uma noite eu vinha, era umas doze horas da noite. Quando eu cheguei no Morro Grande, aí tinha um fogo e três homens na beira do fogo. Aí eu botei pro lado deles. Aí eu disse: ‘Véio? Véio?’ Nada de ‘véio’... Quando eu mudei a vista, acabou-se o fogo... Nem fogo, nem os homem... Aí eu digo: ‘O negócio não tá bom, não...’ Passei direto... Eu vinha só. Quando eu chego no curral de Umberto, ficava assim, como uns vinte metro mais ou menos de distância, que eu olho pra trás, lá estava o fogo e os três cabras na beira do fogo. (...)” (Aderaldo)

“É. O povo chama fogo batatão... Então esse... Isso é... Ninguém sabe, mas eles diz que viam, né? Então via aquele foguinho, aí se a pessoa dissesse alguma burrada, quando dava fé tava perto da canoa. Da pessoa. E ali pronto, e ali podia ir embora que não pegava mais nada.” (Pedro)

As vozes:

“(...) A gente escuta só as voz. Ninguém vê nada, não. Só as voz. Ninguém vê nada, nem sinal de... Assim... de alguma réstia, nada, nada, nada. Eu olhei muito pra banda da lua, pra ver se ele passou por cima de mim, ou... [risos] Eu já tava era com medo! [risos] Não via nada, e o pessoal gritando, gritando, gritando! [risos]” (Pedro)

“E tem muitas coisas que a gente conta, às vezes as pessoas acha que é... É só invenção da gente. Mas

não é. Eu, uma vez tava pescando eu mais dois colegas meu. Eles dois com a canoa e eu perto da beira da lagoa. No acerto do mangue. Aí quando eu dei fé, aquelas vozes... (...)" (Pedro)

E os barulhos vindos da mata:

"(...) Quando eu chego antes do rio, tinha um pé de cajueiro desse lado. Aí eu me punha em pé... Deram um grito no meu pé do ouvido, tão grande! Chega doeu! Aí eu saí andando, não me incomodei, não. Aí... Cheguei do rio, dobrei as calça, tava lavando os pés, deram outro maior ainda... Tá certo! Aí eu subo... Quando chego cá em cima, no canto acolá, outro!!!... Mas Deus vai me deixar dentro de casa! Como de fato. Quando passei o passadiço da casa de Zé Bolo Preto, deram outro! Quando chegou cá, atrás de casa tinha um campo de futebol, e tinha a trave... Deram outro! E outro... Eu vinha até entrando dentro de casa, deram um tão danado, chega soprou no meu pé do ouvido... Eu não disse nada, vim dizer uma besteira quando entrei dentro de casa. Não tinha medo, não. (...)" (Aderaldo)

"(...) A gente viu muito peixe no rio. A gente saímos na sexta-feira. A gente fomos, a gente peguemo as rede e fomos. Fomos pra lá. Quando chegemo lá, que comecemos a botar as rede... Colocar a rede dentro do rio... No final da lagoa, né? Aí a gente... eu escutei, e ele escutou também. Assim como que fosse uma pessoa cortando um pau, né? Deu umas três foçada... Pá, pá, pá... Aí, quando é daqui a pouco, aí, que foi aquele barulho... *Ohhhhahhhhh!* *Pááááá!!!* Caiu dentro dos mangue, né? Como tivesse quebrando os outro. Aí pronto, aí a água ficou dum jeito que parece que não tinha nem onda nem nada. Ficou tudo paradinha. Aí acabou-se peixe, acabou-se tudo. Aí viemos se

embora. E ninguém mais viu nem uma piaba pular, nem de tamanho nenhum.” (Pedro)

Essas “visagens” e “barulhos” parecem ser, na verdade, as portas de comunicação com este “outro” mundo que faz parte do imaginário popular e que, de forma explícita ou velada, está presente nas concepções sociais, produtos culturais e, principalmente, nas elaborações literárias destas camadas. Esses “deslocamentos”, como já fora ressaltado, têm suas raízes nas próprias culturas populares para as quais a magia faz parte do mundo natural.

Muitos são os elementos pertencentes à natureza, assim como o próprio meio ambiente, a partir de certo momento, dotados de características mágicas. A começar da própria lagoa, lugar de trabalho e convivência, mas também grande espaço mágico e misterioso, a mãe dos pescadores, cujos poderes sobre os homens e os animais são objetos de reverência, obediência, temor e respeito.

Se, por um lado, a lagoa aparece nas narrativas como a “mãe do pescador”, (Amaro), ou ainda como pertencendo a “Nossa Senhora” (Amaro; Aderaldo), ela pode ser, também, um lugar de temor, como afirma ironicamente seu Aderaldo: “Nunca tive medo. Não fui homem assombrado, não... Agora dizer que aquela lagoazinha ali era boa, era! Muita gente ali penou... (...)”.

As leis que regem a pesca também expressam o elemento sobrenatural em sua função de articulador do mundo natural. Além da pesca estar, no passado, proibida em épocas sagradas, como na semana santa e nos meses de homenagem à padroeira, ela também não é recomendada no dia de morte de um companheiro de trabalho, ou ainda, quando os pescadores se deparam com as visagens e os barulhos, os peixes “somem”, e aí, como adverte seu Pedro, é melhor parar de se pescar:

“(...) Então via aquele foguinho, aí se a pessoa dissesse alguma burrada, quando dava fé tava perto

da canoa. Da pessoa. E ali pronto, e ali podia ir embora que não pegava mais nada.” (Pedro)

Mais adiante, ele mesmo conta que em dia de morte de um companheiro os peixes somem:

“(…) Um homem que se chamava Zé de Sinhá. Então ele tinha morrido... Aí... Até o menino disse assim: ‘rapaz, será que foi ele que foi avisar que tinha morrido?’... Pois é, então ninguém pescou mais porque não adiantava. Acabou-se, acabou-se, ninguém viu nem uma piaba pular.” (Pedro)

E seu Aderaldo, por fim, sabiamente adverte:

“(…) Não pesquei nessa noite... Agora, quem pescou nela teve o que contar! Não se abestalle não, senão ele não chega em casa!...” (Aderaldo)

Mesmo o “descumprimento” aos preceitos católicos, como pescar em dias dedicados aos eventos santos – “no mês de São João era na certa...”, segundo seu Aderaldo – pode ser “punido” com castigo, encantamento ou maldição. Os que se aventuram em burlar as leis da natureza munem-se de sagacidade e coragem para enfrentar o conhecido “desconhecido”.

Mas além das águas, há ainda as matas que escondem santos; o mangue que é esconderijo de seres sobrenaturais (diabinhos); os morros (Morro Grande e Morro Banana), as plantas (cajueiro, araticum) e pedras encantadas marcam os locais dos eventos; os subterrâneos, as construções antigas e as minas são, historicamente, lugares habitados pelo sobrenatural. Os acontecimentos nas quintas e sextas-feiras, quase sempre “na calada da noite, negócio de doze hora da noite, uma hora” (Joaquim), a presença da lua cheia, o cantar dos galos, o desaparecimento dos peixes, são, enfim, outros

elementos referenciais que pontuam o tom fantástico dos acontecimentos, dos presságios, dos avisos da natureza.

Muitos também são os seres inomináveis, em sua maioria maléficos, que enfrentam os pescadores, parecendo zombar do mundo terreno, dos homens vivos e tementes aos poderes da natureza. Sobrenaturais são também os objetos encantados, espingardas, xícaras, garrafas, correntes e tachos, muitos deles dourados ou contendo ouro, simbolizando um desejo recorrente pela riqueza repentina:

“É, dizem que ali, onde eu lhe disse desse morro aí, diz que tem uma mina. Tem uma mina muito grande, com duas espingarda, pra quem for tirar ela, atirar um no outro. Como é que se chama? A ambição do ouro, que é só ouro. É. O primeiro sinal, diz que é um casal de xícara de ouro. Até isso tem na história. É esse morro aqui.” (Joaquim)

“(…) Quando chegou no Morro Grande, encostaram, tava aquela corrente... Na pedra, tava aquela corrente bem grossa, aí foram puxar... Era um tacho cheio de garrafa. Agora aquelas garrafa tudo cheio de ouro em pó. (...) Casado tirou uma! Casado tirou uma, não sabia o que era... Veio despejando... Deixou mais de mais... quase uma garrafa... Quase meia garrafa, ele deixou... Andava um ourives aqui, há muitos anos... Aí foram ver, era ouro em pó.” (Aderaldo)

Seres sobrenaturais e objetos encantados estão presentes tanto nos relatos dos pescadores que enfrentaram os poderes desconhecidos, quanto nos depoimentos dos que se resguardaram, por temor ou respeito, das aparições ou acontecimentos:

“(…) Quando eu chego antes do rio, tinha um pé de cajueiro desse lado. Aí eu me punha em pé... Deram

um grito no meu pé do ouvido, tão grande! Chega doe! Aí eu saí andando, não me incomodei, não. Aí... Cheguei do rio, dobrei as calça, tava lavando os pés, deram outro maior ainda... Tá certo! Aí eu subo... Quando chego cá em cima, no canto acolá, outro!!!... Mas Deus vai me deixar dentro de casa! Como de fato. Quando passei o passadiço da casa de Zé Bolo Preto, deram outro! Quando chegou cá, atrás de casa tinha um campo de futebol, e tinha a trave... Deram outro! E outro... Eu vinha até entrando dentro de casa, deram um tão danado, chega soprou no meu pé do ouvido... Eu não disse nada, vim dizer uma besteira quando entrei dentro de casa. Não tinha medo, não. (...)" (Aderaldo)

"Lá, antigamente se via... Tá cheio de pedra, né? Tem os mato, e a redor da lagoa, ela é quase no meio da lagoa. Aí tem a pedra a redor, cheio de pedra a redor. E em cima, mato. Então lá a gente via galo cantar, via bater em louça, à meia-noite, assim... Eu mesmo cheguei a ver, né? Na calada da noite, negócio de doze hora da noite, uma hora, que é... A gente tá parado, a gente vê. Eu, uma noite, eu vi... Direitinho um pessoal lavando louça... Agora, quando a gente chega pra perto, a gente vê só a pedra... É, vê só a pedra e... aquilo passou..." (Joaquim)

"(...) E haja muita luta, muita luta, e bate... Ele disse que às vezes, levantando a tarrafa, quando viu, a tarrafa vinha aqui assim... Toda aberta! Ele disse, com um tacho maior do mundo, e um tacho muito bonito! Disse que era um tacho que chega faiscava! Ele contando a mim... Aquele tacho bem feito. Conheceu bem que era um tacho. Agora, não sabia se era ouro, se era prata, não sabia o que era. Sabia que o bicho encandeava. Quando ele foi pegando na tarrafa, que já tinha dado umas três voltas na tarrafa, que chegou pra

ele pegar o aro do tacho, pra botar dentro canoa, ele disse: 'Ah, filho da puta! Faz três dias que eu bebo à tua custa!' Mas ele disse, quando disse isso, o bicho deu um puxão, deu um empurro pra dentro d'água, que se não solta, tinha ido com canoa, com tudo!" (Joaquim).

As histórias dos tachos de ouro encantados no fundo da lagoa, em particular, despertaram em mim grande interesse. Em consulta ao material disponível sobre folclore e narrativas locais, incluindo o dicionário de Câmara Cascudo, não encontrei referências a tachos encantados nas águas. Apenas no estudo desenvolvido por Luiz Antônio de Oliveira (2002) sobre um massacre histórico ocorrido em Cunhaú, cidade próxima de Nísia Floresta, encontrei indícios que apontam para alguma relação entre os tachos encantados na lagoa de Papary e um acontecimento, muito posterior a este massacre, envolvendo um sobrinho de André de Albuquerque Maranhão, político de renome local reconhecido por lutar em batalhas republicanas.

Trata-se da história de Cacau Arcoverde, um senhor de Engenho reconhecido pela perversidade dos seus atos, que mandou matar o homem que teria assassinado André de Albuquerque Maranhão, seu tio, no ano de 1817. Conta-se que ele, herdeiro de uma grande fortuna e acusado desse último assassinato, cometeu suicídio para não passar a vergonha de ser preso e condenado. Antes, porém, escondera seus tesouros nas águas de uma lagoa localizada dentro das terras do seu engenho, em Cunhaú. Essa lagoa passaria então a se chamar Lagoa do Tacho e o tesouro, dentro dela, estaria encantado até os dias de hoje. As narrativas locais relatam a presença de correntes de ouro como indícios desse encantamento. Os tachos, ainda segundo Luiz Oliveira, eram usados nos engenhos para fazer a rapadura, vindo daí o nome dessa lagoa.

Creio ser também possível estabelecer um paralelo entre as histórias dos tachos encantados com as histórias das

botijas contendo ouro, recorrentes no sertão, enterradas aos pés de árvores ou debaixo dos alicerces de casas antigas, já que ambos os objetos, além de “encantados” – lembro que no vocabulário popular, quando algo está escondido é porque “se encantou” – evocam o desejo pelo enriquecimento repentino, independente do trabalho e do mundo natural.

As botijas, segundo Cascudo (1988), estão relacionadas ao elemento holandês ou ancestral rico que enterrava sua fortuna para se defender dos furtos e assaltos. Com a morte dos seus donos, as botijas enterradas passam a ser “guardadas” pelas almas do outro mundo, e dependem de uma série de condições (preceitos, orações, missas e rituais) para serem desencantadas. Esses tesouros, ainda segundo Cascudo, só podem ser desenterrados pela pessoa que recebeu a indicação em sonho, e desaparecerão caso o silêncio for interrompido, ainda que por um grito ou uma oração, no ato da sua retirada.

Os tesouros e tachos da lagoa, assim como as botijas, também trazem possíveis referências ao holandês – da mesma forma que as correntes e cabos de aço presos a pedras e no fundo da lagoa, e também as correntes que se encontram amarradas a garrafas de ouro – e algumas narrativas indicam, ainda que indiretamente, a necessidade de obediência a certos rituais (não fazer barulho, não dizer “besteira”) para se retirar das águas os objetos encantados.

Sobre as botijas, ao contrário dos tachos, é possível encontrar bastantes referências em estudos folclóricos. O *Dicionário de folclore* (1988, p. 77) traz o registro de “botija” como um instrumento musical e como “o mesmo que dinheiro enterrado”, remetendo para a leitura o verbete “tesouro”. Nesse, encontra-se toda a descrição do ritual para se desenterrar a botija encantada e guardada pelas almas dos ancestrais (*idem*, p.676-677). Historicamente, a cidade se configura depois da presença, no local, de missões de catequese feitas por capuchinhos italianos no século XVI (MARIZ e SUASSUNA, 2002. MORAIS, 1998). As narrativas

sobre botijas são, dentre os as histórias populares, aquelas mais recorrentes, tanto no meio sertanejo quanto na região litorânea onde se registra a passagem holandesa.

Outra característica das narrativas é a ocorrência de alguns elementos de referência notadamente religiosa relacionados aos fatos fantásticos. A inclusão de elementos do catolicismo em sua forma mais popular se explica pela sua penetração, ao longo de todo um processo histórico, nas ditas culturas rústicas. Esta dupla presença – o mágico e o sagrado – denota a influência do catolicismo popular, forte nas comunidades e marcado, inclusive, pelo processo local de povoamento. Esse catolicismo popular, já amplamente referenciado por autores como Roger Bastide (1959) e o próprio Xidieh (1967, 1993), penetra no universo das culturas populares sem eliminar, ou eliminando apenas parcialmente, os componentes anteriores a esse processo. Disso resulta a aglutinação de elementos, em si, opostos, contraditórios, numa mesma cultura.

Desta forma, os elementos religiosos não apenas são incorporados em uma cultura em formação, passando a contribuir, eles próprios, para a formação desta cultura, mas chegam mesmo a agregar valores contraditórios das funções normalmente atribuídas a eles pelas culturas que os geraram.

Um bom exemplo é o caso da santa tida como “teimosa” pelos caboclos por se “encantar” repetidas vezes, desaparecendo da igreja para a qual foi levada e reaparecendo sempre no mesmo local, debaixo de um “pé de pau”, à beira da lagoa. História que, aliás, tem suas variantes em várias localidades do Brasil (XIDIEH, 1967)². Interessante perceber que, no caso da santa de Nísia Floresta, existe uma humanização e até mesmo

². As histórias sobre as aparições de santos são recorrentes no imaginário popular. Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, para citar o exemplo mais conhecido, foi encontrada por pescadores de um rio, em São Paulo, no século XVII e, tal qual a santa de Nísia Floresta, levada do local, voltou a reaparecer. São recorrentes, tantos nos montes, rios, lagoas, ou ainda na beira do mar, as aparições de imagens de santos e, principalmente, de objetos sacralizados pelo imaginário popular.

uma dessacralização acompanhada de riso, aspectos próprios das culturas populares:

“(…) ‘Mais que santa teimosa! De novo, santa? Eu vou levá ocê só mais essa vez!’ ‘Oh, seu vigário! Tá aqui essa santa, ela é muito é da teimosa! Já tava no pé de pau!’ [risos] Aí ele levou a santa. (...)”,

diz seu Amaro, fazendo as vozes dos “caboclos ” que “falavam atrapalhado” – “Oh Santa! A teimosa! Ocê já tá aí?” Aí o outro: “O que é, caboclo?” “A santa já tá aí. Ah, pois eu vou levá ocê!” – , remetendo o ouvinte ao riso bakhtiniano (1993), ao cômico, ao aspecto mundano, e ainda ao universo rude dos personagens que são, também como os pescadores, homens do povo.

Dentro do mesmo tema, a história da pedra amaldiçoada, encontrada por um frei muitos anos depois de ter sido carregada do morro encantado para a construção da igreja, também traz significativas referências à interposição do catolicismo, no caso da construção da igreja matriz na época da passagem dos capuchinhos italianos pelo local, com a cultura popular impregnada de explicações sobrenaturais para os fatos do cotidiano. Enquanto seu Amaro me contava essa história, aprendida com sua mãe, falando das grandes canoas que carregavam as pedras dos morros até a terra e dos carros de boi usados para o transporte, assim como dos fiéis que carregavam, em procissão, uma a uma, as pedras de fundação, eu me lembrava de outra narrativa mais distante e muito semelhante, talvez não mais ficcional, talvez não menos verossímil: em *Memorial do Convento* (SARAMAGO, 2000), romance português escrito por José Saramago, o autor mescla ficção e história ao narrar, através das vozes de homens do povo, a construção de um convento durante o século XVII. Difícil não fazer a relação entre as pedras carregadas pelos moradores, passadas de mão em mão, das canoas até o local onde foi edificada a matriz, com as pedras igualmente carregadas pelo povo, pedras responsáveis pelo

derramamento de suor e sangue, em nome do trabalho, mas também da fé e da devoção. O que é ficção e o que é realidade menos importam do que a pertinência da memória. Sua transmissão através da oralidade é, nos dois casos³, a presença vital de aspectos literários das culturas populares e esta é a lição do romance; é, também, a grande lição das narrativas populares.

Com relação à caracterização das personagens, é possível observar a existência de estereótipos sociais, tanto nas personagens “reais” – o pescador, o caboclo – quanto nas “sobrenaturais” – as almas, os seres encantados, os antepassados. Todos assumem papéis bem marcados: os pescadores são valentes, destemidos, ou devotos, tementes e medrosos; os sobrenaturais têm sempre a função de assombrar, assustar, ameaçar a ordem “natural” do espaço. Mesmo a santa assume características humanas, igualmente estereotipadas, ao ser identificada por “teimosa”. Mas não há, entre as personagens, nenhuma que estabeleça um confronto com a sociedade urbana e capitalista que se impõe na realidade presente das comunidades.

2.

Segundo Walter Benjamin (1985, p. 204), **a narrativa sobrevive ao tempo**. Somente esta “conserva as suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”. E diante desta afirmação, não é surpresa perceber que de todos os narradores, aquele que menos se rendeu às amarras de uma situação extracontextual, narrando suas histórias sem comprometimento com seus ouvintes, foi exatamente aquele mais idoso, mais experiente, mais senil.

Algumas narrativas dão conta de um passado perdido na continuidade temporal, um passado remoto, ou ainda, um

³. Já que entre os narradores do *Memorial* estão pessoas do povo que transmitem, no decorrer do romance, as histórias e, assim, na ótica das culturas populares, vão reconstruindo com suas vozes a sua própria História.

passado ciclicamente interrompido pela modernidade. A história dos índios, aquelas que registram a presença holandesa, o relato sobre a construção da igreja, todas estas narrativas situam-se em um tempo contextualizado que, no entanto, parece remeter o ouvinte a um passado com características míticas, embora seja um passado historicamente marcado nas duas últimas histórias.

Dentre as três, somente a “lenda” dos índios não trás referências a um período histórico:

“Era. Muito bem. Essa lagoa era... era manobrada por esses dois índios... É. Era Jaci... Jaci e Jacira. É, dois índio... Aí é... Justamente, eles moravam mesmo aí, mesmo aí na Ilha. Era dona da Ilha e manobrava com a lagoa. Essa lagoa era manobrada por eles dois. É. Jaci e Jacira...” (Joaquim)

“Pois é, é muita coisa que existe ali. E esse problema dessa lenda, era... Era um índio, né? Era uma índia... Disse que tinha a índia... Aí... Me parece que foi um rapaz que viu ela, aí quando ele avistou ela, aí ela mergulhou, aí ele mergulhou atrás e desapareceu tudo. Foi. Aí não apareceu mais ninguém. Até ele desapareceu. E a lagoa antigamente era funda. Hoje não, hoje é rasa, hoje é pouca coisa. Mas antigamente... Onde a gente passa hoje, que tem dias que ela tá, que não cobre nem o pé, d’água, a gente pescava com água pela cintura, pelos peito, porque tem maré. Nessa lagoa tem maré.” (Pedro)

Nota-se que a história se passa em um espaço conhecido (a lagoa), mas em um tempo muito remoto, tempo em que as águas eram abundantes. Tempo de antigamente.

A respeito dos holandeses, falaram seu Aderaldo e seu Joaquim:

“Olhe, é o seguinte: aquilo ali, aquilo ali tem uma parte com holandeses, aquilo ali. Aquilo ali, aquele cabo de aço ali, é que tem subterrâneo ali em baixo. Tem gente às vezes que vê de noite um fogo preto e eles na beira do fogo...” (Aderaldo)

“(...) Aí eu botei a canoa bem devagarzinho, cheguei lá, não era ninguém. Mas o galo tinha cantado três vezes. Era os antigo, que morava lá antigamente, aí... Os moradores desapareceram, aí tava só a diferença. Aí depois o cara me disse que era uma morada que tinha que o dono desapareceu quando os holandês andou cavando a barra. Que essa barra aqui quem cavou foram os holandês.” (Joaquim)

Muitas são as narrativas sobre a presença holandesa que possuem referências históricas e materiais comprovadas (MEDEIROS FILHO, 1998. OLIVEIRA, 2002). De fato, o Estado do Rio Grande do Norte viveu uma invasão e permanência holandesa de 1633 a 1654. Há registros históricos que demonstram o quanto essa passagem foi brutal e devastadora para todos os habitantes da, então, capitania do Rio Grande. Os invasores aqui se instalaram interessados na pecuária, no cultivo do açúcar e, principalmente, na exploração do sal e de minerais preciosos porventura existentes no território, e atuaram principalmente na capital e arredores (Ceará Mirim, Extremoz, Uruçu), e nas comunidades litorâneas da capitania localizadas ao sul de Natal (Cunhaú, Canguaretama, Goianinha, Vila Flor, Baía Formosa, Arês, São José do Mipibu e Nísia Floresta). Como vestígios dessa permanência, resistem ainda hoje muitas construções e caminhos abertos para a exploração dos recursos naturais, tanto em terra quanto nos rios. A barra de Guaráira, de fato, é uma dessas marcas da passagem holandesa na região. Com a abertura da barra, pretendia-se viabilizar a exploração comercial das lagoas. Além dos indícios

materiais (passagens, aldeamentos, abertura de canais), a memória coletiva local conserva interessantes episódios desta ocupação, expressos em forma de narrativas orais que registram tanto acontecimentos historicamente comprovados (a exemplo de massacres ocorridos em Cunhaú e Uruaçu) como histórias fantásticas de almas penadas, personagens locais que se destacaram pela crueldade, tesouros encantados no fundo de lagoas e longos túneis, também encantados, que parecem interligar grande parte do subsolo do estado. De um modo geral, as produções narrativas locais reinterpretam os relatos históricos ocorridos, inclusive muitas vezes contrastando com os registros oficiais dos acontecimentos. A partir destas fontes, é muito provável que a existência das minas abandonadas e dos subterrâneos relatados nas narrativas aqui registradas também sejam indícios de uma tentativa exploração que não vingou, já que os holandeses foram expulsos pelos portugueses depois de saques e massacres em diversos povoados.

As narrativas nas quais aparecem impressas as marcas da passagem deste povo, seja através de objetos materiais (cabos de aço, correntes), seja através da permanência das almas dos antigos, impõem o tom do sobrenatural e do encantamento. Dessa forma estas personagens, como tantas outras, se deslocam do mundo real para o mundo sobrenatural, assumindo funções e características próprias destes elementos e funcionando também como marcadores das leis da natureza (cuja principal advertência, para o pescador, seria não ultrapassar os limites naturais revelados pelos representantes do mundo sobrenatural).

Evidentemente, em se tratando de narrativas populares, muito tênues são os traços distintivos e diferenciadores entre mito e lenda, assim como inconsistente seria alguma tentativa de classificar as narrativas como esse ou aquele gênero literário. Mas segundo um consenso já estabelecido, no qual aparece implícita numa noção de temporalidade ao se definir a lenda a partir de uma

aproximação com os marcos históricos, e o mito, ao contrário a partir de um distanciamento com a datação, disto se conclui que essas narrativas, em especial, são produtos híbridos que circulam ora mais próximos da lenda, ora mais próximos do mito, mesmo que expressem as frescas marcas de um narrador histórica e espacialmente contextualizado. Esta sim é, aliás, uma importante característica diferenciadora que se imprime nas narrativas populares.

De qualquer modo, mais interessante que estabelecer esses limites é, ao contrário, reafirmar a narrativa como uma modalidade híbrida: unidade textual, oral por excelência, dentro da qual se cruzam, se articulam e se redimensionam vários – e até mesmo contraditórios – elementos literários.

3.

Objeto privilegiado das reflexões de Walter Benjamin (1985, p. 297-221), **a natureza dos narradores populares** é outro aspecto sobre o qual seria pertinente tecer alguns comentários, traçando paralelos entre os registros e as observações deste autor.

Dentre os narradores, é possível claramente distinguir aqueles que participaram dos acontecimentos narrados daqueles que aprenderam as histórias com alguém que, dentro de um contexto de narratividade, as contou. Analisando o narrador estritamente sob o ponto de vista literário seria relevante falar em narrativas em primeira e terceira pessoa, respectivamente. Outros aspectos, no entanto, também transparecem nesta modalidade de narrativa. Pertencendo ao campo particular da oralidade, muitos elementos significativos das narrativas perdem-se ao serem analisados de acordo com os códigos das modalidades da produção escrita. Com isso, quero chamar atenção para o fato de que, se por um lado, as narrativas orais dispõem instrumentos de análise que não lhes parecem adequados, por outro, aspectos inerentes à oralidade como a especificidade da linguagem, a interatividade com o ouvinte e a performance do narrador, podem fornecer pistas

passíveis de estabelecer a conexão do universo temático e literário popular com o contexto próprio que lhe sustenta.

Nesta abordagem, e levando-se em consideração o particular contexto de pesquisa no qual surgem as narrativas, gostaria de deter-me apenas nos aspectos relativos à relação narrador-ouvinte, tema que toca tangencialmente na atuação performática do narrador.

Enquanto “forma artesanal de comunicação”, nas palavras de Benjamin (1985, p. 205), a narrativa traz as marcas do narrador, entranhando-se na sua vida e a partir dela fazendo-se história. Disto resulta a necessidade da proximidade com a comunidade de ouvintes, no meio da qual o narrador possa sentir-se à vontade para, ao contar as histórias, estar contando também a “sua” história. Como diz seu Pedro, “tem muitas coisas que a gente conta, às vezes as pessoas acha que é... É só invenção da gente. Mas não é.”

Por um feliz acaso – já que não foi proposital nem imposta uma situação “coletividade” em relação aos momentos de coleta das narrativas – todas as entrevistas contaram sempre com a participação de vários membros da comunidade, geralmente parentes ou vizinhos, além do narrador. Esses parentes e vizinhos, em determinados momentos das tomadas, ajudaram, eles próprios, a conduzir as narrativas, tomando a palavra, parcial ou totalmente, até o ponto de contribuírem com outras narrativas. Assim acontece, por exemplo, com as falas de dona Marluce, mulher de seu Joaquim, que ouvia o marido contar as histórias e sempre que podia emitia suas opiniões. Ou seu Manuel que, de espectador da conversa entre mim e o seu colega de profissão, seu Pedro, passou a narrador quando naturalmente se dispôs a também contar o que sabia.

A complexidade que envolve estas elaborações impõe dificuldades para se estabelecer limites, sobretudo quando real e imaginário parecem estar vinculados aos conceitos opositivos de verdade e mentira. Para os narradores que se dispõem a contar as histórias isso se torna um problema,

sobretudo quando sabem que não é alguém do “seu mundo” que ali se coloca como ouvinte. De fato, a presença do “terceiro” – e algumas vezes do “quarto” – elemento do diálogo, ao passo que veio a minimizar a presença do pesquisador (e o peso da diferença implícito nesta presença), possibilitou alguns momentos de diálogo e interatividade entre narrador e ouvintes a ele “iguais”.

Através do registro das narrativas, é possível perceber duas formas de participação do ouvinte. Uma, mais evidente, está na interatividade direta, na participação manifesta, sobretudo, através dos comentários que, não raro, expressam opiniões e juízos de valor, em favor ou contrários aos eventos narrados. Isto quando não é dada ao ouvinte a voz para que ele dê continuidade à narrativa, já que, é preciso lembrar, as histórias pertencem a uma coletividade e muitas vezes aquele que ouve a história já a conhece e tem ali apenas mais uma oportunidade de acrescentar novos elementos ao conteúdo narrativo assimilado em outras ocasiões. As inserções de aspectos da vida da comunidade no conteúdo narrado, quer através dos narradores que se revezam, quer através dos discursos (consonantes e dissonantes) dos personagens envolvidos, assinala, portanto, a natureza polifônica das narrativas, no sentido das vozes que ela comporta, inclusive as opiniões do ouvinte, também passíveis de ser inseridas no “contar”, porque a narrativa é aberta às opiniões e elas são elementos constitutivos das histórias em seu contexto oral de reprodução.

A outra forma de participação se dá indiretamente, através de uma necessidade pertinente de adesão dos ouvintes-narradores aos conteúdos das histórias narradas. Essa “adesão”, essa crença compartilhada, é ainda mais pertinente no caso das histórias de acontecimentos sobrenaturais ocorridos na lagoa, nos quais os narradores são declaradamente personagens dos eventos narrados. Esta curta história, contada por seu Aderaldo, sintetiza a natureza polifônica das narrativas:

“Uma noite eu vinha, era umas doze horas da noite. Quando eu cheguei no Morro Grande, aí tinha um fogo e três homens na beira do fogo. Aí eu botei pro lado deles. Aí eu disse: ‘Véio? Véio?’ Nada de ‘véio’... Quando eu mudei a vista, acabou-se o fogo... Nem fogo, nem os homem... Aí eu digo: ‘O negócio não tá bom, não...’ Passei direto... Eu vinha só. Quando eu chego no curral de Humberto, ficava assim, como uns vinte metro mais ou menos de distância, que eu olho pra trás, lá estava o fogo e os três cabras na beira do fogo. Quando João de Nelson [que] morreu um dia desses, finado João de Nelson... Vinha atrás, eles tavam. João: ‘tem cumê aí?’ ‘Se acabou-se, mas traga que a gente faz.’” (Aderaldo)

A história é contada por um narrador-participante. Este narrador “faz” a sua voz no interior da narração (“Véio? Véio?”; “O negócio não tá bom, não...”), mas também “faz” as vozes dos outros personagens (João: “tem cumê aí?”; um dos homens que estavam na beira do fogo: “Se acabou-se, mas traga que a gente faz.”). Como se pode perceber no conto, há falas diretas que não pertencem ao narrador, mas a outros personagens que também têm suas vozes no texto, e só mesmo o contexto da transmissão oral – entonação, ritmo, aspectos, enfim, que transcendem os limites do registro escrito – é capaz de revelar as nuances que distinguem as vozes.

A forma de narrar também difere conforme o conteúdo das narrativas. As histórias de acontecimentos sobrenaturais criam no ouvinte uma expectativa, uma apreensão. Nelas, a citação de elementos de referência contextual serve, também, para inserir o ouvinte no clima dos acontecimentos:

“Uma noite tava o finado Zé Machado, lá vinha ele e a mulher dele pescando. No mês de São João... No batatão, lá no mangue. Aí... Ele deixou de aparecer, não apareceu mais... Mas aparecia... No mês de São

João era na certa... Aí... Zé Machado, mandaram... 'Traz aí pra eu acender meu cigarro?' Ele não fechou a boca e tava na proa da canoa... Aquele bichinho... Ele fez: 'huuuuuuuu'... Pra que ele fez isso! Caiu! (...) Caiu!!!... Aí lá vai aperseio pros outros, e até que ele foi embora lá pro mesmo canto. E ele ficou lá caído... Por cima da rede... Dentro da canoa... Aí ele... 'Mas você podia ficar calado, rapaz!' Ninguém brinca com essas coisas..." (Aderaldo)

É possível, no relato acima, notar os artifícios do narrador ao pontuar o acontecimento com elementos descritivos, culminando no aparecimento do "bichinho" mal-assombrado. Muitos narradores não explicam, não definem os fenômenos, ou ainda evitam dar nomes aos seres e eventos. Com isto, abrem espaço para a própria interpretação do ouvinte, para que este tire, de acordo com o narrado, suas próprias conclusões. Conforme afirma Walter Benjamin,

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (1985, p. 203).

As narrativas, segundo Benjamin, têm uma "dimensão utilitária" que pode consistir num "ensinamento moral", numa "sugestão prática", num "provérbio" ou numa "norma de vida". Como diz este escritor, "o senso prático é uma das características de muitos narradores natos" (*idem*, p. 200).

Destaco, também, nas histórias, o ensinamento, o senso da moral e o senso da prática, elementos referenciados por Oswaldo Elias Xidieh (1967, 1972, 1976, 1993) em seus trabalhos sobre narrativas populares.

O ensinamento – “ninguém brinca com essas coisas...” (Aderaldo); “não pesquei nessa noite... Agora, quem pescou nela teve o que contar!” (Aderaldo) – vem a ser uma das principais características das narrativas populares.

O senso da moral – como a crítica à ganância, na história das espingardas: “A ambição do ouro, que é só ouro” (Joaquim) – é manifesto através de comentários e opiniões de caráter moralístico, do narrador principal ou dos ouvintes-narradores incidentais.

O senso da prática – “Só o tacho dava pra cozinhar as coisas...” (Silvana) – situa mais urgentemente a função utilitária das narrativas, no sentido que atribui um uso imediato e em primeira instância ao conteúdo narrado.

As histórias nas redes das narrativas

Intrinsecamente vinculadas ao contexto, as culturas populares pressupõem, para serem devidamente compreendidas, a necessidade de uma análise atenta não apenas de seus elementos constituintes, como também dos fatores internos e externos que as motivam enquanto tal. Seja na qualidade de bem cultural específico, seja enquanto alvo de estudo diferenciado da Literatura, o texto oral requer instrumentos de análises adequados à sua natureza, instrumentos capazes de privilegiar o contexto enquanto componente chave que possibilita entender os motivos, as funções, as especificidades e as formas assumidas pelos textos orais.

A importância do “contexto” como primeiro elemento referencial, portanto, situa e delimita os textos orais. Este contexto inicialmente se refere, como afirma Mikhail Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988), às relações sociais e econômicas, dinâmicas e próprias de um tempo determinado, atuantes em uma sociedade, ou ainda em segmentos desta, quer em níveis mais restritos ou mais abrangentes. O conjunto compreendido pelas narrativas, em um primeiro momento de leitura, permite a compreensão de

um contexto estabelecido por vários determinantes sociais, culturais e políticos atuantes em uma comunidade, a partir do momento em que a vida social desta comunidade passa por transformações significativas. Seus modos de produção, de bases pré-capitalistas (pesca artesanal, pequena produção mercantil, agricultura de subsistência), resistem concomitantemente à penetração de estruturas externas. Embora esta pesquisa tenha registrado toda uma sucessão de dificuldades – que conscientemente se traduziram em reflexões metodológicas ao longo do percurso de busca pelas histórias – creio ser possível tecer algumas considerações a respeito do contexto de transmissão ideal, o mundo do pescador.

É impossível deixar de se levar em conta, primeiramente, um contexto mais referente ao momento da pesquisa de campo, estabelecido pelas condições de coleta e pela natureza e estado dos interlocutores, já que estes elementos possibilitam uma construção singular das narrativas. Foram, de fato, interlocutores com distintas perspectivas e expectativas que construíram juntos as narrativas aqui registradas. Em momentos, suponho, não exatamente propícios a uma “natural” transmissão dos saberes.

O contexto “ideal” – o contexto do mundo do pescador – é marcado pelas relações de trabalho e convivência com as famílias e os companheiros. Nele, ao que tudo indica, as histórias não apenas não deixam de circular, mas são elas elementos constitutivos da formação do pescador. Essa formação se dá através do aprendizado das técnicas e da experiência. É no campo da experiência, ao lado do exercício prático e contínuo da atividade, que as histórias alcançam seu papel mais utilitário.

Atuando como importantes instrumentos transmissores e mantenedores das culturas (materiais e simbólicas), do modo de produção e da organização social que se formam em torno da pesca, elas articulam, em rede, este tríplice alicerce sobre o qual tentam se equilibrar, num mundo capitalista e globalizado, as comunidades tradicionais.

Em seu caráter utilitário, as narrativas apresentam, ainda, duas funções sociais: a) são, dentro das comunidades, veículos de valores, técnicas, normas tradicionais de comportamentos intrínsecos às culturas populares; e b) são instrumentos de natureza didática, portadores de uma conduta padrão de comportamento condizente com a moral e os costumes das classes populares. Mesmo aquelas narrativas que registram condutas transgressoras agregam críticas, veladas ou não, a estas condutas. É importante lembrar, ainda, que o universo apreendido pela oralidade é, pela própria característica de transmissão e perpetuação de uma tradição, mais conservador, mais resistente às mudanças. Isto porque, como observa Xidieh,

as mudanças que se operam na vida sócio-cultural não são previstas nas narrativas populares, porque, exigir delas tal possibilidade, seria o mesmo que atribuir à cultura popular uma capacidade de prospecção que o folclore, pela sua natureza, está incapacitado de ter (1967, p. 130).

Mas mesmo que as narrativas não denunciem diretamente, via conteúdo, as mudanças sociais, possíveis alterações no seu contexto de transmissão – culminando, em seu estágio mais crítico, na desagregação das comunidades narrativas e, conseqüentemente, na ruptura da cadeia de transmissão – elas refletem, de modo sintomático, alterações no mais sólido eixo estrutural das sociedades tradicionais. O que, de fato, ocorre com as narrativas aqui analisadas é uma sucessão evolutiva de conteúdos. Estas são iniciadas, sim, pelo discurso sobre uma realidade que sofre as mudanças do presente para culminar nas histórias “literárias” propriamente ditas que, sintomaticamente, se conservam porque ocupam o lugar do “passado” na memória de seus portadores e vêm à tona, na maioria dos registros, para marcar um contraste com a realidade presente, permitindo, inclusive, ao narrador,

reinterpretar essa realidade à luz de um passado ora tido como ideal, ora tido como condenável.

Dentro de um contexto natural, quando o universo da oralidade começa a ser perpassado por estas transformações e mudanças, a tendência comum é a fragmentação dos conteúdos narrativos e uma necessidade de re-organização lógica que justifique sua permanência e sua utilidade. Numa situação mais crítica, as transformações sociais mais drásticas podem provocar, com o passar dos anos, a perda do hábito de se narrar. Perda esta que evolui para o silêncio, para a recusa em se transmitir algo que já, para o homem, é sentido como ultrapassado, sem sentido. Quando se deixa de transmitir conhecimentos através do hábito de contá-los ocorre a perda do sentido das práticas dentro das comunidades, mesmo aquelas que, para além do campo meramente linguístico, são visíveis e podem tomar formas concretas e organizadas, como as festas e as brincadeiras. Para não falar das próprias narrativas. E a perda de sentido evolui para a extinção de práticas e hábitos.

No contexto de pesquisa, o momento dos relatos em que as histórias são contadas – estas quase sempre surgem depois de exaustivo discurso de denúncia da realidade – é, sintomaticamente, um reflexo da reelaboração crítica do pensamento dessas pessoas, já que os textos nascem do contraste entre o passado e o presente.

É no rastro destes vários contextos que a leitura dos textos torna-se pluralmente significativa. Diante da amplidão de alternativas que, desta forma, se abrem à análise dos textos orais, gostaria de enfatizar neste ensaio não apenas o “contexto social de produção” mais amplo – já detalhado nos capítulos iniciais, sobretudo aqueles referentes à pesquisa etnográfica –, mas também um contexto mais imediato que privilegia igualmente o ato da comunicação, sem deixar de colocar em evidência as condições sociais a ela subjacentes. Contexto imediato representado pelas condições especiais em que se deram os registros orais, sem deixar de fazer alusão às

condições “ideais” de transmissão dos mesmos. Com isto quero enfatizar apenas que as vozes aqui registradas não emergem aleatoriamente, muito menos estão condicionadas a meros estímulos diretos. Pelo contrário, ao narrar um fato, contar uma história ou trazer à tona uma lembrança, os interlocutores participam, grupalmente e em relação com o mundo que os cerca, de uma contínua elaboração e re-elaboração de conceitos, ideias, convicções, e por que não dizer, crenças, expectativas e objetivos. Uma contínua re-elaboração de cultura e sociedade. É dentro dessa relação, e assumindo uma posição significativa no discurso interno, que surgem as narrativas populares. E é exatamente assim que esses textos precisam ser compreendidos, como partes relevantes e estratégicas de um todo.

A partir de todas essas perspectivas, torna-se possível entender as narrativas enquanto verdadeiras redes de discursos tecidos pela memória e motivados pela interlocução, ou ainda, motivados pelo interesse em contar e ouvir, em ensinar e aprender, pelo diálogo entre os participantes com papéis sociais definidos e continuamente redefinidos através destes momentos de interação que também são, por sua vez, oportunidades de aprendizado. A presença de várias vozes discursivas que se revezam nos papéis dos interlocutores, a inexistência de um limite, de natureza discursiva, separando os diferentes conteúdos narrativos, a natureza, especificidade e caráter utilitário dos conteúdos e, por fim, a memória como suporte e fio condutor das narrativas são importantes elementos que engendram o texto oral. Seja em forma, seja em conteúdo, as narrativas podem, para além de seus significados imediatos, remeter o estudioso das culturas populares a aspectos relevantes das formações e transformações sociais vivenciadas pelas comunidades das quais os narradores são portavozes.

O grande diferencial das narrativas registradas está tanto no conteúdo quanto nas formas de narrar; está na disposição e conciliação de elementos contraditórios; na

mistura do real com o imaginário; em um certo comprometimento com a verossimilhança, com os fatos, evidente na citação de nomes de pessoas, paisagens, locais, mas também igual comprometimento com o imaginário popular que contraditoriamente une, pelo viés do testemunho e da crença, realidade, aspectos da vida e do imaginário em um mesmo contexto social, em um mesmo contexto narrativo. Estas são, enfim, algumas das muitas histórias dos pescadores de Papary.

REFERÊNCIAS

Sobre Nísia Floresta e o Rio Grande do Norte

AZEVEDO, Sheyla de. Minguam os peixes de Papary. *Diário de Natal*, Natal, 28 jul. 2002, Cidades, p. 5.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Nomes da terra: história, geografia e toponímia do RN*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

———. *O livro das velhas figuras: pesquisas e lembranças na história do RN*. 8 v. V. 2; v. 7. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

FJA - Fundação José Augusto. *A vocação turística de Nísia Floresta*. Natal, RN, s/d, mimeo.

GURGEL, Deífilo. *Espaço e tempo do folclore potiguar*. Natal: Prefeitura de Natal FUNCART (PROFINC); Secretaria do 4^o Centenário, 1999.

IBGE, *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. [Org. Jurandy Pires Ferreira] 17 v. Rio de Janeiro: 1960.

IDEC - Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte. *Informativo municipal de Nísia Floresta*. Natal, 1999.

IDEMA – Instituto de Desenvolvimento do Meio-Ambiente. *Anuário estatístico do RN: 2000*. Natal, 2001.

MARINHO, Maria Segunda. *Minhas oitenta primaveras: memórias*. Natal: Gráfica Editora Nordeste; Sebo Vermelho, 2002.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. *História do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MEDEIROS, José Geraldo Rodrigues de. *Nísia Floresta, a vocação turística*. Natal, 1998, mimeo.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Os holandeses na capitania do Rio Grande*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do RN, 1998.

MELO, Veríssimo de. *Folclore Brasileiro, Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: MEC; FUNARTE, 1977.

MORAIS, Marcus César Cavalcanti de. *Terras potiguares*. Natal: Dinâmica Editora, 1998.

NÍSIA FLORESTA EM AÇÃO. Nísia Floresta, ano 1, n. 6, nov. 1999 [periódico local].

OLIVEIRA, Luiz Antônio de. *O martírio encenado: memória, narrativa e teatralização do passado no litoral sul do Rio Grande do Norte*. Dissertação de Mestrado. Recife, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Pós-graduação em Antropologia / UFPE, 2002.

SERHID – Secretaria de Recursos Hídricos do Rio Grande do Norte. *Plano estadual de recursos hídricos: estudo de aproveitamento dos vales úmidos*. Set. 1998.

Sobre Metodologia de Pesquisa, Folclore, Cultura Popular e Antropologia Cultural

ANDRADE, Mário de. *Obras completas de Mário de Andrade: danças dramáticas no Brasil*. Tomo 3. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais (org.). *Cocos: alegria e devoção*. Natal: EDUFRN, 2000.

———; ———. *Cultura popular no Brasil: perspectivas de análise*. São Paulo: Ática, 1987.

AYALA, Maria Ignez Novais. O conto popular: um fazer dentro da vida. In: *Anais do VI encontro nacional da ANPOLL*. Recife: ANPOLL, 1989, p. 260-267.

BASTIDE, Roger. *Sociologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Anhambi, 1959.

BORBA, Alfredo [et. al] *Brincantes*. Recife: Fundação Cultural Cidade do Recife, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1987.

CADERNOS DA F.F.C. [Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP]. Encontro com Mestre Xidieh. Marília, SP, v. 5, n. especial, 1996.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CHAUÍ, Marilena. Cultura popular e autoritarismo. In: *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 47-85.

———. O discurso competente; Crítica e ideologia. In: *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 3. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1982, p. 3-13; 15-38.

CIACCHI, Andrea. A história somos nós: reflexões sobre histórias de vida, autobiografia, cultura popular, narradores e pesquisadores. *Revista Política e Trabalho*. João Pessoa, UFPB; Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes; Pós-graduação em Sociologia, n. 13, set. 1997, p. 223-235.

CIRESE, Alberto M. *Dislivelli di cultura ed altri discorsi inattuali*. Postfazione di Pietro Clemente e Eugenio Testa. Collana Gli Argonauti, n. 26. Roma: Meltemi, 1997.

DUARTE, Abelardo. *Um folgado do povo: o Bumba-meu-boi*. Ensaio de história e folclore. Alagoas: Editora Caeté, 1957.

FERNANDES. Florestan. *O folclore em questão*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

FONSECA, Ana Claudia Mafra da. *O verso e a rua: vozes da poesia popular na cidade de Currais Novos – RN*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Pós-graduação em Letras / UFPB, 1999.

———. *Era uma vez uma lagoa: memórias da paisagem desolada*. In: *VIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste - ABANNE*, 2003, São Luís, 2003.

———. *O espaço das águas: políticas e práticas da pesca lacustre*. In: *IV Encontro de História Oral do Nordeste: espaço, memória e narrativa*, 2003, Campina Grande, 2003.

———. *Para onde vai o boi?*. In: *XI Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste - CISO*, 2003, São Cristóvão, 2003.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *As culturas populares no capitalismo*. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

———. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintra. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Literatura popular; Observações sobre o folclore*. In: *Literatura e vida nacional*. Trad. e sel. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 103-109; 183-190.

———. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Press Universitaires de France, 1968.

———. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

- LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. *Etnologia – antropologia*. Trad. Silvana Hartmann Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.] 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p. 423-477.
- LIMA, Francisco Assis de Sousa. *Conto popular e comunidade narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- LOMBARDI SATRIANI, Luigi M. *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna*. Trad. Josildeth Gomes Consorte. São Paulo: Hucitec, 1986.
- LÚCIO, Silvana Cristina Marinho. *O mundo de Jove: história de vida de um cantador de coco*. Tese de Doutorado. João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Pós-graduação em Letras / UFPB, 2001.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Trad. Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARTINS, José de Souza. *A chegada do estrangeiro*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MOTTA, Valter T.; HESSELN, Ligia Gonçalves; GIALDI, Silvestri. *Normas técnicas para apresentação de trabalhos científicos*. 3. ed. Caxias do Sul: EducS, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *Ciência e cultura*. São Paulo, v. 39, n. 3, mar. 1987, p. 272-286.

RONDELLI, Beth. *O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão*. Rio de Janeiro: Funarte / Ibac, 1993.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLE, Edênio; QUEIRÓS, José de [org.]. *A cultura do povo*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Instituto de Estudos Especiais, 1988.

XIDIEH, Oswaldo Elias, et. al. *Feira nacional de cultura popular* [folheto de apresentação]. São Paulo: Sesc, 1976.

———. *Narrativas pias populares*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1967.

———. *Narrativas pias populares: histórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

———. *Semana santa cabocla*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1972.

Sobre Pesca Artesanal

BECK, Anamaria. *Lavradores e pescadores: um estudo sobre trabalho familiar e trabalho acessório*. V. 1. Trabalho apresentado ao concurso de professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1979.

DIEGUES, Antônio Carlos [org.]. *Imagem das águas*. São Paulo: Hucitec; Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras – USP, 2000.

———. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

———; ARRUDA, Rinaldo S. V. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Min. Meio-Ambiente/São Paulo: USP, 2001.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Pescadores e pesca em Jurujuba. In: *As redes do Suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba*. Niterói: EDUFF, 1999, p. 31-84.

MALDONADO, Simone. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática, 1986.

———. No mar: conhecimento e produção. In: DIEGUES, A. C.; SALES, R. R. [orgs.] *II Encontro de Ciências Sociais e o mar no Brasil*. São Paulo: Programa de pesquisa e conservação de áreas úmidas do Brasil / IOUSP / F. Ford / UICN, 1988.

MUSSOLINI, Gioconda. *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*. Rio de Janeiro: Paze Terra, 1980.

REGO, André Gondim do. *Pesca e pescadores em Barra de Camaratuba (PB): reflexões sócio-antropológicas sobre um viver costeiro*. Monografia de graduação. João Pessoa, Departamento de Ciências Sociais, Antropologia / UFPB, 2004.

Sobre Literatura e Estudos da Linguagem

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002. [1. ed. 1989]

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb, 1993.

———. [Volochinov]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

———. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza; O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras Escolhidas*. Trad. Paulo Sérgio Houanet. 3 v. V. 1. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 114-119; 297-221;.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudo de teoria e história literária*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

DUARTE: Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Editora da UFRN; 1995.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Literatura brasileira contemporânea, vol. 9. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

———. *Tutaméia: terceiras estórias*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

———. *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Outros

Mapas:

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Recursos Hídricos do RN. *Mapa panorâmico de Nísia Floresta* [Lagoas], 1998. 1 mapa: tamanho A3. Escala não declarada.

RIO GRANDE DO NORTE. Prefeitura de Nísia Floresta. Secretaria de Cadastro Imobiliário. *Mapa panorâmico de Nísia Floresta* [Lagoas, parcial], 2000. 1 mapa: tamanho A4. Escala não declarada.

Artigos de Periódicos:

CARCINICULTURA: a cultura dos crustáceos. Informe publicitário. *VEJA*. Edição 1839, ano 37, n. 5, 4 de fevereiro de 2004, p. 59-69.

COSTA. José Aécio. A explosão de mercado. *FOCO, Revista do RN*, ano 3, n. 28, jul. 2003, p. 38-48.

Leis:

BRASIL. Lei 4.771/65, 25 de setembro de 1965. Código florestal. Legislação Federal.

BRASIL. Lei 6.938, 31 de agosto de 1981. Política nacional do meio ambiente. Legislação Federal.

BRASIL. MP 2.166/001 24 de agosto de 2001. Altera a lei do código florestal. Legislação Federal.

BRASIL. Lei 9.605, 12 de fevereiro de 1998. Lei dos crimes ambientais. Legislação Federal.

BRASIL. Lei 9.985, 18 de julho de 2000. Institui o sistema nacional de unidades de conservação da natureza. Legislação Federal.

BRASIL. Artigo 225 da Constituição Federal do Brasil. 1988.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte iniciou em 1985 suas atividades editoriais com a publicação da Revista da ETFRN, que a partir de 1999 se transformou na Revista Holos, em formato impresso e, posteriormente, eletrônico. Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa que fundou, em 2005, a editora do IFRN. A publicação dos primeiros livros da Instituição foi resultado de pesquisas dos professores para auxiliar os estudantes nas diversas disciplinas e cursos.

Buscando consolidar uma política editorial cuja qualidade é prioridade, a Editora do IFRN, na sua função de difusora do conhecimento já contabiliza várias publicações em diversas áreas temáticas.

